

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO – HISTÓRIA: CULTURA E  
POLÍTICA  
LINHA DE PESQUISA: HISTÓRIA POLÍTICA**

**DANIELE FAENELLO**

**NEGACIONISMO SINDÊMICO: A CONSTRUÇÃO DO  
ANTIVACINISMO EM SITES BOLSONARISTAS**

**TESE DE DOUTORADO**

**MARINGÁ  
2025**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ  
DANIELE FAENELLO**

**NEGACIONISMO SINDÊMICO: A CONSTRUÇÃO DO ANTIVACINISMO EM  
SITES BOLSONARISTAS**

**MARINGÁ  
2025**

**DANIELE FAENELLO**

**NEGACIONISMO SINDÊMICO: A CONSTRUÇÃO DO ANTIVACINISMO EM  
SITES BOLSONARISTAS**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Maringá como requisito para a obtenção do título de Doutora em História.

Prof. Orientador: Prof. Dr. Roger Domenech Colacios.

**MARINGÁ  
2025**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)  
(Biblioteca Central - UEM, Maringá - PR, Brasil)

F148n

Faenello, Daniele

Negacionismo sindêmico : A construção do antivacinismo em sites bolsonaristas /  
Daniele Faenello. -- Maringá, PR, 2025.  
202 f. : il. color., figs., tabs.

Orientador: Prof. Dr. Roger Domenech Colacios.

Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas,  
Letras e Artes, Departamento de História, Programa de Pós-Graduação em História, 2025.

1. Desinformação. 2. Administração de Jair Bolsonaro, 2019-2023. 3. Covid-19. 4.  
Discurso antivacina. 5. Negacionismo científico. I. Colacios, Roger Domenech, orient. II.  
Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes.  
Departamento de História. Programa de Pós-Graduação em História. III. Título.


CDD 23.ed. 981.067

**DANIELE FAENELLO**

**NEGACIONISMO SINDÊMICO:  
A CONSTRUÇÃO DO ANTIVACINISMO EM SITES BOLSONARISTAS**


Tese apresentada ao Programa de Pós- Graduação em História da Universidade Estadual de Maringá, como requisito para a obtenção do título de Doutora em História.

**BANCA EXAMINADORA:**

Documento assinado digitalmente  
 **ROGER DOMENECH COLACIOS**  
Data: 31/10/2025 08:47:49-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>


---

**Prof. Dr. Roger Domenech Colacios**  
Presidente/Orientador

Documento assinado digitalmente  
 **MARCIA REGINA BARROS DA SILVA**  
Data: 23/10/2025 19:16:26-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>


---

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Márcia Regina Barros da Silva**  
Membro Convidado (USP)

Documento assinado digitalmente  
 **GILBERTO GRASSI CALIL**  
Data: 30/10/2025 11:15:34-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>


---

**Prof. Dr. Gilberto Grassi Calil**  
Membro Convidado (Unioeste)

Documento assinado digitalmente  
 **FERNANDA CAVASSANA DE CARVALHO**  
Data: 23/10/2025 12:05:16-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Fernanda Cavassana de Carvalho**  
Membro Convidado (UEM)

Documento assinado digitalmente  
 **DAVID ANTONIO DE CASTRO NETTO**  
Data: 23/10/2025 11:49:50-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

**Prof.<sup>o</sup> Dr. David Antônio de Castro Netto**  
Membro Corpo Docente (UEM/PPH)

Maringá  
2025

## AGRADECIMENTOS

Às minhas amigas Dayane Fernandes, Andriele Rimoldi e Maiara Tibola, pelos 20 anos de compreensão, apoio e carinho compartilhados.

Ao Maddox Cleber, irmão de coração, por tudo e tanto, sempre.

À minha amiga de infância, Bruna Kiapetti, pela escuta nas sextas-feiras de escapismo.

Ao Batuta, pela companhia nas idas ao cinema e cumplicidade nos assuntos de saúde mental.

À Tamara Almeida, pela amizade repleta de generosidade e delicadeza.

Ao universo, por me permitir assistir ao melhor show da Madonna antes de morrer.

Aos meus sobrinhos e sobrinhas, Alice, Aurora, Laura, Anthony e Benjamin, pela distração que, ora atravancava a escrita, ora evitava o enlouquecimento (agora a tia Dani poderá brincar).

Aos meus pais, que quase endoideceram comigo.

Principalmente, ao meu orientador, Roger Colacios, pelo acolhimento, pela escuta e por me lembrar constantemente que “não preciso inventar a roda”. Eu não conseguiria sem seu suporte.

Obrigada.

## RESUMO

Essa tese tem como intuito compreender a produção de desinformação aliada à construção do discurso antivacina durante a pandemia de Covid-19. Para isso, foram selecionados, como fontes, websites aliados ao bolsonarismo, amplamente acessados ao longo do período pandêmico. A escolha desses veículos se justifica pela avaliação de sua influência discursiva no cenário político, pela recorrência de textos antivacina e pela constatação de que seus conteúdos circularam como referência em mensagens disseminadas via WhatsApp. Foram incluídos na análise os sites Mídia sem Máscara, criado em 2002 por Olavo de Carvalho; Crítica Nacional, aberto em 2016 por Paulo Eneas; ContraFatos, registrado em 2020 em nome de Marcus Vinicius Coltro; Estudos Nacionais, criado por Cristian Derosa em 2016; e Stylo Urbano, criado em 2014 por Renato Cunha. Para compreender a atuação desses grupos, parte-se da análise sindêmica, cunhada pelo antropólogo Merrill Singer, que considera a inter-relação entre ambiente, estrutura social e aspectos de saúde no surgimento de novas doenças. Ao aprofundar o conceito de sindemia, considera-se a naturalização das desigualdades sociais promovidas pelo neoliberalismo, reconhecendo a atuação de agrupamentos políticos que defendem seus interesses financeiros, mesmo que, para isso, adotem um discurso de negação das alterações ambientais causadas por esse mesmo modelo econômico. Nessa análise qualitativa, considera-se a inclinação ideológica e as ambições dos grupos envolvidos, em que o antivacinação histórico brasileiro é instrumentalizado e serve de sustentação para a formulação de novos discursos antivacina, que incorporam também a influência do movimento Antivax estadunidense. A pesquisa demonstrou como alguns sites formulados no âmbito do bolsonarismo funcionavam como articuladores e disseminadores de desinformação, com discursos de negação que não questionam apenas a eficácia e a segurança dos processos de vacinação, mas também recorrem à pseudociência para sustentar seus interesses econômicos e políticos, ao mesmo tempo em que contestam métodos científicos já consolidados. Cabe ressaltar a interdisciplinaridade desta pesquisa, que converge elementos da Antropologia Médica, História Política, História do Tempo Presente, História Ambiental e Comunicação.

**Palavras-Chave:** Desinformação. Jair Bolsonaro. Covid-19. Discurso antivacina. Negacionismo científico.

## ABSTRACT

This thesis aims to understand the production of disinformation alongside the construction of anti-vaccine discourse during the Covid-19 pandemic. To this end, websites aligned with Bolsonarism, which were widely accessed during the pandemic period, were selected as sources. The choice of these outlets is justified by the assessment of their discursive influence on the political scene, the recurrence of anti-vaccine texts, and the observation that their content circulated as references in messages disseminated via WhatsApp. The analysis includes the websites *Mídia sem Máscara*, created in 2002 by Olavo de Carvalho; *Crítica Nacional*, launched in 2016 by Paulo Eneas; *ContraFatos*, registered in 2020 under the name Marcus Vinicius Coltro; *Estudos Nacionais*, created by Cristian Derosa in 2016; and *Stylo Urbano*, created in 2014 by Renato Cunha. To understand the actions of these groups, the study draws on the concept of syndemics, coined by anthropologist Merrill Singer, which considers the interrelationship between environment, social structure, and health aspects in the emergence of new diseases. By deepening the concept of syndemic, the analysis takes into account the naturalization of social inequalities promoted by neoliberalism, recognizing the role of political groups that defend their financial interests, even when this involves adopting a discourse that denies environmental changes caused by this very economic model. In this qualitative analysis, the ideological inclination and ambitions of the groups involved are considered, in which Brazil's historical anti-vaccination sentiment is instrumentalized and used to sustain the formulation of new anti-vaccine discourses that also incorporate the influence of the U.S. Antivax movement. The research demonstrated how certain websites associated with Bolsonarism operated as articulators and disseminators of disinformation, with denialist discourses that not only question the effectiveness and safety of vaccination processes but also resort to bad science to sustain their economic and political interests, while simultaneously contesting well-established scientific methods. It is worth highlighting the interdisciplinary nature of this research, which converges elements from Medical Anthropology, Political History, Contemporary History, Environmental History, and Communication.

**Keywords:** Disinformation. Jair Bolsonaro. Covid-19. Anti-vaccine discourse. Scientific denialism.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1:</b> Mapa de casos de Covid-19 em relação ao mercado de Huanan. ....	19
<b>Figura 2:</b> Reprodução de receita do “Kit Covid” .....	40
<b>Figura 3:</b> Print de publicação do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro em uma rede social. ....	43
<b>Figura 4:</b> Linha do tempo referente ao posicionamento do Ministério da Saúde do Brasil sobre o uso de medicações alternativas no tratamento da Covid-19 .....	46
<b>Figura 5:</b> Inter-relação bio-social na Síndrome de Covid-19 .....	66
<b>Figura 6:</b> A resistência à vacinação ilustrada em uma tirinha .....	88
<b>Figura 7:</b> Captura de tela do site “Stylo Urbano” mostra a utilização de memes como recurso retórico .....	89
<b>Figura 8:</b> Print de postagem de Eduardo Bolsonaro que divulga uma matéria publicada pela Crítica Nacional .....	132
<b>Figura 9:</b> Estrutura de movimentação bancária e financiamento feitos por empresas ligadas a Otávio Fakhoury .....	133

## LISTA DE TABELAS

<b>Quadro 1:</b> Matérias publicadas no portal “Estudos Nacionais” .....	128
<b>Quadro 2:</b> Matérias publicadas no portal “Crítica Nacional” .....	134
<b>Quadro 3:</b> Matérias publicadas no portal “Stylo Urbano” .....	139
<b>Quadro 4:</b> Matérias publicadas no portal “ContraFatos” .....	144
<b>Quadro 5:</b> Matérias publicadas no portal “Mídia sem Máscara” .....	150

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>10</b>
<b>1 ASCENSÃO DA COVID-19 E ESPECULAÇÕES EM TORNO DE SEU SURGIMENTO</b> .....	<b>15</b>
1.1 EMERGÊNCIA E PROPAGAÇÃO DO VÍRUS SARS-COV-2: A VISÃO DA CIÊNCIA.....	16
1.2 TEMPESTADE PERFEITA: CONDIÇÕES PARA SURGIMENTO DE NOVOS VÍRUS.....	26
1.3 MEDICAMENTOS EM USO <i>OFF LABEL</i> E O DESABONO À CIÊNCIA .....	32
1.3.1 Cloroquina e Ivermectina .....	33
1.3.2 Caso Prevent Senior .....	39
1.3.3 Posicionamento do Governo Federal .....	44
1.4 DISCURSO EM FAVOR DA “CIÊNCIA” .....	55
<b>2 COVID-19 EM UMA PERSPECTIVA SINDÊMICA</b> .....	<b>64</b>
2.1 INTER-RELAÇÕES BISSOCIAIS .....	64
2.1.1 Aspectos sindêmicos na Covid-19 .....	71
2.1.2 Sindemia no âmbito da Antropologia Médica .....	74
2.2 INFODEMIA E DESINFORMAÇÃO: ELEMENTOS AGRAVANTES NA SINDEMIA COVID-19 .....	78
2.2.1 Vacinofobia: aspectos históricos que reverberam no presente .....	83
2.2.2 Vacinofobia e hesitação vacinal: aspectos a considerar .....	92
2.2.3 A presença do Movimento <i>Antivax</i> : desinformação e possíveis influências no Brasil .....	100
<b>3 OLHAR ALÉM DA MANCHETE: UMA ANÁLISE DE PÁGINAS BOLSONARISTAS</b> .....	<b>104</b>
3.1 A NOVA DIREITA E O UNIVERSO DISCURSIVO DE BOLSONARO .....	104
3.2 A RETÓRICA ANTIVACINA NOS SITES BOLSONARISTAS: ANÁLISE TEMÁTICA E ARGUMENTATIVA .....	117
3.3 DAS FONTES ANALISADAS .....	122
3.3.1 Estudos Nacionais.....	124
3.3.2 Crítica Nacional.....	129
3.3.3 Stylo Urbano.....	137

<b>3.3.4 ContraFatos .....</b>	<b>142</b>
<b>3.3.5 Mídia sem Máscara .....</b>	<b>146</b>
<b>3.4 CONSIDERAÇÕES SOBRE AS ATUAÇÕES DOS SITES .....</b>	<b>152</b>
<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>154</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>158</b>

## INTRODUÇÃO

O tema de pesquisa aqui apresentado surge da necessidade de compreender um fenômeno político, social e econômico que se desenhava nos últimos anos, mas que foi intensificado e evidenciado ao longo da pandemia de Covid-19: a produção sistemática de desinformação. Mesmo não se caracterizando pelo ineditismo, a construção de conteúdos desinformativos foi instrumentalizada e convertida em arma política por grupos da nova direita. No âmbito sindêmico, faz-se necessário investigar os efeitos dessa construção (des)informativa, considerando aspectos estruturais e sociais.

Esta pesquisa está diretamente relacionada à dissertação de mestrado, defendida em 2018 pela Universidade Estadual de Maringá (Faenello, 2018), na qual foi analisada a construção discursiva elaborada pela revista “Veja” e pelo jornal “Folha de São Paulo” em torno dos protestos de 2013. Na dissertação, a proposta era compreender a atuação desses periódicos enquanto agentes construtores de narrativas, a partir da análise de sua mudança discursiva e seus posicionamentos. A análise mostrou que a imprensa atuou como direcionadora do olhar público para maneiras de protestos consideradas mais adequadas, condenando métodos de manifestação e defendendo pautas apontadas como legítimas. Na pesquisa, ficou evidente o surgimento de novos grupos que representavam uma guinada à direita no cenário político nacional: Movimento Brasil Livre, Revoltados Online, Estudantes pela Liberdade. A dissertação foi encerrada com a seguinte pergunta: "Resta-nos saber, qual o poder de influência política e discursiva desses novos grupos?".

Nos anos subsequentes, houve um fortalecimento de redes sociais e plataformas digitais como veículos comunicacionais, em que a disputa de narrativas ficou evidente. Os agrupamentos direitistas que antes despontavam agora pareciam ocupar todos os espaços, ampliando sua presença e multiplicando sua influência no debate público. Diante desse cenário, constatou-se uma multiplicidade de pesquisas com a proposta de investigar a produção e disseminação de notícias falsas em redes sociais. Ignorava-se, todavia, a atuação de sites alinhados ao bolsonarismo, que agiam como ferramentas desinformativas, fundamentando uma rede de desinformação. A partir dessa lacuna, definiu-se como foco a análise da conduta desses sites na construção do discurso antivacina durante a pandemia de Covid-19.

A proposta é uma tentativa de aprofundar a interpretação de grupos que compõem a nova direita, analisando suas influências, seus interesses, sua forma de funcionamento e seu papel como articuladores e disparadores de desinformação. Ao delimitar essa análise para a

contestação da vacinação, busca-se compreender também o ataque à ciência e seus métodos, em uma lógica conspiracionista que leva também à autocrítica. A proposta, portanto, parte do antivacinação bolsonarista para avançar no sentido de compreender a atuação de grupos da nova direita.

Paralelo a isso, busca-se compreender o avanço desses discursos no contexto sindêmico, em que são consideradas não apenas as "comorbidades" que poderiam agravar a atuação do Sars-Cov-2, como toda a estrutura social e política que, inter-relacionadas, são capazes de intensificar os efeitos e as consequências da doença. A desinformação, nesse contexto, dificulta a compreensão da realidade, agravando os danos sanitários e sociais e ampliando as desigualdades, em uma espécie de reação em cadeia. Para mais, pretende-se discutir a vacinofobia em um contexto histórico e cultural, inserido em uma lógica global de antivacinação e deslegitimação do método científico.

Partindo desse pressuposto, as fontes selecionadas para este trabalho consistem em *websites* amplamente acessados ao longo da pandemia. A escolha desses veículos se justifica pela avaliação de sua influência discursiva no cenário político, pela recorrência de textos antivacinação e pela constatação de que seus textos circularam como referências em mensagens disseminadas via *WhatsApp*. Desses, apenas dois foram citados e investigados pela Comissão Parlamentar de Inquérito (Senado Federal, 2021): “Estudos Nacionais” e “Crítica Nacional”, o que demonstra a necessidade de arquivamento e investigação desses e de demais sites.

Foram incluídos na análise os seguintes websites: “Mídia sem Máscara”, criado como "midiasemmascara.org", em 2002, por Olavo de Carvalho, e alterado em 2019 para midiasemmascara.com; “Crítica Nacional”, de Paulo Eneas, aberto em 2016 como criticanacional.com.br; portal “ContraFatos”, registrado em 2020 em nome de Marcus Vinicius Coltro, com o domínio contrafatos.com.br; jornal “Estudos Nacionais”, estudosnacionais.com, criado por Cristian Derosa em 2016 e chamado atualmente de “Instituto Estudos Nacionais”; e “Stylo Urbano”, identificado originalmente como *blog* de variedades por Renato Cunha, em 2014, e convertido em site em 2020, mantendo o mesmo domínio mesmo após uma reformulação editorial.

Apenas um desses sites está atualmente inativo, o “Crítica Nacional”. Nesse caso, as reportagens originais foram recuperadas por meio do *Internet Archive Wayback Machine*, um banco de dados online que permite visualizar versões arquivadas de sites, mesmo que já não estejam mais disponíveis. Em outros casos, como o do “Estudos Nacionais”, não foram encontradas as reportagens originais, por isso, recorreu-se novamente ao *Wayback Machine*.

Todas as fontes lidas e consultadas estão referenciadas ao final deste trabalho, em uma lista de fontes documentais, com o objetivo de facilitar o acesso do leitor às versões originais.

Por envolver temas do tempo presente, questões científicas relacionadas a biologia, atuação discursiva de grupos políticos e utilizar um modelo de análise importado da antropologia médica, constata-se a interdisciplinaridade dessa pesquisa. Entre os campos do conhecimento e referências teóricas utilizados estão História Política, História do Tempo Presente, História Ambiental, Comunicação e Antropologia.

Entre os autores que sustentam essa investigação estão Wendy Brown (2019, 2021) com sua crítica à política neoliberal; Letícia Cesarino (2022) e a análise conjuntural sobre negacionismos; Wardle (2020) e a tipificação das notícias falsas; Merrill Singer (2016, 2017, 2021) no modelo de análise sindêmica que considera inter-relação bio-psico-social; a leitura histórica e política de Chaloub *et al.* (2018) sobre a nova direita; e a instrumentalização da dúvida científica e sua aplicação à política, nos estudos de Naomi Oreskes e Erik Conway (2011).

Esta pesquisa se insere no campo da História do Tempo Presente, ou seja, uma história localizada na "intersecção do presente e da longa duração" (Dosse, 2012), que compreende a análise da relação entre passado e presente. Por ainda estar em curso e em constante movimento, consiste em um conhecimento provisório, sujeito a revisões e correções que fazem parte do processo de construção histórica (Bédarida, 2002).

Uma das dificuldades apontadas nesse campo historiográfico é a subjetividade. Contudo, Bédarida (2002) alerta para a ilusão da objetividade do historiador, uma vez que a proximidade do tempo analisado, somada ao método, ao instrumental teórico e ao repertório intelectual do historiador, pode facilitar a análise, permitindo enxergar além da superfície. O presente está incorporado ao passado e tem raízes históricas, políticas e sociais, por isso sua análise por um historiador é justificada e fundamentada (Chartier *apud* Ferreira, 2000).

A investigação histórica consiste, assim, em uma mistura complexa de objetividade e subjetividade. Objetividade na medida em que se consideram dados e fatos estabelecidos e subjetividade enquanto marca inerente ao olhar do historiador. Daí a importância do método para reunir as peças do mosaico de acontecimentos e interpretações, buscando estabelecer sentidos. Parte-se, para isso, da história-problema, na qual o questionamento é direcionado às fontes em busca de percepções e interpretações (Bédarida, 2002). No caso desta pesquisa, os discursos da nova direita influenciados pelo bolsonarismo dialogam diretamente com construções de sentidos e produções de memória elaborados e propagandeados nos sites analisados.

Uma possibilidade para o historiador do tempo presente é o acesso a uma infinidade de fontes digitais disponibilizadas nas redes, mas que precisam passar por um crivo e seleção. Para que o historiador não se perca no “mar de fontes”, é necessário ter claro os objetivos, estabelecer critérios e dialogar com a documentação. É fundamental, portanto, delimitar e hierarquizar esse material, priorizando a qualidade e não a quantidade. Além disso, essa pesquisa serve também como registro histórico a partir de análise de fontes online, incluindo conteúdos já indisponíveis. No caso dos sites, é preciso considerar que, além de fontes, são personagens ativos do período estudado, capazes de criar narrativas e influenciar ações dos grupos políticos os quais fazem parte. Impossível separar as fontes analisadas do tempo histórico. Elas estão intrinsecamente relacionadas com os acontecimentos, com a atuação de grupos políticos e à tecnologia digital.

Diante da proposta de análise do bolsonarismo, alguns questionamentos foram feitos: como analisar o bolsonarismo e seus efeitos deixando de lado as impressões pessoais? Como compreender as pessoas que o defendem? Com esses anseios, reconhece-se a complexidade de compreensão das ações e dos efeitos da rede articulada de desinformação que favorecem a composição do bolsonarismo. Para que as impressões pessoais não anuviem o trabalho investigativo é fundamental, portanto, distanciar-se criticamente do acontecimento, do objeto e das fontes para proceder com rigor e fazer uma ciência com consciência (Bédarida, 2002).

Na interpretação das páginas selecionadas, considerou-se também a obra de Umberto Eco "Interpretação e Superinterpretação", segundo a qual a interpretação de um texto exige a consideração de seu contexto de produção, como o autor e sua intenção e o público leitor. Os textos podem ser produzidos e lidos de formas dissemelhantes de acordo com os contextos culturais que influenciam seus sentidos. À vista disso, a função do bom intérprete é considerar elementos históricos, linguísticos e sociais presentes no texto, de modo a evitar leituras levianas, a fim de compreender a intenção comunicativa do autor. Ao se conhecer o cenário em que a obra foi escrita, assim como seus signos e significados, a obra passará a ter um sentido mais próximo a real intenção do escritor.

O exame do surgimento do Sars-CoV-2 a partir das interações humanas e seu impacto no mundo natural se fundamenta na História Ambiental, compreendida como uma abordagem historiográfica que integra processos sociais e naturais ao longo do tempo (Pádua, 2010). Com Wallace (2020), constata-se que os modos de produção agroindustrial e de monocultura estão diretamente relacionados ao surgimento de novos patógenos, pois são responsáveis pela quebra de barreiras naturais, favorecendo a transmissão de microrganismos à espécie humana. O autor demonstra também como alterações ambientais causadas pelas transformações do solo,

produção de lixo, emissão de gases poluentes, contaminação da água e crescimento populacional no âmbito do modelo econômico adotado estão diretamente relacionados com o surgimento e disseminação de novos patógenos.

O primeiro capítulo deste trabalho é destinado a contextualizar o acontecimento investigado. Para iniciar o debate, aborda-se o surgimento do Sars-CoV-2 e da propagação da Covid-19 em escala global. Para compreender esse fenômeno, serão examinados os indícios e as principais hipóteses científicas sobre sua origem, assim como as condições ambientais que possibilitam o surgimento de novos patógenos. Em paralelo, serão discutidas as explicações conspiratórias sobre a origem do vírus. Na sequência, será analisada a defesa e propaganda do uso de medicamentos *off label*, em especial hidroxicloroquina e ivermectina, no tratamento à Covid-19. Esse exame inclui o caso Prevent Senior, empresa acusada de fazer experimentos sem consentimento e sem compromisso com métodos científicos, além do posicionamento do então Governo Federal em favor do uso dessas medicações. Por fim, o capítulo discutirá o fazer científico e como esse conceito é desconfigurado por grupos políticos visando sustentar seus próprios interesses.

O segundo capítulo visa situar o surgimento do vírus no âmbito de uma perspectiva sindêmica. A partir dessa demarcação, são consideradas as relações biossociais, evidenciando a ligação entre estrutura social e saúde populacional. Na abordagem sindêmica, aspectos como violência, má alimentação, marginalização, analfabetismo, saúde mental e relações de gênero e raça são compreendidos como elementos interligados e condicionantes do estado de saúde. Nesse pressuposto, a infodemia e a desinformação são concebidas como elementos agravantes da sindemia de Covid-19, uma vez que influenciam diretamente a resistência e hesitação vacinal. Por fim, o capítulo examina os aspectos históricos da vacinofobia e a atual influência de movimentos *Antivax* na produção desinformação.

O terceiro e último capítulo aborda o surgimento da nova direita brasileira, considerando o universo discursivo de Olavo de Carvalho e Jair Messias Bolsonaro. Nele, são examinados os interesses econômicos que sustentam esse campo ideológico, a partir de um conjunto de ideias inspiradas no neoconservadorismo, neoliberalismo e neopentecostalismo, objetivando compreender a fundamentação dos discursos antivacina. Finalmente, os conteúdos desinformativos dos sites “Estudos Nacionais”, “Crítica Nacional”, “ContraFatos”, “Stylo Urbano” e “Mídia sem Máscara” são explorados, sendo investigadas suas origens, conexões políticas e interesses dos grupos aos quais fazem parte.

## 1 ASCENSÃO DA COVID-19 E ESPECULAÇÕES EM TORNO DE SEU SURGIMENTO

O intuito deste capítulo é apresentar ao leitor a temática central da pesquisa, cujas ramificações serão exploradas nos capítulos subsequentes. O ponto de partida será o surgimento do vírus Sars-CoV-2, na China, em 2019, contemplando as possíveis explicações da ciência para a ascensão de novos vírus e zoonoses. Em paralelo, será observada a ascensão da desinformação por meio de plataformas online, destacando textos difundidos em *websites* nacionais que contrariam a informação científica. Buscando compreender as consequências do surgimento de um novo vírus em um contexto de crise do cientificismo, será tratado do modelo conceitual de sindemia, sobre o qual é substancial considerar a saúde dos indivíduos em uma teia de relações sociais, econômicas e ambientais.

A fim de introduzir o debate, convém examinar um trecho de uma das fontes utilizadas nesta pesquisa. O texto primário, intitulado “*NOT ONE INCH To Covidstan*”, assinado pelo norte-americano Scott Morefield, foi publicado originalmente no *Townhall.com*, site estadunidense autodeclarado conservador. A versão em português foi republicada no portal olavista<sup>1</sup> “Mídia sem Máscara” e traduzido como “O Covidstão deve ser varrido do mapa”, em 21 de junho de 2021, um ano e meio após o início da sindemia. Observe-se:

[...] aqueles que aceitam o lockdown e a imposição forçada das máscaras sem questionar ou com um grama de pensamento crítico são ‘**Seita dos Covidianos**’<sup>2</sup>, porque uma descrição mais adequada para um praticante autêntico de um culto violentamente destrutivo não poderia existir. [...]

Mídia, políticos e marionetes com formação médica prevendo constante e erroneamente um quadro de tristeza e destruição integram a ‘**Equipe Apocalipse**’.

Os governos que impõem regras ridículas, draconianas e inúteis às populações, a fim de “parar a propagação” de um vírus que não pode ser parado, estão engajados no ‘**Coronafascismo**’.

‘**Covidiotas**’ são o que fazem coisas idiotas e não científicas, como usar duas máscaras (ou até mesmo uma) sozinhos num carro ou em uma trilha de bicicleta, porque acham que fazendo tais coisas vão de alguma forma proteger-se da pior praga de todos os tempos.

Um ‘**mascaronazi**’ se aproxima e tenta envergonhar quem não usa máscara, geralmente ficando a menos de 2 metros para fazer isso.

[...] há uma tonelada de verborragia relacionada à ‘pandemia’ por aí, mas de longe meu termo favorito (disparado!) é uma palavra simples, porque encapsula tudo o que foi mencionado acima e tudo que há de errado em impor à força intervenções inúteis e destrutivas a populações inteiras, contra a

---

<sup>1</sup>“Olavista” refere-se a Olavo de Carvalho, considerado por conservadores brasileiros como “o filósofo da direita”.

<sup>2</sup>Grifo meu.

vontade delas e ao arrepio da lei, tudo em nome da ‘saúde e segurança’: **‘Covidstão’**. [...] (Morefiel, 2021).

O texto oferece uma diversidade de elementos a considerar na busca pela compreensão das metodologias e composição da retórica neoconservadora e negacionista. A formulação de termos em tom jocoso e de conotação pejorativa é utilizada como estratégia de comunicação, com o intuito de desacreditar e ridicularizar um assunto tratado com seriedade por cientistas e organizações de saúde do mundo todo. Mas, para que se entenda como se chegou aos termos “seita dos Covidianos”, “equipe apocalipse”, “coronafascismo”, “Covidiotas”, “mascaronazi”, “Covidstão”, é preciso, primeiro, compreender o aparecimento da Covid-19.

### 1.1 EMERGÊNCIA E PROPAGAÇÃO DO VÍRUS SARS-COV-2: A VISÃO DA CIÊNCIA

Em novembro de 2019, uma doença respiratória desconhecida foi identificada entre a população de Wuhan, capital da província de Hubei, uma das maiores cidades da República Popular da China, habitada por mais de 11 milhões de pessoas. De imediato, aquela que parecia ser uma nova forma de pneumonia deixou médicos, cientistas e países do mundo em alerta, em razão do desconhecimento, gravidade dos sintomas e rápida disseminação da doença (BBC News Brasil, 2020).

A dispersão acelerada da doença fez com que, em 30 de janeiro de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) identificasse a nova doença como Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII), criando um alerta da epidemia para outros países. Em Genebra, na Suíça, o diretor-geral da OMS, Tedros Adhanom Ghebreyesus, declarou em pronunciamento oficial:

Nas últimas semanas, testemunhamos o surgimento de um patógeno anteriormente desconhecido, que evoluiu para um surto sem precedentes e que foi atingido por uma resposta sem precedentes. [...] A grande maioria dos casos fora da China tem um histórico de viagens para Wuhan ou contato com alguém com um histórico de viagens para Wuhan. Não sabemos que tipo de dano esse vírus poderia causar caso se propagasse para um país com um sistema de saúde mais fraco. Devemos agir agora para ajudar os países a se prepararem para essa possibilidade. Por todas essas razões, declaro como Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional o surto global do novo coronavírus. O principal motivo desta declaração não é o que está acontecendo na China, mas o que está acontecendo em outros países. *Nossa maior preocupação é o potencial do vírus se espalhar para países com*

*sistemas de saúde mais fracos e mal preparados para lidar com ele. [...]*  
(Opas, 2020).

A ESPII consiste no nível mais alto de vigilância da Organização Mundial da Saúde, previsto no Regulamento Sanitário Internacional. Seu acionamento busca não apenas alertar os países do mundo, mas despertar a cooperação para controlar a doença e interromper a propagação do coronavírus. A capacidade de transmissão do vírus foi tão significativa que, no intervalo entre dezembro de 2019 e março de 2020, 114 países apresentaram focos da doença, fazendo com que a OMS decretasse pandemia.

Após pesquisas iniciais, a cepa de coronavírus foi identificada como um *betacoronavírus*, posteriormente denominado Sars-CoV-2: síndrome respiratória aguda grave do coronavírus 2, cuja doença decorrente foi denominada Covid-19, em referência ao ano de surgimento. Coronavírus constituem uma família diversa, definidos como “vírus de RNA com envelope que causam doença respiratória de gravidade variável, do resfriado comum à pneumonia fatal” (Tesini, 2022). Tyrrell e Bynoe (1966) foram os primeiros a identificá-los e descrevê-los como um vírus em formato esférico, com espículas em formato de coroa solar, daí o nome corona, do latim, coroa. Diante da diversidade dos coronavírus (CoV), quatro grupos genéticos foram criados para classificá-los, sendo alfa, beta, gama e delta. Muitos deles são identificados inicialmente em animais e não chegam a desenvolver enfermidades em pessoas, esses são chamados de gama e delta, portanto, apenas os alfa e beta podem infectar humanos.

Atualmente, sete diferentes cepas foram detectadas em humanos, das quais quatro *alfacoronavírus* — HCoV-229E, HCoV-OC43, HCoV-NL63, HCoV-HKU1 — causam sintomas de resfriado comum. Os demais são *betacoronavírus* causadores de infecções respiratórias graves capazes de levar à morte. São eles: Sars-CoV, síndrome respiratória aguda grave identificada inicialmente em 2003, na China; Mers-CoV, síndrome respiratória do Oriente Médio detectada em 2012, na Arábia Saudita; e o Sars-CoV-2, síndrome respiratória aguda grave - 2, responsável pela pandemia de Covid-19 (Tesini, 2022; Opas, [s/d]).

Com o desenvolvimento das pesquisas, foi possível entender que, dentre os coronavírus, o Sars-CoV-2 é o menos fatal. Enquanto o Mers-CoV apresentou taxas de letalidade em torno de 35% e o Sars-CoV, 10% (aumentando conforme a idade, podendo chegar a 50% com 65 anos); a média do Sars-CoV-2 foi apontada inicialmente como 3,7%. Para melhor entendimento: a taxa de letalidade é definida por meio da divisão do número de mortes pelo total de casos diagnosticados. Dessa maneira, esse valor pode variar mediante inúmeros fatores, como idade da população do país, capacidade e qualidade do sistema de saúde, incidência de

doenças preexistentes não transmissíveis, medidas de prevenção, entre outros. A somatória desses fatores ou sua interferência pode fomentar o aumento do índice de letalidade ou até diminuir; por conseguinte, em alguns países chegou próximo a zero, enquanto outros ultrapassaram 10% (Dantas, 2020; Teixeira *et al.*, 2020; Tesini, 2022).

Outro fator fundamental a considerar é a transmissibilidade da Covid-19. A transmissão pode acontecer por partículas respiratórias de pessoas contaminadas em contato com a boca ou o nariz. Estima-se que cada infectado transmita o vírus para outras 2,5 pessoas. Em comparação com a última grande pandemia de 2009, a influenza H1N1 causadora da gripe A, a proporção de transmissibilidade era de 1,5. Contudo, neste novo caso, alguns fatores agravaram o quadro, como a existência de contaminados assintomáticos com capacidade de transmissão e as mutações capazes de gerar variantes, entre as quais as mais conhecidas são Alpha (B.1.1.7), Beta (B.1.351), Gamma (P.1), Delta (B.1.617.2) e Omicron (B.1.1.529). Por consequência, mesmo o vírus tendo uma letalidade menor em comparação aos outros, diante da alta transmissibilidade e impulsionado pelo fluxo de pessoas entre países, fez com que se alastrasse rapidamente e gerasse um alto número de infectados (WHO, 2024; Tesini, 2022).

Com o agravamento das condições epidemiológicas, a doença foi elevada ao grau de pandemia em 11 de março de 2020 pela OMS. O diretor geral da Organização Mundial de Saúde, Tedros Adhanom Ghebreyesus, justificou a mudança na classificação não como uma relação direta com a gravidade da doença, mas com a capacidade de disseminação geográfica. Em seu discurso, Tedros chamou atenção para o ineditismo de uma pandemia de coronavírus e a alta capacidade de espalhamento da doença, além de convocar os países a tomar medidas para evitar o agravamento da situação:

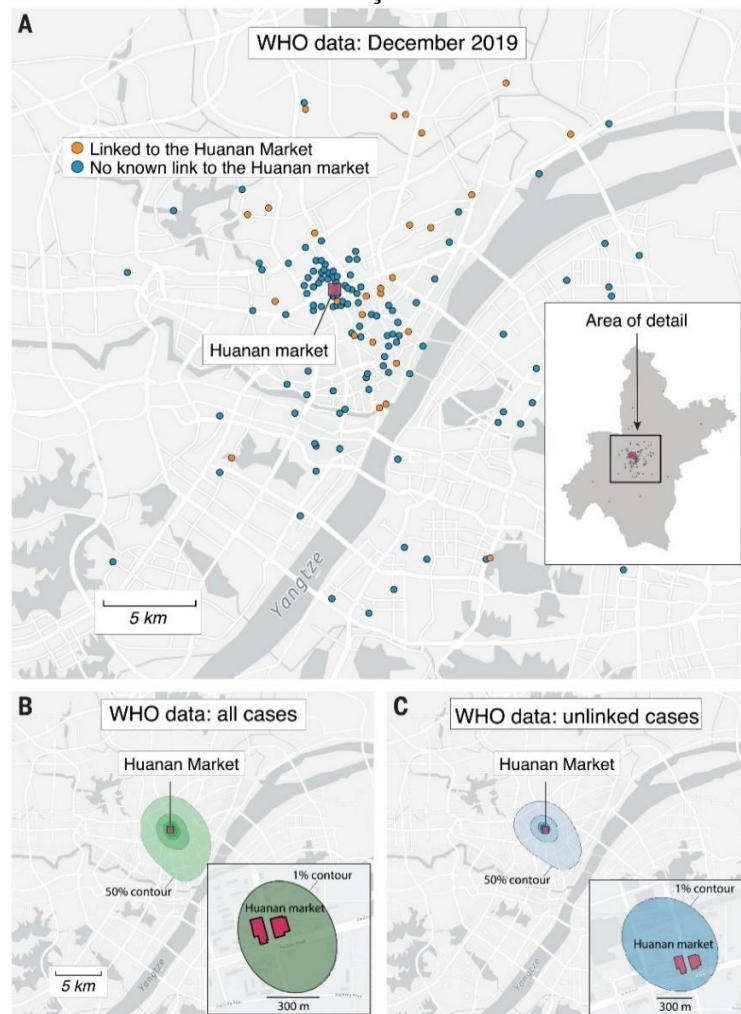
“Atualmente, existem mais de 118 mil casos em 114 países e 4,2 mil pessoas perderam a vida, outras milhares estão lutando por suas vidas em hospitais. Nos próximos dias e semanas, esperamos ver o número de casos, o número de mortes e o número de países afetados aumentar ainda mais” (Opas, 2020).

Naquele momento, a preocupação era detectar o vírus mediante exame e isolamento dos infectados; capacitar e proteger as pessoas envolvidas com o setor de saúde e desacelerar a transmissão por meio de diferentes abordagens. “A OMS está avaliando esse surto 24 horas por dia e nós estamos profundamente preocupados com os níveis alarmantes de disseminação e gravidade e com os níveis alarmantes de falta de ação”, disse Adhanom (Opas, 2020).

As primeiras investigações foram realizadas por uma comissão municipal formada na cidade de Wuhan e, posteriormente, assumida pelo *Chinese Center for Disease Control and*

*Prevention* (China CDC), o Centro Chinês de Controle e Prevenção de Doenças (Wu e Mcgoogan, 2020). O Mercado Atacadista de Frutos do Mar de Huanan foi apontado, inicialmente, como epicentro da epidemia, sendo fechado em janeiro de 2020 para saneamento e desinfecção (Gao *et al.*, 2022). Nesse mesmo local, foram comercializadas mais de 75 espécies de animais exóticos, como salamandras, crocodilos, esquilos, raposas, pangolins e morcegos, alguns deles potenciais hospedeiros de coronavírus. Ao longo dos meses subsequentes, novos estudos realizados a partir de análise do material genético presente no mercado reforçaram a tese de que o local teria originado a sindemia. Uma revisão sistemática, parte do estudo global sobre as origens do Sars-CoV-2, organizado pela OMS, revelou que 55 dos 168 primeiros casos conhecidos de Covid-19 estavam ligados diretamente ao mercado. Dessa forma, Worobey *et al.* (2022) chegaram à seção onde vendedores mantinham animais vivos, local onde encontraram amostras ambientais positivas.

**Figura 1:** Mapa de casos de Covid-19 em relação ao mercado de Huanan



Fonte: Worobey *et al.*, 2022.

Embora a concentração inicial não estabeleça necessariamente o local como a origem da pandemia, ao analisar dados de dezembro de 2019, a localização do Mercado de Frutos do Mar de Huanan estava dentro de uma densidade populacional mais alta do que o esperado, mesmo quando considerados os casos sem vínculo conhecido com o estabelecimento. O agrupamento de casos ao redor desse local contrasta com a dispersão geral de casos em Wuhan a partir de janeiro de 2020. Ao observar a localização espacial de cada caso, incluindo aqueles sem ligação conhecida, percebeu-se uma proximidade geográfica significativa, sugerindo uma associação espacial entre os casos e a posição do mercado (Worobey *et al.*, 2022).

Para os casos que aparentemente não apresentam ligação direta com o mercado, as possibilidades apontadas vão de residir próximo ao local a até ter transitado pela região, apontando para contaminação a partir desse epicentro. Após seu fechamento, em 1º de janeiro de 2020, o material biológico coletado nas barracas dos vendedores apontou indícios de contaminação. Pekar *et al.* (2022) descobriram que a diversidade genômica antes de fevereiro de 2020 compreendia duas linhagens virais distintas, A e B, sendo resultado de pelo menos dois eventos separados de transmissão entre espécies e humanos. As informações apontam, portanto, para mais de um evento zoonótico ocorrendo no mercado de Huanan, com duas linhagens de Sars-CoV-2 (A e B) identificadas, sendo que ambas circularam globalmente desde o início da pandemia (Worobey *et al.*, 2022; Pekar *et al.*, 2022).

É preciso salientar que os estudos quanto à origem do coronavírus não são conclusivos, o que se sabe é que o mercado foi identificado como um local de amplificação (WHO - Sago, 2022). Os dados e pesquisas até agora levantados sugerem que a Covid-19 tenha origem zoonótica<sup>3</sup> (WHO - Sago, 2022; Zhou, 2020; Wu *et al.*, 2020; Ruiz-Aravena, 2021; Markov *et al.*, 2023). Todavia, tanto o animal progenitor quanto os intermediários/hospedeiros não foram conclusivamente identificados. As possibilidades apontam o morcego de gênero *Rhinolophus* como hospedeiro ancestral mais provável, uma vez que cepas de *betacoronavírus* muito próximas foram detectadas (WHO - Sago, 2022). Morcegos têm alta capacidade de transmissão, pois são reservatórios de diferentes vírus. A transmissão para outros mamíferos pode acontecer de diferentes maneiras: ao emitir sons de ecolocalização, saliva com patógenos podem ser liberadas contaminando superfícies; da mesma forma, ao se alimentar de frutas, resquícios da saliva podem ficar expostos ao contato de outros animais; e, no caso de morcegos que se alimentam de sangue, podem contaminar no ato da inoculação, isso sem contar a possibilidade

---

<sup>3</sup>Doenças e infecções que são naturalmente transmitidas entre animais vertebrados e homem (WHO, 1959, p. 6).

de contágio a partir das fezes dos animais. Todas essas situações podem levar um vírus a saltar para um novo hospedeiro (Lopes, 2022).

Em função da proximidade dos seres humanos com os animais de estimação e aqueles para o consumo, existe o constante contato com vírus, bactérias, micróbios e fungos originados das espécies não humanas, mas por uma questão de seleção natural apenas alguns evoluem e chegam a desenvolver doenças humanas. O processo em que um vírus salta de uma espécie para outra é chamado pelos pesquisadores de *spillover*, no Brasil também chamado de “transbordamento”. Nesse processo, um animal hospedeiro primário pode ter uma variedade de grupos virais e um sistema imunológico resistente, de maneira a não manifestar a doença. Ao depositar seu excremento no solo, pode provocar o *spillover* em um animal intermediário (como serpentes, civetas, visons, cães, gatos, porcos e aves) e estes, em contato com seres humanos, provocar um novo salto. Uma vez que um vírus desconhecido é absorvido pelo organismo humano, pode sofrer mutações e provocar uma nova doença. Em alguns casos, o vírus pode saltar diretamente de seu hospedeiro primário para o ser humano. O jornalista científico David Quammen (2020) dá exemplos de doenças com origens zoonóticas:

Os hantavírus saltam dos roedores. O Lassa também salta de roedores. O vírus da febre amarela salta dos macacos. A varíola do macaco, apesar do nome, parece saltar principalmente dos esquilos. O herpes B salta dos macacos-*rhesus*. As influências saltam das aves silvestres para as aves domésticas e então para as pessoas, às vezes depois de fazer uma mutação numa escala nos porcos. O sarampo parece ter saltado para nós a partir das ovelhas e cabras domésticas. O HIV-1 saltou dos chimpanzés para nós. Portanto, há certa diversidade de origens. [...] *Hendra* vem dos morcegos. O *Marburg* vem dos morcegos. O Sars-CoV: vem dos morcegos. A raiva, quando salta para as pessoas, geralmente vem dos cães domésticos, pois os cachorros contaminados têm mais oportunidades do que os animais selvagens de morder as pessoas — porém os morcegos estão entre seus principais reservatórios. O vírus *Duvenhage*, um primo da raiva, salta dos morcegos para os humanos. O vetor do vírus da Floresta Kyasanur é o carrapato, que contamina as pessoas vindo de vários tipos de animais selvagens, inclusive morcegos. O Ebola, muito possivelmente, vem dos morcegos. *Menangle*: morcegos. *Tioman*: morcegos. *Melaka*: morcegos. O *lyssavírus* do morcego-australiano, como não deve ser nenhuma surpresa, tem como reservatório os morcegos-australianos. E embora a lista já seja longa, um pouquinho ameaçadora e carente de uma explicação mais elaborada, não estaria completa sem o *Nipah*, um dos vírus de RNA mais terríveis a surgir nas últimas décadas, que salta para os porcos e deles para os humanos, e vem, originalmente, dos morcegos (Quammen, 2020, p. 333-334).

As principais doenças epidêmicas dos últimos anos, portanto, são zoonoses cuja origem está em animais silvestres e que podem transbordar por meio de intermediários como animais domesticados utilizados na pecuária (Wallace, 2020). Partindo desse pressuposto, ainda no ano

de 2020, os pesquisadores Liu *et al.* (2020) passaram a considerar o pangolim como possível intermediário na transmissão do novo vírus, uma vez que outros coronavírus com grande similaridade ao Sars-CoV-2 foram detectados em pangolins. Todavia, um grupo de 27 pesquisadores convocados em 2022 pela Organização Mundial da Saúde (OMS), denominado Grupo Consultivo Científico para as Origens de Novos Patógenos (*Scientific Advisory Group for Origins of Novel Pathogens - Sago*), passaram a considerar que o animal intermediário fosse algum outro ainda não descoberto (WHO, 2023). O grupo foi formado com intuito de entender a origem do coronavírus Sars-CoV-2, analisando, para isso, as pesquisas já publicadas.

As condições em que houve o *spillover* para seres humanos também ainda são desconhecidas. Partindo do pressuposto de que o Sars-CoV-1 tem como intermediário gatos civetas e cães-guaxinim, o precedente é aberto para conclusões semelhantes com relação ao Sars-CoV-2. A partir de pesquisas realizadas com material genético coletado em janeiro de 2020, a Sago comprovou que cães-guaxinim são suscetíveis ao Sars-CoV-2 e podem ter sido a origem da difusão em seres humanos. As análises de sequências genéticas coletadas no mercado chinês encontraram traços de DNA com vírus em cães-guaxinim que estavam para serem vendidos no mercado de Wuhan. Esses dados não comprovam que o transbordamento tenha acontecido a partir do contato com o animal, pois ainda há possibilidade de um humano ter infectado o cão-guaxinim, hipóteses ainda estão sob investigação (Pekar *et al.*, 2022; WHO, 2023). Importante salientar que o governo chinês proibiu o consumo e a venda de animais silvestres, além da venda de animais vivos ainda em 2020.

Uma especulação sobre o surgimento do vírus, popularmente disseminada na internet, foi de que o Sars-CoV-2 teria sido manipulado e formulado em laboratório, com conhecimento do Partido Comunista da China. Observe-se o texto escrito e publicado no portal Crítica Nacional<sup>4</sup>, intitulado “Virologista que fugiu da China afirma que regime chinês mente sobre origem do vírus de Wuhan”:

A virologista chinesa Li-Meng Yan, que fugiu para os Estados Unidos no início deste ano, afirma que tem certeza que vírus chinês foi criado em um laboratório controlado pelo governo em Wuhan, cidade de origem da pandemia. A virologista afirma ainda possuir evidências para comprovar sua acusação.

Li-Meng Yan, especialista em virologia e imunologia pela Escola de Saúde Pública de Hong Kong, explicou no talk show britânico Loose Women exibido na última sexta-feira (11/09) que ela foi uma das primeiras cientistas chinesas

---

<sup>4</sup>O texto é assinado pelo nome Angelica Ca, todavia, não foram encontradas referências a alguma jornalista com esse nome. Há a possibilidade de pseudônimos serem utilizados para dar um aspecto de veracidade aos textos e dificultar a identificação dos autores.

a conduzir pesquisas sobre o novo vírus que causou milhares de mortes em todo mundo. Segundo ela, o regime do Partido Comunista Chinês está mentindo para o mundo sobre a origem do novo coronavírus.

Desde o início da pandemia, o regime comunista chinês vem afirmando que o vírus se originou em um mercado de peixes em Wuhan. Porém, Li-Meng Yan afirmou durante a entrevista que o governo chinês usa essa versão como cortina de fumaça, pois segundo ela o vírus na verdade veio do laboratório de biotecnologia de Wuhan.

De acordo com a virologista, ela foi uma das primeiras cientistas designadas pelos seus supervisores no final de 2019 para monitorar relatórios de uma pneumonia não identificada em Hong Kong. Antes da identificação do novo vírus, muitos temiam que as infecções fossem decorrentes da Sars.

Li-Meng Yan mostrou o fato ao seu supervisor, que também é consultor da Organização Mundial da Saúde. No entanto, a virologista não apenas não foi levada a sério como foi advertida para ter cuidado e ser muito cautelosa.

“Basicamente, trabalhei com um grupo dos maiores especialistas do mundo em coronavírus e também em doenças emergentes. E como eu havia me formado na China continental e sou a única que pode falar mandarim lá, fui a única da equipe central designada para fazer a investigação secreta sobre a nova pneumonia em Wuhan em dezembro”, disse Li-Meng.

A virologista prossegue: “Durante minha investigação, que durou do final de dezembro ao início de janeiro, e então pela segunda vez até meados de janeiro, o que descobri foi relatado ao meu supervisor, que é um consultor da OMS, mas não houve resposta da entidade.” (*Sic*)

Li-Meng Yan afirmou ainda que recebeu ameaças para manter silêncio ou então seria obrigada a desaparecer. A médica afirmou ao programa *Loose Women* que em breve publicará todas as evidências científica de que dispõe para demonstrar a responsabilidade da China comunista na pandemia da Covid. Com informações de Breitbart, CNBCTV e TierraPura (CA, 2020).

O burburinho de que o vírus teria sido criado em laboratório para depois ser liberado para contaminação, ou que teria escapado acidentalmente, já corria entre conspiracionistas em mensagens que circulavam em aplicativos como *WhatsApp* e *Telegram*, onde eram defendidas. O próprio presidente dos EUA, Donald Trump, legitimou a informação ao afirmar, em maio de 2020, que teria provas desse acontecimento (EFE in Portal UOL, 2020) e, por isso, ameaçou aumentar tarifas de produtos importados da China. Nos meses subsequentes, Li-Meng Yan, médica pesquisadora da Universidade de Hong Kong, acusou o laboratório de Wuhan de ter formulado e vazado o vírus como uma arma biológica. As acusações e a suposta denúncia foram reunidas em um artigo sem revisão, publicado no Zenodo, um repositório de artigos de acesso livre, em setembro do mesmo ano, coassinado por outros dois pesquisadores (Yan *et al.*, 2020).

Imediatamente, a narrativa defendida por Yan *et al.* (2020) foi disseminada em mídias dos Estados Unidos, como *Fox News* e *New York Post* (Bowden, 2020; Chakraborty; Diaz, 2020). Entre as acusações, estaria a de que as revistas científicas teriam boicotado sua publicação, pois estariam em conluio com a OMS e o governo chinês. Assim, a denúncia conspiracionista ganhou elementos suficientes para se tornar uma bomba informativa,

circulando em sites internacionais e nacionais, principalmente em plataformas de informação bolsonaristas, e em mensagens disseminadas em redes sociais.

No meio científico, a repercussão do artigo de Yan *et al.* (2020) também foi grande. Um dos fatores que despertaram a indignação de pesquisadores foi a acusação de conspiracionismo de periódicos acadêmicos (Brouillette; Renner, 2020). Outra questão é o fato de o texto consistir em um *preprint* (pré-impressão ou pré-publicações), um manuscrito não revisado por pares, método em que relatórios são publicados sem revisão metodológica, de análise e resultados por especialistas e, dessa forma, não garantem que o texto apresente rigor científico. Quanto aos argumentos relacionados ao vírus, Yan *et al.* (2020) afirma que o Sars-CoV-2 teria sido criado em laboratório, fato questionável diante do número significativo de pesquisas que apontam a circulação de coronavírus em animais selvagens<sup>5</sup> (ASM, s/d).

Para justificar sua tese de que o vírus teria sido criado em laboratório, Yan *et al.* (2020) aponta as cepas ZC45 e ZXC21, que apresentam 89% de similaridade com o novo coronavírus. Embora afirme em tom obscurantista que tais cepas foram identificadas e sequenciadas em um laboratório militar na China, em 2018, tal estudo não consistia em segredo, uma vez que chegou a ser publicado (Brouillette; Renner, 2020). Para Yan *et al.* (2020), essa semelhança demonstraria como o Sars-CoV-2 foi criado a partir de um molde específico. A pesquisadora ignora, todavia, a vasta literatura que aponta existências de coronavírus em morcegos, incluindo o RatG13, que apresenta 96% de similaridade com o novo coronavírus (Andersen, 2020).

Um ponto importante que também pode colocar a publicação de Yan *et al.* (2020) em descrédito é o seu financiamento pelo instituto *Rule of Law Society*, uma fundação sem fins lucrativos criada por Steve Bannon. Bannon é um estrategista conhecido, responsável pela utilização de *fake news* como “arma” na campanha política de Donald Trump (The Guardian, 2024). Em 2024, Bannon foi investigado, preso e se declarou culpado por fraude na campanha *We Build the Wall*, criada para pedir doações para construção de um muro, de maneira privada e independente, na fronteira entre México e EUA (Feuer; Rashnaum, 2021; Reuters, 2025).

Nos últimos anos, China e EUA têm rivalizado publicamente com trocas de acusações mútuas. Dentre os incidentes mais recentes, destaca-se o episódio do balão espião, ocorrido no início de 2023, no qual os EUA acusaram a China de utilizar um balão para espionagem. No início de 2025, o aplicativo chinês *TikTok* foi ameaçado de banimento nos EUA, em um contexto de desconfiança em relação à segurança digital e à influência chinesa. Nesse cenário de disputas políticas entre os dois países, um vazamento laboratorial poderia ser

---

<sup>5</sup>As principais descobertas e pesquisas relacionadas à Covid-19 foram reunidas pela *American Society For Microbiology* (Sociedade Americana de Microbiologia) e estão *linkadas* em seu site (ASM, s/d).

instrumentalizado como uma arma ideológica e política, reforçando narrativas de descrédito ao governo chinês e de falta de transparência. Por isso, é fundamental analisar o ocorrido sob o ponto de vista científico, considerando a necessidade e as condições adequadas para o desenvolvimento de pesquisas com vírus de potencial pandêmico.

Uma hipótese de “origem acidental” levantada pelo estado norte-americano, em que o vírus teria “escapado” do laboratório de virologia de Wuhan, o *Wuhan Institute of Virology* (WIV), ao ser manipulado por microbiologistas, todavia, é considerada. A tese tem sido investigada por diferentes setores de inteligência dos EUA. A mando de Joe Biden, o governo estadunidense teria mobilizado nove agências de inteligência para realizar investigações. Dos relatórios finais apresentados, o Departamento de Energia dos EUA afirmou acreditar na hipótese de vazamento “com um nível baixo de certeza”, e o FBI “com nível moderado de certeza”. O Conselho de Inteligência Nacional, juntamente com outras quatro agências não identificadas, chegou a conclusões diferentes. Para eles, o vírus teria se originado na natureza “com nível baixo de certeza”. As outras duas agências não chegaram a um consenso (Gordon; Strobel, 2023).

O WIV, fundado em 1956, é um dos poucos a realizar análises com nível 4 de biossegurança, considerado o mais avançado em segurança e tecnologia. Nele, são pesquisados vírus de morcegos com potencial para se tornarem pandêmicos, além do coronavírus responsável pela síndrome respiratória aguda grave (Sars). Para os defensores da hipótese de vazamento, os cientistas do WIV teriam realizado experimentos de Ganho de Função<sup>6</sup> em coronavírus (CoVs) sem as condições adequadas de segurança (Jacobsen, 2021). Além disso, o fato de ainda não ter sido encontrado um animal intermediário corroboraria a hipótese de vazamento.

É preciso considerar também que tanto os vírus Mers quanto Sars surgem a partir de mutações ocorridas dentro dos corpos dos hospedeiros, o que pode excluir a possibilidade de vírus criado em laboratório (Wu *et al.*, 2019). Sobre a possibilidade de um incidente laboratorial, a Sago classificou, no relatório de 2022, a possibilidade de vazamento como “extremamente improvável”, todavia, afirmou que é preciso considerar todos os dados científicos disponíveis, por isso apoia investigações a respeito da biossegurança e bioproteção

---

<sup>6</sup>Pesquisa de ganho de função (Gain-of-function research - GOFr) são experimentos cujo objetivo é potencializar um vírus, aumentando sua virulência, transmissibilidade e imunogenicidade. O objetivo é compreender a capacidade de patogenicidade do vírus e se preparar com terapias e vacinas para novos casos de surto. Embora corresponda a experimentos de alto risco, esse método possibilitou que padrões de evolução de CoVs fossem conhecidos antes mesmo de 2019, viabilizando a elaboração de vacinas contra o novo vírus com maior rapidez (Mathur, 2022).

do laboratório, além de solicitar revisão dos estudos e atividades realizadas no local. Para o grupo de cientistas, apenas com revisões e informações adicionais se poderia fazer afirmações conclusivas. Por isso, recomenda a avaliação de ambas as possibilidades: introdução do vírus Sars-CoV-2 por via animal ou ambiental; e outra, de violação de biossegurança e bioproteção, por meio de um incidente laboratorial (WHO; Sago, 2022).

Em síntese, embora haja vasto conhecimento sobre transmissão, transbordamento e surgimento de novos vírus, não há uma explicação definitiva sobre as circunstâncias relacionadas à eclosão do Sars-CoV-2. A própria Sago afirma que muitos estudos realizados imediatamente após a identificação da Covid-19 precisariam ser refeitos, uma vez que o conhecimento sobre a doença ganhou novos adendos. Por exemplo, a princípio os casos de assintomáticos ou com poucos sintomas eram desconsiderados, já que não havia conhecimento sobre a possibilidade de portarem o vírus, por isso métodos e resultados têm sido revisados (WHO; Sago, 2022). A partir de novas pesquisas e revisões, espera-se elucidar em definitivo as condições para o surgimento do vírus, enquanto isso, é fundamental considerar evidências e combater especulações.

## 1.2 TEMPESTADE PERFEITA: CONDIÇÕES PARA SURGIMENTO DE NOVOS VÍRUS

Para Corman *et al.* (2013), o Brasil pode ser o epicentro de uma próxima epidemia. Só a região amazônica possui 146 espécies de morcegos registradas, sendo 15% da variedade do planeta e, além disso, existe um número imensurável de intermediários possíveis (Bernard; Tavares; Sampaio, 2011). Não se sabe quais dessas espécies podem carregar patógenos que desencadeariam novas doenças. Mas, a partir de pesquisa publicada por Corman *et al.* (2013), sabe-se que morcegos brasileiros foram identificados com coronavírus comparáveis ao Sars-CoV, responsável pelo surto de Sars em 2003-2004 na China. Outro monitoramento realizado por brasileiros, em parceria com Universidade de Hong Kong, publicado no início de 2025, identificou sete coronavírus em morcegos encontrados no Ceará, dos quais um é semelhante em 82,8% com o vírus da Mers (Silvério *et al.*, 2025). Além da região amazônica, as superfícies alagadas do Pantanal servem de pouso para dezenas de espécies de aves migratórias, o que possibilita o contato com aves domesticadas.

Ainda, a combinação de aquecimento global, seca e desmatamento causado pelo agronegócio provocou o aumento do número de incêndios ativos, resultando na degradação da

floresta amazônica (Poquiviqui, 2023), condição que pode provocar o surgimento de novos vírus. O contato com um novo vírus pode vir no desflorestamento e transformação da mata em pastagens para agropecuária, exploração madeireira, atividades de mineração ou até mesmo por invasão de posseiros, grileiros e garimpeiros (Rabello; Oliveira *et al.*, 2020; Acosta *et al.*, 2020). Durante o processo de transformação da floresta em área para cultivo e pecuária, os animais de menor mobilidade tendem a ser eliminados rapidamente, em geral por incineração, já os maiores, como mamíferos e aves, procuram refúgios longe de seu antigo habitat. No novo abrigo, há uma concentração de espécies com potenciais parasitas em interação:

O processo de transmissão viral é facilitado e pode ocorrer por meio de interações diretas, notavelmente por predação e conflitos entre indivíduos, relações sexuais, comportamentais e sociais, e agrupamentos noturnos ou compartilhamento de abrigos. De forma indireta, poderá ocorrer pelo contato com urina e fezes contaminadas no compartilhamento de habitat, pelo contato com saliva e muco durante o compartilhamento de recursos alimentares, ou pelo contato com sangue e restos de animais predados (Acosta *et al.*, 2020, p. 196).

O *spillover* para o ser humano pode ocorrer por intermédio de pessoas que circulam em áreas entre florestas e cidades: caçadores, madeireiros e garimpeiros. O tráfico de animais silvestres, em especial, é uma das atividades que mais preocupam os cientistas, pois, além de ser um dos principais fatores de perda da biodiversidade, coloca pessoas em contato direto com espécies expostas a patógenos (Acosta *et al.*, 2020). É preciso salientar, no entanto, que o obstáculo não está na existência do animal hospedeiro, mas sim na interferência do ciclo natural do vírus em seu bioma originário, por isso a necessidade de preservação e conscientização ambiental.

Outro fator de risco no contato entre ambientes antrópicos e silvestres é o processo inverso, chamado de *spillback*, quando um ser humano é o portador do vírus que salta para o animal, podendo ou não passar por um processo mutação e retornar ao ser humano como uma nova doença (Acosta *et al.*, 2020). Foram casos de *spillback* que levaram Holanda e Dinamarca a decretarem o abate de 10,2 milhões de visons em 2020, após 12 pessoas terem sido reinfectadas com uma versão mais mortal do Sars-CoV-2, resistente a vacinas, por ter mutações no gene *Spike*. Os visons são animais suscetíveis a vírus e, apesar disso, sua criação move a indústria de casacos de pele em países do norte europeu (Abreu, 2020). Outro incidente, em 2021, foi um caso de transmissão por meio de um gato doméstico que havia contraído o vírus de seus tutores (Sila *et al.*, 2021).

Os números das últimas décadas apontam para um aumento nos casos de epidemia em todo o mundo. Apenas no início deste milênio foram registradas 66 ocorrências, sendo que em cinco destas foi adotado a classificação de “pandemia” em função da quantidade de vítimas e extensão de países atingidos. A primeira a ser identificada foi a da síndrome respiratória aguda grave (Sars-CoV-1), observada inicialmente em 2002, na China. A doença contaminou cerca de oito mil pessoas em 29 países e causou aproximadamente 800 mortes. A segunda, em 2004, foi chamada Influenza H1N1, espalhou-se por 214 países, contaminando bilhões de pessoas e causando em torno de 200 mil mortes. Em 2012, surgiu a terceira, na Arábia Saudita, chamada síndrome respiratória do Oriente Médio (Mers-CoV), que contaminou 2.500 pessoas de 24 países e deixou registradas 862 mortes. Em 2013, dez países do oeste africano foram atingidos pelo Ebola, resultando em 28 mil pessoas contaminadas e 11 mil mortes na quarta pandemia do milênio. Até então, o último vírus alarmante havia sido o Zika, percebido inicialmente em 2015, mediante aumento na incidência de bebês com microcefalia. Só no Brasil foram identificados 3.474 casos e 402 óbitos fetais (Acosta *et al.*, 2020).

Os porquês dessa maior incidência de doenças virais são muitos, mas de alguma forma parecem estar relacionados ao modelo econômico e social de produção e consumo adotado na maioria dos países do mundo. Wallace (2020), biólogo evolutivo e especialista em doenças infecciosas, entende a pandemia não apenas como um evento biológico isolado, mas um fenômeno enraizado em questões sociais, políticas e econômicas mundiais. Em seu livro “Pandemia e Agronegócio” (Wallace, 2020), considera o processo de modernização de empresas, indústrias e produção agropecuária como o principal responsável por distúrbios naturais que levam ao surgimento de novos patógenos e sua disseminação. Como já mencionado, as alterações ambientais provocadas no âmbito do capitalismo são impulsionadas por invasões de áreas florestais, destruição de biomas e biodiversidade, captação desenfreada de recursos naturais, emissão de dióxido de carbono na atmosfera, uso desregulado da terra, produção de resíduos etc. Por si só, todas essas ações constituem fatores que podem levar ao aparecimento de novas doenças e, conseqüentemente, novas epidemias.

Wallace (2020) explica que, antes da Revolução Verde, processo de padronização e expansão da indústria agropecuária ocorrida entre as décadas de 1960 e 1970, diferentes espécies coabitavam o mesmo território. Na pecuária, por exemplo, porcos, aves, caprinos e bovinos eram criados em espaços abertos e, em muitos casos, trocando fluídos. Essa interação aparentemente perigosa, ao contrário, atuava como uma barreira para novas doenças, uma vez que a diversidade genética e imunológica dificultava a circulação de vírus entre as espécies e, ao mesmo tempo, funcionava como vacina natural. Quando animais são criados em espaços

próximos, novos patógenos podem testar caminhos evolutivos, alterando seus níveis de patogenicidade, enquanto os animais podem adquirir uma resistência orgânica. Com o monocultivo em grandes latifúndios, essa barreira natural é quebrada, facilitando o surgimento de novos patógenos.

Por esse motivo, o autor chama atenção para alguns fatores ignorados no debate, como a diminuição de diversidade genética de animais criados para o abate e a relação entre a utilização de antibióticos em criações de animais e transbordamento. Essa padronização de espécies, com adoção de monoculturas de animais geneticamente selecionados, facilita não só a propagação como também o aprimoramento (adaptação) de patógenos. O agronegócio dispensa a seleção natural ao aprimorar geneticamente espécies, assim, não há resistência imunológica a novos patógenos. Na medida em que a modernização e a expansão agrícola e animal enfraqueceram esse processo de resistência, o modelo de produção expande a interface entre animais domesticados e animais silvestres.

Sob a justificativa de aumentar a produção para suprir a demanda mundial de alimentação, grandes produtores investiram em melhoramento genético de plantas e animais, assim como na adoção de práticas de biossegurança que setorizam espécies. Todavia, essas práticas se mostraram contraditórias não só pela manutenção da insegurança alimentar, mas também pela responsabilidade em criar ambientes propícios para disseminação de vírus entre espécies semelhantes e imunologicamente enfraquecidas. O geógrafo Allan Rodrigo de Campos Silva (2021), tradutor da obra “Pandemia e Agronegócio”, explica como esse transbordamento poderia acontecer:

Quando os vírus das aves selvagens infectam, por exemplo, um celeiro de frangos de corte, encontram uma via livre para testar caminhos de evolução para sua patogenicidade e virulência, sem, contudo, contar com os mecanismos de interrupção de doenças com que as florestas e os bandos de animais selvagens possuem em razão de sua biodiversidade (Silva in Wallace, 2021).

Em face disso, Wallace (2020) questiona também o capitalismo verde e as respostas “sustentáveis” apontadas por empresas, na medida em que tais soluções ignoram que a causa está justamente na produção em larga escala para suprir demandas do mercado internacional. Enquanto o aumento populacional é utilizado como justificativa para ampliar áreas de cultivo latifundiário em modelo de monocultura, o agronegócio demonstra que não está interessado em produzir para classes mais baixas, pois elas não retornam o rendimento. Em outras palavras, embora esse modelo agroindustrial utilize subjetivamente a justificativa de combate à “fome

mundial” para práticas agressivas ao meio ambiente, mostra-se incoerente e antagônico ao promover o lucro de grandes proprietários de terra e empresas, enquanto pessoas continuam morrendo por desnutrição. Dessa forma, o discurso de combate à fome mostra como seu verdadeiro interesse é a neoliberalização da natureza e acúmulo de lucro.

Na visão de Wallace (2020), o sistema industrial mundial é incapaz de alimentar a população mundial justamente por transformar a alimentação em mercadoria, enquanto, de outro lado, o cuidado e a cura também são produtos caros e disponíveis apenas a quem pode comprar. Em um sistema que transforma em mercadoria necessidades básicas como alimentação e saúde, essas ofertas de ajuda das grandes indústrias não se mostram mais do que estratégias comerciais de expansão para regiões periféricas, onde há um afrouxamento de regulamentações ambientais e políticas sociais contraditórias.

É preciso refletir também a origem estadunidense desse modelo de produção industrial de confinamento, manipulação genética animal e padronização de espécies. Ainda que líderes dos EUA aparentem preocupação com surgimento do vírus e com a possibilidade de novas epidemias, o país é conhecido por aproveitar de frágeis regulamentações ambientais e sanitárias de outros países para instalar um número infindável de indústrias. Além disso, o país foi criticado pela desorganização ao longo da sindemia e respostas ineficazes, convertendo-se no maior número de mortos causados pela doença. Uma das explicações para isso é a ausência de um sistema de saúde pública que englobe medicina e farmacologia, suscitando a vulnerabilização de sua população. Esses fatos despertam questões sobre os interesses de um país onde o lucro empresarial prevalece sobre os impactos ambientais e a medicina é um produto oneroso, inacessível a todos.

Um fator fundamental a ser considerado no surgimento de novos vírus são as mudanças climáticas. Ao refletir sobre as consequências das mudanças climáticas, Rabello e Oliveira *et al.* (2020) demonstram, por meio de pesquisas, como o derretimento de *pergelissolo* — também chamado de *permafrost*, composto de solo, gelo e rochas congeladas — pode representar um risco caso algum vírus seja liberado. Só nas geleiras do Himalaia foram descobertos 28 grupos virais até então congelados há mais de 15 mil anos. Na Sibéria, em 2004, um grupo de cientistas da Universidade de Aix-Marseille encontrou um vírus que estava adormecido há 30 mil anos e voltou a se tornar contagioso (Morelle, 2014). Ainda não há relatos de contágio após o degelo de *pergelissolo*, mas as pesquisas evidenciam o risco real de surgimento de novos vírus a partir de seu derretimento.

Outra consequência do aumento de temperaturas será a entrada de novos patógenos em circulação, além da maior reprodução de outros já existentes, principalmente as arboviroses —

doenças transmitidas por pernilongos e mosquitos. Os insetos têm se adaptado bem ao atual período de temperaturas extremas, por isso, a probabilidade de aumentar a circulação de vírus é grande. É o caso do *Aedes aegypti*, transmissor de doenças como dengue, chikungunya e zica vírus. Atualmente, sabe-se que a reprodução do inseto pode acontecer também em água suja e até no lixão, além disso, que seu ovo pode se tornar viveiro por até um ano, mesmo sem a existência de água.

O impacto dessas doenças é sempre maior entre a população mais pobre, de periferia, que sofre com ausência de saneamento básico, estrutura habitacional, água potável, condições de moradia. O aumento do número de enchentes poderá incidir em crescimento de doenças infecciosas e parasitárias, caso da leptospirose. A falta de água provocada por secas pode acarretar contaminação por ingestão de água contaminada, podendo levar a esquistossomose e diarreias (De Camargo *et al.*, 2018). Outra problemática é o uso de agrotóxicos, que tende a aumentar com as altas temperaturas, levando insetos a ficarem mais resistentes (Carvalho, 2023).

Para entender melhor essa questão, pode-se refletir sobre a tendência, entre bilionários, de construção de *bunkers* com capacidade de sustentação para um ano e resistentes a terremotos, explosões nucleares, pandemias e inundações. Outra informação que entrou no centro do debate internacional se refere a um relatório elaborado pela Oxfam, uma instituição de caridade britânica. A entidade investigou o estilo de vida e investimentos de 125 bilionários do mundo e chegou à resolução de que essas pessoas são responsáveis pela emissão de 70% dos gases poluentes na atmosfera. Além de indústrias poluentes, os bilionários contribuem para emissão de dióxido de carbono (CO<sub>2</sub>) com uso de jatinhos particulares e iates. Enquanto a população em geral produz 2,7 toneladas, os super-ricos chegam a uma média de 393 milhões de toneladas de CO<sub>2</sub> por ano (Oxfam, 2022).

Por outro lado, o debate constante em torno do tema fez com que alguns países europeus, liderado pela França, banissem voos curtos entre países próximos, incentivando a locomoção por meio de trens, enquanto a população trabalhadora questiona, uma vez que muitos voos europeus costumam ter um valor mais acessível em comparação a passagens de trem. Tal comparação auxilia a compreender como a responsabilização tende a ser desigual, com maior força para grupos econômico e socialmente enfraquecidos.

Conscientes da atuação de grupos políticos e da contribuição desproporcional entre estratos sociais mais afluentes e povos marginalizados, Latour (2020) pondera sobre a falta de apreensão das classes dirigentes com as mudanças climáticas, mas em financiar o negacionismo climático, encontrar soluções e refúgio para o próprio grupo. Em sua análise, as elites

compreenderam a ameaça ao sistema Terra, todavia, o interesse em aumentar e manter suas fortunas é maior. Embora Latour (2020) não se refira declaradamente à guerra de classes, utiliza a palavra "guerra" metaforicamente. Em sua interpretação, vive-se um estado de guerra não declarado, uma guerra civil e moral entre dois mundos: os que querem melhorar a vida para os “terranos” e os que buscam se refugiar fora dele.

Uma evidência indubitável dessa dualidade entre grupos sociais e interesses particulares seria a saída dos Estados Unidos de acordos sobre o clima, o que deixaria um estado de guerra de interesses ainda mais evidente. Na compreensão de Latour (2020, p. 39): “Não se trata de uma política da ‘pós-verdade’, mas sim de uma política da pós-política, ou seja, literalmente sem objeto, na medida em que ela rejeita o mundo que reivindica habitar. A escolha é completamente insana, mas compreensível”. Admite, portanto, que o Novo Regime Climático está diretamente ligado a injustiças e desigualdades, o que é compreensível, uma vez que não serão os bilionários as principais vítimas de crises migratórias, cheias e tornados.

Diante desse quadro, metas de redução de emissão de carbono, diminuição de produção de plástico e redução de danos são medidas insuficientes para prevenir um colapso ambiental. É preciso pensar em mudanças profundas nas estruturas políticas, sociais, econômicas e culturais. Pois, mais do que proteger as florestas, é fundamental repensar o modelo econômico que vê na floresta possibilidade de enriquecimento; mais do que catalogar novos patógenos, é necessário repensar o modelo de monocultura latifundiária e padronização de espécies que possibilitam que esses patógenos se tornem epidêmicos; mais do que estabelecer metas em grandes indústrias, é substancial repensar a cultura de consumo, descarte e ostentação de riquezas; mais do que diminuir a extração de recursos naturais, é preciso focar em projetos globais, como transporte coletivo eficiente e de menor poluição.

### 1.3 MEDICAMENTOS EM USO *OFF LABEL*<sup>7</sup> E O DESABONO À CIÊNCIA

Os trechos a seguir ilustram um sintoma dos conflitos de narrativas e informações vivenciados durante a pandemia da Covid-19:

---

<sup>7</sup>Medicamentos em uso *off label* são drogas utilizadas em posologia, dosagem ou indicação distinta daquela já prescrita em seu registro sanitário (Aniceto, 2019). No Brasil, o uso *off label* segue uma regulamentação da Anvisa, que concede ao médico a autonomia para decidir considerando os riscos e possíveis benefícios.

Não há evidências científicas de que um vírus chamado Sars-CoV-2 cause uma doença chamada COVID-19. COVID é obviamente um parasita, não um coronavírus. Se os medicamentos hidroxicloroquina, zinco e azitromicina tivessem sido administrados globalmente desde o início, a fraudemia já teria acabado há meses, mas isso não interessa aos globalistas e indústria farmacêutica (Cunha<sup>8</sup>, 2020).

Quando digo milagre, não uso esse termo levemente [...] [É] que é uma recomendação científica baseada em montanhas de dados que surgiram nos últimos três meses (Kory<sup>9</sup>, 2020).

Enquanto a população mergulhava no mar de informações desconectadas, pesquisadores foram levados a debater termos e conceitos para compreender o fenômeno. A epistemologia da desinformação ganhou espaço de discussão em mídias, redes sociais e, posteriormente, até em mesas de bar ou em frente aos quartéis. No Brasil, palavras como *fake news*, desinformação, negacionismo, infodemia e discurso de ódio ganharam manchetes e espaços em jornais. O espaço político, já polarizado, acentuava ainda mais as diferenças entre os “defensores da ciência” x “terraplanistas”, os “pró-vacinas” x e missionários do “tratamento precoce”.

### 1.3.1 Cloroquina e Ivermectina

Um dos primeiros estudos a defender o uso de cloroquina foi publicado em março de 2020. Chamado *Hydroxychloroquine and azithromycin as a treatment of Covid-19: results of an open-label non-randomized clinical trial* (Hidroxicloroquina e azitromicina como tratamento da Covid-19: resultados de um ensaio clínico não randomizado e aberto), foi publicado na revista *International Journal of Antimicrobial Agents* (Gautret *et al.*, 2020). O estudo francês sugeria a eficiência na utilização de hidroxicloroquina e azitromicina como tratamento para a Covid-19. No ensaio clínico não randomizado e aberto<sup>10</sup>, foram testadas 36 pessoas contaminadas com Sars-CoV-2. Cada uma delas recebeu 600 mg de hidroxicloroquina

<sup>8</sup>Renato Cunha Oliveira é criador do site “Stylo Urbano” com o autodenominado objetivo de “apresentar aos leitores o que existe de mais interessante no mundo da moda, artes, design, sustentabilidade, inovação, tecnologia, arquitetura, decoração e comportamento”, todavia apresenta vasto acervo de matérias relacionadas à pandemia, cujos principais temas são negação à Covid-19 e acusações direcionadas à vacinação.

<sup>9</sup>Pierre Kory é um médico intensivista estadunidense que ficou conhecido no país por defender, no Senado, a utilização de medicamentos *off label* como ivermectina, além de fazer declarações contra a utilização de vacinas.

<sup>10</sup>No ensaio clínico não randomizado e aberto, os participantes são escolhidos para o tratamento, seguindo critérios da pesquisa e ficam cientes da medicação que irão receber. A não randomização dificulta a comparação com grupos que não receberam o medicamento e o fato de ser aberto, pode suscitar erros como o efeito placebo.

diariamente e, dependendo da condição clínica do paciente, foi adicionado o antibiótico azitromicina (Gautret *et al.*, 2020). O estudo concluiu que a utilização das medicações em indivíduos positivados era capaz de reduzir e mesmo eliminar a carga viral em até seis dias.

Imediatamente após a publicação, o ensaio foi amplamente divulgado e comemorado com entusiasmo. Não foram apenas sites especializados a difundir os resultados da pesquisa, mas também noticiários do mundo todo. O tratamento significava uma solução barata para estados, salvação para economias paradas nas quarentenas e esperança de cura para a população global. Em 28 de março do mesmo ano, a *Food and Drug Administration* (FDA) liberou o uso emergencial de fosfato de cloroquina e do sulfato de hidroxicloroquina em casos graves de Covid-19 (G1, 2020). Todavia, a comunidade científica ficou em alerta diante da falta de rigor da pesquisa, inconsistência na qualidade dos dados e falhas metodológicas. A amostra foi considerada pequena para que conclusões definitivas fossem estabelecidas, uma vez que ensaios clínicos envolvem centenas ou milhares de pessoas; também foi criticada a falta de acompanhamento adequado para verificar possíveis efeitos colaterais do uso dessas medicações. Diante das críticas, FDA revogou a medida em 15 de junho do mesmo ano.

Apesar dos alertas da comunidade científica, os medicamentos foram popularizados como uma das soluções mágicas para a doença viral. A informação de que um medicamento existente seria a solução para a pandemia ganhou ainda mais relevância após o então presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, defender o uso do remédio associado a outros, por meio publicações em redes sociais e declarações em entrevistas. Em sites bolsonaristas, notícias sobre supostos experimentos de sucesso realizados por médicos de diferentes países circulam entre as publicações. Caso, por exemplo, da médica Stella Immanuel, exemplificada aqui com um trecho da notícia: “Covid-19 e os globalistas: médica cura 350 pessoas com hidroxicloroquina e é censurada nas redes sociais” que circulou na “Mídia sem Máscara”:

Por que a médica Stella Immanuel, que relata seu êxito total ao tratar com hidroxicloroquina 350 pacientes com a gripe do Covid-19, foi censurada? Vamos a alguns fatos. Stella Immanuel não é a primeira médica a dizer que a hidroxicloroquina, bem como o conhecido coquetel composto por esse medicamento somado à azitromicina e ao zinco, podem ser decisivos para curar as pessoas que contraíram a gripe do vírus Covid-19. O que ela conta está em perfeita sintonia com o que afirmam publicamente e recomendam médicos e cientistas importantes, como o francês Didier Raoult. Ela relata que tratou 350 pacientes com o coronavírus, e nenhum deles morreu. ‘Pacientes com diabetes, pacientes com pressão alta, pacientes com asma, e pessoas idosas. Eu acho que meu paciente mais velho tem 92 anos, há outro com 87, e o resultado tem sido o mesmo. Dou a eles hidroxicloroquina, com zinco e azitromicina, e estão todos bem.’ [...]

Negra, africana, pregadora pentecostal, e com vídeos circulando no qual confronta um militante branco do grupo terrorista Black Lives Matter, Stella Immanuel é, hoje, um pesadelo para um establishment global anticristão ávido por impor políticas de cunho socialista e de redução da população. Já está sendo vítima de ridicularização, o que no fim é pura desconversa. Stella incomoda tanto quanto como outros dois que, curiosamente, também defendem o uso da hidroxicloroquina: Donald Trump e Jair Bolsonaro – esse último com a autoridade de quem “pratica o que prega”: ao contrair o vírus, tratou-se exatamente com o que recomendou. E nem sequer parece que contraiu alguma doença recentemente (Mídia sem Máscara, 2020).

A “ridicularização” e “desconversa” que o texto se refere foi uma série de debates em redes sociais sobre o histórico de declarações da referida médica. Uma reportagem do jornalista queniano Dickens Olewe para a BBC News de Londres mostrou que a médica é uma pastora cristã fundamentalista, fundadora de uma religião neopentecostal. Stella Immanuel tem um canal no *YouTube* onde já fez declarações associando surgimento de doenças femininas (como endometriose, infertilidade e aborto) a sonhos eróticos com demônios. Em outro, declarou que o DNA alienígena teria sido utilizado por pesquisadores na criação de vacinas (Olewe, 2020). Em um histórico de bizarrices, questionar uma declaração não é desconversar ou ridicularizar, mas utilizar bom-senso.

No segundo trecho, observa-se como a defesa de Donald Trump e Jair Bolsonaro, mais do que impulsionar, legitimou a narrativa de doença com possibilidade de cura. Seguindo o exemplo de Trump, o ex-presidente Jair Messias Bolsonaro também aderiu à defesa pública das medicações. Em contraponto ao alerta de médicos e pesquisadores, teorias conspiratórias sobre *Big Pharma* circulavam em redes de *WhatsApp* e *Telegram* e suscitavam a dúvida. Afinal, se um remédio consumido há décadas poderia ser a solução para a pandemia, por que tanto receio em o utilizar?

Hidroxicloroquina e cloroquina são fármacos já conhecido pela comunidade médica. A cloroquina é um medicamento mais antigo, utilizada há mais de 70 anos no combate à malária, cuja diferença em relação à primeira está na formulação, considerada mais segura e com menos efeitos colaterais. Ambos os medicamentos são derivados da “quinina” e indicados para tratamento de doenças imunomediadas (também chamadas autoimunes, como lúpus, artrite reumatoide e síndrome de Sjögren) e malária. Não sem ironia, essa não foi a primeira vez que a quinina foi indicada para tratamento durante uma pandemia. A substância alcaloide foi utilizada amplamente no tratamento contra gripe espanhola, no início do século, mesmo não havendo estudos ou comprovação médica.

Após mais de quatro anos de debates, o texto original de Gautret *et al.* (2020) foi retirado do site no início de 2025, diante de uma série de acusações e críticas referentes ao método e à

ética do processo, e em seu lugar foi publicada uma retratação. A seleção dos participantes foi considerada suspeita, pois a investigação não descobriu se houve aprovação ética antes de iniciar a pesquisa, nem se os participantes haviam dado permissão para a utilização de azitromicina. Um fator ainda mais grave foi a retirada de seis voluntários do experimento. Um faleceu e três foram encaminhados para terapia intensiva, o que pode ter contribuído para o resultado positivo da pesquisa (CFF, 2024).

Outra suspeita levantada foi quanto à revisão, realizada em apenas quatro dias, 16 e 20 de março de 2020. Segundo Van Noorden, em artigo na revista científica *Nature*, a demora em admitir o erro se deveu à resistência de um dos coautores, o microbiologista francês Didier Raoult<sup>11</sup>, em insistir na defesa da utilização dos medicamentos. Em 2024, Raoult recebeu uma punição por ter sido advertido diversas vezes e após ele mesmo admitir, em janeiro de 2021, que a cloroquina não reduzia o agravamento e a mortalidade da Covid-19 (O Globo, 2024). Com isso, seu registro foi cassado temporariamente, devendo ficar longe da medicina entre 2025 e 2026.

Outro medicamento popularizado em 2020 e apontado como possível solução para a Covid-19 foi o antiparasitário ivermectina. A droga é um medicamento seguro, amplamente comercializado e funcional ao eliminar vermes e parasitas de humanos e animais. Sua popularização iniciou após um grupo de pesquisadores australianos realizar testes *in vitro* e apontar como um possível inibidor da replicação do Sars-CoV-2 (Caly *et al.*, 2020). A quantidade necessária para garantir esse mesmo efeito em seres humanos, todavia, teria que ser 17 vezes maior do que o nível tolerado, o que causaria toxicidade ao fígado. Na ânsia de encontrar uma solução fácil para a doença, vários testes foram realizados subsequentemente, no entanto, não comprovaram a eficácia do medicamento. Alguns, inclusive, foram acusados de utilizar dados fraudulentos para incitar o resultado positivo dos experimentos (The Guardian, 2021). No início de 2021, um estudo espanhol randomizado, duplo-cego e controlado com placebo apontou como resultados a redução da carga viral e de sintomas como tosse, perda de olfato e paladar, porém, não teve efeito sobre o processo inflamatório do vírus, na diminuição da febre e interações (Chaccour *et al.*, 2021).

Embora outros estudos em torno do consumo de hidroxicloroquina tenham sido iniciados, o uso político da medicação impediu que pesquisas com mais rigor científico fossem realizadas. Se, por um lado, o medicamento foi defendido e propagandeado como o salvador da

---

<sup>11</sup>Os demais autores do artigo foram: Gautret, Philippe; Lagier Jean-Christophe; Parola, Philippe; Hoang Van Thuan; Meddeb Line; Mailhe Morgane; Doudier, Barbara; Courjon, Johan; Giordanengo, Valérie; Vieira, Vera Esteves; Dupont Hervé Tissot; Honoré, Stéphane; Colson, Philippe; Chabrière, Eric; La Scola, Bernard; Rolain, Jean-Marc; Brouqui; Philippe; Raoult, Didier (Gautret *et al.*, 2020).

pandemia, por outro, a falta de evidências conclusivas e necessidade de prudência colocou os defensores da ciência a afirmar que o medicamento era comprovadamente ineficaz.

Estudos mais recentes mostram, todavia, que o uso profilático do medicamento pode ter ajudado a diminuir o tempo de internamento de pacientes em até dois dias. O grupo de estudos Copcov, patrocinado pela Universidade de Oxford, reuniu participantes e pesquisadores de 11 países, do Reino Unido, Ásia e África. A pesquisa recrutou 4.652 participantes para uma avaliação duplo-cega, randomizada e controlada por placebo. Embora o uso de cloroquina já tivesse sido comprovado como ineficaz para casos de evolução da doença, em pacientes já hospitalizados, não havia conclusões definitivas quanto ao uso profilático pré-exposição. A pesquisa mostrou que os pacientes do estudo que tomaram cloroquina tiveram menos eventos adversos, menos infecções respiratórias, maior rapidez na recuperação dos pacientes, redução de 20% nas chances de contágio, contudo, não alterou a gravidade da doença respiratória (Schilling, 2024).

Em relação à ivermectina, o estudo clínico randomizado, controlado, multicêntrico, aberto, multibraço e de plataforma adaptativa, realizado com 5.638 pacientes, é o maior trabalho sobre sua eficácia no tratamento da Covid-19. Publicado no *Journal of Infection*, esse estudo concluiu que, embora o medicamento não tenha demonstrado eficácia na prevenção de hospitalizações, ele foi capaz de reduzir o tempo de internação e acelerar a recuperação dos pacientes em até dois dias, segundo dados de recuperação autorrelatada (Hayward *et al.*, 2024). Este achado está em consonância com os resultados da pesquisa Activ-6, realizada em 2022, de caráter randomizado, duplo-cego e controlado por placebo. Embora não tenha influenciado na taxa de mortalidade ou nas hospitalizações, o estudo sugeriu que a ivermectina pode diminuir o tempo de recuperação em até um dia (Naggie *et al.*, 2022).

Os resultados dessas pesquisas apresentam elementos modestos, contudo, mostram que “defender a ciência” é também compreender que os pesquisadores trabalham para minimizar as chances de erro e aumentar a probabilidade de acerto, mas o resultado nem sempre é preto ou branco. Obviamente, isso não significa que se deve abrir espaço para controvérsias em questões já estabelecidas, como o formato da Terra, a relação entre o tabagismo e o câncer ou a existência histórica do Holocausto, mas reconhecer que, no campo das descobertas, há um processo contínuo de coleta e interpretação de evidências, o que dificulta o estabelecimento de um consenso. Além disso, a ciência produz resultados a serem interpretados, e esse olhar pode ser usado para criar discursos que corroborem ideias preexistentes, como discursos políticos e empresariais. É substancial compreender que a ciência pode, por vezes, apresentar e representar ambiguidade em diferentes pontos de vista.

Exemplificando, para os defensores do uso de ivermectina e cloroquina, esses resultados, embora modestos, poderiam ser interpretados como uma validação dos seus pontos de vista. No entanto, é fundamental considerar que, em uma doença tão grave como a Covid-19, acelerar a recuperação em casos não graves é insuficiente diante do manutenção do risco de óbito e hospitalizações. Além disso, o perigo de possíveis efeitos colaterais das medicações são grandes em comparação aos poucos benefícios. Ou seja, o que torna inseguro o uso dessas medicações combinadas é o risco de agravo no quadro clínico, exposição a efeitos colaterais graves, como arritmia cardíaca, e insignificância no desfecho final da doença, ou seja, na redução de óbitos. Era preciso mais do que isso: gerar imunidade para permitir que o organismo enfrentasse o coronavírus sem agravar os quadros clínicos preexistentes. Por isso a importância de criar canais de diálogo com a sociedade civil, visando a estabelecer maior grau de confiança nas instituições científicas, reconhecendo sua subjetividade e complexidade na busca por verdades.

Ao defender a utilização dessas medicações e criticar a atenção que estaria sendo direcionada à sindemia, o ex-presidente Jair Bolsonaro chegou a comparar a Covid-19 com a H1N1, de 2009, afirmando que, segundo ele, a reação “não foi tão exagerada”. Contudo, no caso da Covid-19, tanto a taxa de transmissibilidade quanto a letalidade foram maiores, o que indicava a seriedade da doença. Um fator fundamental era justamente a ausência de um medicamento para tratamento de casos graves de Covid-19. Na pandemia de H1N1, foram utilizados inibidores de neuraminidase (NIs), como o fosfato de oseltamivir (conhecido como Tamiflu), mesmo que não houvesse pesquisas definitivas que indicassem eficácia contra a influenza A. Naquele momento, a medicação foi indicada como uma alternativa, sendo amplamente utilizada por médicos de todo o mundo. Mas se o Tamiflu foi um remédio indicado para H1N1 por estudos observacionais, não controlados (Barifousse, 2020), por que sua indicação para tratamento da influenza foi considerada adequada, enquanto, a partir da mesma metodologia de estudos, cloroquina e ivermectina seriam inadequados no tratamento da Covid-19?

Ao contrário dos medicamentos do “tratamento precoce”, o fosfato de oseltamivir se mostrou eficaz e seguro no tratamento da síndrome gripal na redução de complicações e duração dos sintomas da doença, especialmente entre grupos de fatores de risco, como doentes crônicos, gestantes, idosos e crianças menores de idade (Tejada *et al.*, 2021). Além disso, o medicamento já estava estabelecido como um antiviral eficaz no tratamento de influenzas, com análise positiva de risco x benefícios, uma vez que os possíveis efeitos colaterais correspondem a náuseas, enjoo e pesadelos. Esse não é o caso da ivermectina e da cloroquina, pois os riscos de

agravamento no quadro de pessoas internadas são altos e incluem problemas hepáticos e arritmia como possíveis efeitos colaterais. Segundo o protocolo do Ministério da Saúde para tratamento de influenza em vigor em 2025, o fosfato de oseltamivir “é indicado para todos os casos de síndrome gripal que tenham condições e fatores de risco para complicações, independentemente da situação vacinal, mesmo em atendimento ambulatorial” (Brasil, 2024).

### 1.3.2 Caso Prevent Senior

Talvez o caso mais emblemático na defesa do uso desses medicamentos combinados seja o da Prevent Senior. A empresa paulistana, criada em 1997 pelos irmãos Eduardo e Fernando Parrillo, é uma seguradora de saúde voltada para atendimento médico a idosos. Em março de 2020, o então ministro da Saúde do governo Jair Bolsonaro, Luís Mandetta, notou o alto número de mortes em hospitais da rede Sancta Maggiore, pertencentes ao sistema Prevent Senior. Naquele mês, ocorreram 136 óbitos na cidade de São Paulo, dos quais 79 foram nos hospitais da seguradora, correspondendo a 58%. O número escandaloso levantou suspeitas a respeito do procedimento que estaria sendo adotado nesses hospitais (Bertoni, 2021).

As primeiras investigações mostraram que, sob determinação de um núcleo central, os médicos seguiam um protocolo predeterminado, em que os pacientes com sintomas gripais eram orientados a tomar um conjunto de medicamentos que denominaram “Kit Covid”. A prescrição era entregue antes mesmo do diagnóstico positivo e mesmo que os pacientes fossem assintomáticos. A receita padrão continha os seguintes medicamentos, orientações e posologia: hidroxicloroquina, 8 comprimidos, sendo 2 comprimidos ao primeiro dia e mais 1 comprimido por 6 dias; azitromicina 500 mg, uma vez ao dia, por 5 dias; prednisona 20 mg, 2 comprimidos por dia, por 7 dias; calciferol, vitamina D3, um por dia, durante 5 dias; ivermectina 6 mg, 3 comprimidos em dose única; colchicina 0,5 mg, 2 comprimidos por 3 dias, mais 1 comprimido por 4 dias. E, com tudo isso, acompanhava ainda uma receita de vitamina com *whey pretein* (Pereira Júnior in O caso Prevent Senior, 2021).

**Figura 2:** Reprodução de receita do “Kit Covid”

1. HIDROXICLOROQUINA 400MG-----	8 CPS
Tomar 1cp de 12/12h no 1º dia. A seguir, tomar 1cp 1x ao dia do 2º ao 7º dia.	
2. AZITROMICINA 500MG-----	5 CPS
Tomar 1cp 1x ao dia por 5 dias	
3. ÁCIDO ASCÓRBICO/CALCIFEROL/ZINCO COMP EFERVESCENTE 1g	
Tomar 1 comprimido efervescente no almoço e outro no jantar (seja durante ou	
4. PREDNISONA 20MG -----	14 CP
Tomar 2 comprimidos por dia por 7 dias, se febre persistente por mais de 3 dias.	
5. CALCIFEROL VIT. D3 2000ui-----	5 CP
Tomar 1 cápsula no almoço por 5 dias.	
6 IVERMECTINA 6MG -----	3 CP
Tomar 3 comprimidos em dose única	
7. COLCHICINA 0,5mg-----	10 CP
Tomar 1 cp de 12/12 horas do 1º ao 3º dia.	
Tomar 1 cp uma vez ao dia do 4º ao 7º dia.	

Dr. Rafael S. Silva

Fonte: Pereira Júnior, 2021.

Acima, um exemplo de receita padrão enviada para os pacientes e assinada pelo médico cardiologista Rafael Souza da Silva, diretor-executivo da Prevent Senior. A mesma receita circulou em grupos de *WhatsApp* pelo Brasil todo.

De acordo com a denúncia de clientes, funcionários e médicos da Prevent Senior, a empresa teria realizado experimentos com cloroquina em seus pacientes nos hospitais vinculados ao plano. Um grupo de médicos que denunciou a seguradora ao Ministério Público relatou que foram coagidos a prescrever os medicamentos. Segundo a denúncia, havia uma ordem para que os profissionais receitassem o “Kit Covid” sob ameaça de demissão, posto que a Prevent Senior adotaria como princípio a “lealdade e obediência” de seus funcionários (Pereira Júnior *in* O caso Prevent Senior, 2021). Outra acusação é de que a empresa exigiria que médicos e enfermeiros trabalhassem mesmo tendo positivado para coronavírus.

A empresa também foi acusada de “maquiar” os dados relacionados aos óbitos dos pacientes, uma vez que, após cerca de duas semanas de internação, os pacientes tinham a CID-10 (Código Internacional de Doenças) do seu prontuário alterado e, conseqüentemente, também no atestado de óbito. A CID segue um acordo entre os países pertencentes à OMS com regras específicas, em que mortes relacionadas à Covid-19 são especificadas com a CID - B34.2 (infecção por coronavírus de localização não especificada) ou CID - U04.9 (síndrome

respiratória aguda grave — Sars). As regras internacionais para países membros da OMS estabelecem que, em casos de falecimento relacionado a combinações de doenças, deve ser apontada a causa primária que levou ao desarranjo (Câmara Municipal de São Paulo, 2022). Essa seria uma estratégia para ocultar a morbimortalidade nos hospitais da empresa.

Abrindo um parêntese, esse era um argumento recorrente entre negacionistas, de que os números estariam sendo insuflados e atestados de óbito manipulados para amplificar os números de mortes causadas pela Covid. É o que Patrícia Castro (2020) afirma nesse trecho de artigo publicado no “Mídia sem Máscara”:

O vírus existe e causou mortes, não tantas quantas foram noticiadas, mas pessoas morreram, como morrem de outras doenças. No entanto, sabemos que é um vírus de baixa letalidade porque para justificar uma série de medidas estúpidas de combate a “pandemia” foi necessário esticar ao máximo o número de mortes. Para isso, militantes de esquerda vestidos de jornalistas escondem a fraude nos atestados de óbito, manipulam estatísticas e gráficos, negam a existência de tratamento precoce e censuram (através do “*fact-checking*”) todos aqueles que conseguem desmontar a farsa que girou em torno de tudo a respeito do coronavírus (Castro, 2020).

Diante das acusações, a Prevent Senior foi investigada por duas comissões parlamentares de inquérito (CPI). A primeira foi realizada pela Câmara Municipal de São Paulo, com objetivo de averiguar todas as ações da empresa no enfrentamento à Covid-19 no município de São Paulo (Câmara Municipal de São Paulo, 2022). Às CPIs, a Prevent Senior alegou que seguiu as recomendações do Conselho Federal de Medicina, que defendeu a autonomia médica para receitar medicamentos *off label*, além disso, a entidade não se posicionou contra o uso das medicações. Quanto ao elevado número de mortes, alega que, por ter o atendimento voltado justamente para o público idoso e esse corresponder ao grupo de risco da Covid-19, naturalmente haveria mais mortes em comparação a outros hospitais. Quanto a mudanças na CID dos pacientes, o diretor da empresa, Pedro Benedito Batista Junior, apresentou a justificativa de que a CID era alterada, pois os pacientes não apresentariam mais risco de contaminação para as pessoas que frequentavam o hospital (Câmara Municipal de São Paulo, 2022).

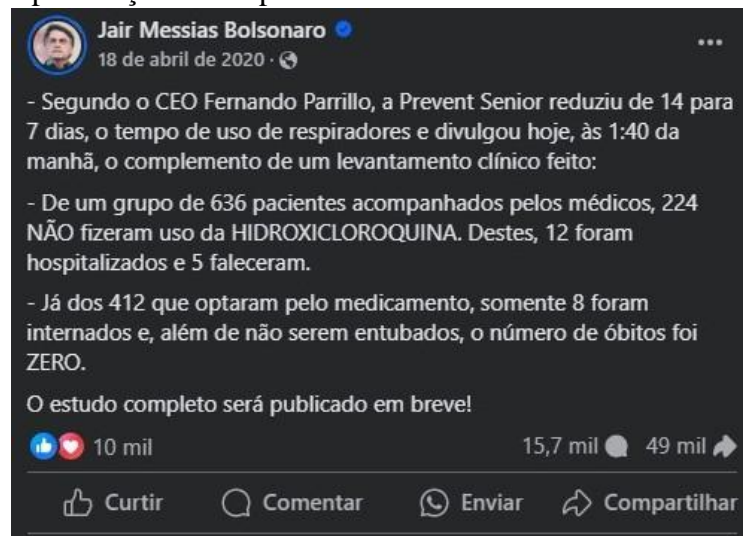
Diante das justificativas da empresa, a CPI municipal da Prevent Senior convidou o médico patologista Paulo Saldiva, da Faculdade de Medicina da USP, para analisar as declarações. Na CPI, o professor apresentou dados da pesquisa intitulada “Probabilidade de óbito dos pacientes hospitalizados com SRAG e Covid-19 notificados no SIVEP-Gripe no município de São Paulo”, ainda em andamento e não publicado. O estudo prévio mostrou que

a taxa de mortalidade nos hospitais da Prevent Senior era maior em comparação a unidades privadas ou públicas. Para formular os dados, a equipe de pesquisadores analisou informações disponibilizadas publicamente e nas bases de dados SIVEP-Gripe e Programa de Aprimoramento das Informações de Mortalidade (PRO-AIM), sobre internações e óbitos por Síndrome Respiratória Aguda Grave (SRAH+G), com classificação final sendo Covid-19 e outras causas. Segundo esses dados levantados pelo grupo de estudos de Paulo Saldiva, a taxa de letalidade de pessoas internadas nas UTIs da Prevent Senior foi a maior em todo o estado de São Paulo, mesmo quando os óbitos eram divididos por faixa de idade, correspondendo a 38,6%. Em comparação, a letalidade no Hospital das Clínicas foi de 32,5%, em hospitais públicos de São Paulo 32%, Hospital Oswaldo Cruz 9,3%, Hospital Albert Einstein 9% e Sírío Libanês 8,5% (Câmara Municipal de São Paulo, 2022).

A investigação mostrou que, de fato, havia um estudo sendo conduzido por Rodrigo Esper, da Prevent, sendo acompanhado pelo francês Didier Raoult. O texto do estudo foi divulgado na internet com o título: *“Empirical treatment with hydroxychloroquine and azitromycin for suspected cases of Covid-19 followed-up by telemedicine”* (Esper *et al.*, 2020) — em tradução livre “Tratamento empírico com hidroxicloroquina e azitromicina para casos suspeitos de Covid-19 acompanhados por telemedicina” —, imitando o formato de um artigo científico, mas sem ter sido publicado em revistas científicas. No texto, o estudo afirmava que 636 beneficiários do plano participaram da pesquisa, dos quais 412 casos suspeitos de Covid-19 foram tratados com o kit hidroxicloroquina mais azitromicina, com autorização formal dos pacientes, e 224 decidiram não aceitar os medicamentos. O kit era prescrito sem testagem positiva e em método de profilaxia, e levantou a hipótese de diversos pacientes utilizarem o “Kit Covid” sem diagnóstico.

Mesmo sem revisão ou rigor científico, a pseudopesquisa foi divulgada pela assessoria da Prevent em abril de 2020. No mesmo mês, o ex-presidente Jair Bolsonaro divulgou o experimento em postagem nas redes sociais em tom de vitória. As informações foram usadas para corroborar seu discurso de defesa da hidroxicloroquina no tratamento à Covid-19 e, para isso, inclusive, declarou que nenhum paciente tratado com o kit havia falecido.

**Figura 3:** Print de publicação do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro em uma rede social



Fonte: Reprodução do *Facebook* de Jair Messias Bolsonaro.

O suposto artigo afirmava que teriam havido duas mortes, mas médicos que levantaram os dados e denunciaram a Prevent afirmaram que, no grupo que tomou o kit, houve seis mortes e no que não tomou, duas. No dia 20 de abril, a comissão nacional de ética embargou o estudo e mandou suspender os testes por suspeita de fraude (Pereira Júnior in O caso Prevent Senior, 2021).

Diante das denúncias de ambas as CPIs, o Ministério Público Federal (MPF), o Ministério Público do Trabalho (MPT) e o Ministério Público de São Paulo (MP-SP) entraram com uma ação civil pública (ACP) contra a Prevent Senior. As acusações são de assédio moral organizacional; descumprimento das medidas de proteção à saúde e à segurança do trabalho durante a pandemia; violação da autonomia médica; e a realização de estudo com seres humanos sem autorização. A ação civil pública de dano moral coletivo pede uma indenização de 10% do faturamento entre 2020 e 2021, equivalente a R\$ 940 milhões (Agência Senado, 2024).

O “Caso Prevent Senior”, como foi chamado pela imprensa nacional, mostrou como os interesses de empresas sobressaem mesmo quando o assunto é saúde. Aqui, os pacientes não são vistos como pessoas em busca de cuidados médicos, mas como clientes em um negócio cujo lucro está ameaçado. A saúde individual é uma mercadoria de alto custo que pode ser colocada em risco se os interesses empresariais estiverem garantidos. Para garantir resultados positivos nos experimentos, foram capazes de alterar prontuários e mudar CID nas declarações de óbito. Quanto aos pacientes, ao se submeterem a um tratamento médico padrão, sem exames prévios conclusivos e sem definição objetiva quanto à eficácia desses medicamentos, se colocaram em uma posição de vulnerabilidade e exposição a perigos desnecessários. Esse

episódio mostra também como, ao buscar a validação de um tratamento sem comprovação científica, pacientes foram tratados como cobaias em um estudo que colocou prioridades políticas e empresariais acima de direitos individuais.

Outro fator exposto foi a falta de autonomia dentro dos hospitais da rede privada, nos quais médicos e outros profissionais de saúde foram tratados como empregados subjugados às determinações da instituição. Diante da ameaça de serem transformados em exército de reserva, trabalhadores se sentiram obrigados a cumprir determinações e prescrever medicamentos *off label*, mesmo que não concordassem com a prática. Note-se que, sob o lema de “lealdade e obediência”, esses funcionários se viram obrigados a seguir diretrizes empresariais mesmo que isso contrariasse os princípios éticos da medicina. Assim, o “Caso Prevent Senior” revela um total desrespeito aos direitos individuais tanto de servidores quanto de pacientes, tratados como peças em um jogo de interesse financeiro em que a imagem pública e os rendimentos da empresa se sobrepõem à saúde e à segurança das pessoas envolvidas. Os donos encaram o plano de saúde como um negócio cujo lucro é a prioridade.

### 1.3.3 Posicionamento do Governo Federal

Como já mencionado, uma figura central na defesa, divulgação e adoção de um protocolo de tratamento que adotou um conjunto de medicamentos *off label* foi o ex-presidente Jair Bolsonaro. No período em que o vírus chegou ao Brasil, em março de 2020, o ministro da Saúde era o médico Luiz Henrique Mandetta. Ele foi o primeiro a adotar protocolos de distanciamento e orientar a população acerca de medidas necessárias para conter o vírus. A preocupação de Mandetta era evitar que o vírus circulasse até que o SUS recebesse capacitação e equipamentos necessários para enfrentar a pandemia, para isso, pediu que as pessoas aderissem à quarentena. Essa postura, todavia, foi logo questionada pelo ex-presidente Jair Bolsonaro. Nas palavras de Mandetta:

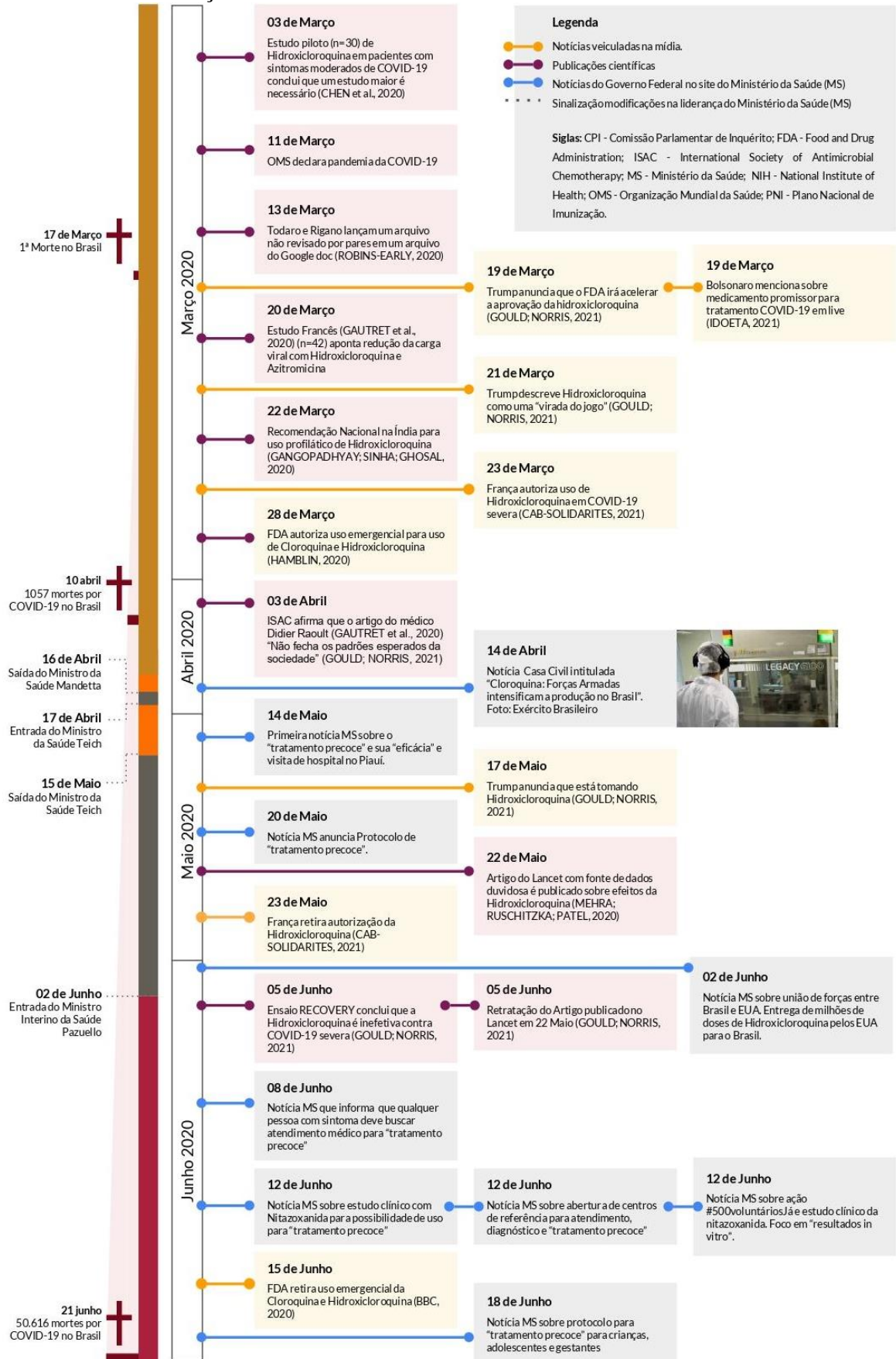
O presidente fez uma viagem para Mar-a-Lago e se reuniu com Trump. Tanto que dessa viagem, na volta, 17 pessoas dessa comitiva brasileira testaram positivo. E daí ele volta de lá com uma caixa de cloroquina na mão, o Trump com outra caixa de cloroquina lá nos Estados Unidos e falando que ‘olha, isso daqui resolve, vamos dar isso daqui e manda esse povo trabalhar’ e eu tentando explicar que não era assim, que não era tão simples. Só que ele foi radicalizando. Ele ia pra mídia social, ia pra imprensa e falava o contrário do que a gente dava de recomendação (Mandetta *in* O caso Prevent Senior, 2021).

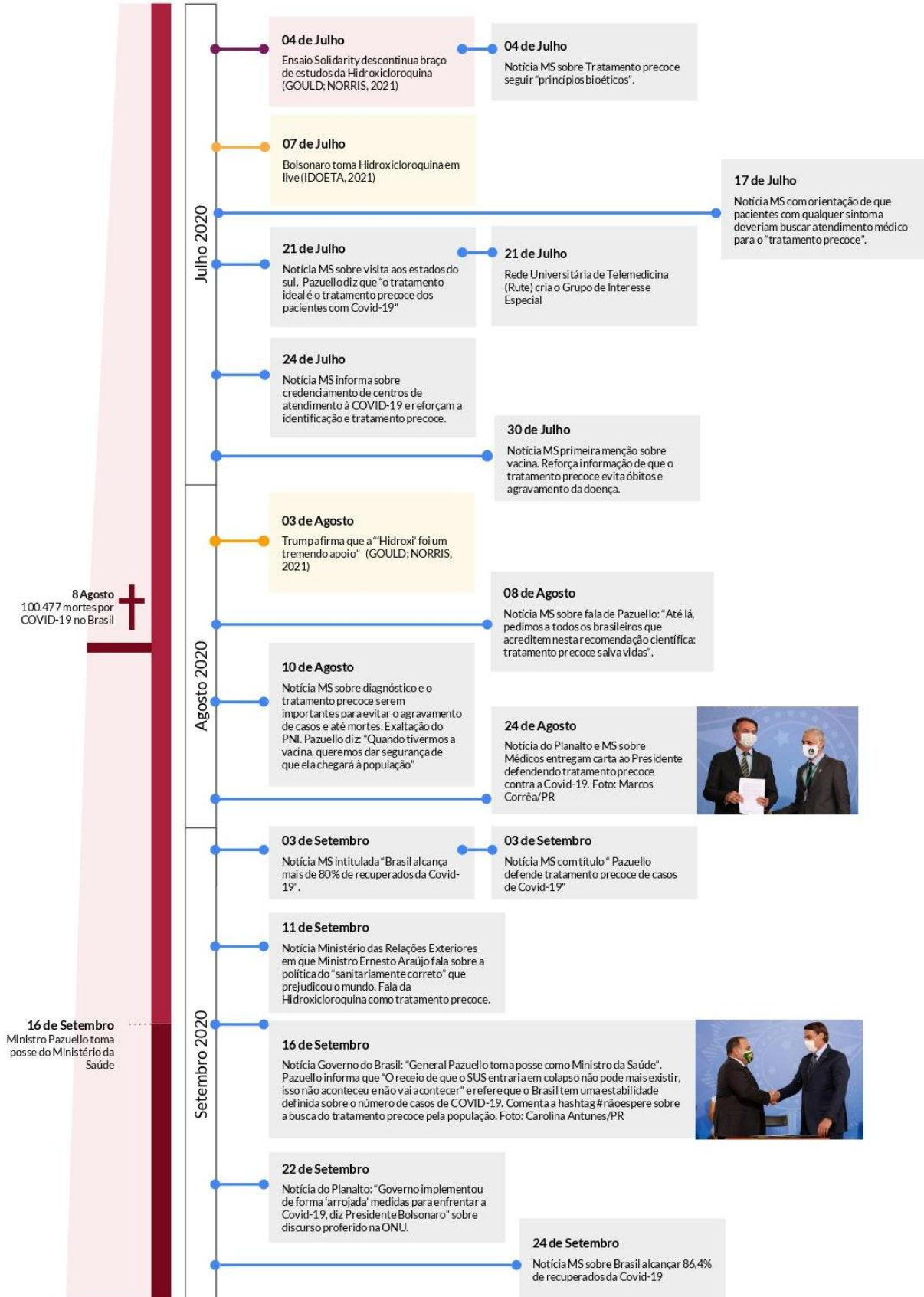
Para compreender a fala de Mandetta no contexto político e histórico, convém analisar também uma linha do tempo elaborada por Floss *et al.* (2023). A partir de um trabalho de coleta e sistematização no site do Ministério da Saúde, somado à observação das principais pesquisas em torno do uso de medicamentos *off label*, os pesquisadores evidenciam o posicionamento político do ex-presidente, as mudanças no Ministério da Saúde, as declarações dos ex-ministros e as ações dos principais órgãos de saúde do mundo. Por meio desse recurso, é importante observar a mudança de posicionamento do Ministério da Saúde em relação ao uso de medicações alternativas, que passariam a ser chamadas de “tratamento precoce<sup>12</sup>”, durante os anos de 2020 e 2021.

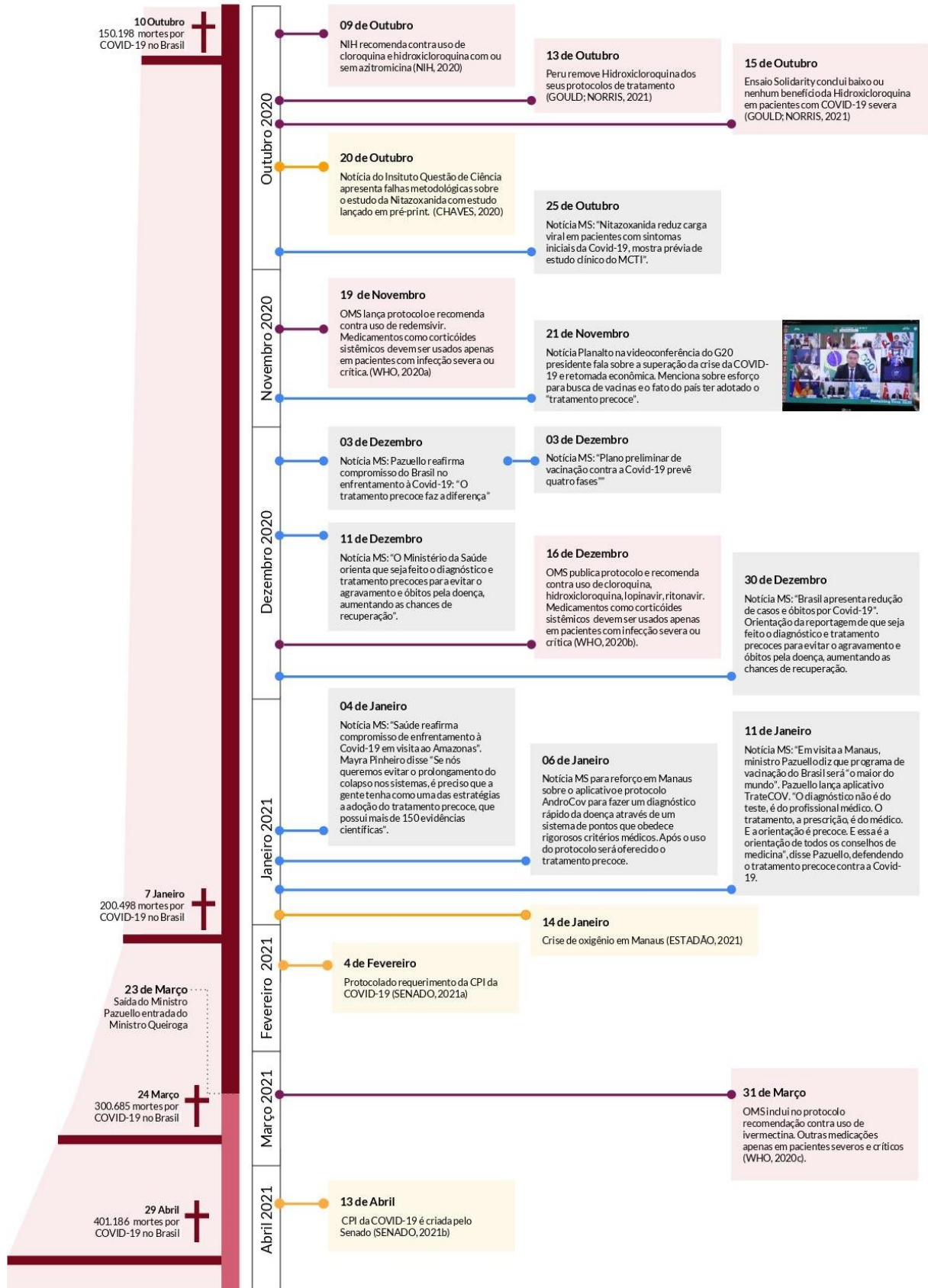
---

<sup>12</sup>Por não consistir, de fato, em medicações de ação profilática, mas corresponder a expressão popular para a utilização desses medicamentos, optamos por colocá-la entre aspas e com letra maiúscula, salientando a ineficácia da intervenção e o apelo popular proporcionado pelo nome.

**Figura 4:** Linha do tempo referente ao posicionamento do Ministério da Saúde do Brasil sobre o uso de medicações alternativas no tratamento da Covid-19







Fonte: Floss et al., 2023.

A partir da fala de Mandetta e da linha do tempo, nota-se que Bolsonaro buscou um alinhamento político com Donald Trump, adotando como estratégia a recomendação da hidroxicloroquina associada a outros medicamentos como ivermectina, azitromicina, vitamina D e zinco. Mandetta, por sua vez, afirmou não concordar com a adoção de um protocolo de “tratamento precoce” e foi demitido diante da pressão para alterar a bula da hidroxicloroquina, em 16 de abril de 2020 (Senado Federal, 2021). No mesmo mês, o médico Nelson Teich, assumiu a pasta e, sobre pressão do ex-presidente, autorizou o uso do medicamento, mas sem um posicionamento formal de recomendação, pois defendia que a escolha de tratamento deveria seguir a autonomia médica.

A partir da análise da linha do tempo, observa-se o posicionamento oficial do presidente da república em exercício no período. Mais do que isso, constata-se quando o Ministério da Saúde adotou como política oficial a recomendação do tratamento com esses medicamentos inadequados. A mudança parece vir da necessidade de um alinhamento de falas e ações dos ministros da Saúde com a postura de Bolsonaro, cuja principal preocupação mostrou-se ser a economia. Outro fator a ser observado é a politização da saúde e ciência por meio de sua instrumentalização para atender interesses políticos, ilustrado pelo comportamento de Jair Bolsonaro em relação às opiniões de Donald Trump.

Mais tarde, a pressão exercida pelo ex-presidente Jair Bolsonaro traria o anseio desejado, uma vez que a alteração no cargo de Ministro da Saúde para o general Eduardo Pazuello (16 de maio de 2020 a 15 de março de 2021) proporcionou uma mudança oficial de posicionamento. A partir de sua entrada, o uso de cloroquina deixou de ser uma sugestão e passou a ser recomendação do SUS, fato que viria a ser investigado na CPI da Pandemia, no Senado Federal. A apuração da imprensa apontou a existência de uma espécie de ministério alternativo, cuja função era orientar o ex-presidente e tomar decisões de maneira paralela, com coordenação da médica Nise Yamaguchi. O escândalo gerado no meio político e jornalístico levou a uma nova modificação no Ministério da Saúde e à instauração da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI). O médico Marcelo Queiroga, então, assumiu a pasta em 16 de março de 2021, permanecendo até o final do mandato de Bolsonaro (Senado Federal, 2021).

Segundo apuração da CPI da Pandemia, o ex-presidente Jair Messias Bolsonaro era orientado por um grupo de médicos, políticos e empresários responsáveis por aconselhá-lo a divulgar o “tratamento precoce”. A ação, segundo o relatório, visava dificultar a responsabilização das condutas desses aconselhadores, uma vez que não faziam parte formalmente do ministério. Uma das estratégias adotadas pelo governo era colocar em dúvida as medidas de prevenção, como uso de máscara, distanciamento social e uso de álcool gel. O

objetivo principal dessas ações, ao contrário, era incentivar o contato direto para que houvesse o contágio natural e gerar a imunidade de rebanho por contágio. Os medicamentos serviriam para gerar tranquilidade e evitariam a forma grave da doença (Senado Federal, 2021).

Imunidade de rebanho é concepção científica referente à transmissibilidade de doenças. A ideia central é de que, quando uma determinada quantidade de pessoas se torna imune por contágio natural e recuperação ou por vacinação, a circulação do agente transmissor diminui, impedindo que a doença se alastre. Um número alto de imunização coletiva reduz os riscos de circulação de doenças como sarampo e rubéola, por exemplo. O fato é que, primeiro, a imunidade natural por Covid não garante uma carga viral suficiente para gerar resistência à doença, para isso a vacina é mais eficiente. Segundo, para que houvesse imunidade natural, uma porcentagem alta de pessoas teria que ter contato com o vírus e ser curada. Ou seja, para ter 60% da população brasileira imunizada, levando em consideração o número 210 milhões de brasileiros e a letalidade de 1 a 2%, significa que entre 1 e 2 milhões deveriam morrer, além de inferir em um elevado número de hospitalizados (Lacerda, 2020).

Segundo o relatório final da CPI (Senado Federal, 2021), a fim de incentivar o contato e, conseqüentemente, o contágio para chegar à imunidade coletiva, Bolsonaro fomentou a desinformação deliberadamente:

As notícias falsas relacionadas ao novo coronavírus envolveram diversos tópicos, como a origem do vírus, com ataques xenófobos à China; a oposição infundada ao isolamento social; a divulgação de que o STF teria proibido o governo federal de atuar no combate à pandemia; o incentivo ao 'tratamento precoce'; a desinformação sobre o número de mortes pela Covid-19; a contestação sobre a eficácia do uso de máscaras; e, por fim, a propaganda antivacina (Senado Federal, p. 1.165, 2021).

Por vezes, Bolsonaro minimizou a gravidade da doença, falando tratar-se de uma “gripezinha”. Em outros momentos, questionou as orientações de entidades de saúde, como a OMS, provocando a desconfiança e perda de credibilidade. Em outras, ainda, incentivou aglomerações sem uso de máscara e a sair da casa, mesmo que se tratasse de um desrespeito às quarentenas impostas por governadores e prefeitos. Os meios mais utilizados para impulsionar suas narrativas eram redes sociais — como *Twitter*, *Instagram* e *YouTube* —, além de entrevistas e declarações a jornalistas. Nessas plataformas, promoveu desinformações premeditadamente, contribuindo para que um movimento negacionista fosse popularizado. A fim de ilustrar a intencionalidade das declarações, é oportuno observar algumas:

Está havendo uma histeria, [...] Se a economia afundar, afunda o Brasil. E qual o interesse dessas lideranças política? Se acabar economia, acaba qualquer governo. Acaba o meu governo. É uma luta de poder.

*(Uma das reiteradas falas de preocupação com a economia, oferecida a uma entrevista à Rádio Bandeirantes em 16 de março de 2020)* (Folha de São Paulo, 2021).

Brevemente o povo saberá que foi enganado por esses governadores e por grande parte da mídia nessa questão do coronavírus. [...] Espero que não venham me culpar lá na frente pela quantidade de milhões e milhões de desempregados na minha pessoa.

*(Entrevista à TV Record em 22 de março de 2020.)* (Folha de São Paulo, 2021).

É mais fácil fazer demagogia diante de uma população assustada, do que falar a verdade. Isso custa popularidade. Não estou preocupado com isso! Aproveitar-se do medo das pessoas para fazer politicagem num momento como esse é coisa de COVARDE! A demagogia acelera o caos.

*(Postagem no Twitter, em 25 mar. 2020)* (Folha de São Paulo, 2021).

Está muito grande para São Paulo. Tem que ver o que está acontecendo aí. Não pode ser um jogo de números para favorecer interesse político. [...] Não estou acreditando nesse número [...] Sem querer polemizar com ninguém, tem um estado aí que orientou por decreto que, em última análise, se não tiver uma causa concreta do óbito, bota lá coronavírus para colar."

*(Questionando o número de mortos em entrevista para a Rádio Bandeirantes, 27 mar 2020)* (Folha de São Paulo, 2021).

Não há nada comprovado cientificamente sobre essa vacina aí.

*(Declaração feita em 22 jan. 2021, após Coronavac ter o uso emergencial aprovado pela Anvisa)* (Folha de São Paulo, 2021).

Observa-se, por meio desses discursos, que a preocupação fundamental a regular as ações de Bolsonaro era a economia, ou seja, impacto que a sindemia teria na geração de renda e circulação monetária no Brasil. Por isso, suscitou incertezas direcionadas por meio de ataques a governadores e acusações de que estariam fazendo politicagem, em uma retórica de manipulação. A partir de suas falas, medidas como o uso de máscara eram interpretadas como uma posição ideológica; distanciamento social, uma estratégia para quebrar a economia; números elevado de mortos seriam superinflacionados para assustar a população; rejeição ao “tratamento precoce” tornava-se manipulação da *Big Pharma* para embolsar dinheiro com vacinas. Dessa forma, a maior figura política do país desinformava ao gerar incertezas e fazer orientações contrárias as recomendadas por órgãos de saúde.

Além das declarações em entrevistas, as ações do ex-presidente eram interpretadas por apoiadores como prova de que suas declarações eram verdadeiras. Ao se contaminar, afirmou ter feito tratamento com cloroquina, também incentivou aglomerações convocando passeatas de motoqueiros (*motociatas*), circulou sem máscaras mesmo quando se encontrava com

apoiadores, desrespeitou normas sanitárias criadas por governadores e, por fim, declarou que não iria arriscar sua vida tomando vacina. Suas declarações repercutiram nas redes e fundamentaram textos e narrativas divulgadas em blogs e sites bolsonaristas, caso das fontes apresentadas a seguir:

Antes mesmo do início da epidemia do vírus chinês, o Presidente Bolsonaro já falava das possibilidades do tratamento por meio da hidroxiquina e da necessidade de preservar os empregos e a economia, até mesmo como condição para fazer frente à ameaça do vírus. O presidente foi duramente criticado por isso, e veículos de imprensa chegaram a fazer a acusação leviana de que o mandatário brasileiro estaria fazendo “propaganda de remédio”. [...] É nesse quadro dramático do País que temos, de um lado, o chefe da Nação dizendo o mesmo que ele afirmou desde o começo: a prioridade é preservar as vidas e os empregos, e depositar as esperanças na medicina para encontrar a cura. E de outro lado, temos os verdadeiros abutres sociais que apostam no caos, na desordem e na desesperança de milhões de brasileiros para levar adiante seus projetos de poder. E entre estes abutres estão governadores como João Dória, Ronaldo Caiado e Wilson Witzel<sup>13</sup>, e o ainda ministro da Saúde, Luiz Henrique Mandetta (Eneas, 2020).

Cientistas encontraram produtos químicos tóxicos em análises preliminares de máscaras faciais descartáveis. Essas substâncias tóxicas encontradas em máscaras faciais também envolvem agentes cancerígenos, alérgenos e substâncias controladas. Atualmente, as máscaras são usadas pelo público em geral, exigidas pelos governos para prevenir a infecção por Covid-19. No entanto, os especialistas estão preocupados com o fato de que produtos químicos tóxicos em máscaras podem causar problemas de saúde indesejados (Cunha, 2021).

O primeiro trecho, publicado em 7 de abril reverbera as declarações do ex-presidente não apenas na defesa da utilização de hidroxiquina, mas sobre a preocupação com uma possível “quebra” na economia pela imposição de confinamento. Essa construção retórica compõe uma imagem de “chefe da nação” com visão futura, cujas principais preocupações são saúde e preservação do emprego, enquanto de outro lado estão os veículos de imprensa, opositores políticos e pessoas preocupadas em seguir as orientações dos órgãos de saúde. Ou seja, o texto ilustra a postura de Bolsonaro ao adotar um discurso de “nós” contra “eles”, em que seu grupo seria consciente, crítico, com visão vanguardista, enquanto os “outros” são atrasados, corruptos, ignorantes e alienados. No segundo trecho, vê-se a tentativa de criar um ambiente de desconfiança, incertezas e conspiracionismo com relação às orientações da

---

<sup>13</sup>Em comum, o ex-governador de São Paulo João Dória; Ronaldo Caiado, governador do Goiás; e Wilson Witzel, ex-governador do Rio de Janeiro, que apoiaram a candidatura de Bolsonaro em 2018, mas abandonaram a colaboração para defender interesses próprios.

Organização Mundial da Saúde, induzindo o leitor a se expor à contaminação sem proteção, seguindo o exemplo do ex-presidente.

A compra de vacinas é outro tópico sensível. Ao final de 2020, mesmo com vacinas já testadas em processo de avaliação pela Anvisa, o ex-presidente gastou cerca de R\$ 90 milhões em remédios correspondentes ao “tratamento precoce”, medida que pode ter atrasado a compra de vacinas (Shalders, 2021). Diante do desenvolvimento dos imunológicos, realização de testes e aprovação pela Anvisa, colocou em xeque sua eficácia, afirmando acreditar mais nas medicações.

A CPI da Pandemia foi mais a fundo nas investigações e mostrou que, entre agosto e setembro de 2020, a farmacêutica Pfizer enviou dez e-mails oferecendo a vacina e que estes foram ignorados sumariamente pelo governo. Outra acusação levanta suspeitas de fraude e corrupção na compra da vacina indiana Covaxin, em que teria havido um pedido de propina (Senado Federal, 2021, p. 239).

Quarenta e seis residentes de asilos que receberam sua primeira dose da vacinação da Pfizer-BioNTech contra COVID-19 no início de janeiro morreram no final do mês, a mídia espanhola têm (sic) relatado. [...] Em outra casa de repouso na mesma província do sudoeste da Espanha, em Novo Sancti Petri, em Chiclani, 22 idosos residentes morreram e 103 foram infectados após uma campanha de vacinação (ContraFatos, 2021).

O curioso é que os que mais temem a morte, são os mais loucos para tomar uma vacina que tem 49% de eficácia, produzida pelo próprio país que disseminou o vírus e lucrou horrores com a “pandemia”. Nem a China está usando a Coronavac e os brasileiros estão loucos para tomar o imunizante. Fala-se da eficácia, mas não se fala da segurança da vacina (Castro, 2021).

O primeiro trecho exemplifica um dos principais boatos a circular sobre a vacina. Ao publicar “notícias” de que idosos estariam morrendo em abrigos em consequência da imunização contra Covid-19, não é apenas a eficácia da vacina que está sendo questionada, aqui há uma acusação de que estaria provocando mortes. O grupo colocado como vítima também é estrategicamente pensado. Idosos são grupos cuja preocupação popular é constante, inclusive consiste no principal motivo da realização de quarentenas, já que com o espalhamento do vírus seriam os mais atingidos. A notícia busca despertar sentimentos de identificação, indignação e medo, sensações que paralisam e podem levar a tomadas de decisões definitivas.

A segunda citação é, novamente, assinada por Patrícia Castro, uma das colunistas da “Mídia sem Máscara”. Sua estratégia é incutir o medo a partir da retórica antivacina em acusações que questionam a segurança e eficácia da vacina. A CoronaVac, elaborada pelo

laboratório chinês Sinovac em parceria com o brasileiro Butantan, começou a ser utilizada em janeiro de 2021, com estudos iniciais que apontavam uma taxa global de eficácia de 50,38% (Instituto Butantan, 2022). Isso significa que pessoas vacinadas tinham 50% menos risco de infecção sintomática leve em comparação com pessoas não vacinadas. Contudo, para casos moderados a graves, a taxa de eficácia foi superior a 80%. Estudos subsequentes demonstraram um índice ainda maior de eficácia, variando de 83% a 100% (Tanriover *et al.*, 2021), com uma incidência baixa de eventos adversos (18,9%), sendo 90,3% leves (grau 1), o que indica a segurança do imunizante. Quanto à afirmação de que a China não estaria utilizando a vacina, a informação é totalmente incorreta. O país foi o primeiro a aplicar CoronaVac na população de risco, aprovando sua utilização também no restante da população (Instituto Butantan, 2021).

É preciso pensar também na ausência de uma articulação nacional liderada pelo Ministério da Saúde e Governo Federal, por meio do Sistema Único de Saúde (SUS), de orientações a hospitais públicos, compra de insumos hospitalares e diálogo com estados e municípios. Tal desorganização promoveu confusão não só entre a população, mas entre os gestores, durante as tomadas de decisão para evitar o contágio e para tratar os pacientes infectados. É o caso da capital do Amazonas, Manaus, em janeiro de 2021, quando um pico de contágio deixou hospitais públicos e particulares lotados e gerou desabastecimento de oxigênio. Segundo estimativas do Ministério Público e da Defensoria Pública, cerca de 60 pessoas faleceram por não ter oxigênio suficiente disponível naquele momento no Estado (Senado Federal, 2021).

Outro caso denunciado na CPI da Pandemia foi o aplicativo oficial do Ministério da Saúde chamado TrateCov, sob gestão do ministro Eduardo Pazuello. O *app* levantou suspeitas após repórteres da Reuters simularem consultas com personagens fictícios e notarem que, embora tivessem idades e sintomas diferentes, a recomendação era a mesma em todos os casos: uso de "tratamento precoce", sem que fosse possível alterar as medicações ou posologia. Ou seja, o aplicativo não considerava os efeitos adversos das medicações — como o risco de arritmia em pacientes cardíacos ou pressão alta e diabetes como efeito colateral da dexametasona (Paraguassu, 2021), e, da mesma forma, ignorava as contraindicações e condições clínicas dos pacientes, que poderiam ter condições preexistentes como doenças cardíacas, retinopatias e alergias.

Esse conjunto de ações ajudou a criar um clima de desconfiança e confusão em relação às orientações de segurança dos órgãos de saúde. Bolsonaro negligenciou a saúde pública e ignorou a gravidade de uma doença que matou milhares de brasileiros. Ao tratar a sindemia como um jogo político, medidas essenciais para conter a contaminação podem ter sido

negligenciadas por parte de brasileiros que confiavam em seu líder, levando a um maior número de doentes e, conseqüentemente, de óbitos. Ao se observar a quantidade de casos de Covid-19 no mundo, o Brasil corresponde ao segundo país em número absoluto de mortes, contabilizando mais de 700 mil óbitos, uma taxa de letalidade de 1,87% por número de casos (TRT, 2025).

A Comissão Parlamentar de Inquérito durou em torno de seis meses. Seu relatório final composto de 1.180 páginas sugeriu o indiciamento de 78 pessoas e duas empresas, entre elas a Prevent Senior, o ex-presidente Jair Bolsonaro e alguns ministros. Apesar das investigações, as denúncias foram arquivadas pela Procuradoria-Geral da República (PGR), sob gestão de Augusto Aras, indicado por Bolsonaro e conhecido por ser seu aliado. Em 2024, senadores envolvidos com a investigação na CPI, junto com entidades da sociedade civil, como Conselho Nacional de Direitos Humanos (CNDH) e Conselho Nacional de Saúde (CNS), questionaram o não indiciamento e pediram o desarquivamento e a retomada do inquérito.

#### 1.4 DISCURSO EM FAVOR DA “CIÊNCIA”

Nas disputas narrativas ocorridas durante o auge da síndrome de Covid-19, grupos opostos se posicionaram e utilizaram argumentos seguindo interesses coletivos e individuais. Como os próprios textos apresentados demonstram, criou-se uma dicotomia em uma atmosfera de "nós contra eles". De um lado estavam as pessoas que aderiram ao isolamento social, ao uso de máscaras de proteção e à vacinação, defendendo as orientações da Organização Mundial da Saúde e de especialistas em epidemiologia. Para estes, o interesse coletivo deveria ser priorizado, por meio de iniciativas coletivas e colaborativas. Entre as preocupações estavam a rapidez na disseminação do vírus, cuja contaminação levava à sobrecarga dos sistemas de saúde privados e do Sistema Único de Saúde; o cuidado com os grupos vulneráveis, como idosos, crianças e pessoas imunossuprimidas; evitar mutações do vírus que poderiam agravar a disseminação e mortalidade; e postergar seu espalhamento até que houvesse uma quantidade significativa de pessoas vacinadas. Nessa perspectiva, seguir essas orientações era também "defender a ciência".

Do outro lado estavam os que se recusavam a seguir essas orientações e, por vezes, negavam a existência de uma pandemia. Um fator fundamental a pontuar é a apropriação do discurso científico para contrapor acusações de “negacionismo” e “anticiência”. Exemplo disso foi a utilização da Declaração de Great Barrington (2020) para questionar as medidas

defendidas por órgãos de saúde, argumentar em favor de políticas mais brandas no combate ao vírus e ao uso de medicamentos alternativos. A declaração é uma espécie de carta aberta disponível em 44 idiomas, escrita e assinada pelos professores epidemiologistas: Martin Kulldorff, da Universidade de Harvard; Sunetra Gupta, da Universidade de Oxford; e Jay Bhattacharya, da Universidade de Stanford. Na aba “About” em seu site, afirmam que a principal preocupação ao elaborar o documento é como as estratégias adotadas prejudicam “nossas crianças, a classe trabalhadora e as pessoas mais pobres”. Abaixo, a versão integral do texto em língua portuguesa:

Como epidemiologistas de doenças infecciosas e cientistas da saúde pública, temos sérias preocupações sobre os impactos prejudiciais para a saúde física e mental das políticas prevalentes da COVID-19, e recomendamos uma abordagem a que chamamos Proteção Focalizada.

Vimos tanto da esquerda como da direita, e de todo o mundo, e temos dedicado as nossas carreiras à proteção das pessoas. As atuais políticas de confinamento estão a produzir efeitos devastadores na saúde pública a curto e longo prazo. Os resultados (para citar alguns) incluem taxas mais baixas de vacinação infantil, agravamento dos prognósticos das doenças cardiovasculares, menos exames oncológicos e deterioração da saúde mental – levando a um maior excesso de mortalidade nos próximos anos, com a classe trabalhadora e os membros mais jovens da sociedade a carregar um fardo mais pesado. Manter os alunos fora da escola é uma grave injustiça.

Manter estas medidas em vigor até que uma vacina esteja disponível causará danos irreparáveis, com os mais desfavorecidos a serem desproporcionadamente prejudicados.

Felizmente, a nossa compreensão do vírus está a crescer. Sabemos que a vulnerabilidade à morte da COVID-19 é mil vezes maior nos idosos e doentes do que nos jovens. De facto, para as crianças, a COVID-19 é menos perigosa do que muitos (sic) outras doenças, incluindo a gripe.

À medida que a imunidade se desenvolve na população, o risco de infeção para todos – incluindo os vulneráveis – diminui. Sabemos que todas as populações acabarão por atingir a imunidade de grupo – ou seja, o ponto em que a taxa de novas infeções é estável – e que isto pode ser assistido por (mas não depende de) uma vacina. O nosso objectivo deve ser, portanto, minimizar a mortalidade e os danos sociais até atingirmos a imunidade de grupo.

A abordagem mais compassiva que equilibra os riscos e benefícios de alcançar a imunidade de grupo é permitir que aqueles que estão em risco mínimo de morte vivam normalmente a sua vida para construir imunidade ao vírus através da infecção natural, ao mesmo tempo que protege melhor aqueles que estão em maior risco. Chamamos a isto Proteção Focalizada.

A adoção de medidas para proteger os vulneráveis deve ser o objectivo central das respostas de saúde pública à COVID-19. A título de exemplo, os lares devem utilizar pessoal com imunidade adquirida e realizar testes frequentes a outro pessoal e a todos os visitantes. A rotação do pessoal deve ser minimizada. Os reformados que vivem em casa devem mandar entregar alimentos e outros bens essenciais ao seu domicílio. Quando possível, devem encontrar-se com membros da família no exterior e não no interior. Uma lista abrangente e detalhada de medidas, incluindo abordagens a famílias de várias

gerações, pode ser implementada, e está bem dentro do âmbito e da capacidade dos profissionais de saúde pública.

Aqueles que não são vulneráveis devem ser autorizados imediatamente para retomar a vida normal. Medidas simples de higiene, tais como a lavagem das mãos e a permanência em casa quando os pacientes estão devem ser praticadas por todos para reduzir os limites de imunidade de grupo. As escolas e universidades devem estar abertas ao ensino presencial. As atividades extracurriculares, como o esporte, devem ser retomadas. Os jovens adultos de baixo risco devem trabalhar normalmente, e não a partir de casa. Restaurantes e outras empresas devem estar abertos. As artes, música, esporte e outras atividades culturais devem ser retomadas. As pessoas que correm maior risco podem participar se o desejarem, enquanto a sociedade como um todo goza da proteção conferida aos vulneráveis por aqueles que acumularam imunidade de grupo (Kulldorff *et al.*, 2020).

Pode-se notar que o argumento fundamental na Declaração de Great Barrington (Kulldorff *et al.*, 2020) gira em torno da imunidade adquirida a partir da infecção natural pelo vírus. Todavia, como já foi observado, a contaminação não garante proteção contra reinfecção. Em 2020, não havia estudos que certificassem que a contaminação natural garantiria imunidade. As últimas pesquisas sugerem, inclusive, que a melhor maneira de garantir proteção é a contaminação híbrida, ou seja, a resposta imunológica de pessoas que tiveram contaminação natural combinada com a vacinação, sendo mais eficaz diante da circulação de vírus variantes (Sette; Crotty, 2022). Outra questão a considerar é a incerteza quanto à ideia de que apenas pessoas em grupos de riscos seriam contaminadas, dado que há registros de pessoas novas e saudáveis que adoeceram gravemente (Biernath, 2022; Olive, 2024).

A carta ainda faz um apelo emocional a grupos vulneráveis, como crianças, pessoas enfermas, com saúde mental fragilizada e os “desfavorecidos”. Apesar da legitimidade de tal preocupação, é fundamental refletir sobre a identificação ideológica dos pesquisadores responsáveis pela elaboração da carta. Afinal, saber quem são esses cientistas, desvendar seus interesses e instituições da qual fazem parte poderá mostrar a plausibilidade desse discurso em favor dos marginalizados.

O documento tem esse nome por ter sido elaborado por um grupo inicial de 35 cientistas em Great Barrington, Massachusetts. Ali está situada a sede do *American Institute for Economic Research* (AIER, o Instituto Americano de Pesquisa Econômica), um *think-tank* de princípios libertários. Foi nessa sede que se reuniram cientistas, economistas e jornalistas para pensar estrategicamente medidas a serem adotadas durante a pandemia de Covid-19. Mais do que apenas sediar, a instituição criou o nome de domínio e registrou o site [gbdeclaration.org](http://gbdeclaration.org), o que demonstra seu envolvimento direto na ação (Ahmed, 2020a). De acordo com Lewandowsky (2021) e Ahmed (2020b), registros do Serviço de Receita Federal dos EUA (IRS) demonstraram

que o AIER atua direta e indiretamente em uma rede financiada pelas empresas Koch para negar as mudanças climáticas a fim de proteger o livre mercado e interesses financeiros. O interesse do instituto é de questionar o consenso científico por meio de mídias populares, colocando em dúvida a contribuição de empresas e indústrias na aceleração das alterações climáticas.

Sabe-se que os interesses corporativos das empresas Koch, defensores de políticas neoliberais, incluem medidas como autorregulação do mercado, pouca intervenção do estado e oposição a políticas de bem-estar social. Essas medidas estão diretamente relacionadas ao desemprego, falta de moradia, preços inflacionados e inacessibilidade à saúde e à educação de qualidade. Diante disso, a autodeclarada preocupação com trabalhadores, crianças e mais pobres presente na Declaração de Great Barrington se mostra incongruente. É possível inferir, portanto, que a verdadeira preocupação dos cientistas responsáveis pela carta corresponde aos interesses financeiros de seus financiadores, ou seja, grandes empresas que foram obrigadas a acatar regras de *lockdown* e assim comprometer seus rendimentos.

Embora pareça distante, essa declaração reverberou em sites de direita do mundo todo, fundamentando argumentações e sendo usado como respaldo científico para grupos que condenavam as medidas sanitárias, incluindo o ex-presidente Bolsonaro. Os fragmentos selecionados, retirados da “Stylo Urbano” e “Mídia sem Máscara”, demonstram como a declaração sustentou uma contra-argumentação na medida em que se coloca a favor de pesquisadores, epidemiologistas e “evidências científicas”:

[...] Já o documento de Barrington se limita a alertar para graves riscos à saúde física e mental das políticas adotadas por governos de diversos países e chama a atenção principalmente para a ideia de esperar uma vacina para flexibilizar as medidas, o que considera extremamente perigoso para os mais frágeis. A declaração, assinada por mais de seis mil médicos e outros 50 mil signatários, pede que as atividades voltem imediatamente à normalidade. [...] (Cunha, 2020).

No dia 4 de outubro de 2020, foi publicado um manifesto redigido por professores de Harvard, Oxford e Stanford e subscrito por mais de seis mil cientistas e médicos do mundo inteiro. Na carta, os jovens são conclamados a retomarem as suas rotinas com normalidade, a fim de induzir a chamada imunidade de rebanho, mecanismo que dificulta a propagação de qualquer vírus à medida que aumenta o número de pessoas que se contaminam e se tornam imunes naturalmente (*The Great Barrington Declaration*, disponível em português: <https://gbdeclaration.org/declaracao-de-great-barrington/>). Esse chamamento lembrou-me um dos episódios mais marcantes do século XX. No dia 6 de junho de 1944, que ficou conhecido com o Dia D, milhares de jovens também foram chamados para uma missão: desembarcar numa praia da Normandia para dar início a campanha dos Aliados para retomar o território francês ocupado pelos nazistas. Aqueles jovens sabiam que muitos deles morreriam antes mesmo de pisar nas areias da praia, pois seriam fuzilados

pelos nazistas ainda dentro dos botes que os transportavam, como ilustrou muito bem as primeiras cenas do filme “O resgate do Soldado Ryan”. Apesar de a convocação ser praticamente uma sentença de morte, esses jovens não se acovardaram. Eles enfrentaram o medo de morrer e lutaram pela liberdade não apenas deles próprios, mas principalmente dos seus filhos e das futuras gerações. E graças a esses heróis anônimos atualmente desfrutamos dessas liberdades que os regimes nacional-socialistas queriam nos tolher.

Se você ainda não percebeu, estamos em guerra de novo. A diferença é que dessa vez não precisamos pegar em armas para vencer a luta e não estamos diante de uma morte quase certa no campo de batalha. Também não estamos sendo chamados a enfrentar o inimigo por governos ou malucos neonazistas ou supremacistas brancos. O chamamento foi feito por milhares de estudiosos e **está baseado em evidências científicas** de que a taxa de letalidade associada ao novo coronavírus entre a população jovem é baixíssima (mil vezes menor do que entre idosos). Os jovens precisam se expor a esse risco para livrar a humanidade da ameaça que esse vírus representa tanto para a nossa saúde quanto para as nossas liberdades. [...] (Govinda, 2020).

Analisando os textos, nota-se a utilização do discurso científico como um agente legitimador das ideias defendidas pelos grupos, uma estratégia para validar suas argumentações, seus discursos políticos e fundamentar possíveis ações. Essa maneira de agir também foi utilizada por um conjunto de médicos no Brasil, chamados “Médicos Pela Vida”. O grupo é formado por médicos de diversas áreas que defendem a utilização das medicações que compunham o “Kit Covid” para o tratamento da Covid-19, aproveitando de seu prestígio histórico e credibilidade para difundir o suposto tratamento fundamentado em pesquisas. Ferrari *et al.* (2022) observam que:

De forma geral, percebe-se que o discurso está amparado em uma sintaxe científica, ou seja, em expressões, termos específicos e a referência constante aos “fatos” que comprovariam suas alegações (apesar de estes não serem citados). Entretanto, trata-se de uma estrutura utilizada de forma superficial e frágil, servindo apenas como um suporte para carregar as crenças, críticas e projetos políticos defendidos, tornando-os palatáveis à leitura do grande público ou de autoridades políticas. Assim, advogam para si o caráter de objetividade científica e de “verdadeira ciência” em suas colocações (Ferrari *et al.*, 2022).

Cesarino (2022) explica que a pesquisa científica não implica encontrar a resposta definitiva para uma problemática, mas sim reduzir ao mínimo a improbabilidade de erros e a incerteza. Para isso, há uma série de métodos, experimentos, experimentações e coleta de dados, além de ser submetida a avaliações elaboradas por um sistema de peritos. Essa mediação é realizada por instituições que asseguram a confiabilidade da ciência, como universidades, escolas, instituições de saúde e laboratórios de pesquisa. O sistema de peritos tem a função objetiva de, com seus instrumentos, assegurar a verdade por meio de orientações e em

consonância com o sistema democrático. Para Cesarino (2022), até a década de 1970, as fronteiras entre política, religião e ciência estavam bem delimitadas, com a ciência possuindo autonomia e confiabilidade junto à população. Após esse período, a hegemonia neoliberal desestabilizou essas fronteiras, quando a lógica do mercado adentrou a ciência e incitou a dúvida como estratégia política e econômica para proteger seus interesses:

A pirâmide da medicina baseada em evidências organiza uma hierarquia das muitas metodologias utilizadas no campo da pesquisa biomédica, ranqueando a qualidade das evidências produzidas por cada uma. Quanto mais alto na pirâmide se situa um estudo, mais suas evidências são consideradas robustas, e quanto mais embaixo, mais anedóticas e menos confiáveis. O padrão-ouro são os grandes ensaios randomizados controlados (na sigla em inglês RCT – randomized controlled trial). Previsivelmente, estudos fortes no topo da pirâmide são poucos e exigem maior aporte de financiamento e infraestrutura. Já as evidências fracas na parte baixa da pirâmide – estudos observacionais, estudos do coorte, observações anedóticas – têm um “custo” (Latour e Woolgar, [1979] 1997) inferior: são mais fáceis de realizar e, portanto, mais comuns. Ao longo da pandemia, o *mainstream* da comunidade científica foi conseguindo avançar com desenhos experimentais mais próximos ao topo da pirâmide, produzindo evidências mais robustas sobre a Covid-19 e suas formas de controle. Com isso, a eficácia de remédios como cloroquina/hidroxicloroquina e ivermectina foi se tornando improvável, pois os estudos que demonstravam melhores resultados tendiam a se concentrar na parte baixa da pirâmide. Não obstante, os proponentes do tratamento precoce continuaram prescrevendo os remédios, evocando a própria pirâmide de evidências para defender a validade de estudos menos robustos e até observações anedóticas feitas pelos médicos no atendimento aos pacientes. Argumentei que o que eles propunham não era uma negação da pirâmide de evidências, mas sua inversão: o que era base foi para o topo, o que era marginal foi para o centro, e o que era a ortodoxia e o padrão ouro, não deixou de ser considerado, mas foi jogado para o pano de fundo (Cesarino, 2022, p. 182-183).

Nessa disputa ideológica em torno da utilização do discurso científico, as más pesquisas são impulsionadas por divulgações independentes, não só em veículos especializados como em mídias digitais autônomas e jornalísticas. Esse é o caso tanto dos textos publicados por Yan *et al.* (2020) quanto de Gautret *et al.* (2020) sobre hidroxicloroquina. O *preprint* consiste em um método de publicação que pode ser útil por pesquisadores, uma vez que o tempo de espera para o aceite é reduzido, o que acelera o número de publicações e supre uma demanda produtivista. Todavia, artigos sem revisão por pares têm consistido em um problema que facilita a formulação e disseminação de desinformação. Um artigo não revisado, mesmo que apresente erros metodológicos grotescos, pode ganhar visibilidade em coberturas jornalísticas e sustentar discursos em correntes de desinformação nas redes sociais. Para o público leigo, o bombardeio de informações com suposto respaldo científico pode causar confusão, descrédito e desgaste

com relação à ciência. Para os produtores de desinformação, o sistema de pré-impressão pode funcionar como arma ideológica. Ou seja, a pressão e a pressa em publicar podem prejudicar o próprio meio acadêmico.

O discurso que não exclui o elemento científico, mas se utiliza de uma ciência inconsciente e de baixa qualidade, vem sendo chamado por Cesarino (2022) de *alt-science*, uma espécie de ciência alternativa. Na *alt-science*, os principais vetores de direcionamento são disputas no campo ideológico e mercadológico, resultando em pesquisas antiestruturais e antissistêmicas. Contudo, a ressignificação científica não está isolada, pois consiste em um elemento (ou estratégia) que compõe a metapolítica, tendência popularizada entre a direita em que a política foge do campo eleitoral e se estabelece transversalmente, invadindo o espaço histórico, cultural, religioso, moral, social, científico etc., a fim de disputar narrativas e o próprio campo democrático. Para criar esse ambiente de rivalidade, valem-se de alguns elementos apontados por Cesarino (2022): conspiracionismo (e conspiritualidade), modelo bifurcado e eu-pistemologia.

Um processo fundamental na desconstrução científica é o conspiracionismo (Cesarino, 2022). Ou seja, criação e imersão em um sistema conspiratório cuja atmosfera é de crise permanente com discursos que atribuem responsabilização e estabelecem causalidades. Aqui, ideias sobre globalismo e supostas verdades ocultas são popularizadas, enquanto um discurso *anti-establishment* é fomentado. Diante da imersão no sistema conspiratório, a ciência crítica é enfraquecida na medida em que a confiança social é abalada, resultando em uma crise no sistema de peritos. Com isso, a demanda de atestar a confiabilidade da ciência é delegada a influenciadores, coaches, gurus e mídias digitais, compondo um novo formato. Nessa inversão estrutural, mídias oficiais, Estado, elite política e acadêmica e "*Big Pharma*" são apontados como inimigos a serem combatidos e suas ideias são interpretadas como ameaça à estrutura social.

No modelo bifurcado de polarização amigo x inimigo, a experiência pessoal, pautada em sentidos imediatos e explicações ocultas (eu-pistemologia) ou conspiracionistas é considerada confiável, enquanto os representantes da estrutura de poder são vistos como corruptos e controlados por grandes empresas e Estado. Diante disso, o testemunho pessoal, intrínseco a de lógica observacional, é fortalecido pelo empreendedorismo digital das novas mídias, onde a experiência individual se sobrepõe a pesquisa científica. Com isso, o "Tratamento Precoce" consiste em uma solução anti-estrutural imediata e mercadológica fundamentada na dualidade amigo x inimigo (Cesarino, 2022).

A explicação de Cesarino vai ao encontro das teses de Naomi Oreskes e Erik Conway, em "*Merchants of doubt*". No cerne do Neoliberalismo, a pesquisa mostra como cientistas conceituados foram cooptados pelo mercado para proteger interesses econômicos e políticos. Na obra, os historiadores expõem a maneira pela qual demandas do mercado levaram ao aparelhamento da ciência, a fim de obscurecer o debate e levantar dúvidas em questões já estabelecidas, como a relação entre cigarro e câncer e aquecimento global. Por meio de financiamento de pesquisas, esses pesquisadores ocuparam jornais, rádios e mídias televisivas propondo debates, semeando a dúvida e plantando desinformações em assuntos de interesse do mercado financeiro (Oreskes e Conway, 2011). De forma semelhante, a defesa do Tratamento Precoce reverberou entre empresários e em sites bolsonaristas, tendo como cerne a defesa da economia e fim dos *lockdowns*, possibilitando a continuidade do trabalho e produção. Não há como ignorar, todavia, as iniciativas individuais em disseminar a desinformação em mídias digitais, estimulados pela própria convicção (eu-pistemologia e conspiracionismo) e por rivalidades políticas (bifurcação amigo x inimigo) (Cesarino, 2022). Sob o domínio do capital e para proteger empresas, o poder político é capaz de moldar a ciência.

Essa crítica à ciência imediata, pressionada a dar respostas fáceis, é realizada também por Stengers (2023) no livro "Outra Ciência é possível! Um apelo à Slow Science". O manifesto questiona o interesse mercadológico nas pesquisas, inspiradas e motivadas pela produção industrial, e a ciência acelerada, adequada ao modo de produção do capital. Para que um novo formato seja possível, faz um apelo à construção de uma ciência mais lenta, que se questione e volte a si mesmo. É um chamamento à desaceleração, à construção de um espaço possível e especulativo de coexistência entre modos distintos de dizer "a verdade" ao mundo. Um espaço em que os cientistas interajam mais com o público, escutem suas ânsias, pensem as consequências do que será publicado, quem será impactado com os resultados, quais as intercorrências geradas pela publicação. Desafia, com isso, o cientista pesquisador a integrar a inteligência pública, concebendo uma ciência subjetiva, cuja prática política possa estar aberta a outras questões que não estejam em consenso.

Repensar a ciência rápida é questionar a narrativa épica do progresso da ciência e das civilizações, pois é esse pensamento que está destruindo habitats, provocando epidemias, gerando a crise ambiental. Na visão de Stengers (2023), os cientistas precisam se colocar politicamente, considerando as controvérsias e promovendo debates a partir delas. Não há como a ecologia apresentar soluções significativas estando entre o Estado e as indústrias, entre a política e interesses econômicos, tentando garantir a manutenção das estruturas em que determinados grupos exploram e lucram com a produção de itens consumíveis e supérfluos. Da

mesma forma, o Estado enquanto poder político não questiona essa estrutura e se preocupa em não desagradar os grupos econômicos. Por isso, não há como pensar em políticas de preservação sem repensar o modelo político e econômico, em que a ecologia esteja desmembrada do Estado ou do capital, e em que populações seriam ouvidas e os saberes seriam considerados.

## 2 COVID-19 EM UMA PERSPECTIVA SINDÊMICA

Neste capítulo, busca-se situar o surgimento do coronavírus no âmbito de uma perspectiva sindêmica, considerando as relações biossociais e evidenciando a ligação entre estrutura social e saúde populacional. Ainda, serão examinados os aspectos históricos da vacinofobia e a atual influência de movimentos *Antivax* na produção desinformação.

### 2.1 INTER-RELAÇÕES BIOSSOCIAIS

Rosana Aparecida Urbano, de 57 anos, foi a primeira vítima documentada de Covid-19 no Brasil, em 12 de março de 2020. Mulher, diarista, mãe de três filhos, dos quais um sofria com atraso no desenvolvimento e epilepsia. Rosana morava com seu marido, auxiliar de limpeza, em um apartamento de 36 m<sup>2</sup> localizado no Conjunto Habitacional Cidade Tiradentes, na Zona Leste de São Paulo (SP). Diabética e hipertensa, havia levantado às 4 horas da manhã para visitar sua mãe, Gertrudes, no hospital. Ao saber que a mãe estava entubada, a diarista passou mal e teve uma parada cardiorrespiratória. Sua mãe faleceria quatro dias depois por causa da mesma doença.

A trajetória de Rosana Urbano é ilustrativa de um recorte social que revela as condições precárias enfrentadas. A obesidade, a diabetes e a hipertensão de Rosana não são somente “comorbidades<sup>14</sup>”, mas reflexos de um estilo de vida e de um contexto socioeconômico associados a trabalhos precarizados, dificuldades de acesso a cuidados médicos e alimentação inadequada.

No dia 26 de março daquele ano, o ex-presidente Jair Bolsonaro chamou a preocupação com a propagação do vírus de “neurose” durante uma de suas lives<sup>15</sup>. Na transmissão, afirmou que a morte por coronavírus em pessoas com menos de 40 anos era quase nula, por isso, cada

---

<sup>14</sup>O termo “comorbidade” foi introduzido por órgãos de saúde e popularizado em veículos de imprensa a fim de caracterizar uma série de condições de saúde e enfermidades consideradas agravantes em quadros de Covid-19.

<sup>15</sup>As “lives”, como ficaram conhecidas as transmissões do ex-presidente, foram adotadas logo no início de sua gestão, em 2019. Todas as quintas-feiras à noite, em torno das 19 horas, Bolsonaro, geralmente acompanhado de um ou dois ministros, fazia uma transmissão ao vivo em seu canal do *Facebook*. A estratégia era manter um canal de diálogo direto com o público que o elegeu, comentando assuntos da semana sem que para isso tivesse que encarar o “filtro” dos veículos tradicionais de informação. O método era eficaz na medida em que comunicava de maneira direta com seu eleitor, estreitando laços, e ainda inflamava a desconfiança relativa aos antigos meios de comunicação.

família deveria se responsabilizar pela proteção de seus idosos e voltar a trabalhar normalmente. No mesmo dia, lançou em suas redes sociais a campanha "O Brasil não pode parar", contra o confinamento. Reportagens da época denunciaram que a campanha gerou um gasto de aproximadamente R\$ 4,8 milhões sem que passasse por licitações, pois foi estabelecida por decreto, sendo classificada como emergencial (Ha, 2020). A campanha demonstrou como a prioridade do governo era a saúde financeira, mesmo que o custo para isso fosse a saúde das pessoas:

Para os quase 40 milhões de trabalhadores autônomos 'o Brasil não pode parar'. Para os ambulantes, engenheiros, feirantes, arquitetos, pedreiros, advogados, professores particulares e prestadores de serviço em geral, 'o Brasil não pode parar'. Para os comerciantes do bairro, para os lojistas do centro, para os empregados domésticos, para milhões de brasileiros 'o Brasil não pode parar'. Para todas as empresas que estão paradas e que acabarão tendo que fechar as portas ou demitir funcionários 'o Brasil não pode parar'. Para dezenas de milhões de brasileiros assalariados e suas famílias, seus filhos e seus netos, seus pais e seus avós 'o Brasil não pode parar'. Para os milhões de pacientes das mais diversas doenças e os heróicos (sic) profissionais de saúde que deles cuidam, para os brasileiros contaminados pelo Coronavírus, para todos que dependem de atendimento e da chegada de remédios e equipamentos 'o Brasil não pode parar'. Para quem defende a vida dos brasileiros e as condições para que todos vivam com qualidade, saúde e dignidade, o Brasil definitivamente não pode parar (Canal Migalhas, 2020).

Isto é, mesmo que o país tenha registrado a morte de uma trabalhadora doméstica como a primeira atribuída à Covid-19, o governo optou por defender a exposição da classe trabalhadora ao vírus, transferindo a responsabilidade de uma possível contaminação aos próprios indivíduos. Nessa campanha, o Poder Executivo relaciona a defesa da vida dos brasileiros com a defesa da economia, fazendo crer que, para ter qualidade, saúde e dignidade, era necessário continuar gerando renda a partir do trabalho, mesmo que para isso se ficasse exposto ao contágio, colocando a própria saúde e dignidade em risco. Nesse paradoxo aparentemente não tão evidente, o Estado ignora a qualidade de vida já precarizada dos trabalhadores brasileiros, que são obrigados a sobreviver com um salário mínimo; despreza as condições de saúde pré-existentes desses trabalhadores e se recusa a assumir sua responsabilidade em adotar medidas públicas unificadas para garantir a segurança de seus cidadãos.

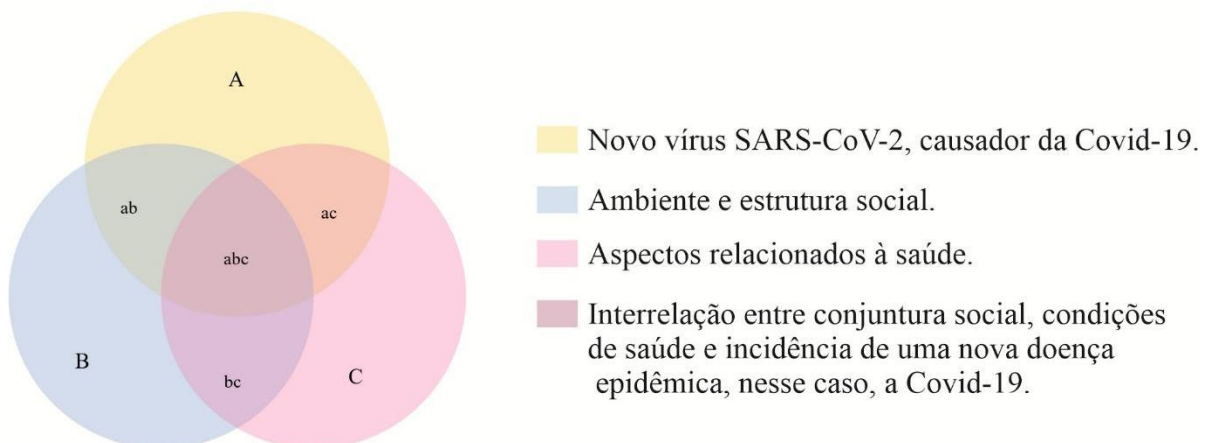
Foi pensando justamente nos grupos vulnerabilizados que a definição de pandemia foi questionada pelo editor-chefe da revista científica *The Lancet*, Richard Horton, em setembro de 2020. Ao pensar em aspectos biológicos e sociais, como foi o caso de Rosana, somados à

transmissibilidade da Covid-19 entre países e ao aumento do número de mortes, o cientista afirmou que a pandemia deveria ser interpretada no modelo conceitual de sindemia:

Two categories of disease are interacting within specific populations— infection with severe acute respiratory syndrome coronavirus 2 (SARS-CoV-2) and an array of non-communicable diseases (NCDs). These conditions are clustering within social groups according to patterns of inequality deeply embedded in our societies. The aggregation of these diseases on a background of social and economic disparity exacerbates the adverse effects of each separate disease. COVID-19 is not a pandemic. It is a syndemic. The syndemic nature of the threat we face means that a more nuanced approach is needed if we are to protect the health of our communities<sup>16</sup> (Horton, 2020).

A ciência estaria enfrentando o Sars-CoV-2 agravado por Doenças Crônicas Não Transmissíveis (DCNT), caso das diabetes, câncer, doenças cardiovasculares, respiratórias, neurológicas, obesidade, etc. Na interação desses dois fatores é somado um terceiro: o contexto social e ambiental dos indivíduos. Ou seja, a desigualdade social se constitui um componente desfavorável na disseminação e enfrentamento da doença (Horton, 2020). Na prática, a letalidade da Covid é diretamente influenciada por fatores como: idade, classe social, estratégias adotadas pelos governos, qualidade do sistema de saúde, existência de doenças pré-existentes e condições sanitárias relacionadas a moradia.

**Figura 5:** Inter-relação biossocial na Sindemia de Covid-19



Fonte: Adaptado de Bispo Júnior; Santos, 2021.

<sup>16</sup>“Duas categorias de doenças estão interagindo dentro de populações específicas – infecção causada por coronavírus 2 na síndrome respiratória aguda grave (Sars-CoV-2) e uma série de doenças não transmissíveis (DNTs). Essas condições estão se agrupando dentro dos grupos sociais de acordo com padrões de desigualdade profundamente enraizados nas nossas sociedades. A agregação dessas doenças em um contexto de disparidade social e econômica agrava os efeitos adversos de cada doença separada. Covid-19 não é uma pandemia. É uma sindemia. A natureza sindêmica da ameaça que enfrentamos significa que é necessária uma abordagem mais matizada se quisermos proteger a saúde das nossas comunidades”. Tradução minha.

A intersecção acima ilustra a inter-relação conjuntural entre condições de saúde, estrutura social e incidência de novas doenças. Ao considerar apenas condições de saúde como agravantes da doença causada pelo Sars-CoV-2 (ac), ignora-se tanto os efeitos que a estrutura social tem sobre a saúde dos indivíduos (bc) quanto esse mesmo ambiente como facilitador da transmissão do vírus (ab). Considerar o tecido social em que a nova doença emerge é levar em conta todos esses aspectos (abc), resultando em uma análise mais ampla e aprofundada das causas e efeitos da sindemia de Covid-19. Esses fatores refletem como as desigualdades acentuaram a sindemia e agravaram ainda mais o abismo social já naturalizado pelo neoliberalismo, evidenciando a interseccionalidade de condições que levou à crise global de saúde.

As intersecções da sindemia de Covid-19 são moldadas no âmbito do neoliberalismo. Brown (2019) explica que o projeto neoliberal é uma racionalidade política criada para aprofundar as contradições do capitalismo. Seu objetivo é vilipendiar o Estado Social, desacreditando ideias de coletividade, sociedade e bem comum, enquanto ações antidemocráticas são atreladas ao poder estatal. Dessa maneira, a compreensão social foi convertida em ideias de individualismo e meritocracia, naturalizando as diferenças sociais. Nesse sistema, a função social do Estado é questionada, pois a racionalidade do mercado seria suficiente para possibilitar oportunidades de ascensão social. Ações estatais para garantir equidade e justiça social são acusadas de antilibertárias e mesmo totalitárias, pois colocariam em risco a liberdade, fundamental para suprir as demandas sociais. O indivíduo, então, assume a responsabilidade por sua saúde, incluindo moradia, alimentação, medicamentos e acesso a atendimento médico especializado. O interesse financeiro passa a gerir relações sociais, religiosas, científicas e econômicas enquanto responsabiliza o indivíduo por seu fracasso e miséria (Brown, 2019).

Diante de interesses financeiros atrelados aos Estados, Horton (2020) acusa países ricos de negligência na prevenção e tratamento de doenças crônicas não transmissíveis em seus territórios e também no auxílio a países pobres. Outra preocupação é a relação entre doenças e agravos não transmissíveis (Dant) e a pobreza, que poderia limitar o acesso da população à saúde, além de incitar doenças evitáveis causadas pelo ambiente insalubre, má alimentação e falta de hábitos saudáveis. A crítica de Horton (2020) propõe um aprofundamento no debate e é direcionada ao modelo de sociedade de consumo e descarte, exploração e exclusão de povos minoritários e vulnerabilização de países pobres.

The most important consequence of seeing COVID-19 as a syndemic is to underline its social origins. The vulnerability of older citizens; Black, Asian, and minority ethnic communities; and key workers who are commonly poorly paid with fewer welfare protections points to a truth so far barely acknowledged—namely, that no matter how effective a treatment or protective a vaccine, the pursuit of a purely biomedical solution to COVID-19 will fail. Unless governments devise policies and programmes to reverse profound disparities, our societies will never be truly COVID-19 secure [...]. Approaching COVID-19 as a syndemic will invite a larger vision, one encompassing education, employment, housing, food, and environment<sup>17</sup> (Horton, 2020).

Para compreender a crítica de Horton (2020), volta-se à origem do conceito. O termo sindemia é um neologismo cunhado pelo antropólogo e médico estadunidense Merrill Singer no início dos anos 1990 que combina as palavras “sinergia” e “pandemia”. Ao formular sua análise, Singer (2006) propunha entender epidemias de uso de drogas nos Estados Unidos interconectadas com doenças crônicas não transmissíveis, problemas de saúde mental, insegurança alimentar, obesidade, violência urbana e Aids. A proposta era deixar de interpretar como questões paralelas, mas como condições relacionadas (Singer, 2006). Em sua pesquisa, o antropólogo demonstrou como uma condição de saúde pode facilitar o contágio com outra. Entre os exemplos, a interação entre a bactéria *M. Tuberculosis* e o vírus HIV tende a aumentar os custos de tratamento e, ao mesmo tempo, reduzir sua eficácia; o enfraquecimento do sistema imune causado pelo diabetes aumenta o risco de ativação da bactéria da tuberculose; a existência de esquistossomose em pacientes facilita a infecção por HIV.

Syndemics are defined as the aggregation of two or more diseases or other health conditions in a population, in which there is some level of deleterious biological or behavioral interface that exacerbates the negative health effects of any or all of the diseases involved. Syndemics involve the adverse interaction of diseases of all types (eg, infections, chronic non-communicable diseases, mental health problems, behavioral conditions, toxic exposure, and malnutrition). They are most likely to emerge under conditions of health inequality caused by poverty, stigmatization, stress, or structural violence due to the role of these factors in disease clustering, exposure, and increased physical and behavioral vulnerability<sup>18</sup> (Singer *et al.*, 2017, p. 941).

<sup>17</sup>“A consequência mais importante ao interpretar a Covid-19 como sindemia é enfatizar suas origens sociais. A vulnerabilidade de cidadãos mais velhos; comunidades negras, asiáticas e minorias de comunidades étnicas; e trabalhadores-chave que são geralmente mal-pagos e com menos proteções sociais apontam para uma verdade pouco reconhecida até o momento — nomeadamente, que não importa o quão eficaz seja um tratamento ou o quão protetora seja uma vacina, a procura de uma solução puramente biomédica para a Covid-19 irá falhar. A menos que os governos elaborem políticas e programas para reverter disparidades profundas, as nossas sociedades nunca estarão verdadeiramente seguras contra a Covid-19”. Tradução minha.

<sup>18</sup>“As sindemias são definidas como duas ou mais doenças agregadas ou outras condições de saúde em uma população nas quais há algum nível de interação biológica ou comportamental prejudicial que agrava os efeitos negativos de uma ou de todas as doenças envolvidas. As sindemias envolvem a interação adversa de diversos tipos de doenças (por exemplo: infecções, doenças crônicas não transmissíveis, transtornos de saúde mental, condições

Na visão de Singer (2006), quando doenças ou epidemias são combinadas, o resultado é muito maior do que apenas a soma delas, uma vez que os fatores ambiental e social agravam os impactos dessas doenças. No caso da sindemia de Covid-19, a interconexão de dimensões sociais, econômicas e estruturais expôs comunidades à doença e, somada às doenças crônicas não transmissíveis, acentuou a vulnerabilidade de grupos que já estão marginalizados (Raifman; Raifman, 2020).

Diferentes estudos demonstram como a Covid-19 está interconectada com outras epidemias, como doenças crônicas (Alpizar-Salazar, 2020), dengue (Cruz *et al.*, 2020), arboviroses (Chaumont; Lannuzel, 2020), tuberculose (ONG *et al.*, 2020), malária (Zawawi, 2020), diabetes (Mendehall *et al.*, 2015, 2017; Barone *et al.*, 2020) e hipertensão, (Islam *et al.*, 2021). É fundamental frisar: não se trata somente de comorbidades, pois as combinações entre essas epidemias são capazes de potencializar os riscos já existentes e que têm maior densidade entre grupos vulneráveis (Bispo Junior; Santos, 2021). Outra questão a considerar é a sobrecarga do sistema de saúde e a paralisação de ações de cuidado preventivo, o que pode incidir em relaxamento e aumento dessas doenças, caso, por exemplo, de dengue e malária.

O modelo de análise sindêmica elaborado por Singer foi pensado para incorporar aspectos com potencial de fomentar efeitos negativos de doenças. Essa interpretação parte do pressuposto de que a saúde dos indivíduos é afetada pelo ambiente físico e social, de maneira que as doenças não existem isoladamente, mas se agrupam e influenciam umas às outras. Esse modelo analítico foi elaborado no âmbito da Antropologia Médica, cujo fundamento expressa a importância do fator biossocial no tratamento de doenças buscando a compreensão da saúde em seus determinantes sociais. A interpretação biossocial busca causas, consequências e conexões, com foco no bem-estar geral do ser humano. Entre assuntos debatidos na Antropologia Médica, estão as repercussões biológicas da exclusão social, marginalização, relações de poder, desigualdade social e a forma como saúde e doença estão relacionadas com as classes sociais. Desse modo, a abordagem sindêmica vai além da análise superficial, pois considera interações sinérgicas entre doenças e assimetrias sociais (Singer *et al.*, 2017; Singer; Rylko-Bauer, 2021).

Nessa perspectiva, é fundamental entender as consequências do grupo social, comunidade ou etnia à qual o sujeito interage. A pesquisa de Sönmez *et al.* (2020) discute o

---

comportamentais, exposição a substâncias tóxicas e desnutrição). Elas tendem a surgir em contextos de desigualdade em saúde, causados por fatores como pobreza, estigmatização, estresse ou violência estrutural, devido ao papel desses fatores na concentração de doenças, na exposição a riscos e no aumento da vulnerabilidade física e comportamental”. Tradução minha.

impacto da sindemia em trabalhadores imigrantes nos EUA; da mesma maneira, a forma com que mulheres (Estrela *et al.*, 2020; Gausman; Langer, 2020), negros e trabalhadores da saúde e população pobre (Bowleg, 2020; Harish, 2021; Rocha *et al.*, 2021; Raifman; Raifman 2020) passaram por essa experiência é disforme em comparação aos grupos que puderam “ficar em casa” sem se preocupar com a alimentação do dia. A iniquidade transpassa questões como violência, insegurança alimentar, hábitos saudáveis, contato com drogas e inacessibilidade a serviços de saúde (Mendehall, 2012; Mendehall *et al.*, 2017). Um ponto nevrálgico ao pensar essa equação é a qualidade alimentar dessas populações de risco. Sem nutrição adequada, o sistema imune torna-se suscetível a doenças, com capacidade limitada de combater os patógenos (Pérez-Escamilla *et al.*, 2020; Gundersen *et al.*, 2020; Erokhin, 2020).

Durante a sindemia, ouviu-se comumente a frase “o vírus não escolhe classes sociais” circular entre jornalistas e mesmo em postagens de redes sociais. A tese de “todos no mesmo barco”, contudo, não se manteve quando observadas as condições às quais determinados grupos sociais estão submetidos, fazendo com que o contágio fosse maior entre os seus, geralmente periféricos e marginalizados. Outro fator a considerar são as consequências desse contágio, afinal, como superar uma doença com o corpo já debilitado pela má alimentação? Como moradores de rua poderiam higienizar as mãos quando sequer havia alimentação? Como manter o distanciamento sob a necessidade de pegar transporte público para ir ao trabalho? Como reivindicar o direito à vida quando subsistir é uma batalha cotidiana?

A classe trabalhadora, trazida na campanha de Jair Messias Bolsonaro, pouco pôde fazer para evitar a disseminação do vírus. Serviços de entregadores, supermercados, profissionais da saúde, empregadas, atendentes, trabalhadores informais e prestadores de serviços, por exemplo, considerados básicos continuaram na rotina de trabalho e os profissionais foram expostos a ambientes facilitadores da transmissão do vírus. O impacto financeiro foi maior entre trabalhadores informais, caso dos trabalhadores de aplicativos (Uchôa-de-Oliveira, 2020). Para se deslocar para seus ambientes de trabalho, utilizavam transporte público, como ônibus e metrô, lotado, com o distanciamento social impraticável. Para mulheres que adotaram o *homeoffice* a sobrecarga se deu em nível profissional e doméstico (Modesto *et al.*, 2020).

A posição na pirâmide social expõe não apenas o capital material, mas humano, deixando evidente o privilégio de determinados grupos sociais em detrimento de outros. A pandemia colocou questões de classe no cerne do debate na medida em que o isolamento social e a quarentena não foram experiências universais, uma vez que “ficar em casa” se configurou um privilégio acessível a determinados grupos, enquanto outros foram obrigados a optar entre o risco de vida e a perda da única fonte de sustento.

### 2.1.1 Aspectos sindêmicos na Covid-19

A vulnerabilidade causada pela localização de um grupo social dentro de uma hierarquia de poder perpassa diferentes aspectos. Um deles, particularmente ignorado por sistemas de saúde em sua relação com condições sociais, são as doenças mentais. Dentre as doenças não transmissíveis, transtornos psíquicos e psicológicos possuem uma relação profunda com fatores biossociais, sendo que essa relação pode ser estabelecida de diferentes maneiras. A conexão mais óbvia consiste na pressão exercida por um ambiente de pobreza, marginalização social, violência estrutural e precarização do trabalho que afeta diretamente a saúde mental dos trabalhadores. Já está estabelecido na literatura científica como determinantes sociais estão diretamente relacionados a uma maior incidência de distúrbios mentais em populações marginalizadas. As pesquisas demonstram que pessoas que compõem a sigla LGBTQIAPN+, refugiados, mulheres, grupos étnico-raciais e pessoas que vivem na pobreza ou em região de violência têm maior probabilidade de desenvolver transtornos mentais (Oswald *et al.*, 2024; Kirkbride *et al.*, 2024; Lund *et al.*, 2010; Rocha *et al.*, 2023).

Transtornos de humor, como a depressão, e transtornos de ansiedade podem estar vinculados a traumas ou estressores psicossociais decorrentes do ambiente onde o sujeito está inserido. Esses casos podem ocorrer em razão da estigmatização ou desprezo relacionado à classe social, em função da pressão imposta pela condição financeira desfavorável ou mesmo por frustração em não conseguir suprir necessidades básicas, o que leva a efeitos psicossomáticos que prejudicam o sistema imunológico. Um exemplo citado por Singer (*et al.*, 2017) é o tratamento para depressão, cujos recursos farmacológicos podem não surtir efeito ou agir com rapidez necessária quando a doença está relacionada à condição social do indivíduo e sua classe social. Outra questão a ser considerada é o estresse cumulativo resultante do tratamento de uma primeira doença, uma vez que a sobrecarga emocional é capaz de diminuir as defesas do corpo, prejudicando o procedimento médico.

A obra “Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico”, organizada por Safatle *et al.* (2020), relaciona doenças mentais com o sofrimento decorrente do sistema econômico vigente. Para os pesquisadores, as estruturas sociais e econômicas do neoliberalismo moldam também subjetividades, pois estimulam competição entre funcionários e autoexploração — o trabalhador está sempre em busca pelo melhor desempenho. Diante da naturalização das desigualdades e internalização dos princípios individualistas do neoliberalismo, não há uma reflexão de sociedade, solidariedade e bem comum. Com isso, a sociedade é despolitizada e

suas contradições são atribuídas ao fracasso individual. O sucesso financeiro é atribuído ao mérito e estimulado pela competitividade e, quando não ocorre, é inevitável a sensação de fracasso, contribuindo para o desenvolvimento de doenças mentais, como ansiedade, depressão e Burnout (Safatle *et al.*, 2020).

Para além de doenças mentais, a marginalização de grupos sociais está relacionada a uma maior incidência de endemias e epidemias de tuberculose, ISTs (infecções sexualmente transmissíveis), hepatite, cirrose, mortalidade infantil, abuso de drogas e suicídio. É principalmente nesses casos que coinfeções podem ocorrer, a partir de interação de doenças em um mesmo organismo, especialmente em países com populações empobrecidas, sem acesso a medicamentos, tratamento de água e esgoto, saúde preventiva ou simplesmente onde a medicina é limitada. Além de fatores como hereditariedade, transmissibilidade e genética, há uma ampla gama de doenças relacionadas às condições sociais e ambientais de uma população que precisa ser considerada no tratamento e prevenção de doenças (Singer *et al.*, 2017; Singer; Rylko-Bauer, 2021).

Entre as principais consequências de vulnerabilidade, estão a fome e a desnutrição, diretamente responsáveis por disfunções no desenvolvimento físico e mental de indivíduos, alterações sanguíneas, fadiga e desaceleração do crescimento. No Brasil, há grave situação de insegurança alimentar, definida como a incerteza de acesso ao alimento, seja por indisponibilidade ou falta de recursos econômicos. Segundo pesquisa do IBGE em parceria com o Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome (IBGE, 2024), o Brasil possui 27,6% de seus domicílios com insegurança alimentar (cerca de 21,6 milhões de pessoas), sendo 18,2% com insegurança alimentar leve (14,3 milhões); 5,3% com insegurança alimentar moderada (4,2 milhões); e 4,1% insegurança alimentar grave (3,2 milhões). Em metade dos domicílios classificados com insegurança alimentar moderada ou grave (50,9%), o rendimento domiciliar *per capita* é inferior a meio salário mínimo. A pesquisa foi realizada nos primeiros meses de 2023 e divulgada em 2024 (Ferreira, 2024).

Por outro lado, a subnutrição também pode estar vinculada à injustiça social. Essa relação entre obesidade e pobreza perpassa a oferta e o custo de alimentos processados e ultraprocessados em detrimento de alimentos frescos, como frutas e verduras, levando a uma dieta sem qualidade nutricional. Um estudo de Rocha (*et al.*, 2024), demonstrou como o consumo de alimentos industrializados, principalmente ultraprocessados, é maior nas periferias brasileiras, enquanto frutas, verduras e legumes são associados à alimentação de pessoas com maior poder aquisitivo. Entre as explicações para esse excesso de consumo estão a falta de

informação nutricional, a baixa disponibilidade de legumes, verduras e alimentos frescos e o alto custo desses alimentos.

Como é sabido, os alimentos processados são ricos em açúcares, gordura saturada, sódio e aditivos, ao mesmo tempo em que são pobres em nutrientes, levando à queda nas defesas imunológicas (Singer; Rylko-Bauer, 2021). A ingestão recorrente desses alimentos implica maior probabilidade de desenvolvimento de diabetes, colesterol elevado, obesidade, hipertensão arterial, doenças cardiovasculares, entre outros distúrbios metabólicos e crônicos. Pensando além da dificuldade financeira, em grupos sociais marginalizados o alimento pode representar um conforto momentâneo, como pequenos prazeres em um contexto de enfrentamentos cotidianos. Diante disso, a preocupação com a qualidade do alimento torna-se secundária. Analisando sob a ótica da saúde pública, a inacessibilidade de parte da população a uma dieta com valor nutricional agrava quadros de doenças crônicas não transmissíveis, levando a distúrbios de saúde — que serão enfrentados pelo Estado.

É essencial considerar também os impactos da pandemia de Covid-19 entre grupos minoritários, potencialmente prejudicados por doenças preexistentes e vulnerabilizados diante de questões econômicas adversas, como idosos, população encarcerada, minorias étnicas e refugiados políticos ou de regiões de conflito (Síria, Iraque, Iêmen, Sudão do Sul etc.). Uma pesquisa conduzida por Romero *et al.* (2021) revelou que, durante a pandemia, 47,1% dos idosos viram sua renda diminuir e 31,9% sobreviveram com menos de um salário mínimo. A mesma pesquisa demonstrou um agravamento nos sentimentos de solidão, tristeza e ansiedade, principalmente entre mulheres idosas. Os dados revelaram um aprofundamento das desigualdades durante os períodos de isolamento.

Ainda sobre a população estigmatizada, o 17º Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2023) mostrou que o país possui uma população carcerária estimada em 832 mil, dos quais 68,2% são compostos por pessoas negras. Considerando o número total de vagas disponíveis nos presídios — 596,1 mil —, há um déficit de 236 mil, ou seja, há superlotação nas penitenciárias. É nesse ambiente superlotado, de insalubridade (sem acesso a água, sol, medicamentos), onde já é comum a proliferação de doenças, que a Covid-19 adentrou. O resultado foi uma quantidade expressiva de mortes. Fernandes *et al.* (2022) questionou os dados divulgados pelo Departamento Penitenciário Nacional (Depen): 66.447 mil contágios e 287 mortes entre os encarcerados. Para ela, os dados são inconsistentes e haveria subnotificações de casos. Ao voltar-se para os dados do 17º Anuário, observa-se que, das 2.453 mortes ocorridas no ano de 2022, 400 não tiveram suas causas esclarecidas, o que fortalece o argumento de Fernandes *et al.* (2022).

### 2.1.2 Sindemia no âmbito da Antropologia Médica

Embora Merrill Singer tenha cunhado o conceito de sindemia, a proposta de trazer a medicina para o debate no campo social não é uma inovação do pesquisador. A relação biossocial foi proposta por Paul Farmer, em 2003, com a incorporação do conceito de "violência estrutural" à Antropologia Médica. O conceito que relaciona violência à configuração social foi proposto pelo sociólogo norueguês Johan Galtung e enfatiza o papel de estruturas sociais na manutenção da desigualdade. Sob essa ótica, a violência não é interpretada como resultado de ações individuais, mas um conjunto sistemático em que políticas públicas, práticas institucionais, normas sociais e estruturas econômicas contribuem para a reprodução de relações de poder, injustiças sociais e marginalização de determinados grupos (Galtung, 1969). No campo da Antropologia Médica, a associação entre violência estrutural e saúde se dá na inacessibilidade a recursos básicos, como infraestrutura sanitária, segurança pública, alimentação com valor nutricional, medicamentos, imunização, moradia, serviço de abastecimento e recursos hídricos. Esses são apenas alguns fatores geradores de violência estrutural e de marginalização.

Um ponto nevrálgico para se entender essa violência é pensar sobre como o racismo foi naturalizado pela sociedade de tal maneira que instituições jurídicas, políticas, econômicas, religiosas e sociais reproduzem essa desigualdade racial. A naturalização da violência contra as pessoas negras faz parte da dinâmica social e o resultado é que essa população está envolta nos piores indicadores sociais. Alguns exemplos que podem ser elencados são o menor acesso a saúde e serviços sociais, altas taxas de homicídio, maiores índices de mortalidade infantil, maior proporção de encarceramento, indicadores elevados de analfabetismo, nível de escolaridade reduzido e alta incidência de violência contra mulher. Ao longo da sindemia de Covid-19, o racismo estrutural ficou mais evidente, sendo abordados nos trabalhos de Santos e Silva (2022), Oliveira (*et al.*, 2020); Santos *et al.* (2020); Araújo *et al.* (2020).

O processo de marginalização no espaço urbano, desencadeado, entre outros fatores, pela valorização dos imóveis e consequente expulsão da população negra em direção a regiões periféricas, traz consigo um marcador social racial. Nesses ambientes com pouca ou nenhuma participação do Estado, há uma precarização do espaço ambiental, cuja população pode estar sujeita a contaminação por resíduo agroindustrial ou mesmo transmissão orofecal em decorrência da falta de saneamento básico.

Segundo os dados do último Censo, realizado em 2022 e divulgado pelo IBGE em 2024, 24,3% dos brasileiros não possuem uma estrutura adequada de saneamento. Nesse recorte, a maior proporção é de jovens, pretos, pardos e indígenas e localizada na região Norte do país. Já as moradias em grande parte são habitadas por famílias volumosas ocupando pequenos espaços e, em muitos casos, sem acesso a um sistema de tratamento de água.

Gonzales (1984) explica que essa disparidade remonta o período da escravidão, em que a separação dos espaços delimitava o “lugar natural” do explorador e do explorado, o dominador e o dominado. No caso dos brancos, seus espaços eram (e ainda são) moradias saudáveis, bem localizadas, rodeadas por boas estruturas e segurança garantida pelo Estado ou mesmo por sistemas privados de monitoramento. No caso de pessoas negras, seu “lugar natural” é interpretado como as periferias, favelas, invasões, conjuntos habitacionais. Há, portanto, uma naturalização e institucionalização do racismo, perpetuado por um pacto de silenciamento da branquitude (Bento, 2022) para manter seus privilégios em detrimento do sofrimento de pessoas negras. Ao sustentar o *status quo*, pessoas brancas utilizam discursos sustentados pelo neoliberalismo, como o de meritocracia, sobre o qual a ascensão econômica e o acúmulo de recursos seriam justificados pelo esforço individual, enquanto transferem para o indivíduo a responsabilidade pela permanência em situações de pobreza e violência. Ou seja, o estado de miséria é justificado como uma condição da falta de ambição e iniciativa pessoal para sair dessa realidade.

No neoliberalismo, riqueza é sinônimo de poder e, para garantir seus ganhos financeiros, diferentes estratégias são aceitáveis, inclusive apoderar-se do Estado. No Brasil, o caso da bancada do “Boi, Bala e Bíblia” ilustra essa apropriação do Estado pelas elites. Representantes do agronegócio, de igrejas conservadoras e defensores do armamento legislam em causa própria, enquanto pautas coletivas e urgentes, como os danos do causados pelo uso de agrotóxico, são negligenciadas. Homens brancos são maioria na Câmara dos Deputados e no Senado Federal, enquanto em torno de 20% das cadeiras são ocupadas por pretos e pardos (Câmara dos Deputados, 2022).

Brown (2019, p. 37) argumenta que, em uma democracia plena, o Estado deveria garantir a igualdade política por meio de ações que vão desde:

[...] cuidados com a saúde até a educação de qualidade, redistribuições econômicas e profilaxias vigorosas contra a corrupção pela riqueza. Para a democracia prevalecer, não se deve permitir que nem os próprios mercados e nem os vencedores em seu âmbito governem; ambos devem ser contidos no interesse da igualdade política, o fundamento da democracia.

Nesse cenário, Brown (2019) acusa o neoliberalismo de antidemocracia, uma vez que a igualdade política é o que deveria fundamentar a democracia. Para ela, racismo, falta de moradia, renda, saúde e sofrimento humano são condicionantes para a desigualdade e podem levar a decisões contraditórias para preservar a própria sobrevivência. Não há igualdade política no desespero. A urgência trazida pelas necessidades impede que haja um sistema democrático verdadeiramente igualitário. Por não garantirem essa igualdade política, as chamadas “democracias liberais, burguesas ou capitalistas” sequer poderiam ser consideradas plenas. A função do Estado é justamente diminuir as desigualdades de poder amenizando essas discrepâncias sociais e garantindo a democracia. As ações afirmativas, portanto, servem para garantir as condições mínimas de sobrevivência, renda, moradia, saúde, educação e alimentação, reduzindo as diferenças. Na visão de Brown (2019), a democracia precisa estar amparada pela igualdade e, por isso, em constante vigilância para que a riqueza não domine o controle do poder político.

A institucionalização do racismo é refletida também em condições de saúde e infraestrutura hospitalar. Jovens negros são os que mais cometem suicídio, sendo que o índice entre eles é 45% maior do que entre brancos (Brasil, 2018). Outro dado impressionante é o risco de 90% de desnutrição em crianças negras, sendo que, ao mesmo tempo, a incidência de doenças decorrentes da má alimentação — diabetes, hipertensão, colesterol elevado — é maior nessa população. Outras doenças relacionadas à precarização ambiental, como anemia falciforme, sífilis, tuberculose e doenças parasitárias, também são mais frequentes em populações negras (Brasil, 2016). Essas e outras disparidades relacionadas à saúde da população negra são expostas em pesquisas como o Painel Saúde da População Negra, elaborado pelo Ministério da Saúde (Brasil, 2016), e programas como a Política Nacional de Saúde Integral da População Negra (PNSIPN) e o Saúde sem Racismo. A preocupação é implementar estratégias de saúde antirracista no Sistema Único de Saúde com essa desigualdade que expõe a saúde da população negra a agravos de saúde.

Santos e Silva (2022) analisaram dados da PNAD, Ipea e Dieese entre 2018 e 2021 e expuseram como os índices de mortalidade foram maiores entre negros e populações empobrecidas, moradoras de regiões periféricas e no meio rural. Esse também constitui o grupo com menores salários e que compõe majoritariamente o setor de serviços (serviço doméstico, agricultura, plataformas de aplicativo). Os pesquisadores demonstraram também como o desemprego foi maior entre a população negra, especialmente mulheres pretas e pardas, sendo delas também os menores salários e as piores condições de trabalho (Santos e Silva, 2022). Esses dados contrapõem um imaginário construído e reverberado por veículos midiáticos de

que a doença atingiria a todos de maneira igualitária, como uma “democracia pandêmica”, cuja contaminação independe de aspectos sociais, econômicos e raciais.

O conceito de sindemia, todavia, não é consenso, especialmente no campo científico. Piani (2023) esclarece como “sindemia” representa uma interconexão complexa de fatores sociais, econômicos e de saúde. A resistência à sindemia dentro da ciência é explicada pelo fato de que esse conceito abrange diversas áreas de conhecimento que não são tradicionalmente consideradas como parte da ciência convencional. Embora a ciência declare ter um método homogêneo e consensual, na prática, ela é heterogênea em sua produção e formulação política.

Apesar da heterogeneidade na abordagem científica, comumente recusa essa diversidade quando se trata de disseminação e ensino acadêmico. Um paradoxo apontado Piani (2023) é que a ciência produz conhecimento de maneira diversa, mas não necessariamente reconhece ou promove essa heterogeneidade em suas práticas educacionais e de divulgação científica. Em outras palavras, há uma discrepância entre como a ciência é praticada e como ela é apresentada e comunicada para o público e na academia.

Essa crítica é justamente uma das levantadas por Stengers (2023) em sua oposição à *Fast Science*. Ela defende um fazer científico interdisciplinar e transdisciplinar que promova o diálogo entre diferentes áreas do conhecimento e com a sociedade civil. Analisar a pandemia de Covid-19 sob a ótica sindêmica é, também, aderir aos princípios da *Slow Science*, proposta por Stengers (2023). A análise sindêmica possibilita a ampliação das intervenções de saúde, principalmente por meio da prevenção em populações marginalizadas e estigmatizadas.

Na visão de Singer (1996), a principal causadora de sindemias são justamente as disparidades sociais, uma vez que são diretamente responsáveis pelas condições e oferta de saúde que, inter-relacionadas, levam a problemas clínicos. Da mesma forma, pensar a ótica sindêmica é pensar a destruturação do racismo estrutural, fim de privilégios e reestruturação de instituições, leis e políticas que fundamentam essas desigualdades.

A syndemic approach provides a very different orientation to clinical medicine and public health by showing how an integrated approach to understanding and treating diseases can be far more successful than simply controlling epidemic disease or treating individual patients. This approach involves not only recognising how co-occurring social and health problems can affect disease progression but also how non-pharmacological interventions can severely change health outcomes. The syndemic perspective therefore necessitates movement past narrowly conceived efforts towards the development of a big-picture awareness of diseases, disease clustering, and disease interactions in biological, ecological, and social contexts and

ultimately towards correspondingly broad based public health policy initiatives<sup>19</sup> (Singer *et al.*, 2017, p. 947).

Compreender essa interação biossocial é necessário para adoção de protocolos tanto de prevenção quanto de tratamento para essas doenças, objetivando trazer melhores resultados quando em comparação a intervenções isoladas. Ou seja, pensar a amplitude social abarca melhor eficácia em se tratando de cuidados de saúde. Considerar as condições sociais pressupõe mudanças de abordagem dos governos, que deveriam passar a atentar para as consequências geradas pelas diferenças sociais. O tratamento médico na ótica sindêmica considera a distribuição igualitária de recursos, igualdade de direitos, acesso a alimentação com valor nutricional, equiparação salarial e destruição do sistema de “castas”, seguindo um modelo de medicina socialmente consciente.

## 2.2 INFODEMIA E DESINFORMAÇÃO: ELEMENTOS AGRAVANTES NA SINDEMIA COVID-19

A primeira sindemia descrita e analisada por Merrill Singer (1996) foi a de HIV em comunidades latinas e afro-americanas nos Estados Unidos. Ao investigar os fatores socioambientais e políticos, o pesquisador notou a presença de outro elemento agravante: a desinformação. Naquele contexto, o desconhecimento sobre a Aids e o peso das crenças culturais nas decisões individuais aprofundavam a vulnerabilidade social, acarretando agravos de saúde. Alguns dos desafios eram vencer a ignorância acerca das formas de contágio, conscientizar sobre os riscos da doença e derrubar preconceitos em relação às ações de prevenção. A falta de esclarecimentos tornava a interação um dos fatores que compunham o quadro sindêmico — HIV/Aids, uso abusivo de drogas, violência, tuberculose, infecções sexualmente transmissíveis, hepatite, cirrose e mortalidade infantil — ainda mais complexas.

---

<sup>19</sup>“Uma abordagem sindêmica oferece uma orientação muito diferente para a medicina clínica e a saúde pública ao demonstrar que uma abordagem integrada para compreender e tratar doenças pode ser muito mais eficaz do que simplesmente controlar epidemias ou tratar pacientes individualmente. Essa abordagem não apenas reconhece como problemas sociais e de saúde que ocorrem simultaneamente podem afetar a progressão das doenças, mas também como intervenções não farmacológicas podem alterar significativamente os desfechos de saúde. A perspectiva sindêmica, portanto, exige um avanço além de esforços estreitamente concebidos, em direção ao desenvolvimento de uma consciência ampla sobre as doenças, sua distribuição e suas interações nos contextos biológico, ecológico e social, culminando, por fim, na formulação de iniciativas de políticas de saúde pública amplas e abrangentes”. Tradução minha.

No contexto atual, o desafio não é somente a escassez de informação e influência das crenças individuais, mas também a produção deliberada de desinformação e o excesso de dados contraditórios que seguem contribuindo para o agravamento da sindemia iniciada em 2019. Se na década de 90 um dos problemas era a dificuldade de acesso a informações, com a popularização da internet, disponível em smartphones, a dificuldade atual é justamente o seu excesso. Quando o volume excessivo de informações se propaga especialmente em períodos epidêmicos, gerando desconfiança, confusão e desorientação, recebe o nome de infodemia (ABL, s/d). O termo, originalmente cunhado pelo cientista político David Rothkopf em artigo sobre a Sars publicada no *The Washington Post* (Rothkopf, 2003), foi utilizado pela OMS para definir tal problemática enfrentada no contexto da sindemia de Covid-19.

As discussões em torno de uma epistemologia da desinformação consistem num debate em curso que envolve trocas entre pesquisadores de diferentes áreas, como comunicação, psicologia, jornalismo e filosofia. A partir das discussões, as dificuldades não são apenas na definição de termos, mas criar uma metodologia objetiva para definir o que corresponde e o que não corresponde a *fake news* (Uscinski *et al.*, 2024). Afinal, como a falsidade da desinformação pode ser verificada? O que é considerado como verdade? O que é falsidade? A quem cabe a responsabilidade de investigar e classificar as notícias? A ambiguidade de interpretações e a ausência de uma epistemologia objetiva abrem espaço para falas como a de Donald Trump referindo-se ao jornalismo de oposição como “*fake news*” (Johnson, 2024) ou acusações de enviesamento ideológico. Uma reportagem da BBC News Brasil (Wendling, 2018) demonstra como a expressão cunhada para definir um fenômeno social passou rapidamente a ser utilizada como sinônimo de difamação e virou jargão jornalístico.

Dentre os termos mais discutidos durante a sindemia está *fake news*. Embora já estivesse em circulação há alguns anos, foi considerada “a expressão do ano” em 2017 pelo dicionário Collins. As chamadas “notícias falsas” seriam informações propositalmente manipuladas para ter um aspecto de veracidade. Todavia, a definição tem sido criticada por sua limitação em englobar a complexidade e a subjetividade do fenômeno, assim como os diferentes formatos e meios pelos quais podem chegar ao leitor. Ademais, foi cooptada por figuras da direita, como Donald Trump e Jair Bolsonaro, que costumam desacreditar qualquer notícia que os desagrade ou que discordem. Por isso, outros termos têm sido utilizados por pesquisadores, como desinformação, notícias fraudulentas, desordem informacional e até “misinformação” (do inglês *misinformation*), uma informação que, a princípio, não tem a intenção de enganar, mas que por ser um erro honesto provoca desinformação.

Uma das maiores pesquisadoras de desinformação, a britânica Claire Wardle, ligada à Universidade de Harvard e fundadora da ONG First Draft, se debruçou sobre questões epistemológicas. Ao analisar os formatos distintos pelos quais uma desinformação pode chegar ao público, reconheceu a amplitude do termo *fake news*. Com isso, para possibilitar seu reconhecimento e análise, dividiu o estudo da desinformação em sete categorias de análise.

O primeiro formato destacado por Wardle (2020) é a sátira ou paródia. Criados originalmente para parodiar ou satirizar uma pessoa ou acontecimento, esses conteúdos podem ser divulgados em mídias sociais, desconectando-se da mensagem inicial e gerando burburinhos e conspirações, ao mesmo tempo em que burlam sites de *fact-checking* (Wardle, 2020).

Em seguida, destaca a conexão falsa, ou seja, notícias cujo título ou legenda não correspondem ao conteúdo. A estratégia aqui é manipular a informação, muitas vezes utilizando *clickbait*s — uma isca para fazer as pessoas acessarem um link. Dado o costume de muitos leitores de não lerem as matérias completas, essa tática se torna eficaz em provocar rumores. Um exemplo recente foi uma matéria da CNN Brasil cujo título, "Homem com doses completas de vacina é o 1º caso de sarampo do ano em SP" (Grasso, 2025), induzia o leitor a duvidar da eficácia da vacina, quando, na realidade, o esquema vacinal completo foi o que garantiu a recuperação do paciente. Como é sabido, a vacinação não impede o desenvolvimento de doenças, mas garante imunidade para combater o agente infeccioso.

Quando há manipulação intencional de dados, informações ou imagens para provocar confusão ou engano no espectador, Wardle (2020) denomina de “conteúdo enganoso”. Para isso, pode-se reformular matérias, utilizar fragmentos de entrevistas ou mesmo estatísticas a fim de criar uma argumentação, omitindo informações importantes. Já o “falso contexto” é a estratégia de buscar conteúdos verdadeiros (como imagens, vídeos, textos ou reportagens) e colocá-los em um novo contexto de forma desonesta, como no caso de matérias antigas sendo apresentadas como se fossem recentes (Wardle, 2020).

No caso de conteúdo impostor, informações são validadas por conterem o selo de empresas jornalísticas, sites etc. Nesse tipo de desinformação, há uma preocupação em imitar fontes verdadeiras. Exemplos disso incluem publicações manipulados no X, antigo Twitter, vídeos atribuídos à BBC ou até mesmo matérias criadas com *templates* de sites como o G1. Também é comum a criação de sites pseudojornalísticos cujos layouts, imagens e textos imitam conteúdos jornalísticos, mas com o propósito de enganar.

Conteúdo manipulado é um dos tipos mais utilizados em redes sociais. Refere-se, principalmente, a imagens e vídeos alterados para sustentar uma opinião ou visão política específica (Wardle, 2020). Por fim, a pesquisadora aponta o conteúdo fabricado, que envolve a

criação de conteúdo inteiramente do zero para desinformar. Nesse pacote, estão inclusas imagens, vídeos, sites, textos e *deepfakes*.

Além dessas categorias apontadas por Wardle (2020), destaca-se aqui também o testemunhal falso. Geralmente, consistem em textos ou vídeos gravados em primeira pessoa e de forma amadora, dando a entender que se trata de pessoas comuns que dão um depoimento sobre determinada experiência pessoal. Os objetivos vão desde descredibilizar universidades, cientistas, jornalistas e políticos até disseminar uma ideia, como a suposta eficácia do tratamento com Kit Covid. Essa tática foi muito utilizada durante a pandemia para produzir narrativas a respeito da vacinação.

Ao se debruçar sobre esse fenômeno, Han (2022) afirma que, para compreendê-lo, é preciso situá-lo no “regime de informações”, quando relações interpessoais, sociais, econômicas e políticas são determinadas por redes de informações, algoritmos e inteligência artificial. Ou seja, é preciso observar o ambiente em que se está inserido, onde as relações pessoais são profundamente influenciadas por redes sociais online. Momento cuja posse de dados e informações representa novas formas de poder, possibilitando vigilância e controle, além de auxiliar no entendimento de comportamentos psicopolíticos individuais e coletivos (Han, 2022). Esse consumo excessivo de informações se converte em uma nova forma de domínio de corpos, em que os espectadores são interpretados como meros animais de consumo.

Corpos dóceis, no pensamento de Foucault (2014), podem ser disciplinados, remodelados, produtivos, contudo, no regime de informação o espectador se supõe livre e autêntico (Han, 2022). A dominação, portanto, não se dá nos corpos, mas na psicopolítica, na medida em que tendências de comportamento e pensamentos são oferecidas como sinônimo de liberdade e autenticidade. Nessa conjuntura, a identidade de um indivíduo se transforma em mercadoria, enquanto sua liberdade é vigiada por algoritmos, controlada e direcionada por plataformas digitais.

O paradoxo também se dá no panóptico digital: o sentimento de liberdade enquanto se é vigiado pelos próprios amigos o tempo todo. Para Bauman e Lyon (2014), essa é a vigilância no mundo pós-panóptico da modernidade líquida. Em rede, todos geram dados e estão sujeitos a checagem, monitoramento, testes, avaliações e julgamentos.

A transmissão de informações direcionadas por inteligência artificial e Big Data consiste em uma forma de dominação em que a utilização de estatísticas e controle de dados e informações são mecanismos de controle e vigilância. Na sociedade em rede, dominada pela informação, a emoção e a surpresa dos conteúdos rápidos e fáceis são estímulos que mantêm

os indivíduos conectados. Desse modo, informações falsas ou manipuladas ganham mais atenção do que argumentações fundamentadas em dados e análises.

Sendo a política fundamentalmente emocional, o medo, sensação mais paralisante do ser humano, é transformado em ferramenta política. Ao trabalhar com emoções, em especial o medo, lideranças políticas podem ter sua moral e liderança ameaçadas por narrativas negativas. A estratégia é associar a imagem de sujeitos a informações disruptivas, provocando medo e inculcando desconfiança de possíveis eleitores (Han, 2022; Castells, 2018; Empoli, 2021).

A infodemia transformou eleições em guerra de informação, cuja utilização de algoritmos são um elemento fundamental para o funcionamento desse sistema. Na disputa de informações, uma arma popularmente utilizada são os chamados "memes". Memes são mensagens rápidas, podendo adotar o tom jocoso ou não, e que podem conter vídeos, imagens e informações compartilhadas na rede por usuários. O responsável pelo termo é o escritor britânico Richard Dawkins, no livro *The Selfish Gene*. Meme vem de gene e seria uma unidade básica na transmissão de informações culturais. Nas redes, essa unidade é transmitida e replicada, podendo se espalhar como um conteúdo viral (Han, 2022; Torres, 2016).

No Brasil, a rede social mais utilizada na transmissão de informação (e desinformação) é o WhatsApp. Uma explicação para a popularização da utilização desse aplicativo é um procedimento adotado por empresas de telefonia chamada *zero rating*. A estratégia consiste em oferecer desconto na franquia de dados para utilização de redes sociais mais populares, caso de *Facebook*, *Instagram* e *WhatsApp*. O imbróglio é que, ao ter acesso livre às redes, o hábito já comum de não ler sites de notícias é sublevado. Desse modo, o *WhatsApp* se transformou em uma plataforma de transmissão de informação sem a possibilidade de checar a veracidade desta (Chagas, 2021; Mello, 2020). Não à toa, 79% dos brasileiros costumavam ter o app como única fonte de informação, fato que tem mudado nos últimos anos (Torres, 2019).

Com o aumento das campanhas contra desinformação, a confiança com relação a notícias reduziu entre os brasileiros. O Digital News Report 2024, elaborado pelo Instituto Reuters para Estudos de Jornalismo de Oxford, apontou que a maioria dos brasileiros ainda acessa notícias de maneira online (74%), utilizando tanto portais quanto redes sociais. Todavia, 51% se informam apenas por meio de redes sociais, sendo *WhatsApp* e *YouTube* as principais, ambos utilizados por 38% dos entrevistados. Para acessar a rede digital, 82% dos brasileiros utilizam *smartphones*, seguido de computador, 51%, e *tablets*, 30%. Outro ponto fundamental salientado pela pesquisa é a queda na confiabilidade das notícias, que em 2015 correspondia a 62% e em 2024 caiu para 43%, mostrando um aumento na desconfiança (Carro, 2024).

Para 24% dos brasileiros é difícil distinguir notícias verdadeiras das fabricadas, em especial as disseminadas no *TikTok* e *X*. Essa desconfiança mostra como os brasileiros têm dificuldade para verificar a veracidade nas informações. Por isso, embora a maioria afirme se informar pela internet, para metade dos entrevistados os jornais e plataformas tradicionais de jornalismo ainda são os mais confiáveis (Carro, 2024). Ao analisar esses dados, pode-se observar uma contradição, pois, ao mesmo tempo em que a maioria busca informações por meio da internet, sobretudo redes sociais, há um clima crescente de desconfiança em relação ao seu conteúdo. A pesquisa mostra também o poder de alcance das redes sociais online, o que deixa evidente o potencial de penetração de desinformações, uma vez que essa é a ferramenta mais utilizada.

A consequência da disseminação de desinformações, em especial as direcionadas à vacinação, têm sido debatidas por pesquisadores (Silva *et al.*, 2023; Nobre *et al.*, 2022). Um ensaio clínico randomizado realizado por Loomba *et al.* (2021) com 8 mil pessoas dos Estados Unidos e Reino Unido mostrou que a exposição à desinformação reduziu em 6,2% a intenção de se vacinar. As desinformações que mais induziram a falsas interpretações tinham características e linguagem de divulgação científica e despertaram desconfiança principalmente entre grupos que já desacreditavam instituições.

Uma revisão integrativa realizada por Silva *et al.* (2023) buscou associação entre desinformação e hesitação vacinal, demonstrando que a disseminação de teorias da conspiração em mídias sociais está ligada ao aumento da ansiedade e medo em relação aos efeitos colaterais da vacina e a duração da sua proteção. Em um quadro sindêmico atrelado a uma doença viral para a qual um imunizante é disponibilizado pelo sistema de saúde a hesitação vacinal pode aumentar a recusa vacinal, dificultando o controle da doença.

### **2.2.1 Vacinofobia: aspectos históricos que reverberam no presente**

Ao longo da sindemia, a resistência à vacinação encontrou respaldo também em acontecimentos históricos marcantes, como a Revolta da Vacina. O trecho abaixo, publicado no *Mídia Sem Máscara*, exemplifica essa instrumentalização:

O fato é que a história da vacina é uma história de abuso e violência que toleramos como um mal menor. Sim, eram doenças terrivelmente letais. Séculos depois, um vírus de alto contágio e baixa letalidade está sendo usado para justificar as mesmas arbitrariedades. Na Itália, idosos foram abandonados em asilos e morreram de fome. Em todo o mundo, Estados suprimiram direitos fundamentais de seus cidadãos e agora uma terapia de RNA recombinante,

maliciosamente identificada como vacina, jamais testada sequer em animais, fará milhões de seres humanos de cobaias (Felix, 2020).

Em meados do século XIX, a vacina *jenneriana* (ou humanizada), transportada de braço em braço, chegou a diversos países, inclusive ao Brasil. Por uma combinação de circunstâncias históricas, sociais e políticas, o método foi imediatamente questionado e enfrentou resistência da população, culminando na Revolta da Vacina no início do século seguinte. No trecho acima, embora Felix (2020) desinforme ao afirmar que a vacina contra a Covid-19, produzida pela farmacêutica Pfizer, não passou pelos processos de testagem, utiliza um fato histórico fundamental para compreender a trajetória da vacinação no Brasil. Sua implementação teve características arbitrárias e histórico de abusos e violências, em especial contra os mais pobres. Esse legado estaria reverberando ainda hoje na forma de desconfiança em relação ao controle e violação de corpos? Como foram os discursos antivacinação ao longo dessa trajetória em comparação com os atuais? Há características destes nas narrativas atuais? Os aspectos sociais, como marginalização e falta de diálogo científico, influenciaram essas alegações?

No Brasil, a vacina *jenneriana* teria chegado em 1804, pelo método braço em braço, em meninos escravizados enviados à Lisboa pelo Marquês de Barbacena e trazidos posteriormente com o pus vacínico. Por meio de método semelhante, foi enviada para outros estados, como Bahia e São Paulo. Por ser ainda desconhecida, a vacinação nesse período era mais utilizada em escravizados e indígenas, uma vez que os senhores estavam preocupados com a manutenção de sua propriedade, o que denotava preservar vidas. A forma como ocorria o transporte do material e a aplicação da vacina nesses corpos marginalizados foi interpretada em diferentes momentos como experimentos médicos, nos quais eram tratados como cobaias, gerando desconfiança em relação ao método (Fernandes, 2003; Teixeira e Almeida, 2003).

No texto de Felix (2020), publicado no portal "Mídia sem Máscara", nota-se uma acusação semelhante, de que as vacinas contra Covid-19 seriam experimentais, enquanto os vacinados seriam cobaias. Essa afirmação demonstra como a desconfiança do passado ecoa em formas contemporâneas de descrença.

Diante da acusação de Felix (2020) é fundamental se analisar as etapas às quais os imunizantes são submetidos antes de serem colocados no mercado nacional. Segundo a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), o líquido vacínico passa por diferentes etapas de desenvolvimento, estudos e testes antes mesmo de chegar aos laboratórios da agência. Em um primeiro momento, são realizados testes *in vitro* e com animais para analisar a capacidade de gerar anticorpos e, em seguida, a substância é aplicada em humanos. Caso demonstre

efetividade nesse primeiro momento, o insumo é encaminhado para mais três fases de testes em humanos para que seja aprovado seu registro (Anvisa, 2020).

Na primeira etapa, são realizados testes em humanos com a finalidade de verificar possíveis reações indesejadas, além disso, já se observa de forma preliminar a imunogenicidade da vacina e a capacidade de gerar anticorpos. Na segunda, é avaliada a dose, a maneira de vacinar, a imunogenicidade e a segurança. Na terceira, é aplicada em uma parcela grande da população, que é observada, com intuito de comprovar a segurança e eficácia. Apenas após todos os procedimentos é que a Anvisa concede o registro para comercialização e distribuição do imunobiológico no país (Anvisa, 2020).

No caso de autorização para uso emergencial, a resolução de 10 de março de 2021 prevê que a vacina pode ser aprovada quando o benefício comprovado é maior do que os possíveis riscos. Essa especificidade é aprovada apenas pela Anvisa e Ministério da Saúde, passando pelos estudos clínicos e as três fases de testes, sendo que em alguns casos podem ocorrer de forma simultânea para agilizar o processo, assim, o procedimento torna-se mais rápido e chega à população sem que o registro definitivo saia, desde que todas as etapas estejam concluídas. Esse foi o caso das vacinas aprovadas em regime emergencial na ocasião da síndrome de Covid-19 (Anvisa, 2021).

Voltando ao Brasil oitocentista, outro fator a influenciar negativamente era a perda de eficácia da imunização, o que demandava uma revacinação. O processo doloroso e bastante desconfortável foi detalhado por Gazeta (2006, p. 35): “A vacina era aplicada na região do braço pela escarificação da pele com objeto cortante e colocação da linfa através de grossas agulhas”. Concluía-se que a vacina tinha sido eficaz se no local da aplicação aparecesse uma pústula dolorida e de difícil cicatrização, da qual era coletado o pus vacínico no oitavo dia.

Havia o receio de que doenças do gado poderiam ser transmitidas para humanos, fato que não ocorria, mas ao longo do século houve a constatação de que o método “braço em braço” de fato propagava outras doenças, como sífilis e tuberculose. Diante dessas dificuldades, o processo despertava desconfiança, rejeição e repulsa entre a população. A solução posterior foi a criação da vacina animal (*Cowpox*), cujo material era retirado diretamente de pústulas de vitelos, deixando de lado a prática anterior (Gazeta, 2006; Fernandes, 2003; Teixeira e Almeida, 2003; Chalhoub, 1996).

Ainda no início do século XIX, em 1832, a obrigatoriedade da vacina foi pela primeira vez implementada no país, no município do Rio de Janeiro, por meio do Código de Posturas. Entretanto, diante da pouca popularidade da prática, a lei foi efetivada apenas entre os escravizados, pois o proprietário solicitava a presença do vacinador (Fernandes *et al.*, 2011).

Na documentação do Instituto Vacínico, os escravizados são apontados como os grupos mais suscetíveis à varíola, ou seja, grupo em que ocorria de maneira mais grave. Muitos já vinham do continente africano contaminados, mas deve-se levar em consideração o ambiente funesto em que viviam, de aglomeração e imunidade debilitada. Tal fato não só comprova a continuidade da desconfiança quanto à aplicação da vacina como demonstra a preocupação com a preservação do “patrimônio” mais do que da vida, indicando um interesse genuinamente econômico. Os corpos negros, já desumanizados pela escravidão, tornam-se alvo de uma política pública experimental, cujo objetivo era proteger o capital do senhor.

A obra “Cidade Febril”, de Sidney Chalhoub, investiga resistência ao método e especulações difundidas entre os populares do que poderia justificar a “vacinofobia” daquele período. Em sua pesquisa, o historiador observa a existência de desinformação publicada em jornais frequentemente difundida pelos próprios médicos. Um deles, Caetano Guimarães, acusou a vacina animal de provocar tumores em forma de chifres, feições de boi e até transformar a voz em mugido de touro (Chalhoub, 1996, p. 106). Outro, no período de D. João, chamado dr. Heleodoro, publicou textos menosprezando a ideia de Jenner (apontado como criador do método vacínico), e apontando a vacina como prejudicial ao sistema imunológico, pois os vacinados ficariam suscetíveis às bexigas. Em vez disso, defendia a tradicionalidade da variolação<sup>20</sup> como um método mais eficaz. É fundamental levar em consideração, no entanto, que muitos desses médicos perderam clientes para a nova prática, o que ajuda a compreender a resistência (Erman, 2022; Chalhoub, 1996).

A superioridade médica é representada popularmente por um marcador simbólico de autoridade, onde “doutor” representaria uma posição social que não corresponde necessariamente a um grau acadêmico, de médico pesquisador. Essa autoridade autoatribuída faz com que, ainda hoje, afirmações médicas sejam automaticamente legitimadas e sequer questionadas. Tanto o caso dos “doutores” elencados por Chalhoub quanto exemplos recentes como o “Médicos pela vida” são ilustrativos desse sintoma, quando, mesmo com uma diversidade de publicações científicas questionando o uso de medicações *off-label*, parte da população opta por acreditar na experiência e sabedoria dos “doutores”.

Por vezes, a classe médica se mostra uma instituição de poder que deslegitima o conhecimento científico, fundamentando suas escolhas em experiências individuais e em uma

---

<sup>20</sup>Na tese ‘Uma contribuição à História do combate à varíola no Brasil’, Arlene Gazêta explica que “variolização”, “inoculação” ou “transplantação” são termos similares para compreender a introdução do vírus em pessoas sãs. A prática é difundida desde a antiguidade e esteve presente na cultura hindu e chinesa chegando até países europeus, como França e Rússia. Uma das técnicas consistia em coletar a crosta de feridas, secar, triturar e inalar o pó (Gazêta, 2006).

espécie de superioridade presumida. Dentre os médicos popularizados durante a sindemia de Covid-19, Alessandro Loiola se destacou por dar entrevistas e fazer declarações abertas a favor da utilização do “Tratamento Precoce” e contra a vacinação:

Questionado pelo jornalista Silvio Navarro do programa Opinião no Ar, o médico e escritor Alessandro Loiola afirmou que a vacina contra Covid-19 não deveria ser aplicada em crianças e/ou adultos em geral. “Não adianta vacinar ninguém”, disse ele, que explicou que o novo coronavírus não parece ser tão “imunogênico pois 80% das pessoas infectadas não sentem nada”. [...] De forma corajosa e direta, o dr. Alessandro Loiola critica duramente todo o sistema, o governo federal e estadual, pelas falhas de liderança e decisão em relação à pandemia. Em entrevista à TV Jornal da Cidade Online, ele questionou o lockdown anticientífico, o “fique em casa” com a Globo, que mata mais do que salva vidas, segundo já foi mostrado por pesquisadores sérios (Cunha, 2020).

Na época das primeiras vacinas, no período imperial, século XIX, além da preocupação com transmissão de doenças, a resistência entre clínicos ocorria por não acreditarem na eficácia da imunização, condição observada após inoculados serem acometidos pela varíola de forma natural. A explicação era o enfraquecimento da cepa, fator contornado com importação do material vacínico da Europa e a proposta de revacinação. Lembrando que mais tarde, com a produção de vacina *cowpox* por Pedro Afonso, a partir de 1887, alguns problemas técnicos como armazenamento e enfraquecimento da cepa seriam sanados, dando maior eficiência à prática (Chalhoub, 1996).

Outra dificuldade era a própria revacinação. Entre alguns médicos, como na Bahia, era preferível correr o risco de ocorrência de varíola entre os já vacinados do que submeter os indivíduos à revacinação, pois o povo tinha “repugnância” ao método. Para se ter uma ideia da resistência entre a população, quem tomava a vacina já era orientado a retornar após oito dias para a coleta do líquido da pústula. A prática, lenta, desconfortável e possivelmente dolorosa, afastava praticamente metade dos já vacinados, a ponto de ser estabelecido multa para os faltosos ou visita de policiais às casas para trazer o indivíduo com a pústula valiosa (Chalhoub, 1996).

No âmbito da Covid-19, a hesitação quanto à revacinação também foi comum. Segundo dados do Ministério da Saúde (Brasil, 2024), até março de 2023, 93,9% dos brasileiros (188,3 milhões de pessoas) acima de 5 anos haviam tomado pelo menos uma dose de vacina contra Covid-19. Todavia, 38,6% não completaram o esquema vacinal com as demais doses. Entre os motivos apontado por essas pessoas estão “esquecimento e falta de tempo” (29,25%); “não acha

necessário e/ou não confia na vacina” (25,55%); “está aguardando a próxima dose” (17,5%) e “medo de reação adversa ou teve reação forte na dose anterior” (16,5%).

Há uma grande preocupação do Governo Federal também com as doses de reforço de outras vacinas, pois apresentaram queda nos últimos anos. Entre os imunológicos que precisam de mais de uma dose estão poliomielite, pneumocócica, meningocócica e tríplice viral (Butantan, 2024).

Voltando ao período monárquico, um instrumento comum de resistência às vacinas eram artigos e ilustrações publicados em jornais. Um desenho de James Gillray se tornou famoso, pois ilustra o cientista Jenner inoculando uma senhora, enquanto pessoas já vacinadas desenvolvem reações decorrentes. No desenho, um par de chifres de vaca desponta em uma senhora, enquanto outros se desesperam com pequenos “touro” nascendo em diferentes partes do corpo. Essas imagens refletiam um receio comum de que a vacina pudesse causar uma espécie de hibridismo animal.

Como exemplo, na Figura 6, a tirinha chamada *The Cow-Pock, or the Wonderful Effects of the New Inoculation!* (Em tradução livre: “A Variola Bovina, ou os maravilhosos efeitos da nova inoculação!”), do pintor britânico James Gillray (1756-1815), demonstra um argumento recorrente entre os resistentes à vacina.

**Figura 6:** A resistência à vacinação ilustrada em uma tirinha



Fonte: Chalhoub, 1996.

A falta de médicos e pessoas treinadas para inoculação em áreas do interior também é apontada como um possível fator de insucesso da vacina. Era necessário verificar a eficácia da

linfa utilizada, avaliar a qualidade do material e realizar o método de maneira eficiente. Caso errassem o procedimento, poderia haver contaminação ou mesmo provocar a varíola, o que contribuía para a má fama do método (Chalhoub, 1996).

Durante a sindemia, montagens, vídeos e *memes* eram recursos amplamente utilizados na circulação de desinformação. Nos portais analisados, todavia, a utilização de imagens tinha uma preocupação estética, pois era preciso estar o mais próximo possível de um trabalho jornalístico, por isso, muitos fazem uso de fotografias e montagens. Dentre os selecionados, a “Stylo Urbano” estava mais próxima das narrativas disseminadas em correntes de WhatsApp. O *print* abaixo, uma captura de tela do portal “Stylo Urbano”, mostra um suposto desenho publicado pelo Centro para Controle e Prevenção de Doenças (CDC). A imagem ilustraria uma história em quadrinhos cujo tema seria “Pandemia Zumbi”, uma sátira a pessoas que aderiram às medidas de distanciamento somada a questionamentos conspiracionistas. Não foi encontrado registro dessa publicação no site do CDC:

**Figura 7:** Captura de tela do site “Stylo Urbano” mostra a utilização de memes como recurso retórico

Em fevereiro de 2019, o Centro para Controle e Prevenção de Doenças (CDC) dos Estados Unidos publicou uma estranha história em quadrinhos intitulada “Pandemia Zumbi”. Curiosamente, em primeiro lugar, essa história só foi publicada um ano antes do início da histeria do Covid.

A história basicamente fala de um vírus que transforma pessoas em zumbis. Que agenda oculta está por trás disso? Porque Hollywood faz tantos filmes sobre zumbis e vacinas?



Fonte: Cunha, 2025.

Assim como na Covid, tendencialmente a morte por varíola entre a população negra e parda foi maior quando comparada aos brancos. Chalhoub nos explica que os grupos de escravizados eram resistentes a ação de médicos locais e tendiam a preferir a tradição de curandeiros. A incidência da doença era tamanha que tais grupos acreditavam que as epidemias (cólera, varíola, escorbuto, sarampo) constituíam uma espécie de plano diabólico dos brancos para atingir as pessoas de cor, como se se tratasse de feitiçaria. Uma hipótese levantada pelo pesquisador era de que *vacinophobia* dos afrodescendentes poderia estar relacionada a religiosidade (bantu, iorubá, católica). Haveria a ideia ambivalente de que as doenças constituíam flagelos impostos por santos ou orixás como São Bernardo e Omolú, por isso, a cura para as forças sobrenaturais dessas doenças deveria vir, da mesma forma, por meio de rituais. Em algumas interpretações, a varíola servia como uma espécie de purificação e a interferência nesse percurso natural poderia agravar ainda mais a epidemia, vinda sob “castigo” das divindades (Chalhoub, 1996).

Embora esse imaginário diabólico não apareça nos sites pesquisados, o pensamento e a atuação religiosa teve forte influência na disseminação de inverdades. Uma pesquisa realizada com 1845 pessoas pelo Centro de Pesquisa em Comunicação Política e Saúde Pública, da Universidade de Brasília, mostrou que pessoas evangélicas, com idade entre 35 e 44 anos constituem o grupo que mais compartilha informações falsas sobre vacina. Para isso, utilizam principalmente redes sociais como *TikTok* e *Telegram* (Cunha, 2023). A relação entre igrejas pentecostais e negacionismo científico foi explorado por diferentes pesquisadores (Guerreiro; Almeida, 2021; Oro; Alves, 2020). Em alguns vídeos que circularam durante a pandemia, pastores evangélicos garantiam que a imunização viria por meio da fé no espírito santo, em outros associavam a marca da vacinação a "besta", um personagem demoníaco do apocalipse (Veja, 2024). Esses elementos nos fazem refletir sobre o domínio de discursos religiosos no imaginário popular.

Outro motivo de resistência a vacina no Brasil imperial era a crença popular de que a vacina poderia agravar o quadro de epidemia, pois entendiam que a prática era a causadora da doença. Uma das hipóteses levantadas por Chalhoub para essa interpretação popular era de que a variolação poderia ainda ser praticada em diferentes locais. O método, diferentemente da vacina, poderia de fato provocar a doença, pois era inoculado o vírus da varíola humana, enquanto na vacinação o vírus *cowpox* era utilizado e produzia uma reação local, chamada vacínia. À vista disso, havia dificuldade em esclarecer as pessoas da diferença entre vacinação e variolação, pois acreditavam constituir o mesmo método (Chalhoub, 1996).

Nos textos coletados, a suspeita de que as vacinas da Covid-19 poderiam agravar o quadro epidêmico também foram levantadas:

Há um aumento severo nos casos de COVID-19 e mortes por um período de tempo imediatamente após o lançamento das vacinas. É claro que houve alguns casos discrepantes, mas essa tendência é clara na maioria dos países com grandes lançamentos de vacinas em comparação com sua população. [...] Os casos estão começando a aumentar nos EUA à medida que as vacinações se aceleram. Coincidência total, assim como em Israel, Reino Unido, Emirados Árabes Unidos, Sérvia, Chile, Hungria e Brasil! E a grande mídia fake news está dizendo que o aumento dos números de casos do vírus é culpa dos políticos relaxarem as restrições aos negócios, e não pelas vacinas experimentais feitas às pressas para engordar o caixa da Big Pharma (Cunha, 2021).

A acusação de Renato Cunha, publicada no portal "Stylo Urbano", é de que, além de não ser efetiva e demandar revacinação, a prática estaria aumentando a disseminação do vírus e o número de infecções. Novamente, é necessário lembrar que a vacinação não impede o contágio, mas prepara o sistema imunológico para responder a novos patógenos, levando a quadros menos graves da doença. Ademais, com campanhas de vacinação em andamento e afrouxamento das medidas de isolamento, é possível que parte da população tenha se sentido mais livre para circular, o que pode ter elevado o número de contágio em determinadas regiões. Todavia, mais casos não implica em mais mortes, considerando que há uma imunidade adquirida por meio da vacinação.

Diferentes elementos ajudam a compreender a resistência à vacina durante o Império e primeiros anos da República. Entre os médicos, havia falta de consenso sobre a melhor forma de imunização; entre os vacinadores, dificuldade em preservar a qualidade da linfa da vacina humanizada; na população, complexidade de entendimento do processo e diferenciação entre vacinação e variolização, além de preconceitos relacionados a crenças religiosas. Obstáculos que levavam à impopularidade da técnica vacínica. Com isso, nota-se como discussões em torno da imunização envolvem crenças e percepções culturais, políticas e científicas. A decisão pela obrigatoriedade ou não perpassa o direito individual e coletivo, e sua efetividade envolve a participação de diferentes instâncias: Estado, instituições, entidades, religiões, além de crenças e atuação individual.

Em 9 de novembro de 1904, na Primeira República, a vacina, que já era obrigatória, foi regulamentada. Junto à lei, foram adotadas regras específicas para conservação e comercialização de alimentos com uma série de proibições, como a criação de porcos e gado nos quintais, venda de miúdos no perímetro urbano, venda de bilhetes de loteria e mendicância pela cidade. A mesma lei passou a exigir atestado de vacinação ao efetuar matrículas em

escolas, empregos públicos, casamentos e viagens, além de incentivar a população urbana a adotar hábitos de higiene. Brigadas de saúde, popularmente chamadas “brigadas mata-mosquitos”, pulverizaram moradias e bairros inteiros, com o objetivo de eliminar o inseto transmissor da febre-amarela e malária. Outro vetor de transmissão eram os ratos, hospedeiros de pulgas que transmitiam a peste bubônica, o que justificaria a “caça aos ratos” promovida por Oswaldo Cruz. Diante de todas essas exigências, a insatisfação popular se acumulava com as ações autoritárias, prepotência das autoridades, exclusão do espaço social e pouco diálogo com os moradores, culminando na Revolta da Vacina (Ponte, 2010; Gazêta, 2006).

A Revolta da Vacina, em 1904, na então capital federal Rio de Janeiro, mostra o modo como o Estado brasileiro, mesmo ao tentar implantar medidas de saúde pública, operava por meio de coerção e exclusão. Desde sua chegada ao Brasil, a vacinação foi imposta sem diálogo, reforçando uma lógica de subordinação da população urbana, em especial corpos negros e empobrecidos, como alvo de intervenção, e não como sujeito de direitos. A maneira como as vacinas foram trazidas ao Brasil, seu transporte para outros estados, a forma agressiva de aplicação, a população-alvo das campanhas, a falta de diálogo com a população, além da dificuldade em explicar o processo imunológico contribuíram para criar um ambiente de resistência à imunização. Esse contexto propicia a disseminação de desinformações, de discursos antivacina e de descrença em relação à ciência, pois se vale da memória social para despertar ansiedade, medo e desconfiança.

Essa memória da vacinação como imposição violenta não desapareceu: ela ressurgiu em momentos de crise, como se viu durante a síndrome de Covid-19. Ainda que o contexto atual seja distinto e tenha maior acesso à informação, a desconfiança em relação à vacina continua atravessada por traumas sociais e pela forma como o Estado se relaciona historicamente com corpos populares. No caso do bolsonarismo, essa desconfiança é instrumentalizada por um discurso que se apropria da ideia de liberdade individual para mobilizar grupos de resistência contra políticas públicas. Dessa maneira, o passado não é apenas uma lembrança difusa, mas campo ativo de disputas simbólicas no presente.

### **2.2.2 Vacinofobia e hesitação vacinal: aspectos a considerar**

A produção de desinformação, além de recorrer a uma linguagem pseudocientífica, apropria-se de pesquisas controversas para conferir legitimidade à argumentação antivacinal. Essa estratégia discursiva é exemplificada no texto a seguir, publicado no *ContraFatos*:

De acordo com um estudo revisado por pares publicado em um jornal respeitado pelos cientistas de vacinas mais confiáveis do mundo, a vacina DTP Difteria (Crupe), tétano, coqueluche (Pertussis) e poliomielite (Paralisia Infantil) de Bill Gates matou 10 vezes mais crianças africanas do que a própria doença. A vacina aparentemente comprometeu seu sistema imunológico. Embora esse estudo nunca tenha sido realizado antes de 2017, Bill Gates e a Vaccine Alliance GAVI e a OMS promoveram as vacinas em bebês africanos desavisados. [...] A vacina DTP é uma classe de vacinas combinadas contra três doenças infecciosas em humanos: Difteria (Crupe), tétano, coqueluche (Pertussis) e poliomielite (Paralisia Infantil). A vacina DTP foi descontinuada nos Estados Unidos e em outras nações ocidentais na década de 1990 após milhares de relatos de morte e danos cerebrais. Apesar da vacinação generalizada, os Estados Unidos e outros países ainda estão experimentando grandes surtos de coqueluche. Até o estudo ser publicado em 2017, a OMS (Organização Mundial da Saúde) nunca conduziu o tipo de estudo vacinado / não vacinado (ou placebo) necessário para verificar se a vacina DTP realmente produz resultados benéficos para a saúde (*ContraFatos*, 2021).

O texto cita uma pesquisa frequentemente utilizada como argumentação por movimentos antivacina de todo o mundo. O experimento natural, publicado por Aaby *et al.* (2017) no periódico *EBioMedicine*, examinou a aplicação das vacinas difteria-tétano-coqueluche (DTP) e a vacina oral contra paralisia infantil (poliomielite-VOP) em crianças de 3 a 5 meses em Guiné-Bissau, África Ocidental, no início de 1980. Os pesquisadores notaram que a vacinação aumentou em até cinco vezes o risco de morte por qualquer causa, sendo que esse número chega a dez quando não é associada à VOP.

Por se tratar de experimento natural, observacional, correlacional, sem randomização<sup>21</sup>, a pesquisa foi analisada com parcimônia pela comunidade científica e Organização Mundial de Saúde (OMS). O método dificulta o estabelecimento de uma causalidade, ou seja, não é possível afirmar que a causa do maior número de mortes nesse grupo seja a aplicação do imunológico. Outros fatores não controlados podem influenciar nos resultados, como critérios para a escolha do grupo a ser vacinado e condições de saúde pré-existentes. Ademais, a análise pode refletir

---

<sup>21</sup>Nesse formato de pesquisa, os cientistas observam eventos espontâneos, sem planejamento prévio dos envolvidos na pesquisa ou qualquer interferência dos pesquisadores. Não há aleatoriedade na distribuição dos grupos pesquisados, nem acompanhamento longitudinal, o que pode inferir em maior risco de viés de seleção. Geralmente esses estudos indicam associações, mas não são capazes de comprovar causalidade.

uma realidade local e temporal específica da Guiné-Bissau de 1980, marcada por obstáculos de acesso à saúde coletiva.

Outra questão a considerar é a afirmação de que a DTP teria sido descontinuada. Na verdade, alguns países optaram pela substituição da DTPw (que usa células inteiras da bactéria) pela DTPA (feita apenas com proteínas), objetivando a redução de riscos em eventos adversos. Considerando esses fatos, a Organização Mundial da Saúde considera esta pesquisa divulgada pela "ContraFatos" (2021) com alto risco de viés de seleção, enquanto fundamenta sua posição em pesquisas mais robustas (Kandasamy, 2016; World Health Organization, 2018).

O trecho do artigo publicado em "ContraFatos" (2021) possui elementos característicos de movimento antivacina, como a referência a Bill Gates, fundador da *The Vaccine Alliance* (Gavi), que apoia vacinação em países da baixa renda, seguindo orientações de especialistas e da OMS. Por ser uma figura conhecida internacionalmente, a imagem de Gates é frequentemente associada a desinformações relacionadas às vacinas. Em outra reportagem publicada no mesmo site, por exemplo, Gates teria declarado que a vacina produziria cerca de 700 mil mortes. O vídeo foi produzido em formato *deepfake*, ou seja, teve seu áudio manipulado para inserir/alterar falas e adaptar expressões faciais ao conteúdo, tudo isso com técnica de Inteligência Artificial. O vídeo circulou em diferentes países e foi divulgado em grupos antivacinas (ContraFatos - b, 2021; Domingos, 2023).

Textos como esse foram disparados em grupos de *WhatsApp* para compartilhamento massivo ao longo da sindemia de 2020. Como efeitos práticos, essas narrativas ajudam a criar um clima de desconfiança sobre processos imunológicos induzidos, aumentando a hesitação vacinal. Segundo a OMS, a relutância em realizar a vacinação a despeito da sua oferta tem crescido pelo mundo e por variadas razões, desde falta de confiança no método, inconveniência de acesso aos serviços e até complacência dos familiares. Esse é um modelo de análise proposto pela OMS em 2011, que ficou conhecido como modelo "3Cs" (confiança, complacência e conveniência), cujo objetivo é compreender os motivos que levam à diminuição da vacinação, visando propor políticas públicas para aumentar a adesão aos imunológicos (Sato, 2018).

No Brasil, a cobertura vacinal tem caído constantemente desde 2013, em especial para as vacinas contra sarampo, caxumba, rubéola e poliomielite, deixando médicos e pesquisadores apreensivos quanto à existência de "bolsões" de pessoas não imunizadas, o que aumenta a possibilidade de epidemia de doenças imunopreveníveis (Brown *et al.*, 2018).

Para dificultar a circulação de um vírus, é necessário que a cobertura vacinal alcance parcela significativa da população. Essa imunização não impede totalmente a dinâmica de transmissão, mas atenua os sintomas da doença e cria barreiras naturais para o contágio,

tornando a doença rara ou até erradicável. Todavia, para que esse processo seja eficaz, é fundamental que o interesse comunitário seja sobreposto aos interesses individuais. Fundamentado nisso, a decisão individual em não optar pela vacina tem respostas na proteção coletiva. O indivíduo não vacinado se configura um privilegiado na medida em que usufrui da proteção proporcionada pela imunidade coletiva (Camargo Jr, 2020; Levi, 2013). Por isso, a OMS tem reiterado o papel dos profissionais de saúde em constituir localmente o alerta para a importância da vacinação e oferecer confiança e credibilidade ao método.

Como mencionado, a hesitação vacinal não diz respeito apenas à recusa vacinal, mas também ao atraso na aceitação apesar de sua disponibilidade. Grupos hesitantes são heterogêneos, pois incluem pessoas que atrasam propositalmente, que não completam o esquema vacinal ou que aceitam apenas algumas vacinas, pois desconfiam da eficácia de outras (Milani; Busato, 2021). Há ainda a “recusa”, indivíduos que rejeitam completamente qualquer forma de vacinação. Quando recusa e hesitação estão altas, o risco de reemergência de doenças anteriormente controladas por imunológicos é elevado. Esse é o caso, por exemplo, do sarampo, cuja incidência mundial aumentou em 30% no ano de 2022 (Sato, 2018).

Entender os fatores que influenciam a hesitação vacinal é tão complexo que os pesquisadores têm dificuldade para encontrar respostas definitivas para a questão. Esses determinantes variam ao longo do tempo, de lugares, dos países, situação econômica, qualidade do serviço e obstáculos diversos (Sato, 2018; Nobre *et al.*, 2022). Para exemplificar, pode-se citar uma pesquisa realizada por Brown *et al.* (2018) que revelou a faixa etária com maior probabilidade de não levar seus filhos vacinar: homens com menos de 25 anos e jovens solteiras. Ao se considerar que a vacinação é uma responsabilidade desgastante na medida em que causa efeitos colaterais desconfortáveis aos bebês, pode-se supor que pais solteiros sentem com maior impacto essa responsabilidade.

Contudo, a resistência está presente também entre profissionais da área médica. Uma pesquisa conduzida na Itália mostrou a hesitação crescente entre profissionais de saúde. Essa relutância apresenta diversificação estatística relativa aos departamentos e perfis profissionais. Entre os departamentos mais hesitantes estão unidade de terapia intensiva (UTI), pronto-socorros e departamento de oncohematologia, enquanto os perfis profissionais são compostos principalmente de auxiliares e enfermeiros. Os autores supõem que essa diferença pode estar relacionada ao nível de cultura, formação universitária e atualização na capacitação desses profissionais (Paoli *et al.*, 2019). Embora não se tenha encontrado pesquisas referentes ao contexto brasileiro, essa característica tem sido observada também no Brasil, a exemplo do grupo Médicos pela Vida, que já se manifestou contra a vacinação obrigatória.

Um fator primordial ao analisar a resistência à vacinação é entendê-la como vítima de seu próprio sucesso. Afinal, a importância da vacinação é relativizada quando a percepção social dos riscos das doenças infectocontagiosas cai. Enquanto gerações anteriores presenciaram graves epidemias de sarampo, rubéola ou tiveram que conviver com sequelas da poliomielite, os bebês que se vacinaram nos primeiros anos do Programa Nacional de Imunização (PNI), hoje adultos e com filhos, não conviveram com essas mazelas. A ausência de memória social desses riscos pode levar à negligência com o esquema vacinal da nova geração (Camargo Jr., 2020).

Para as gerações que não conviveram com essas doenças, falta compreender o perigo do ressurgimento de novas epidemias. Entender que, embora haja uma porcentagem mínima de risco de efeitos adversos das vacinas, sua incidência e gravidade são menores do que a exposição da criança à própria doença. O cientista Camargo Jr. (2020, p. 2) explica:

[...] para um milhão de crianças não vacinadas infectadas com o vírus do sarampo, teríamos 300 mil ocorrências de complicações, incluindo 2 mil mortes, enquanto que para um milhão de crianças vacinadas, seriam esperados 34 casos de efeitos adversos importantes, a maioria dos quais seria a ocorrência de trombocitopenia transitória, com apenas um caso de reação alérgica significativa e menos de um caso de encefalite.

Procurando entender quem são os antivacionistas e quais seus principais argumentos, o infectologista Guido Carlos Levi publicou o livro “Recusa de vacinas: causas e consequências”, em 2013. Dentre as argumentações científicas, Levi identifica quatro principais grupos: quiropráticos, homeopatas, naturopatas e antroposóficos. A quiropraxia é prática médica considerada pseudociência e ainda não regulamentada no Brasil. A atividade consiste no tratamento manual do sistema neuromusculoesquelético, embora revisões sistemáticas da literatura e estudos não comprovem seus benefícios. Seu fundador, Daniel Palmer, foi radicalmente contra a vacinação, o que leva parte de seus adeptos a emitir opinião semelhante. Já os naturopatas, por se tratar de uma medicina alternativa associada à cura natural, frequentemente têm entre seus adeptos a rejeição a procedimentos médicos como exames, vacina, medicamentos e cirurgia.

No caso dos homeopatas, não há autores clássicos rejeitando a vacinação, o que não impede de haver uma quantidade expressiva de antivacinas. Segundo Levi (2013), a rejeição começou ao longo do século XX, com atribuição de doenças agudas e crônicas alérgicas e reumatológicas como efeito de vacinas, por isso chamadas “vacinoses”, embora não haja na literatura homeopática estudos de observação clínica sistematizada. Na visão do pesquisador, a

antroposofia<sup>22</sup>, filosofia cuja medicina flerta com holístico, não apresenta literatura de posicionamento claro às vacinas. No entanto, em textos publicados no domínio “Sociedade Antroposófica no Brasil”, doenças como a coqueluche são apontadas como situações cármicas preparadas pelo destino. Nesse pressuposto, a vacinação provocaria alterações no carma e, por isso, sociedades como Suécia e Suíça (consideradas “mais higienizadas”) possuiriam uma quantidade maior de psicopatas, neuróticos e suicidas. A consequência da propagação de pensamentos como esse faz com que pais ou pediatras antroposóficos deixem de vacinar seus filhos.

Na avaliação de Levi (2013), a maioria dos movimentos antivacionistas deixaram sua base religiosa e são compostos principalmente por classes sociais mais altas e grupos intelectuais. Um estudo realizado em Portugal mostrou que dentre os atuais motivos que levam pais a não vacinar os filhos estão falta de prioridade, desconfiança em relação à segurança, receio de efeitos colaterais diversos ou mesmo indicação do médico da família (Santos; Hespanhol, 2013; Fonseca *et al.*, 2013). O trecho de Cunha (2021), publicado no site "Stylo Urbano", é sintomático do medo de possíveis efeitos colaterais:

Este denunciante alegou, sob juramento, que há pelo menos 45.000 mortes relatadas que ocorreram dentro de 3 dias após o recebimento de uma ‘vacina’ COVID-19. Renz afirma que este relatório de 45.000 mortes é apenas de ‘um sistema’ que reporta ao VAERS [Sistema de Notificação de Eventos Adversos de Vacinas] (Cunha, 2021).

Entre os resistentes ao método, há os que não discordam do procedimento, mas são seletivos quanto a algumas vacinas ou ao calendário empregado. Nos seus principais argumentos, estão a suposta superioridade da imunidade produzida pela própria doença, a indução de autoimunidade pelas vacinas e a sobrecarga antigênica nos esquemas vacinais atuais. Quanto à afirmação de que a vacinação poderia induzir a autoimunidade, Levi (2013) argumenta que não há respaldo científico para essa afirmação, pois as pesquisas não confirmaram a suspeita. Entre alguns seletivos há a proposta de retardar o início da vacinação até que o sistema imune esteja mais maduro, a fim de aumentar o intervalo entre cada aplicação para o organismo não ficar sobrecarregado.

---

<sup>22</sup>Segundo o professor Valdemar W. Setzer, Antroposofia é um conjunto de ideias, filosofias e práticas fundada no início do século XX pelo austríaco Rudolf Steiner. A doutrina, considerada pseudociência, envolve fé e ciência para um conhecimento amplo da humanidade, o qual originou até um método educacional, chamado Waldorf (Setzer, 1998).

Outro argumento bastante recorrente e de grande preocupação para alguns pais é a quantidade de vacinas tomadas até os 2 anos de idade. Atualmente, o calendário vacinal nacional implica 17 imunizantes, com proteção de mais de 20 doenças. São administrados em dose única, 1ª e 2ª doses e reforços, sendo que alguns imunológicos são combinados em uma única injeção, caso da SCR (sarampo, caxumba, rubéola). Na década de 1950, as crianças recebiam em torno de quatro ou cinco vacinas. Hoje, no entanto, esse número está próximo a 24 e poderia ser maior sem as vacinas combinadas tetra, penta e hexavalentes.

Diante disso, a apreensão dos responsáveis seria quanto à maturidade do sistema imunológico dos bebês, pois a administração de imunogênicos causaria sobrecarga antigênica, levando a problemas de saúde. Levi (2013) explica que, antes mesmo de nascer, os neonatos respondem a antígenos<sup>23</sup> estranhos em seu organismo. Logo ao nascimento, esses bebês produzem respostas imunes humorais e celulares aos patógenos. Por exemplo, o trato gastrointestinal se sobrecarrega de bactérias cujos antígenos superam enormemente a carga antigênica suscitada pelas vacinas. Segundo o pesquisador:

Para comprovar essa capacidade, basta analisar os dados referentes à série primária de imunizações, envolvendo, entre os 2 e os 6 meses de idade, DTP ou DTPa (tríplice acelular), hepatite B, pólio inativada, Hib e agora também vacinas conjugadas para pneumococo e meningococo C. Mais de 90% das crianças desenvolvem respostas adequadas a esses agentes. Ressalte-se, também, que as vacinas conjugadas induzem em geral resposta imune superior àquela encontrada após a infecção natural (Levi, 2013, p. 26).

Nos primeiros meses de vida, o sistema imune é capaz de produzir de  $10^9$  a  $10^{11}$  anticorpos específicos, podendo responder a um grande número de antígenos. Do ponto de vista teórico, uma criança seria capaz responder a 10 mil vacinas, ou seja, caso 11 vacinas fossem aplicadas ao mesmo tempo, apenas 0,1% do sistema imune seria utilizado (Levi, 2013). O pesquisador lembra que algumas respostas imunes podem ficar suspensas temporariamente após a vacina, mas não chega a comprometer o organismo ou aumentar o risco de infecção por outros patógenos. Até hoje, nenhum estudo comprovou um possível enfraquecimento do sistema imune por sobrecarga antigênica (Delasalas; Hopp, 2013).

É fundamental considerar como as vacinas de hoje possuem uma quantidade muito inferior de antígenos em relação às primeiras a serem desenvolvidas. Por exemplo, a vacina de coqueluche possuía 3.000 proteínas e contém atualmente entre 2 e 5. Delasalas e Hopp (2013)

---

<sup>23</sup>Antígenos são moléculas estranhas ao corpo humano, como fungos, bactérias, vírus, protozoários. A forma como o organismo combate esses invasores são anticorpos, produzidos pelo sistema imune.

citam um estudo alemão que comparou um grupo de crianças vacinadas nos primeiros meses de vida contra difteria, tosse convulsa, tétano, Hib e poliomielite com crianças não vacinadas. O grupo de crianças vacinadas apresentou menos infecções (bacteriológicas ou virais) relacionadas ou não com o conteúdo das vacinas.

Outra associação comumente relacionada é a vacina contra hepatite B e esclerose múltipla (EM). Embora tenha gerado comoção e queda no número de vacinados na França, a partir da década de 1990, estudos posteriores não encontraram evidências de aumento no número de incidência de EM ou doenças desmielinizantes<sup>24</sup>. Entidades envolvidas nas pesquisas foram desde o Comitê Nacional de Vigilância Epidemiológica na França até especialistas atrelados ao Centro para Controle e Prevenção de Doenças (CDC). Outros estudos, como de DeStefano e Weintraub (2007), também não encontraram relação causal.

Um possível efeito colateral bastante lembrado pelos *antivacionistas* é a Síndrome de Guillain-Barré (SGB), doença autoimune causadora de paralisia aguda flácida. Nesse caso, os anticorpos atacam a bainha de mielina dos nervos periféricos, acarretando em um processo inflamatório. Segundo Levi (2013), alguns estudos populacionais encontraram possíveis evidências, principalmente relativas à vacina da gripe suína de 1976. A vacina contra H1N1 também apresentou riscos: de 45 milhões de vacinados nos Estados Unidos, 500 apresentaram caso de SGB e 25 foram a óbito. Para esse caso, o CDC recomenda não realizar a revacinação em pessoas que apresentaram sintomas de SGB até seis semanas após a primeira dose (Bakshi; Sejvar, 2013; Delasalas; Hopp, 2013).

Outra suspeita levantada por pais antivacina seria a incidência de doenças atópicas, como asma, rinite alérgica e eczema, que teria aumentado nas últimas décadas. Todavia, pesquisas não encontraram relação com vacinação. A hipótese levantada pela ciência é de que a exposição infecciosa na infância é crucial para produção e desenvolvimento de células T regulatórias, responsáveis por equilibrar processos autoimunes e alergênicos (Delasalas; Hopp, 2013).

Ao analisar os eventos adversos pós-vacinação, Pahud e Harrison (2013) explicam que as ocorrências englobam todos os eventos adversos após a imunização, incluindo as que podem ocorrer por coincidência. Esses eventos podem estar relacionados causalmente, mas não temporalmente, da mesma forma que podem estar relacionados temporalmente e não causalmente. Pahud e Harrison (2013) dão um exemplo interessante: se uma pessoa morre em um tornado uma semana após se vacinar, a morte seria por definição um evento adverso; embora

---

<sup>24</sup>“Desmielinizantes” vem de mielina, uma estrutura que recobre os neurônios. Doenças desmielinizantes referem-se a danos na bainha de mielina, ou seja, distúrbios que afetam o sistema nervoso.

não tenha relação com a vacinação, poderia ser notificado no *Vaccine Adverse Event Reporting System* (Vaers, sistema que relaciona os eventos adversos nos EUA). O que os pesquisadores querem esclarecer é que a causalidade não é necessária para ser considerado um evento adverso, ou seja, muitos eventos relatados não possuem relação causal com a vacina (Pahud; Harrison, 2013). Essa distinção é fundamental para compreender, por exemplo, por que a ciência não considera o aumento de mortes entre crianças vacinadas com DTP em Guiné-Bissau como um efeito adverso da vacina: existe uma correlação temporal, contudo, não há evidências de relação causal imunológica.

No Brasil, o Ministério da Saúde mantém sistemas de Vigilância de Eventos Supostamente Atribuíveis à Vacinação ou Imunização (Vesavi) para acompanhar ocorrências e analisar a relação benefício-risco das imunizações. Da mesma forma, os Eventos Supostamente Atribuíveis à Vacinação ou Imunização (Esavi) incluem todos com uma relação temporal, mas não necessariamente causal. O responsável por monitorar os eventos é o Programa Nacional de Imunização, por meio do e-SUS Notifica<sup>25</sup>. O profissional de saúde avalia e classifica em evento adverso grave (EAG) ou evento adverso não grave (Eang) ou, ainda, erro de imunização (EI). Os Esavi considerados graves devem estar inclusos nas seguintes características:

- i. Requeira hospitalização.
- ii. Possa comprometer o paciente, ou seja, que ocasione risco de morte e que exija intervenção clínica imediata para evitar o óbito.
- iii. Cause disfunção significativa e/ou incapacidade permanente.
- iv. Resulte em anomalia congênita.
- v. Ocasione o óbito (Brasil, s/d).

Com isso, nota-se como discussões em torno da imunização envolvem crenças e percepções culturais, políticas, ideológicas e científicas. A decisão pela obrigatoriedade ou não perpassa o direito individual e coletivo, e sua efetividade envolve a participação de diferentes instâncias: Estado, instituições, entidades, religiões, além de crenças e atuação individual.

### **2.2.3 A presença do Movimento *Antivax*: desinformação e possíveis influências no Brasil**

---

<sup>25</sup>O sistema e-SUS Notifica foi desenvolvido e lançado em março de 2020, com o objetivo de registrar casos suspeitos de síndrome gripal leve ou moderada relacionados à Covid-19 no território nacional. O sistema é voltado principalmente para profissionais que atuam em serviços de saúde, preferencialmente vinculados a unidades cadastradas no Cadastro Nacional de Estabelecimentos de Saúde (CNES). Trata-se de uma plataforma online e acessível pelo endereço eletrônico: <https://notifica.saude.gov.br>.

Ao se observar essa tendência negacionista que se volta contra evidências científicas consolidadas, contradiz fatos históricos incontestáveis, produz narrativas fictícias e dissemina falsas evidências, é possível questionar em que momento o mundo “endoideceu”. Para os pesquisadores dessa área, entender esse processo é tarefa que exige perspicácia, uma vez que as informações se inter-relacionam em uma teia complexa de interesses e disputas ideológicas. Para entender a produção, o efeito e a disseminação de desinformação vacinal no Brasil, é preciso retornar aos Estados Unidos e compreender como se deu o nascimento do Movimento *Antivax* por lá. Isso porque um estudo elaborado em conjunto pela Avaaz, Sociedade Brasileira de Imunizações (SBIIm) e Vaccine Safety Net<sup>26</sup> (VSN - Rede de Segurança de Vacinas) mostrou que a maior parte da desinformação brasileira é produzida originalmente nos Estados Unidos e popularizada em sites como os analisados neste trabalho (Avaaz, 2019).

Os atuais movimentos antivacina são diretamente influenciados por discursos “*Antivax*” (*anti-vaccine activism*) surgidos nos EUA na medida em que a obrigatoriedade era imposta como medida governamental, com multas em caso de descumprimento (Erman, 2022). Um dos argumentos desses grupos é de que doenças poderiam ser evitadas com medidas sanitárias e isolamento dos pacientes infectados. Como já observado no caso da Revolta da Vacina no Brasil, a resistência à vacinação sempre existiu. O que muda em relação aos movimentos anteriores e os mais recentes é a retórica e as estratégias para descredibilizar a prática.

Essas mudanças discursivas começam a ser notadas nos anos posteriores à 2ª Guerra Mundial. Enquanto o mundo presenciava a Guerra Fria, a influência de grupos antivacina diminuiu, uma vez que foram realizadas campanhas promovidas pela OMS, com apoio de programas de incentivo e propaganda tanto dos EUA quanto da União Soviética, as duas grandes potências mundiais. Nesse período, nota-se uma mudança de abordagem dos negacionistas, que não questionavam mais a origem das doenças ou a eficiência das vacinas, mas sim os riscos do método, erros de imunização e um suposto interesse financeiro de indústrias farmacêuticas<sup>27</sup>. Há um anseio *antiestablishment* fundamentado em uma *expertise*

---

<sup>26</sup>A Vaccine Safety Net é uma rede global de sites coordenada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) cujo objetivo é conscientizar as populações para informações referentes a vacinas e combater desinformação.

<sup>27</sup>Um site que exemplifica perfeitamente essas novas tendências discursivas influenciadas por *Antivax* é o “Brasil sem vacinas”, hospedado na plataforma *WordPress*, um sistema de gerenciamento de conteúdo de código aberto que permite a criação e administração de sites próprios. Com textos publicados entre 2016 e 2017, o blog associa a imunização induzida ao autismo, intoxicação por metais pesados, doenças autoimunes e neurológicas. A argumentação flerta com a caracterização de “naturopatas”, proposta por Levi (2013), pois é construída em torno de supostas consequências da utilização de compostos químicos para a saúde dos vacinados. Nas postagens, também há menções a teorias da conspiração envolvendo interesses financeiros da *BigPharma*. Disponível no link: <https://brasilemvacinas.wordpress.com>.

com tendência a desconfiar de políticos, de interesses de grandes corporações e de associar a medicina a ganhos econômicos (Camargo Jr., 2020).

Um caso emblemático e utilizado como bandeira por esses grupos foi a vacina contra a pólio produzida pelo *Cutter Laboratories*, em 1955. Ao invés da inativação, produziu o composto vacínico com vírus vivo, deixando cerca de 40 mil crianças com sintomas de poliomielite, das quais aproximadamente 164 ficaram com paralisia e 10 morreram (Offit, 2005). O caso é lembrado constantemente entre grupos antivacina como exemplo dos riscos da vacinação. Outro episódio conhecido foi em 1974, quando a vacinação contra coqueluche foi vinculada a complicações neurológicas em 36 bebês, em Londres. Nessa época, após ter a notícia disseminada por tabloides e programas televisivos, a proporção de vacinados caiu de 77% para 33% (Erman, 2022).

Uma das principais alegações levantadas por *Antivax* é de que o autismo seria causado pelo uso de timerosal em vacinas. O timerosal é um antisséptico e antifúngico utilizado como conservante em vacinas multidoses (recipientes de múltiplas doses e que possibilitam a retirada de porções do conteúdo sem alteração no componente). O composto é utilizado em função da sua capacidade bactericida e fungicida. A fórmula é à base de etilmercúrio, diferentemente de metilmercúrio, que em doses elevadas pode causar dano cerebral. Caso o timerosal fosse utilizado em doses altas, teria potencial tóxico e poderia gerar problemas renais, como sugere pesquisa *in vitro*, aplicada em ratos, realizada por Carneiro *et al.* (2015). Contudo, esse não é o caso da aplicação em vacinas. Segundo Levi (2013), não há evidências de um vínculo causal entre vacinas com timerosal e autismo, no entanto, o composto foi retirado das monodoses nos Estados Unidos e países ricos, ao que o número de novos autistas não declinou.

Segundo a agência federal do Departamento de Serviços Humanos dos Estados Unidos (*Food and Drug Administration* - FDA), a segurança de uso do timerosal como conservante de vacinas é aferida por diferentes estudos científicos revisados não só nos EUA, como em outros países do mundo. As propriedades microbianas contribuem para o uso seguro em frascos de múltiplas doses durante campanhas de imunização. Um frasco de vacina contém 0,01% de timerosal, aproximadamente 25 microgramas por dose de 0,5 ml, a mesma quantidade pode ser encontrada em latas de atum (Soares *et. al.*, 2020; FDA, 2018).

Diferentes estudos se debruçaram sobre a problemática do uso de etilmercúrio na conservação dos imunobiológicos. Um dos mais importantes é de Thompson *et al.*, encomendado pelo CDC e publicado em 2007. A pesquisa analisou 1.047 crianças, com idade entre 7 a 10 anos, vacinadas na década de 1990, quando o composto era utilizado em diferentes vacinas infantis. Mediante registros de imunização, as crianças passaram por testes

neuropsicológicos padronizados em ambiente clínico. O estudo não encontrou evidências de alterações neurológicas, psicológicas ou no desenvolvimento em crianças que receberam maiores doses de mercúrio. Quanto ao alumínio, a substância é ingerida em doses muito maiores por outros meios, como no leite materno ou em fórmulas à base de soja. Outro ponto fundamental levantado por Thompson *et al.* (2007) é em relação à proposta de outro esquema vacinal com maior intervalo de tempo e número de visitas aos laboratórios. Para os pesquisadores, é preciso levar em consideração que uma das dificuldades é o cumprimento da agenda de vacinação, por isso a proposta de estender o número de visitas inviabilizaria ainda mais o esquema. Sem contar a possibilidade de adoecimento de crianças enquanto aguardam o próximo imunizante.

Movimentos antivacina modernos se fundamentam primordialmente em um estudo de Wakefield *et al.* publicado na revista *The Lancet*, em 1998, no qual teria uma alegada associação entre a vacina tríplice viral SCR (sarampo, caxumba, rubéola, chamada MMR na sigla inglesa) e a incidência de autismo. Na publicação de Wakefield, a vacina SCR estaria relacionada ao desenvolvimento de hiperplasia nodular, retardando o desenvolvimento. A causa para isso seria a má absorção de vitaminas e nutrientes essenciais, necessária na assimilação de proteínas, o que levaria a encefalopatia, distúrbios de desenvolvimento e autismo.

Pela gravidade das informações, diferentes profissionais se dedicaram em pesquisas para entender a possível relação. Entre as primeiras críticas ao trabalho publicado estão a metodologia utilizada (com estudo não controlado), o número pequeno de crianças analisadas (12) e a inconsistência dos resultados. Estudos foram realizados no Reino Unido (Farrington *et al.*, 2001), nos Estados Unidos (Davis *et al.*, 2001) e na Ásia (Uno *et al.*, 2012), nenhum das quais encontrou evidências de efeitos colaterais provocados pela aplicação da vacina SCR. Um deles, DeStefano *et al.* (2013), pesquisou 256 crianças com autismo e não verificou relação entre vacinação e autismo.

Diante do caso, Wakerfield foi investigado e denunciado pelo jornalista Brian Deer, pois estava recebendo pagamento dos advogados envolvidos nos processos por danos vacinais. Com isso, o médico e colaboradores envolvidos na divulgação foram julgados pelo General Medical Council (GMC) em 2004, no Reino Unido. Em 2010, Wakefield foi considerado culpado por conduta profissional errônea grave e teve seu registro profissional cassado, sendo proibido de exercer a medicina. No mesmo ano, a *The Lancet* retirou o estudo dos seus arquivos. Mesmo assim, Wakerfield continuou propagando sua pesquisa, inclusive por meio de um documentário chamado *Vaxxed: From Cover-Up to Catastrophe* (Vacinado: do acobertamento à catástrofe) lançado em 2016 e que ainda repercute em grupos *Antivax*.

Ao se analisar aspectos do movimento *Antivax* surgidos nos Estados Unidos, compreende-se como a vacinofobia se insere num contexto social mais amplo, em que disputas políticas, culturais e históricas estão em curso. Como discutido ao longo do capítulo, ao examinar a Covid-19 sob a ótica de sindemia, consideram-se os efeitos da marginalização e a ausência do Estado na saúde da população. Quando somados à atuação de movimentos antivacina, cuja formulação se dá por meio de um processo histórico e é influenciada por conspirações vindas de fora do Brasil, como o *Antivax* estadunidense, o efeito sindêmico torna-se ainda maior. Em uma realidade em que a desinformação é amplificada por redes digitais, a circulação de notícias falsas agrava ainda mais a crise sanitária. Com isso, a proposta de se voltar para a desinformação à luz da análise sindêmica possibilita uma compreensão integral da Covid-19 e seus complicadores.

### 3 OLHAR ALÉM DA MANCHETE: UMA ANÁLISE DE PÁGINAS BOLSONARISTAS

Como já explorado nos capítulos anteriores, construção discursiva antivacina não pode ser analisada de maneira isolada, uma vez que se insere em um contexto internacional. Contudo, para compreender sua presença e utilização em sites nacionais, é preciso depreender o ecossistema comunicacional da nova direita brasileira, circunscrevendo a seu processo de construção histórica, no tempo presente, orientada pelo bolsonarismo. A fundamentação de discursos antivacina revela interesses políticos, econômicos e ideológicos, por isso, tópicos como neoliberalismo, neoconservadorismo e olavismo, presentes nesse campo discursivo, devem ser observados mais de perto. Essa construção moral e ideológica irá ajudar a entender a retórica antivacina presente nos sites “Mídia sem Máscara”, “Jornal da Cidade Online”, “ContraFatos”, “Estudos Nacionais”, “Focus” e “Stylo Urbano”, por meio de análise discursiva. Ao olhar para esses textos, objetiva-se compreender as estratégias e interesses dos grupos responsáveis por esse conteúdo.

#### 3.1 A NOVA DIREITA E O UNIVERSO DISCURSIVO DE BOLSONARO

Ao longo da campanha de Jair Bolsonaro à presidência, uma frase se tornou comum e usual entre seus defensores ao se autodefinirem como: "liberais na economia e conservadores nos costumes". Para os adeptos, a expressão ajudaria o interlocutor a compreender seu posicionamento político e correntes ideológicas. Para pesquisadores do campo, a amálgama liberal-conservador compõe elementos do que têm sido chamado de "nova direita" (Caldeira Neto, 2016; Alves Cepêda, 2018; Chaloub *et al.*, 2018).

A suposta contradição inerente à combinação liberal-conservador, característica dessa nova direita, é analisada por Silva (2020). Antes, contudo, é necessário frisar que esse movimento “à direita” não é exclusivo do Brasil, mas se insere em uma tendência internacional (Brown, 2019). Dentre as características dessa tendência política estão: a desconfiança nas instituições, chamada por Silva de anti-intelectualismo<sup>28</sup> (ou crise no sistema de peritos, na

---

<sup>28</sup>“É conhecida a análise de Marilena Chauí sobre a ideologia burguesa, no texto Discurso Competente de 1978. Neste, Chauí aponta que em sua forma burocrática-organizacional, quando orientada pelo Estado, a ideologia aponta que apenas os especialistas poderiam falar sobre algo, na fórmula “não é qualquer um que pode dizer a qualquer outro qualquer coisa em qualquer lugar e em qualquer circunstância”. Tal formulação se pauta na

análise de Cesarino, 2022); a adoção de uma performance disruptiva, baseada em críticas ao politicamente correto; e a adesão ao conservadorismo moral em conjunção à defesa do livre-mercado (Silva, 2021). Tais performances discursivas fazem parte de uma reinvenção ideológica cuja disputa cultural consiste em uma estratégia central para alcançar o poder político, para isso, é fundamental a ação de militantes na popularização de ideias de direita disseminadas pelo movimento.

A reorganização dessa nova direita é inspirada por Antônio Gramsci, na medida em que propõe uma reconstrução que abarque o campo intelectual e cultural, compondo o eixo central dessa disputa política e ideológica. Na visão de Silva (2021), essa estruturação iniciou ainda durante o segundo governo Lula (2006 a 2010), com o escândalo do Mensalão e a formação de um público contrário às ações petistas. Tais grupos encontraram em redes sociais e fóruns de discussão na internet um espaço seguro para discutir suas frustrações e compartilhar seus pontos de vista. Nesse sentido, a eleição de Bolsonaro funcionou como um propulsor dessas ideias, dando espaço e oportunidade para que novos adeptos do conservadorismo moral fossem cooptados.

Cesarino, em artigo de 2019, observa que governos populistas conservadores, como o de Jair Bolsonaro, romperam com o modelo do neoliberalismo progressista e em seu lugar inauguraram uma aliança entre neoliberais e conservadores, em um movimento alinhado à dinâmica global. Para a antropóloga, o eixo populista conservador de Bolsonaro esconde (ou disfarça) seu viés alinhado às políticas neoliberais. Isso acontece quando se manifesta contra pautas identitárias e explora temas que já vinham sendo discutidos por Olavo de Carvalho, como "marxismo cultural" e "globalismo", compondo um desvio de foco, em uma estratégia cujo intuito é mascarar ataques a direitos sociais (Cesarino, 2019).

Ao analisar a frase “liberal na economia e conservador nos costumes”, popularizada entre bolsonaristas, Silva (2019) reflete sobre seu significado. O **liberalismo** surgiu como alternativa ao Estado absolutista e se estruturou a partir de três eixos filosóficos: o *jusnaturalismo*, cuja defesa recai sobre os direitos naturais, como o direito à vida e à liberdade; o *contratualismo*, segundo o qual a legitimidade do poder deriva do consentimento dos indivíduos e da igualdade entre eles; e o *individualismo*, que coloca o sujeito no centro da ordem moral, política e epistêmica (Bobbio, 2017). Ancorado em uma concepção republicana, o liberalismo entende a política como um meio de aperfeiçoamento da vida coletiva, orientado pelo bem comum e pelo progresso (Kerstenetsky, 2005; Mannheim, 1986 *apud* Silva, 2021).

---

perspectiva que numa sociedade de “culto patológico à cientificidade” as ciências são controladas e censuradas (Chauí, 1989, p. 7).

Para Locke, um de seus grandes defensores, a propriedade só seria legítima quando derivada do trabalho e útil ao bem-estar coletivo (Locke, 2014 *apud* Silva, 2021). Já na visão de Smith (2007 *apud* Silva, 2021), o livre mercado seria capaz, por si só, de promover o bem-estar geral, o que justificaria a legitimidade da propriedade privada.

Por outro lado, o **conservadorismo** emergiu como uma reação às ações da burguesia durante a Revolução Francesa. Sua fundamentação está ancorada em duas principais ideias: o *anticontratualismo*, uma oposição ao contratualismo liberal, uma vez que rejeita a ideia de pacto racional entre indivíduos e analisa a sociedade em uma concepção orgânica, sem acordos voluntários; e o *anti-igualitarismo*, ao desacreditar da igualdade e ver a desigualdade como natural e inevitável (Silva, 2021).

O pensamento conservador foi intensificado com os princípios burgueses decorrentes da Revolução Industrial, sobre a qual uma "cultura da modernidade" foi possibilitada por movimentos como ilustração, racionalismo, humanismo e historicismo. Netto (2011) cita a obra "Reflexões sobre a Revolução na França", de Edmund Burke, um dos principais expoentes do conservadorismo, cujo texto representa os anseios de um grupo que busca preservar os costumes e resistir a grandes mudanças sociais. Para Burke, o homem é mau por essência e se deixa levar por paixões, por isso sua liberdade poderia levar ao caos e ao desgoverno. A solução para isso seria a administração de uma autoridade que governasse e coordenasse as massas com soberania. Burke (2017) ainda tece críticas à razão, à laicidade do Estado e a princípios de igualdade social.

Assim, a ideia de restaurar uma ordem idealizada do passado, sem grandes transformações sociais, ajuda a moldar o que se entende por conservadorismo. É uma linguagem política moderna, centrada nos conceitos de "ordem, história e tradição" e fortemente influenciada pela resistência às mudanças suscitadas pelas Revoluções Francesa e Industrial. Em sua fundamentação, propõe o estabelecimento de vínculos entre passado e presente, aliado ao combate a ideias progressistas, pois as mudanças só poderiam ocorrer sob "crivo da tradição" (Chaloub, 2022). Outro ponto nevrálgico na composição do pensamento conservador é a defesa da família como equilíbrio social, entre outras razões, por seu papel econômico, de estabilidade social e conservação da propriedade privada. Os conservadores constituem-se contrarrevolucionários, posicionando-se em oposição a qualquer pensamento que questione a ordem do *establishment*, em especial revoluções lideradas pelo proletariado (Netto, 2011).

Em uma tendência de aprofundamento e atualização política e ideológica, o **neoconservadorismo** emerge ao longo das décadas de 1950 e 1960, em Nova York. No contexto da Guerra Fria, era preciso frear o avanço de ideias progressistas, por isso, a corrente

é estimulada pelo avanço das ideias comunistas propagadas pela União Soviética, pelo avanço das ideias feministas e movimentos de contracultura. Entre suas características, destacam-se a defesa do nacionalismo exacerbado; religiosidade como sustentáculo do Estado; luta contra comunismo; defesa do Estado de Israel; associação ao neoliberalismo (principalmente da não intervenção do Estado na economia), além de salvaguarda e manutenção das instituições tradicionais, hierarquias e desconfiança de alterações sociais bruscas, buscando manter a política estável com mudanças lentas e sólidas (Lacerda, 2011; Brown, 2021).

Também o **neoliberalismo** surge como uma retomada e reconfiguração do pensamento liberal, preservando alguns fundamentos, mas expandindo suas pretensões econômicas, em uma expressão mais recente e radicalizada. Na interpretação de Silva (2018, p. 12), o neoliberalismo propõe que "os indivíduos passem a se construir subjetivamente como se fossem empresas, num processo de competição constante com seus semelhantes, atuando no sentido de maximizar as suas habilidades". E analisa:

Nesse sentido, o liberalismo encampado pela racionalidade neoliberal [...] deixa de ser igualitário, na medida em que abdica da noção de República como bem público ou comum; deixa de ser contratualista, na medida em que relativiza a soberania popular como única legitimação possível ao exercício de um poder externo; e deixa de ser jusnaturalista, na medida em que reduz o campo dos direitos naturais ao direito de propriedade (Silva, 2021, p. 13).

A popularização do discurso empreendedor transforma trabalhadores em "empresários de si mesmos", enfraquecendo a conscientização de classes e deslocando para o indivíduo a responsabilização pelas iniquidades sociais. A recente proliferação de músicas, *memes* e debates ironizando o trabalho CLT<sup>29</sup> evidencia essa responsabilização do indivíduo, supondo que baixos salários e condições de vida ruins seriam consequência da falta de esforço e dedicação. Assim, o empreendedorismo não apenas isenta o Estado de suas responsabilidades com relação aos trabalhadores como atribui exclusivamente ao indivíduo a razão pelo sucesso ou fracasso de seus projetos. Para os adeptos desse pensamento, políticas públicas de fomento à igualdade e distribuição de renda ferem esse princípio de meritocracia e responsabilização individual, gerando ressentimento e sensação de exclusão de grupos que ficaram de fora desses programas. As minorias beneficiadas, assim, passam a ser vistas como privilegiadas e opressoras (Cesarino, 2019).

---

<sup>29</sup>“Ser CLT” é uma referência à contratação de trabalhadores com carteira assinada e protegidos pela Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), que garante direitos básicos e fundamentais aos trabalhadores, como auxílio-desemprego, férias, 13º salário e licença-maternidade.

Enquanto conservadorismo e liberalismo são concorrentes, neoconservadorismo e neoliberalismo não apenas possuem aproximações como até se sobrepõem (Silva, 2021). Uma dessas semelhanças ideológicas é o viés antidemocrático, com manifestações por vezes explícitas do autoritarismo. Na análise de Brown (2021), há uma arbitrariedade implícita no neoliberalismo, sendo o neoconservadorismo uma manifestação sintomática disso:

O neoliberalismo é comumente entendido como um conjunto de políticas econômicas que promovem ações irrestritas, fluxos e acumulações de capital por meio de tarifas baixas e impostos, desregulamentação das indústrias, privatização de bens e serviços anteriormente públicos, desmonte do Estado de bem-estar social e a dissolução do trabalho organizado (Brown, 2021, p. 96).

Esse conjunto de políticas econômicas se insere na lógica do capital, permeando não apenas empresas, mas diferentes instituições como hospitais, famílias e escolas, que passam a acompanhar os interesses do mercado. A razão neoliberal reconfigura as formas de pensar e seus significados. É o caso do sentido atribuído à palavra “liberdade”, como se seu conceito estivesse relacionado ao poder compra. Dessa maneira, pensamentos em defesa do bem-estar social, ou a social-democracia, privariam os indivíduos de liberdade e os colocariam muito próximos da servidão. Por isso, pensamentos relacionados à coletividade e à sociedade são reprimidos. Pensar a “sociedade” demanda justiça, elemento caro ao neoliberalismo, uma vez que justiça social prevê o bem de grupos, e no neoliberalismo o bem é pensado no individual (Brown, 2021).

Na lógica neoliberal, o mercado, sozinho, seria responsável por garantir as liberdades individuais, independentemente da vontade da maioria. Nesse sentido, Hayek (1987) e Friedman (2004) criticam a democracia, pois limitaria a liberdade, perturbando a ordem natural das coisas. No Estado de Bem-Estar não haveria liberdade, pois regras estatais obrigatórias são interpretadas como coerção. A distribuição de recursos e o planejamento social seriam uma afronta à liberdade e, portanto, ao livre mercado. Ao impor regras e limites, o Estado seria opressor e arbitrário, sendo as medidas de reparação histórica e social vistas como uma interferência direta do Estado e, por isso, uma manifestação de autoritarismo (Brown, 2021).

Todavia, é preciso salientar que o mercado não opera de maneira autônoma, pois utiliza o Estado para garantir seus interesses econômicos, com medidas como flexibilizações de legislações trabalhistas, suspensão de multas e redução de encargos. Se, por um lado, é rotulado como autoritário ao atuar em favor de políticas redistributivas, por outro, é acionado para garantir os interesses do capital. Por trás do discurso de liberdade e de liberdade de expressão

estão a defesa de uma ordem moral sustentada pelos valores do mercado "familismo heteropatriarcal cristão":

É fácil ver, neste ponto, como, às vezes, o discurso e a conduta violentamente sexistas, transfóbicos, xenófobos e racistas irromperam como expressões de liberdade, desafiando os ditames do "politicamente correto". Quando a esfera pessoal e protegida é estendida, quando a oposição à restrição e à regulação se torna um princípio universal fundamental, quando o social é rebaixado e o político é demonizado, a animosidade individual e os poderes históricos da dominação masculina branca são desencadeados e legitimados. (Brown, 2021, p. 112).

Família é entendida como uma unidade moral e econômica, vista como o eixo, a aliança primordial entre conservadores e neoliberais, pois é fonte prioritária de segurança econômica aos indivíduos. Sua estruturação reproduz uma ordem social onde propriedade privada e moral estão no centro dos interesses. A família é a forma social fundamental, centro da socialização básica pela qual o capitalismo se reproduz, cuja estrutura mantém e legitima as disposições sociais do capitalismo. Na visão de Brown (2019), a defesa da família funciona como uma ordenadora do mundo e das subjetividades, o que tornaria neoconservadorismo e neoliberalismo ideologias interdependentes e complementares. Por isso, o suposto ataque das esquerdas às estruturas familiares é interpretado como investidas contra a tradicionalidade e, conseqüentemente, contra mercado.

Diante da ótica neoliberal, o mercado passa a orientar e organizar a sociedade em seu entorno, dirigindo não apenas a economia, mas famílias e Estados, onde a liberdade está relacionada à capacidade de consumo e empregabilidade (Brown, 2021). A privatização, outra bandeira neoliberal, subverte a democracia, gerando desigualdades e marginalização, pois:

Empreende uma guerra familiar, em vez de uma guerra de mercados, aos princípios e às instituições democráticas. Posiciona a exclusão, o patriarcalismo, a tradição, o nepotismo e o cristianismo como desafios legítimos à inclusão, à autonomia, aos direitos iguais, às limitações, aos conflitos de interesse, ao secularismo e ao próprio princípio da igualdade. (Brown, 2021, p. 110).

A aproximação de neoliberalismo e conservadorismo moral já tem sido identificada nos Estados Unidos desde a década de 1980, principalmente entre pentecostais no governo de Reagan (Cesarino, 2019). Desde então, o grupo cristão tem constituído uma das bases do neoconservadorismo não apenas nos Estados Unidos, mas também no Brasil. Por aqui, o grupo é constituído por setores evangélicos neopentecostais e católicos identificados com a renovação

carismática. Um elemento dessa união entre neoliberalismo e neoconservadorismo são as igrejas neopentecostais, em especial manifestada por meio da Teologia da Prosperidade<sup>30</sup>, que mais uma vez legitima a ideia de família, meritocracia e propriedade privada (Brown, 2019).

Os estudos de Lacerda (2018) apontam como consequência do avanço do neoliberalismo e neoconservadorismo os desajustes sociais e o consequente fortalecimento de ações punitivas como sistema penal. Enquanto as desigualdades, exclusão, marginalização avançam, avança também a violência. Nisso, transparece a conveniência do discurso pró-armamento e em defesa de uma política combativa por parte do Estado. Indivíduos comuns são tolhidos e culpados, enquanto o sistema exclusivista beneficia determinadas classes.

Para se compreender a ascensão de ideias de extrema-direita no cenário político nacional, Silva (2021) elenca sete pilares: (1) a utilização da internet como espaço de difusão de ideias extremistas; (2) a influência de *think tanks* na formação ideológica de novos líderes da direita e formadores de opinião, como, por exemplo, integrantes do Movimento Brasil Livre (MBL); (3) uma guinada à direita no mercado editorial brasileiro, com a ascensão de jornalistas e escritores de influência neoliberal e críticos do petismo (ver também Rodrigues, 2018); (4) a estigmatização do politicamente correto, impulsionada por humoristas que adotavam uma estética de resistência antissistema; (5) a disseminação sistemática de ideias conservadoras e pautas morais por organizações como a Associação Docentes Pela Liberdade, Movimento Brasil Livre, Movimento Escola Sem Partido e Movimento Endireita Brasil; (6) o aproveitamento da insatisfação expressa nos protestos de 2013 como oportunidade de articulação política; e (7) a atuação de militantes de direita, sob fachada de “intelectuais” em diferentes meios de divulgação, com destaque para Olavo de Carvalho como figura central.

Na análise de Chaloub (2022), diferentemente do que ocorre em contextos como o europeu ou o estadunidense, onde o conservadorismo tradicional costuma defender a manutenção de instituições já consolidadas, no Brasil, a fragilidade das tradições democráticas<sup>31</sup> cria um terreno fértil para o entrelaçamento entre neoconservadorismo e reacionarismo. Tal aproximação se dá sumariamente em momentos de crise, de pressão social para redução de desigualdades. Com isso, há um maior intercâmbio entre as linguagens

---

<sup>30</sup>A Teologia da Prosperidade, popular em igrejas pentecostais e neopentecostais, foi difundida no Brasil pelo bispo Edir Macedo, fundador da Igreja Universal do Reino de Deus (Iurd), em 1977. A crença atribui riqueza e saúde ao nível de fé, à participação na igreja e à contribuição com dízimo, ou seja, a prosperidade seria uma recompensa pela dedicação religiosa. Por outro lado, pobreza e enfermidade estariam relacionadas à falta de fé, mais uma vez responsabilizando o indivíduo pelas próprias mazelas (Lemos, 2017).

<sup>31</sup>Tal fragilidade já vem sendo estudada por diversos autores da sociologia e da história, com destaque para Florestan Fernandes (1994, 2006) e Francisco de Oliveira (1999, 2011).

políticas, em que as fronteiras entre as duas formas de pensamento ficam indefinidas e, por vezes, até se sobrepõem.

No caso brasileiro, possui algumas características específicas. Uma delas é a ênfase no protagonismo do Estado, que seria necessário para estabelecer a ordem diante da desorganização da sociedade civil. Outra é a conciliação entre a ideia de soberania nacional ao mesmo tempo em que defende uma “política externa subserviente a determinados interesses externos” (Chaloub, 2022, p. 80). Na análise de Chaloub (2022), essas contradições, somadas à aproximação com soluções autoritárias ou de exceção, estão mais relacionadas ao pensamento reacionário, alterando os sentidos e limites entre os campos.

A reflexão de Chaloub (2022) corrobora a análise clássica de Francisco de Oliveira, em "Crítica a Razão Dualista", em que observa a modernidade capitalista brasileira coexistindo com formas atrasadas de relações de produção, em uma espécie de modernização conservadora. Ou seja, se, por um lado, a indústria busca renovação técnica e modernização, por outro, mantém as bases sociais "arcaicas", de exploração de mão de obra barata. Mais que uma herança do passado escravocrata, essa precariedade compõe um processo inteligível de desenvolvimento e acumulação (Oliveira, 2011).

As características apontadas por Chaloub, de Estado forte e autoritário aliado a uma soberania subserviente, demonstram como a política brasileira impõe soluções conservadoras, atribuindo uma funcionalidade à desigualdade (Oliveira, 2011). Em momentos em que tensões sociais intensificam, ansiando por grandes transformações sociais, o autoritarismo estatal é considerado uma alternativa para frear grandes mudanças (Oliveira, 2011).

Para se entender o cenário político recente, especialmente a emergência da nova direita no Brasil a partir de 2013, convém observar o papel desempenhado por atores e instituições que contribuíram para a popularização de pautas conservadoras, reacionárias e antipetistas. Chaloub *et al.* (2018) argumentam que, embora heterogênea, essa nova direita compartilha traços comuns, como reinterpretação da história nacional, moralização do debate público e político, demonização da esquerda, exaltação de uma suposta superioridade intelectual e, por vezes, teorias conspiratórias. É um movimento pensado para se apresentar como disruptivo, antissistema, contrário a “tudo o que está aí”.

Entre os assuntos abordados por jornalistas e comentaristas políticos, temas como “petrolão”, a Operação Lava-Jato, corrupção associada ao Partido dos Trabalhadores, críticas ao “politicamente correto” e suposta doutrinação comunista em universidades ganharam espaço no debate. Nas livrarias, programas de TV e portais de notícia, destacam-se Luiz Felipe Pondé,

Marco Antônio Villa, Demétrio Magnoli e Rodrigo Constantino como alguns expoentes dessa nova direita (Rodrigues, 2025).

Por trás desse movimento está também a atuação e articulação de *think thanks* na organização desses grupos e disseminação coordenada de valores relacionados à direita e princípios conservadores. Alguns exemplos são: "o Instituto Millenium, o Instituto Ludwig Von Misses, o Instituto Liberdade, o Instituto de Estudos Empresariais, o Estudantes pela Liberdade e o Instituto Ordem Livre" (Chaloub *et al.*, 2018). Compostos não apenas de figuras públicas, mas por empresários, economistas, jornalistas e juristas.

Nesse cenário, a figura de Olavo de Carvalho ganha projeção ao encarnar a imagem do "professor-filósofo-profeta" responsável por denunciar os mecanismos de dominação simbólica da esquerda. Embora conservadorismo e reacionarismo consistam em ideias políticas distintas, como alertou Chaloub (2022), suas obras ilustram esse enfraquecimento nas fronteiras de definição. Carvalho se tornou uma figura central dessas novas vozes da direita, definido da seguinte maneira por Calil (2021, p. 65):

Trata-se de um autodeclarado filósofo que afirma que abandonou a faculdade por não ter nada a aprender, que usa sistematicamente ofensas e palavrões como recurso argumentativo, que tem por hábito processar criminalmente seus críticos, que tem uma trajetória controversa como místico e astrólogo, que chegou a ser internado em clínica psiquiátrica, que rompeu com a maior parte de seus ex-seguidores, que tem como distração caçar ursos e que se notabilizou por posições como a recusa em admitir a influência humana na mudança climática, para não mencionar afirmações absurdas como a de que '[...] a Pepsi Cola está usando células de fetos abortados como adoçante nos refrigerantes' [...] De fato, seria inútil e infrutífero estruturar uma pesquisa que tivesse como objeto a investigação de sua contribuição intelectual ao pensamento social brasileiro, dado o evidente primarismo de suas manifestações".

Carvalho começou a ficar mais conhecido no final da década de 1990. Mas, por meio da construção de "seus próprios aparelhos privados de hegemonia" (Calil, 2021, p. 65), angariou atenção em grandes veículos jornalísticos, ocupando espaços em mídias sociais. O lançamento do blog "Mídia sem Máscara" (MSM), em 2002, marca sua consolidação como voz de oposição ao governo petista, com ênfase na mobilização discursiva por meio da internet. Segundo Calil (2021), o MSM atuava como uma espécie de observatório da imprensa, já que, na visão de Carvalho, estaria dominada por comunistas. Em 2005, quando se mudou para os EUA, lançou também um canal no *YouTube*, no qual estabelece um vínculo direto com seus leitores e alunos.

Dessa maneira, entre 2003 e 2016 dominou e liderou o mercado antipetista com publicação de livros, textos em blogs e vídeos em suas plataformas.

[...] digitalização lhe munuiu de ferramentas novas para performar suas fórmulas de negação da “amabilidade e polidez”: manipulação da fachada (camisas de manga longa, colete e/ou suspensório, óculos convencionais, cachimbo, caretas) dos gestos (exagerados, com braços, mãos e dedos) e da voz (com sotaque caipira, imperceptivelmente cativante para alguns/repugnante para outros, entonando ideias com pausas dramáticas, conversando com imaginária voz em off, gritando palavrões) e do cenário (biblioteca com estantes em madeira e portas de vidro, a mesa no mesmo padrão *old style antimoderno*) (Rodrigues, 2025, p. 275).

Por meio de seus livros e o blog MSM, associa o PT a um plano generalizado de corrupção que perpassa o mensalão, em 2005, e vai até o impeachment da presidente Dilma Rousseff, em agosto de 2016. Aos poucos, vai incorporando também ataques às minorias, instituições, associações. Com a ampla circulação de seus livros, sua popularidade cresce a tal ponto que, durante os protestos pelo impeachment, tornaram-se frequentes cartazes com a frase “Olavo tem razão”.

Para os adeptos dessa nova direita, liderados por Carvalho, a esquerda estaria ligada a males que deveriam ser erradicados e, por isso, cunham palavras como "feminazi" e "esquerdopata" na tentativa de criar no inconsciente coletivo uma repulsa às ideias de esquerda. Dessa maneira, as maiores mazelas do país são relacionadas ao PT, resultando em uma moralização dos embates políticos (Chaloub *et al.*, 2018; Rocha *et al.*, 2021).

Olavo interpretou bem as mudanças decorrentes das vitórias eleitorais petistas. Crítico da esquerda desde seus livros da década de 1990, suas formulações sempre encontraram respaldo em certas elites e na intelectualidade conservadora, que frequentavam seus cursos e lhe davam espaços em jornais e revistas de grande circulação ou prestígio, como O Globo, Folha de São Paulo e Bravo. Com a chegada do PT à Presidência e o aumento de uma perspectiva fortemente crítica de boa parte da grande imprensa em relação à esquerda, as ideias de Olavo encontraram terreno propício. O autor passou a ser personagem comum nos círculos de grandes *think tanks* empresariais, como o Instituto Millenium, e aumentou seu trânsito em espaços influentes no debate público. Por outro lado, ele percebeu cedo as possibilidades da internet e viu na rede um caminho para atingir um amplo público. Seja pela criação, já em 2002, do portal Mídia sem Máscara, ou por sua ativa utilização das redes sociais, sua imagem pública passou a ser largamente definida por sua persona virtual (Chaloub, 2022 p. 90).

Como descreve Rodrigues (2025), o sucesso de Olavo está ligado à frustração de expectativas provocada pelos programas de escolarização e inclusão do governo petista: a

ampliação do acesso à educação e à universidade não foi acompanhada de transformação estrutural no mercado de trabalho, gerando um terreno fértil para o anti-intelectualismo e críticas ao ambiente acadêmico. É nesse meio que a retórica de Olavo floresce, desqualificando intelectuais da academia e construindo um inimigo interno: o “imbecil coletivo”, numa inversão paródica do “intelectual coletivo” de Gramsci. Assim, Carvalho coopta a direita, que se sentia marginalizada do campo acadêmico e político, e sente identificação e afinidade com os discursos de Olavo.

Antonio Gramsci é citado também como referência direta na análise de hegemonia, sobre a qual instituições relacionadas a cultura e informação, como escolas, igrejas, jornais, associações, constituiriam "aparelhos privados de hegemonia", vinculadas à classe dominante, auxiliam na resistência de rupturas radicais da estrutura social. Nesses aparelhos, jornalistas, professores e religiosos atuam como "intelectuais orgânicos", ou seja, influenciadores comprometidos em defender os interesses de sua classe. Calil (2021) defende que o próprio Olavo construiu também aparelhos privados de hegemonia, caso do "Mídia sem Máscara", de seu canal no *YouTube* e do seu Curso de Filosofia. Tais páginas constituem estratégia de produção e difusão de ideias de extrema-direita cujo objetivo é influenciar política, cultural e ideologicamente a sociedade.

Além de Gramsci, Carvalho elege outros inimigos e os responsabiliza pela tal “decadência moral da sociedade”. Como a vertente filosófica e social representada pela Escola de Frankfurt e a Pedagogia Histórico-Crítica, de Saviani. Nas acusações de Carvalho, ambas estariam rompendo, dilacerando a moral cristã e levando à sociedade ideias comunistas. Pautas identitárias como LGBTQIAPN+, discussões em torno de gênero e antirracismo seriam exemplos dessa guerra cultural pautada pela esquerda. Em sua defesa da civilização cristã, argumenta que feministas, homossexuais e aliados ao marxismo seriam responsáveis pela decadência moral da sociedade (Calil, 2021).

Na alocução de Carvalho, o Brasil seria vítima fácil dessa intelectualidade “esquerdista” em razão de sua pobreza cultural. Por isso, caberia aos intelectuais de direita denunciar o domínio cultural esquerdista e desconstruir a sociedade decadente, em uma ruptura radical da ordem social. Chaloub (2022) todavia, chama a atenção para a linguagem utilizada em suas redes. Elas seriam mais inspiradas em clássicos conservadores e do neoconservadorismo estadunidense, estilo que passa pelo tom das postagens, estilo argumentativo e temas. Essa linguagem se mostra mais particularmente quando se refere a temas caros aos conservadores, com gênero, sexualidade, políticas sociais, desigualdades, segurança, drogas. Sua linha argumentativa anticomunista segue preceitos já explorados anteriormente por autores

estadunidenses como William Buckley Jr. em *God, Man and Yale* (1951). Já as críticas a movimentos feministas e antirracistas resgatam discursos neoconservadores, que focam seu ataque à suposta hegemonia cultural da esquerda, conforme indicou Chaloub (2022).

Um recurso fundamental na retórica olavista é a utilização de palavrões e insultos. Em seus discursos, é comum ouvir ou ler palavras como "idiota" e "imbecil". Segundo o próprio escritor, a opção por utilizar essa forma de linguagem se justifica em situações em que a resposta educada seria uma forma de delicadeza, de respeito com o intolerável (Calil, 2021). Na prática, todavia, Carvalho costuma detratar seus interlocutores quando não há respostas ou saída retórica, constituindo assim uma estratégia de desqualificação pessoal. O ódio emitido não é aleatório, pois consiste em uma tática discursiva adotada e professada aos alunos de seus cursos. O método consiste em deslegitimar e atacar seus opositores com palavrões e acusações estapafúrdias, com o objetivo de desqualificar e desumanizar a todos que pensam de maneira diversa, em uma maneira de desacreditar suas ideias (Rocha *et al.*, 2021).

Assim como Rodrigues (2025), Rocha *et al.* (2021) analisa a atuação de Carvalho em torno da construção de uma persona nas redes sociais, com linguagem agressiva, pensada inteligentemente para funcionar como *memética* linguística adaptada a características das redes sociais. A principal âncora dessa retórica do ódio é a adoção de teorias conspiratórias, principalmente no que confere a crenças anticomunistas, que associa o que há de mais negativo a princípios relacionados à esquerda. A alimentação da paranoia anticomunista, assim, conduz a retórica do ódio. Na análise de Rocha *et al.* (2021), o objetivo é eliminar ideias contrárias as suas, desqualificando a oposição e, mais uma vez, transformando opositores em "inimigos" para depois eliminá-los.

Essa tendência polemista é observável também como recurso retórico em discursos de Jair Bolsonaro. Alguns termos como "vagabundo", "patife" e "canalha" operam como um marcador moral do que é desagradável e de quem deve ser considerado inimigo. Em momentos em que os argumentos faltam, a linguagem atua como um rebaixador moral e simbólico, além de levar o embate para o campo emocional (Calil, 2021). A agressividade retórica, com predileção por uso de palavrões, é adotada em discursos, pronunciamentos, entrevistas, *memes* e manifestações em redes sociais (Rocha *et al.*, 2021).

Na CPI da Pandemia (Senado Federal, 2021), a estratégia orquestrada de disseminação de mentiras, ataques pessoais e desinformação é atribuída ao "Gabinete do Ódio". Segundo o relatório, o nome foi criado pelos próprios membros, em um núcleo formulador e disseminador de materiais destinados a viralizar em redes sociais como *Twitter*, *Facebook*, *Telegram*, *Instagram*, *WhatsApp* e *YouTube*. Nas postagens encaminhadas, são identificados conteúdos

xenófobos, anticomunistas, teorias conspiratórias, ataques à imprensa, defesa do "tratamento precoce", desinformação sobre Covid-19 e rejeição às vacinas (Senado Federal, 2021). Esses elementos evidenciam a popularização da retórica do ódio como estratégia política adotada pelo núcleo bolsonarista (Rocha *et al.*, 2021).

Ao analisar o repertório de Olavo, Chaloub (2022) aponta influências de direitas e ultradireitas estadunidense, europeias e brasileiras:

Dentre suas principais influências, podemos destacar três: um variado cardápio de reacionarismos, com destaque para autores como René Guénon e Eric Voegelin, o conservadorismo do Instituto Brasileiro de Filosofia (IBF), bem como o conservadorismo e o neoconservadorismo norte-americanos (Chaloub, 2022 p. 82).

De René Guénon, de orientação reacionária, identifica a "mobilização dos seus seguidores por meio de chamados à violência, a construção de inimigos públicos, o anti-intelectualismo e o negacionismo" (Chaloub, 2022, p. 82). De Eric Voegelin, um crítico reacionário da modernidade, Carvalho denuncia a "miséria intelectual brasileira". Na produção de ambos os intelectuais, há um ataque à modernidade e seu legado, por isso defendem não uma tradição, mas reconstrução de elementos da ordem global e recusa de "ideias modernas de razão, indivíduo, classe" (Chaloub, 2022, p. 83).

Já do conservadorismo e neoconservadorismo estadunidense, apropria-se da ideia de "guerra cultural", do estilo polemista, além do repertório anticomunista. Do Instituto Brasileiro de Filosofia (IBF), Carvalho incorpora a influência da cristandade e a defesa de práticas militaristas, incluindo justificativas políticas para a ditadura militar brasileira. Assim, o capitalismo defendido por Carvalho é circulado pelo cristianismo e moralismo, que, embora declare não considerar ideal, é apontado como necessário para combater a esquerda. Sua crítica ao liberalismo é ambivalente: embora o veja como menos nocivo do que o socialismo, também percebe uma incapacidade de lidar com a espiritualidade, o que, infere, resulta em decadência moral da civilização ocidental. Na sua retórica conspiracionista, acredita que bilionários e intelectuais de esquerda estariam confabulando a decadência ocidental. Esses intelectuais possuiriam muito poder de transformação e domínio por ocuparem universidades, e dominarem culturalmente meios de comunicação (Chaloub 2022).

Note-se, assim, que a retórica olavista se alimenta de uma estética da disrupção, marcada por neologismos, insultos, teorias da conspiração e performatividade digital. Ao associar a SBPC, por exemplo, a uma farsa científica, Carvalho tensiona as fronteiras entre ciência e ideologia, entre autoridade e impostura. Seus livros e cursos livres, oferecidos sem certificação

formal, constituem uma crítica ao saber institucionalizado, que estimula a desconfiança, a suspeita e o ataque a instituições. Como lembra Rodrigues (2025), sua persona virtual se apoia em uma performance cuidadosamente construída: voz pausada, cenografia antimoderna, gestualidade exagerada e visual tradicional, compondo uma figura ao mesmo tempo caricata e autoritária, com forte apelo entre aqueles que se sentiam deslocados ou excluídos da esfera pública oficial.

### 3.2 A RETÓRICA ANTIVACINA NOS SITES BOLSONARISTAS: ANÁLISE TEMÁTICA E ARGUMENTATIVA

Para Barros Filho (2021), historicamente a imprensa jornalística adotou um discurso de imparcialidade e objetividade, sobre o qual as notícias deveriam ser exploradas em diferentes perspectivas, isenta de opinião e de maneira direta. O jornalista seria um relator do acontecimento tal e qual teria acontecido, enquanto a atribuição de valores caberia somente ao leitor, a partir da análise dos fatos relatados. O filósofo salienta que o discurso de neutralidade jornalística só é eficiente se houver reconhecimento por parte do público, ou seja, quando o receptor da notícia reconhece esse valor também legitima a autoridade da mídia, pois "o produto midiático desprovido de opinião explícita terá menor probabilidade de provocar dissonância cognitiva" (Barros Filho, 2021, p. 57).

Contudo, quando se supõe a objetividade do meio jornalístico, ignora-se a dimensão política do ato comunicativo. A forma e o conteúdo escolhidos para transmitir a notícia já implica escolhas semânticas, seleção de informações, intenção do enunciador e interesses do grupo, o qual os jornalistas fazem parte. Um jornal não é feito apenas de notícias, mas também de anúncios publicitários, artigos de opinião, editoriais cujos conteúdos transparecem interesses de determinados grupos. Os interesses subjetivos da empresa jornalística ficam implícitos (e explícitos) na escolha do que merece ser noticiado, na seleção das pessoas que devem ser entrevistadas, na construção argumentativa dos textos, na concepção de chamadas das matérias, elaboração de títulos e principalmente na triagem do que merece ser lembrado e discutido publicamente (Barros Filho, 2021).

Dessa maneira, produto midiático sem opinião explícita pressupõe uma manipulação:

Não como disjunção dolosa entre o enunciado e a referência, mas como transformação de matéria-prima em um produto jornalístico. Em outras

palavras, quando falamos em manipulação, inerente à produção informativa, não queremos dizer que o jornalista queira enganar, fazer crer naquilo que não é. Se isso ocorre, certamente não é a regra. A própria construção da notícia pressupõe uma seleção temática e léxica que impõe, do fato, uma representação (Barros Filho, 2021, p. 32).

Considerando a inexistência de neutralidade na comunicação, o discurso de objetividade se mostra uma estratégia retórica cujo intuito é defender interesses próprios de empresas midiáticas. São esses temas noticiados que ajudam a pautar a agenda pública e moldar a indústria cultural em que, embora não declare objetivamente o que receptor deve pensar, deixa implícito sobre o que deve se pensar. Pois, mesmo que objetividade não exista, é fundamental aos veículos que ela seja aparente para conquistar o leitor. Essa falsa objetividade se mostra em estudos sobre linhas ideológicas representadas em grandes periódicos como *Veja* (Silva, 2005) e *Folha de S.Paulo* (Taschner, 1992) — os interesses neoliberais dos grupos empresariais aos quais fazem parte são evidenciados pelas pesquisadoras. Dessa forma, a seleção das pautas e a frequência de temas considerados fundamentais nas discussões públicas explicita ambições empresariais de grandes mídias jornalísticas.

Essa mesma retórica da objetividade jornalística é utilizada como ferramenta de manipulação pelos sites bolsonaristas analisados. Em seus textos, aproveitam-se do princípio de neutralidade e profissionalismo, utilizando linguagem técnica e pseudocientífica para transmitir confiança em seus leitores, ao mesmo tempo em que se posicionam sobre diferentes temas políticos. Para isso, apropriam-se do estilo, aparência e formato para legitimar seus sites, transmitir confiança e dar um caráter de objetividade. Ao criar tais páginas, utilizam *layouts*, títulos e estrutura jornalística, valendo-se de recursos linguísticos que atribuem valores morais, tecem discursos, constroem narrativas e considerações políticas diversas.

Ao mesmo tempo, há um ataque deliberado à imprensa tradicional e ao estilo midiático convencional. Nos sites analisados, é comum encontrar frases como: “[...] grande imprensa prossegue mentindo e manipulando as informações” (Eneas, 2020) e “[...] mentiras propagadas pela grande mídia entre as populações” (Cunha, 2024). Outro recurso é utilizar termos em que a palavra “mídia” é acrescida com adjetivos cujo objetivo é desacreditar ou associar a um espectro político alinhado à esquerda: “velha mídia esquerdista” (Nemetz, 2021)”, “Fake mídia” (Freitas, 2020), “velha mídia comunista” (Castro, 2022) e “mídia militante” (Puggina, 2022) são alguns exemplos. Ao desconstruir mídias tradicionais, autoproclamam-se independentes, revolucionários e verdadeiros, atribuindo a si uma autoridade científica e jornalística inexistente.

Um modelo de análise sobre os efeitos sociais da comunicação, profundamente atrelado aos discursos da extrema-direita, é a "Espiral do silêncio", escrita pela filósofa alemã Noelle-Neumann. A tese, debatida por Barros Filho (2021) e Martino (2017), conclui que a repetição e o aparente consenso de uma opinião pública influenciam diretamente a formação da opinião individual, pois as pessoas ficariam mais dispostas a se manifestar diante da sensação de concordância. Todavia, Martino (2017) lembra que:

Ninguém opina sobre o que não conhece, mas pode julgar o que conhece apenas parcialmente. Esse parece ser o trunfo na formação de uma opinião: é possível, apenas controlando as informações sem alterá-las de maneira alguma, induzir às pessoas um determinado julgamento a partir das informações parciais tomadas – ou apresentadas – como sendo a totalidade de dados disponíveis sobre um determinado assunto ou tema (Martino, p. 268, 2017).

Dessa forma, a seleção de temas e a exploração de notícias em veículos de comunicação ajudam a tecer as opiniões individuais. Segundo Martino (2017), essa formação se dá a partir da adoção de opiniões implícitas e travestidas de informação por veículos midiáticos, o que ajudam a fundamentar a próprio posicionamento do periódico. Quando essa opinião midiática é constantemente disseminada, a percepção social é de que esse é um consenso público: “Assim, uma opinião percebida como dominante tem chances de se tornar dominante”. (Martino, p. 270, 2017).

Isso acontece, segundo a análise de Noelle-Neumann, porque o indivíduo tem medo do isolamento social e, por isso, tende a silenciar diante de um aparente consenso da opinião pública. Dessa forma, a homogeneização aparente da opinião pública se daria não necessariamente pelo consenso, mas pelo silenciamento das vozes dissonantes. Quanto mais um grupo silencia, mais a aparência de consenso e mais fortes determinadas opiniões se tornam. “O medo do isolamento leva ao silêncio; o silêncio reforça a opinião dominante — a noção de uma espiral indica o movimento de consolidação no tempo” (Martino, p.271, 2017).

É nesse lugar de silenciados que movimentos de extrema-direita se colocam ao emitir opiniões em defesa de ideias antivacinas, anticientíficas (ao mesmo tempo em que se apropriam do discurso científico) e conspiratórias. Ainda que ocupem espaços de poder na política e na opinião pública, colocam-se como vítimas da repressão à liberdade de expressão. Dessa maneira, invertem a análise da espiral do silêncio emitindo opiniões conservadoras, enquanto tomam para si a retórica do herói corajoso, que desafia o poder dos pensamentos dominantes.

Os sites bolsonaristas performam uma espécie de resistência discursiva corajosa ao mesmo tempo em que atacam grupos minoritários e emitem opiniões minadas de autoritarismo.

Para esses grupos, o princípio democrático seria fundamentado pela garantia da liberdade de expressão irrestrita e incondicional. Na Constituição Federal Brasileira, o artigo 5º, parágrafo IV, versaria sobre esse princípio: “É livre a manifestação do pensamento, sendo vedado o anonimato”. Outro artigo utilizado como argumentação é o parágrafo 2º do artigo 220, que determina: “É vedada toda e qualquer censura de natureza política, ideológica e artística”. Contudo, embora não estabeleça objetivamente os limites dessa liberdade, a Constituição reconhece crimes de injúria, difamação e calúnia, além de um conjunto de leis específicas que tipificam crimes como racismo, discriminação, apologia a crimes, violência doméstica. Com isso, a liberdade de expressão fica restrita aos preceitos legais e ao não cometimento de crimes.

Ao explicitar as fronteiras da liberdade de expressão, a Defensoria Pública do Estado do Paraná aponta algumas leis, como a 14.532, de 2023, que dispõe:

[...] ‘injuriar alguém, ofendendo-lhe a dignidade ou o decoro, em razão de raça, cor, etnia ou procedência nacional’ é crime com penas que podem ser aumentadas quando estes crimes ocorrerem ‘em contexto ou com intuito de descontração, diversão ou recreação’ ou ‘quando praticados por funcionário público (...) no exercício de suas funções ou a pretexto de exercê-las’ (DPEPR, 2023).

Quando esses crimes são cometidos contra minorias, existem normas específicas para assegurar seus direitos, caso do artigo 20-C da Lei 7.716 de 1989:

[...] ‘na interpretação desta Lei, o juiz deve considerar como discriminatória qualquer atitude ou tratamento dado à pessoa ou a grupos minoritários que cause constrangimento, humilhação, vergonha, medo ou exposição indevida, e que usualmente não se dispensaria a outros grupos em razão da cor, etnia, religião ou procedência’ (DPEPR, 2023).

Dessa maneira, a Constituição assevera uma liberdade de expressão limitada por um conjunto de leis específicas que garantem dignidade, direitos humanos e responsabilidade social em especial a grupos vulnerabilizados. Na legislação que assegura esses princípios estão, por exemplo, os estatutos da Igualdade Racial, Lei 12.288 de 2010<sup>32</sup>; da Pessoa com Deficiência,

---

<sup>32</sup>Brasil, 2010. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2007-2010/2010/lei/112288.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2010/lei/112288.htm).

Lei 3.146 de 2015<sup>33</sup>; da Pessoa Idosa, Lei nº 14.423, de 22 de julho de 2022<sup>34</sup>; e da Criança e do Adolescente, Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990<sup>35</sup>.

Na prática, esses sites disseminam informações falsas ou distorcidas, as quais seriam censuradas pelo “estado autoritário” e pela “velha mídia esquerdista”, o que os tornaria vítimas silenciadas por um sistema que seria contra o conservadorismo evangélico e político. “A Espiral do Silêncio” explicaria essa vitimização e o “apagamento” das pautas reacionárias em detrimento das “ideias comunistas” propagadas pelas mídias tradicionais. É nesses sites que a direita reivindica legitimidade para seus discursos, em uma estratégia para normalizar pensamentos extremistas em opiniões vistas como corajosas e que desafiariam o pensamento dominante.

Embora pareça uma falha hermenêutica, a utilização dessa teoria na construção argumentativa de grupos de extrema-direita vai além de um equívoco interpretativo. A única edição brasileira do livro "A Espiral do Silêncio" foi publicada em 2017 pela Editora Estudos Nacionais, pertencente ao Instituto Estudos Nacionais, cuja agência de notícias “Estudos Nacionais” será analisada subseqüentemente.

A edição e o lançamento da obra ocorreram a partir de uma campanha de financiamento coletivo coordenada pela mesma editora, com objetivo de “conceder o acesso dos leitores menos familiarizados a esta obra clássica para os estudos na área” (Derosa, 2017, p. 6). A urgência da publicação da obra viria da pressão exercida por movimentos como o do “politicamente correto” (Derosa, 2017, p. 6) e seria fundamental para analisar o controle social exercido por meios de comunicação. Para isso, Derosa se propôs não apenas a traduzir e lançar, mas elaborar “notas de rodapé” [...] com objetivo de “[...] facilitar a compreensão das teorias expostas, fornecer bibliografia adicional atualizada, assim como exemplos ilustrativos para o nosso tempo e público específicos” (Derosa, 2017, p. 7).

A instrumentalização do livro não parece ter se originado com Derosa, todavia. O jornalista tem contato com o pensamento de Olavo de Carvalho pelo menos desde 2009, quando entrou para o famoso curso “Seminário de Filosofia”. Um indício de que Carvalho tenha aproximado a direita radical do livro de Noelle-Neumann está no prefácio, escrito por Alexandre Costa<sup>36</sup>. Costa (2017, p. 10) atribui a Olavo de Carvalho a responsabilidade por

---

<sup>33</sup>Brasil, 2015. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2015-2018/2015/lei/113146.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2015-2018/2015/lei/113146.htm).

<sup>34</sup>Brasil, 2003. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/110.741.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.741.htm).

<sup>35</sup>Brasil, 1990. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/18069.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm).

<sup>36</sup>Autor dos livros "O mínimo sobre globalismo", de 2023, "O mínimo sobre ocultismo", de 2022, "Um copo de red pill", de 2022, "As várias faces da Nova Ordem Mundial", de 2021, "Bem-Vindo ao Hospício", de 2016, "O Brasil e a Nova Ordem Mundial", de 2018, e "Introdução à Nova Ordem Mundial, 2015", cujos conteúdos consistem em um combo de delírios conspiracionistas, envolvendo governos, esquerda, ocultismo, sociedades

"aprofundar as questões levantadas por Noelle-Neumann no Brasil". Para ele, "o filósofo sintetiza "A Espiral do Silêncio" como um jogo de impressões e de emoções vagas, e não um processo de doutrinação ideológica" (Costa, 2017, p.10). Com isso, pode-se supor que o responsável por essa instrumentalização da teoria poderia ser Carvalho, o que corroboraria uma de suas principais bandeiras, de que as pessoas viveriam em uma espécie de ilusão coletiva, ou uma "bolha de opinião", e seu curso de "filosofia" ajudaria a formar pessoas "mais inteligentes e centradas na realidade".

A utilização da teoria de "A Espiral do Silêncio" pela extrema-direita demonstra uma estratégia fundamentada em um projeto político conservador, cujo objetivo é, por um lado, cimentar uma narrativa de vitimização e, por outro, engendrar uma aura de resistência heróica à hegemonia cultural. Quando Derosa admite ser aluno de Olavo de Carvalho há mais de 10 anos e Alexandre Costa atribui ao guru a popularização do livro por meio de seus cursos, revelam o papel de Carvalho no enquadramento ideológico da obra. Assim, a teoria é utilizada como um recurso ideológico para reforçar suas próprias interpretações sobre o mundo.

### 3.3 DAS FONTES ANALISADAS

Ao longo deste trabalho, foram analisados trechos de textos publicados em sites bolsonaristas, selecionados para guiar a análise. Em um primeiro momento, considerou-se a elaboração de um banco de dados de *memes* negacionistas disseminados por meio do *WhatsApp*, *Facebook* e *Instagram*. Todavia, ao analisar os conteúdos disparados e compartilhados por usuários nessas plataformas, notou-se a utilização recorrente de links de reportagens para corroborar e validar as informações que estavam sendo compartilhadas. Dessa maneira, observou-se que algumas páginas supostamente atuavam como fontes de informação jornalística e, para isso, valiam-se de elementos do jornalismo tradicional para dar sustentabilidade e credibilidade às informações, como *layout*, linguagem comum à comunicação de massa e dados.

A seleção de "Estudos Nacionais", "Mídia sem Máscara", "Crítica Nacional", "ContraFatos" e "Stylo Urbano" ocorreu após um primeiro levantamento, realizado antes da divulgação do relatório final da Comissão Parlamentar de Inquérito (Senado Federal, 2021).

---

secretas, globalismo, 'nova ordem mundial', ideologias, cientificismo. Enfim, uma grande junção de ideias preconceituosas, estereotipadas somadas a críticas de pautas defendidas pela esquerda.

Procurou-se identificar páginas que repercutissem conteúdos desinformativos aliados ao bolsonarismo. Dentre os critérios seguidos estão a recorrência de publicações relacionadas às vacinas, alinhamento discursivo com a nova direita e alcance das publicações compartilhadas por meio de redes sociais como *Facebook* e *Instagram* e o *Whatsapp*. As páginas "Folha Política" e "Focus Poder" foram pré-selecionados, mas descartadas após constatar-se poucas notícias dentro da temática escolhida.

A análise dessas páginas foi confrontada com o relatório da CPI da Pandemia (Senado Federal, 2021), que detalhou o funcionamento de uma rede estruturada de desinformação a partir de núcleos orquestrados, sendo eles: o **Núcleo de Comando (1)**, que interage diretamente com o **Núcleo Formador (2)**. Em seguida, o **Núcleo Político (3)**, o **Núcleo de Produção e Disseminação das Fake News (4)** e, sustentando essa rede, o **Núcleo de Financiamento (5)**.

O Núcleo de Comando (1) seria formado pelo ex-presidente Jair Bolsonaro e seus filhos, o senador Flávio Bolsonaro, o deputado federal Eduardo Bolsonaro e o vereador do Rio de Janeiro Carlos Bolsonaro. A função deles seria orientar, organizar e dar ordens aos demais níveis. Junto a eles, o Núcleo Formador (2), também conhecido como Gabinete do Ódio, seria composto por pessoas diretamente ligadas ao comando, responsáveis por formular e distribuir o material para seus disseminadores.

O Núcleo Político (3) é apontado como as pessoas públicas ligadas ao bolsonarismo, composto por autoridades e parlamentares. Alguns nomes apontados “são os deputados federais Ricardo Barros, Osmar Terra, Carlos Jordy, Carla Zambelli, Bia Kicis e Carlos Wizard, o ex-ministro Ernesto Araújo, Roberto Goidanich (ex-presidente da Funag), o ex-deputado Roberto Jefferson e o ministro Onyx Lorenzoni” (Senado Federal, 2021, p. 625). Dessas, a deputada Carla Zambelli<sup>37</sup> foi a mais ativa nas redes. Segundo relatório, foram 27 publicações e 312 mil interações; o principal assunto foi a defesa de uso da hidroxycloroquina para tratamento da Covid-19.

Já o Núcleo de Produção e Disseminação (4) foi subdividido em três: influenciadores sociais, veículos de mídia organizados e perfis anônimos. Dentre os veículos de mídia organizados citados no relatório estão “Jornal da Cidade Online”, “Senso Incomum”, “Terça Livre”, “Conexão Política”, “Renova Mídia”, “República de Curitiba”, “Folha Política”, “Brasil Sem Medo”, “Verdade dos Fatos” e os portais “Crítica Nacional” e “Estudos Nacionais”, investigados neste trabalho. A responsabilidade dos componentes desse núcleo é o

---

<sup>37</sup>Carla Zambelli foi condenada a 10 anos de prisão pelo Supremo Tribunal Federal (STF), em maio de 2025. Os crimes apontados são invasão de sistema do Conselho Nacional de Justiça (CNJ), falsidade ideológica e inserção de dados falsos no site do CNJ. Seu esquema envolvia a criação de um mandado falso contra o ministro do STF Alexandre de Moraes. Em julho de 2025 foi presa na Itália, em uma ação envolvendo Brasil e Itália, onde hoje aguarda extradição.

espalhamento das (des)informações fabricadas pelo Núcleo Formulador. Por fim, o Núcleo de Financiamento (5) seria o responsável por manter financeiramente e prover recursos materiais e econômicos para a organização. Entre os investigados pela CPI estavam o empresário Luciano Hang e Otávio Fakhoury, do Instituto Força Brasil e sócio de Paulo Eneas.

Após a delimitação das fontes, criou-se um arquivo individual das páginas, onde as reportagens foram salvas em formato PDF. Posteriormente, após a publicação do relatório final da CPI da Pandemia (Senado Federal, 2021), constatou-se que dois deles haviam sido mencionados e investigados por disseminação de desinformação ("Estudos Nacionais" e "Crítica Nacional"). Com isso, optou-se por manter a seleção previamente definida, direcionando a análise para notícias relacionadas a vacinação e tratamentos alternativos para a Covid-19.

Embora o objeto central desta tese seja a desinformação antivacina, optou-se por incluir na análise reportagens cujas temáticas estiveram presentes de forma recorrente no discurso bolsonarista. Entre elas, estão: o surgimento do vírus, sua associação com o discurso anticomunista, as acusações contra a China, defesa do "tratamento precoce" e críticas às medidas sanitárias recomendadas pela OMS. Essa ampliação se justifica na medida em que o antivacinação bolsonarista se encontra imbricado em uma teia complexa, na qual temáticas negacionistas se relacionam e envolvem deslegitimação e ideologização da ciência, composição de narrativas conspiratórias e produção de desinformações relativas à Covid-19.

As temáticas de cada uma das reportagens aqui listadas foram trabalhadas e desmentidas ao longo dos capítulos 1 e 2 deste trabalho, com isso, o foco agora é demonstrar como esses temas são abordados nos textos. Da mesma forma, optou-se por organizar a análise a partir de reportagens exemplares de cada temática. A opção por esse método se deve à recorrência de conteúdos com estrutura e argumentos semelhantes, o que torna mais expressivo destacar as características centrais desses discursos do que contabilizar a repetição numérica das publicações. Assim, a seleção busca evidenciar padrões e estratégias discursivas assíduas, priorizando a análise qualitativa em detrimento da quantitativa.

### **3.3.1 Estudos Nacionais**

Como já mencionado, o portal "Estudos Nacionais", hoje rebatizado para "Agência EN", foi declaradamente fundado pelo jornalista Cristian Derosa, estando no ar desde 2016. O domínio "www.estudosnacionais.com", todavia, não foi registrado no Brasil e possui todos os

dados de registro em anonimato, o que inclui o e-mail “contact@privacyprotect.org”, um endereço físico genérico e o responsável apontado como “Domain Admin”, uma espécie de representante legal fictício. O serviço de anonimato impede o rastreamento e identificação direta dos responsáveis pelo site, o que dificulta a responsabilização legal pelo conteúdo publicado. O *website* integra um projeto mais amplo, que oferece formação e cursos por meio do Instituto Estudos Nacionais. O site afirma ser mantido por meio de doações de membros, seguidores e do retorno financeiro de seus cursos. Em sua versão anterior, o portal se definia da seguinte maneira:

Desenvolve estudos sobre os temas relevantes à sociedade e o tratamento destes temas pelos meios de comunicação de massa, juntamente com os movimentos sociais inseridos no ambiente comunicativo nacional e internacional. As transformações da sociedade democrática demandam atenção dos cidadãos para a contínua mudança de paradigmas e relações entre agentes sociais e governos. A mudança da função nos meios de comunicação, que hoje se destinam à transformação, tornam a informação um meio instrumental e a credibilidade um lugar de disputa entre os sujeitos, submetida a direcionamentos provenientes de organismos internacionais que se tornam, eles próprios, os produtores de sentido na sociedade contemporânea, especialmente a brasileira.

Notícias - Além dos estudos aprofundados, para os quais buscamos contar com profissionais especializados, o Estudos Nacionais oferece um conteúdo noticioso focado na objetividade, no qual defende a liberdade de informação como resposta aos avanços transformadores do aparato midiático. A informação, como meio de orientação no mundo, torna-se imprescindível em um mundo conturbado por profundas e frequentes mudanças. O conteúdo noticioso sobre o cenário internacional, hoje, passa por infundáveis filtros de interesse e são conduzidos por objetivos diversos. O Estudos Nacionais busca aprofundar as reflexões utilizando o jornalismo em sua missão informativa e contestadora da atual situação, oferecendo um contraponto exigente à situação de dúvida e incerteza gerada pelo atual modelo informativo.

Editora - Com o objetivo de disponibilizar ao público o conteúdo que mais necessita para a compreensão da realidade atual, o Estudos Nacionais se faz presente também na missão de editar, traduzir e incentivar autores na publicação de livros fundamentais (Estudos Nacionais, 2021).

Já a página mais recente da organização unificou o conteúdo da “Agência EN” com a do Instituto Estudos Nacionais, adotando um único domínio e passando a se descrever assim:

O site do Instituto Estudos Nacionais surgiu da necessidade de ampliar o espaço de debate sobre temas relevantes na sociedade, sendo o principal deles o problema da soberania nacional e da liberdade de expressão, em uma época de intervenções ideológicas e econômicas sobre o debate público.

Para lidar com a constante desinformação que domina hoje o espaço da opinião pública, por meio dos grandes grupos de comunicação e sua força política e econômica, o EN promoveu um esforço jornalístico, desde 2016, para suprir o desequilíbrio do ambiente informativo dominado pelos grandes veículos. Para isso, criamos em 2019 a Agência EN.

Agência EN surgiu para suprir o déficit informativo no Brasil em meio a um processo revolucionário. Atualmente, a agência pertence à estrutura do Instituto Estudos Nacionais, destinada à difusão do conhecimento através de cursos e projetos editoriais, além da publicação de artigos de relevância. (Instituto Estudos Nacionais, 2025).

A partir da análise da primeira versão, disponível no extinto portal EN, notaram-se algumas características presentes no discurso olavista e na ala neoconservadora nacional. O trecho: "A mudança da função nos meios de comunicação, que hoje se destinam à transformação, tornam a informação um meio instrumental e a credibilidade um lugar de disputa entre os sujeitos [...]" compõe uma acusação direcionada aos tradicionais meios de comunicação, segundo o qual estariam abandonando a função de informar para se converter em transformadores da sociedade a partir da composição de textos ideológicos. Essa prática estaria relacionada à produção de sentidos guiada por organismos internacionais e ideias "globalistas".

Em tom conspiratório e messiânico, o trecho acusa implicitamente entidades como ONU e OMS de filtrar informações em acordo com seus próprios interesses e objetivos, deixando os leitores dos grandes periódicos com informações fragmentadas e manipuladas da realidade. Nesse sentido, a agência se coloca como uma maneira mais confiável de consumir notícias, cuja objetividade seria uma resposta "aos avanços transformadores do aparato midiático", em uma "missão contestadora" e libertadora. Ao "ditar, traduzir e incentivar autores na publicação de livros fundamentais", o portal se coloca como um guia para seus leitores, cuja curadoria ideológica ajudaria a compreender a verdadeira realidade dos fatos.

Já na segunda definição, o tom ideológico é aprofundado e explicitado, principalmente no trecho "o problema da soberania nacional e da liberdade de expressão, em uma época de intervenções ideológicas e econômicas sobre o debate público". Se antes a crítica era implícita, agora é indubitável. Para o portal, a soberania nacional estaria sendo ameaçada por intervenções ideológicas e ataques à liberdade de expressão, retomando e corroborando narrativas disseminadas por Carvalho desde o início dos anos 2000.

Investigado pela CPI da Pandemia (Senado Federal, 2021, p. 626), o grupo foi apontado como partícipe do "núcleo de produção e disseminação de Fake News". Na prática, a CPI concluiu que, embora funcionem como empresas jornalísticas, com nome, formato textual, *layout* e confecção de matérias, não há compromisso com princípios éticos e metodológicos da profissão. Com isso, o conteúdo divulgado segue uma linha ideológica similar à do ex-presidente Jair Bolsonaro e tem como estratégias o uso de táticas sensacionalistas, divulgação de desinformação e matérias em consonância com interesses de grupos financeiros.

Em seus textos, o portal não adota apenas um viés neoconservador, mas também extremista e reacionário, principalmente no que se refere a pautas morais, conteúdos centrais e recorrentes na elaboração das reportagens. Entre os principais temas abordados e debatidos estão: defesa do cristianismo (Derosa, 2020a), promoção do ensino domiciliar, também chamado *homeschooling* (Derosa, 2022a), críticas regulares ao aborto (Derosa, M., 2020), negação de mudanças climáticas (Gonzaga, 2021), desqualificação de pautas e pessoas de partidos de esquerda (Derosa, 2020b) e ataques ao que denominam "ideologia de gênero" (Gonzaga, 2020). Algumas matérias chegam a associar pautas globais como LGBTQIAPN+, ambientalismo, feminismo e medidas sanitárias recomendadas por instituições internacionais (ONU e OMS) à ideologia nazista (Derosa, 2022b), utilizando termos como "segregação sanitária", relacionando vacinação com eugenia e colocando Bill Gates como um Hitler da atualidade.

Jornalista e mestre em Fundamentos do Jornalismo pela UFSC, Derosa já demonstrava em sua pesquisa traços do que viria embasar sua futura militância neoconservadora. Em sua dissertação, encontrada no repositório institucional da UFSC (Derosa, 2013), intitulada "O discurso das mudanças climáticas no Diário Catarinense", tece críticas ao jornalismo tradicional por aderir ao discurso científico e difundir denúncias relacionadas às mudanças climáticas. Ainda que adote um tom técnico e acadêmico, o jornalista aponta a função política e pedagógica do jornalismo voltada para a conscientização e possíveis resoluções que contenham as alterações no clima como algo problemático. Para Derosa, ao assumir o discurso científico sem criticidade, o jornalismo deixa de lado sua função analítica para apenas reproduzir "verdades incontestáveis", o que o evidenciaria sua função ideológica. Já nesse trabalho, é possível notar características embrionárias de ideias extremistas que irá defender em seu site, com denúncias ao "autoritarismo" científico e a atuação midiática alinhada a um "globalismo"<sup>38</sup>.

No caso da Editora Estudos Nacionais, títulos publicados ilustram o posicionamento editorial e ideológico do grupo. Nas publicações, estão títulos como: "A transformação social" (Derosa, 2016), "Precisamos falar sobre: mitos e verdades" (Derosa, 2018), "Fake News: fingindo fazer jornalismo" (Derosa, 2019), "Abortos forçados: como a legalização do aborto tira das mulheres seus direitos reprodutivos" (Derosa e Garcia, 2019). Existem também revistas temáticas, das quais alguns títulos são: "Gênero e pedofilia" (Estudos Nacionais, 2017), "Fake News" (Estudos Nacionais, 2018), "Esquerda em dólares" (Estudos Nacionais, 2018) e "Ativismo judicial" (Estudos Nacionais, 2018).

---

<sup>38</sup>A opção de colocar essas palavras entre aspas tem a intenção de fazer uma referência direta ao vocabulário utilizado pelo jornalista.

Além de Cristian Derosa, o portal Estudos Nacionais conta com a colaboração de seu irmão Marlon Derosa, ativista antiaborto, defensor da abstinência como método contraceptivo, do casamento heteronormativo e crítico do que chama de "crisofobia". Também contribui o jornalista Josair Bastos, professor de latim eclesiástico e defensor do catolicismo; e o delegado Eduardo Cabette, cujo discurso neoconservador radicalizado questiona direitos das mulheres e decisões do Supremo Tribunal Federal (STF).

Já entre os assuntos relacionados à Covid-19, os temas recorrentes selecionados estão exemplificados por meio do Quadro 1.

**Quadro 1:** Matérias publicadas no portal “Estudos Nacionais”

<b>ESTUDOS NACIONAIS (site ativo em: <a href="https://www.estudosnacionais.com/">https://www.estudosnacionais.com/</a>)</b>		
<b>Tema</b>	<b>Matérias</b>	<b>Fontes (links):</b>
Oposição à quarentena	“Países do G20 não recomendam quarentena, confirmando posição de Bolsonaro”. Publicada por Cristian Derosa em 26 de março de 2020, a matéria distorce declarações de membros do G20 para corroborar ideias de isolamento vertical, defendida pelo ex presidente Jair Bolsonaro.	<a href="https://web.archive.org/web/20221008021444/http://www.estudosnacionais.com/22772/paises-do-g20-nao-recomendam-quarentena-confirmando-posicao-de-bolsonaro/">https://web.archive.org/web/20221008021444/http://www.estudosnacionais.com/22772/paises-do-g20-nao-recomendam-quarentena-confirmando-posicao-de-bolsonaro/</a>
Invalidação da vacina	“Menos grave, variante delta sepultou vacinas e tornou passaportes inúteis, dizem infectologistas”. Publicada por Cristian Derosa em 24 de agosto de 2021, a matéria coloca em cheque a utilização de vacinas e considera a obrigatoriedade da vacina como uma medida ditatorial.	<a href="https://web.archive.org/web/20221126170048/https://www.estudosnacionais.com/34333/menos-grave-variante-delta-sepultou-vacinas-e-tornou-passaportes-inuteis-dizem-infectologistas/">https://web.archive.org/web/20221126170048/https://www.estudosnacionais.com/34333/menos-grave-variante-delta-sepultou-vacinas-e-tornou-passaportes-inuteis-dizem-infectologistas/</a>
Defesa da ivermectina	“Jornalistas ignoram dados científicos sobre ivermectina, afirmam infectologistas”. Publicada por Hélio Costa Jr., em 10 de março de 2021, defende o “tratamento precoce” como solução para a Covid-19 e que a mídia tradicional estaria desinteressada na cura.	<a href="https://web.archive.org/web/20221015040552/https://www.estudosnacionais.com/31215/jornalistas-ignoram-dados-cientificos-sobre-ivermectina-afirmam-infectologistas/">https://web.archive.org/web/20221015040552/https://www.estudosnacionais.com/31215/jornalistas-ignoram-dados-cientificos-sobre-ivermectina-afirmam-infectologistas/</a>
Descrença ao distanciamento social	"Após 'lockdown total', casos de Covid-19 disparam em municípios de Pernambuco". Publicado em 15 de abril de 2021, por Diógenes Freire, relacionou o aumento de casos e mortes por Covid-19 com distanciamento social.	<a href="https://web.archive.org/web/20220126110241/https://www.estudosnacionais.com/32142/apos-lockdown-total-casos-de-covid-19-disparam-em-municipios-de-pernambuco/">https://web.archive.org/web/20220126110241/https://www.estudosnacionais.com/32142/apos-lockdown-total-casos-de-covid-19-disparam-em-municipios-de-pernambuco/</a>
“Fraudemia”	"A quarta dose vem aí para quem sobreviveu às três primeiras", publicada por Patrícia Castro, em 18 de março de 2022. Associa mortes às vacinas e acusa a pandemia de compor uma fraude.	<a href="https://web.archive.org/web/20220531210042/https://www.estudosnacionais.com/35569/a-quarta-dose-vem-ai-para-quem-sobreviveu-as-tres-primeiras/">https://web.archive.org/web/20220531210042/https://www.estudosnacionais.com/35569/a-quarta-dose-vem-ai-para-quem-sobreviveu-as-tres-primeiras/</a>

Inefetividade de máscaras faciais	"Faltam evidências sobre efetividade de máscaras, diz CDC europeu", por Diógenes Freire, publicada em 25 de fevereiro de 2021. Uma de várias matérias que colocam máscaras faciais sob desconfiança.	<a href="https://web.archive.org/web/20210302051300/https://www.estudosnacionais.com/30843/faltam-evidencias-sobre-efetividade-de-mascaras-diz-cdc-europeu/">https://web.archive.org/web/20210302051300/https://www.estudosnacionais.com/30843/faltam-evidencias-sobre-efetividade-de-mascaras-diz-cdc-europeu/</a>
Vacinas causariam câncer	"Caso sugere relação entre vacinas mRNA e câncer no sangue", publicado por Cristian Derosa em 20 de dezembro de 2021. Associa câncer às vacinas contra Covid-19.	<a href="https://web.archive.org/web/20220123001350/https://www.estudosnacionais.com/35086/caso-sugere-relacao-entre-vacinas-mrna-e-cancer-no-sangue/">https://web.archive.org/web/20220123001350/https://www.estudosnacionais.com/35086/caso-sugere-relacao-entre-vacinas-mrna-e-cancer-no-sangue/</a>
Crítica a vacinação obrigatória	O passaporte sanitário é ferramenta e estratégia de controle das massas”, texto de Hermes Rodrigues Nery, publicado em 28 set. 2021, traz um depoimento do deputado Hermes Rodrigues Nery, que chama a vacinação obrigatória de autoritarismo e ataque às liberdades individuais.	<a href="https://www.estudosnacionais.com/34559/o-passaporte-sanitario-e-ferramenta-e-estrategia-de-controle-das-massas/">https://www.estudosnacionais.com/34559/o-passaporte-sanitario-e-ferramenta-e-estrategia-de-controle-das-massas/</a>
Contestação a “autoridade científica” que recomenda vacinação	"A esterilização do mundo e o fim das opiniões não científicas", publicado por Cristian Derosa, em 04 jan. 2021, critica a influência da autoridade científica nas tomadas de decisões, apontada como uma manifestação totalitária.	<a href="https://www.estudosnacionais.com/30321/a-esterilizacao-do-mundo-e-o-fim-das-opinioes-nao-cientificas/">https://www.estudosnacionais.com/30321/a-esterilizacao-do-mundo-e-o-fim-das-opinioes-nao-cientificas/</a>

Fonte: A autora.

A análise das reportagens demonstrou como o portal “Estudos Nacionais” adotou uma linha editorial alinhada ao bolsonarismo e, por isso, atuou no sentido de instrumentalizar a desinformação a seus leitores. Com esse propósito, teceu críticas visando deslegitimar e incutir dúvidas sobre as medidas de contenção da pandemia, caso da quarentena, da utilização de máscaras e o distanciamento social. Além disso, recorreu ao discurso científico convenientemente, divulgando pesquisas de má-qualidade que corroboravam com as ideias defendidas pelo grupo. Ao desacreditar o método científico, as instituições de saúde pública e a imprensa tradicional, agiu no sentido de defender seus próprios interesses políticos e econômicos, em uma estratégia neoliberal de popularização de narrativas ideológicas da nova direita.

### 3.3.2 Crítica Nacional

O segundo portal selecionado para essa pesquisa foi o “Crítica Nacional”, também citado posteriormente da Comissão Parlamentar de Inquérito (Senado Federal, 2021). O site é de responsabilidade de Paulo Eneas, que em 2022 foi candidato a deputado estadual em São Paulo (SP) pelo Partido da Mulher Brasileira (PMB). De todos os pesquisados, é o único

descontinuado após a investigação. Por isso, todo o material arquivado foi recuperado na “web.archive.org”. A aba “Quem somos” fornece um panorama da intencionalidade e dos princípios dos criadores da página:

Quem Somos: O portal Crítica Nacional é um projeto que oferece ao público um conteúdo jornalístico online conservador e de direita da melhor qualidade. O nosso compromisso é trazer diariamente algumas das notícias nacionais e internacionais mais importantes acompanhadas de análises fundamentadas, sempre sob o ponto de vista do pensamento conservador e de direita. Além do acompanhamento diário dos fatos políticos e econômicos nacionais, o Crítica Nacional irá procurar fazer a melhor cobertura internacional da imprensa brasileira.

Um de nossos focos será o acompanhamento do processo de desconstrução civilizacional que vem ocorrendo na Europa por conta da aliança estratégica existente entre a esquerda marxista do continente e o islamismo. Noticiaremos regularmente os fatos que refletem esse processo e que nunca são publicados na imprensa nacional, o que faz com que a quase totalidade dos brasileiros fique alheia à verdadeira destruição da civilização ocidental que os globalistas e a esquerda marxista têm promovido no continente europeu em aliança com o islamismo, sob o pretexto do multiculturalismo.

Outro tema que estará sempre presente em nosso portal é o completo redesenho geopolítico que ocorreu e que vem ocorrendo no Oriente Médio em decorrência da política externa que foi implementada na região pelo ex-presidente Barack Obama. Política externa essa que foi essencialmente contrária aos interesses norte-americanos, profundamente hostil ao Estado de Israel e essencialmente pró-muçulmana, e que resultou no surgimento do Estado Islâmico. Daremos também destaque à atuação do presidente norte-americano Donald Trump em seu esforço extraordinário de reconstruir a América e de combater a esquerda globalista em escala internacional.

Portanto, o nosso objetivo é a produção de conteúdo jornalístico abordando fatos e temas que nunca são retratados de maneira honesta pela imprensa nacional. Pois como sabemos, a grande imprensa nacional há anos deixou de ter qualquer compromisso com a verdade e não está preocupada em informar seu público, mas sim seguir à risca a agenda globalista da esquerda internacional.

O portal também irá trazer regularmente ensaios tratando de temas que envolvem outros aspectos da guerra política e para os quais a direita conservadora precisa se capacitar para fazer o embate político, tais como ideologia de gênero, política de cotas e o racismo da esquerda, doutrinação ideológica nas escolas, a real natureza das organizações globalistas da esquerda internacional, o feminismo como instrumento de guerra política usado pela esquerda contra as mulheres, a ideologização das políticas de saúde na era petista, e temas correlatos dentro do chamado marxismo cultural. (Crítica Nacional, 2020).

Os limites são traçados já na primeira frase: trata-se de um portal jornalístico, mas conservador e de direita, em uma adoção explícita do viés político que o configura. Tal posicionamento é uma maneira de delimitar os campos e estabelecer um binarismo de "nós

contra eles". Para o grupo, o jornalismo de direita e conservador possuiria a melhor qualidade, formando não apenas um antagonismo moral, mas epistemológico em contraponto ao campo progressista. Em seu portal, as notícias não são indissociáveis de análises "fundamentadas" a partir de seus próprios pontos de vistas, enquanto o jornalismo tradicional, elaborado pelas principais redes do país, teria sucumbido ao globalismo e aderido à agenda esquerdista.

O conspiracionismo olavista aparece na sequência. O globalismo estaria desconstruindo a civilização ocidental, com uma (inesperada) união entre esquerda marxista e islamismo. A população, enganada pela "imprensa nacional", ao não noticiar esse plano diabólico com fins multiculturalistas, ignora a verdade, por isso, a "Crítica Nacional" atua como um paladino da verdade imbuído da missão de salvar o povo brasileiro das garras dos comunistas "malvadões". Novamente, um discurso moral que remete à guerra cultural comum durante a Guerra Fria, quando inimigo poderia ser um agente subversivo, agindo de dentro para fora.

Outro ponto a destacar é a acusação de que o ex-presidente dos Estados Unidos Barack Obama teria agido contra os interesses de seu país ao praticar ações pró-muçulmanas e hostilizar o Estado de Israel. Essa construção é uma clara declaração de apoio ao presidente dos Estados Unidos Donald Trump, em uma convergência e alinhamento com as narrativas disseminadas por ele. A crítica ao multiculturalismo, aliás, apresenta características xenofóbicas, etnocêntricas e reacionárias. Em suas palavras, há uma "guerra política", em que temas como ideologia de gênero, políticas de cotas, racismo, doutrinação ideológica, feminismo e ideologização de políticas de saúde constituem "armas de guerra". Como já visto, esses discursos configuram uma das principais características da nova direita, de ataques a minorias e defesa de valores familiares e cristãos.

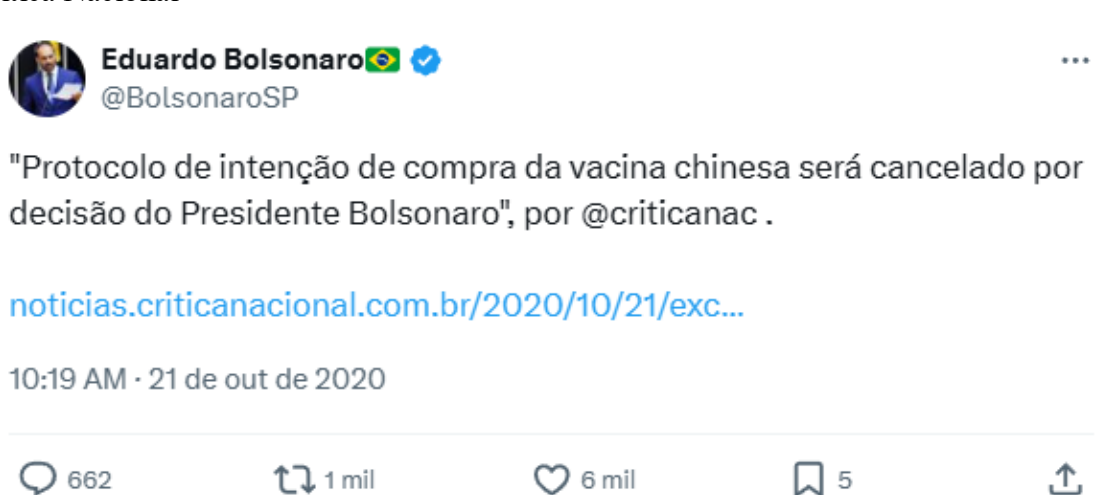
O portal "Crítica Nacional" é declaradamente mantido e registrado por Paulo de Oliveira Eneas, jornalista e militante político de direita. Sua equipe editorial inclui Angélica Ca, que assina vários artigos, e duas colaboradoras: Débora Portugal e Rubia Mackin, responsável por fazer a "melhor cobertura jornalística internacional". Durante a pandemia e sob governo do ex-presidente Jair Bolsonaro, Paulo Eneas presidiu a Fundação Alexandre de Gusmão (Funag), uma entidade federal cujo objetivo é promover atividades culturais e pedagógicas sobre história diplomática do Brasil, além de pensar em estratégias para fortalecer a política externa brasileira. Esse trabalho ocorreu paralelamente à atuação do portal em campanhas de desinformações em sua página e em redes sociais.

Investigado pela Comissão Parlamentar de Inquérito, Paulo Eneas foi denunciado não apenas em função da atuação em seu site, mas também por disseminar desinformação em palestras oficiais da Funag. Em uma delas, investigada pela CPI (Senado Federal, 2021),

defendeu o “tratamento precoce”, afirmou que máscaras não funcionam, chamou o Sars-Cov-2 de “comunavírus” e teceu críticas às ações de contenção do vírus recomendadas pela OMS. Todos esses elementos já presentes em reportagens de seu site.

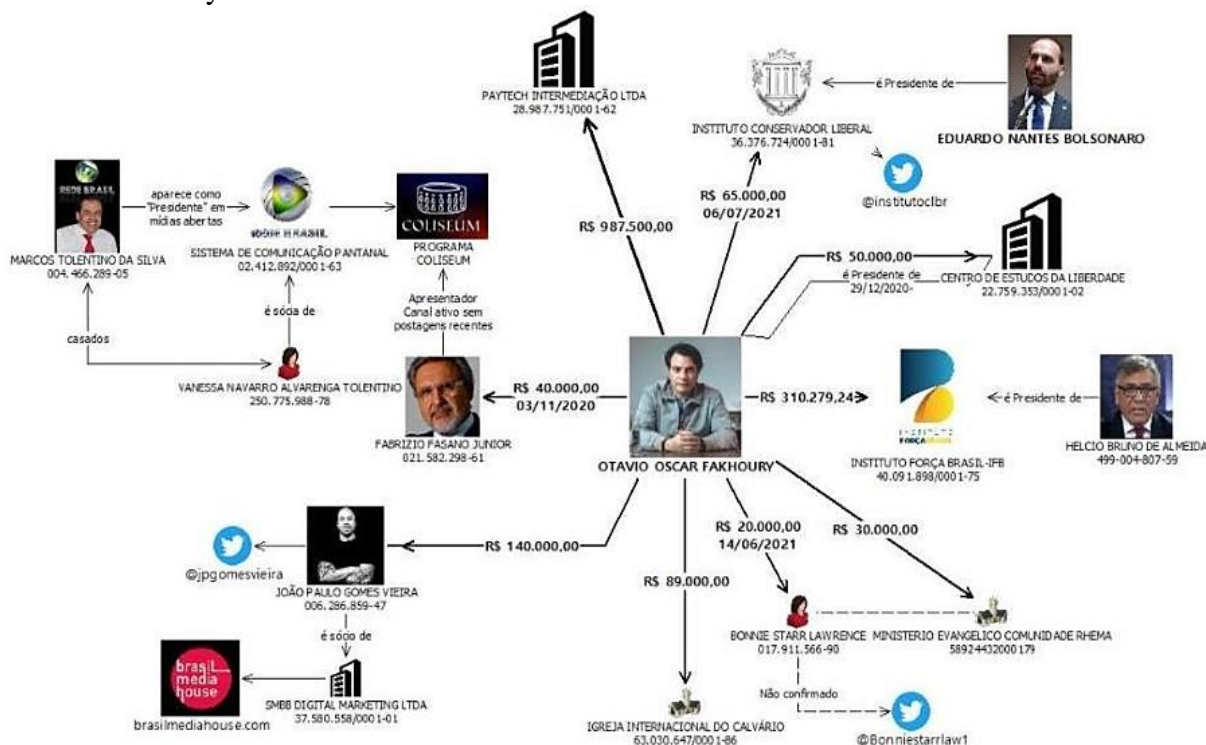
Segundo a investigação da CPI, o site possuía um investidor principal e sócio, chamado Otávio Oscar Fakhoury. Fakhoury era financiador também de outros sites de extrema-direita, como “Verdade dos Fatos” e “Awake Giants Brasil”, e ligado diretamente à rede de comunicação e relacionamento do ex-presidente Jair Bolsonaro. Um fator fundamental dessa informação, todavia, é que não financiava apenas sites de desinformação, mas *think tanks* neoliberais, caso do Instituto Conservador Liberal, Centro de Estudos da Liberdade e Instituto Força Brasil, e igrejas neopentecostais (Igreja Internacional do Calvário e Ministério Evangélico Comunidade Rhema). Esse fato ilustra a relação entre institutos neoliberais de formação, sites de cunho olavista e bolsonaristas e igrejas neopentecostais.

**Figura 8:** Print de postagem de Eduardo Bolsonaro que divulga uma matéria publicada por “Crítica Nacional”



Fonte: A autora.

**Figura 9:** Estrutura de movimentação bancária e financiamento feitos por empresas ligadas a Otávio Fakhoury



Fonte: Senado Federal, 2021.

Fakhoury é citado também nos inquéritos do Supremo Tribunal Federal por financiar os acampamentos em Brasília e auxiliar a promoção dos atos terroristas de 8 de janeiro, pelo qual está sendo investigado (Lellis, 2021). A temática tanto dos sites financiados por ele quanto do “Crítica Nacional”, de Paulo Eneas, acompanha as declarações do ex-presidente Jair Bolsonaro. As postagens eram compartilhadas por seus filhos, a exemplo do retratado na Figura 8, em que Eduardo Bolsonaro divulga notícias do site “Crítica Nacional” sobre a compra de vacina.

A presença de Olavo de Carvalho é vista no portal de maneira explícita e implícita, como em uma entrevista realizada por Eneas em 15 de maio de 2019. Contudo, sua influência está principalmente na adoção de terminologias cunhadas ou disseminadas em seus textos, caso de: globalismo, esquerdismo, ideologia de gênero. Além disso, Paulo Eneas já reconheceu publicamente ligações ideológicas com o pensamento olavista.

No Quadro 2, algumas matérias ilustrativas das temáticas publicadas e defendidas pelo portal “Crítica Nacional”.

**Quadro 2:** Matérias publicadas no portal “Crítica Nacional”

<b>Crítica Nacional (site inativado)</b>		
<b>Tema</b>	<b>Matérias</b>	<b>Fontes (links):</b>
Culpabilização da China	"O vírus chinês e a falta de equipamentos de proteção hospitalar: exemplo de estratégia desastrosa". Assinada por Paulo Eneas no Crítica Nacional, em 01 abr. 2020. Com insinuações de que China, responsável pelo surgimento do vírus, estaria lucrando financeiramente com a pandemia.	<a href="https://web.archive.org/web/20200424050754/https://criticanacional.com.br/2020/04/01/o-virus-chines-e-a-falta-de-equipamentos-de-protecao-hospitalar-exemplo-de-estrategia-desastrosa/">https://web.archive.org/web/20200424050754/https://criticanacional.com.br/2020/04/01/o-virus-chines-e-a-falta-de-equipamentos-de-protecao-hospitalar-exemplo-de-estrategia-desastrosa/</a>
Imunidade gerada pelo contágio	"Mortalidade x letalidade do vírus chinês: grande imprensa mente para a população". Assinada por Paulo Eneas no Crítica Nacional, em 06 abr. 2020. Afirma que o contágio, mesmo que assintomático, geraria imunidade, corroborando a ideia de "imunidade de rebanho".	<a href="https://web.archive.org/web/20200408071741/https://criticanacional.com.br/2020/04/06/mortalidade-x-letalidade-do-virus-chines-grande-imprensa-mente-para-a-populacao/">https://web.archive.org/web/20200408071741/https://criticanacional.com.br/2020/04/06/mortalidade-x-letalidade-do-virus-chines-grande-imprensa-mente-para-a-populacao/</a>
Vírus criado em laboratório	"Virologista que fugiu da China afirma que regime chinês mente sobre origem do vírus de Wuhan". Assinada por Angelica Ca no Crítica Nacional, em 16 set. 2020. No texto, divulga a denúncia de Yan <i>et al.</i> (2020), de que o vírus teria sido criado em laboratório com o objetivo de impulsionar a economia chinesa.	<a href="https://web.archive.org/web/20200924024435/https://criticanacional.com.br/2020/09/16/virologista-que-fugiu-da-china-afirma-que-regime-chines-mente-sobre-origem-do-virus-de-wuhan/">https://web.archive.org/web/20200924024435/https://criticanacional.com.br/2020/09/16/virologista-que-fugiu-da-china-afirma-que-regime-chines-mente-sobre-origem-do-virus-de-wuhan/</a>
"Tratamento Precoce"	"Tratamento precoce com cloroquina e quarentena vertical: as políticas de Estado necessárias para enfrentar a epidemia". Assinada por Paulo Eneas no Crítica Nacional, em 16 abr. 2020, no qual, assim como Trump e Bolsonaro, defende a existência de um tratamento composto por medicações alternativas para a Covid-19 combinado ao isolamento de "grupos de risco", o que prejudicaria menos a economia.	<a href="https://web.archive.org/web/20200417062352/https://criticanacional.com.br/2020/04/16/tratamento-precoce-com-cloroquina-e-quarentena-vertical-as-politicas-de-estado-necessarias-para-enfrentar-a-epidemia/">https://web.archive.org/web/20200417062352/https://criticanacional.com.br/2020/04/16/tratamento-precoce-com-cloroquina-e-quarentena-vertical-as-politicas-de-estado-necessarias-para-enfrentar-a-epidemia/</a> .
Defesa da Cloroquina	"Manaus: Fiocruz conduz estudo de suspeita criminosa para desacreditar a cloroquina". Assinada por Paulo Eneas no Crítica Nacional, em 15 abr. 2020, acusa Fiocruz de pseudociência e de estar envolvida em uma conspiração para desacreditar o uso de cloroquina.	<a href="https://web.archive.org/web/20200417062730/https://criticanacional.com.br/2020/04/15/manaus-fiocruz-conduz-estudo-de-suspeita-criminosa-para-desacreditar-a-cloroquina/">https://web.archive.org/web/20200417062730/https://criticanacional.com.br/2020/04/15/manaus-fiocruz-conduz-estudo-de-suspeita-criminosa-para-desacreditar-a-cloroquina/</a>
Crítica ao isolamento social	"Epidemiologista adverte sobre as consequências do isolamento horizontal". Assinada por Angelica Ca no Crítica Nacional, em 14 abr. 2020. Afirma ser necessário se expor à contaminação do vírus para gerar imunidade de rebanho.	<a href="https://web.archive.org/web/20200417061716/https://criticanacional.com.br/2020/04/14/epidemiologista-averte-sobre-as-consequencias-do-isolamento-horizontal/">https://web.archive.org/web/20200417061716/https://criticanacional.com.br/2020/04/14/epidemiologista-averte-sobre-as-consequencias-do-isolamento-horizontal/</a>

Atenuar gravidade da Covid-19	“Brasil exhibe 55% de cura de pessoas infectadas pelo vírus chinês”. Assinada em editorial como Crítica Nacional, em 15 abr. 2020, defende e exalta a possibilidade de cura para a Covid-19, minimizando os efeitos do contágio.	<a href="https://web.archive.org/web/20200808212440/https://criticanacional.com.br/2020/04/15/brasil-exibe-55-de-cura-de-pessoas-infectadas-pelo-virus-chines/">https://web.archive.org/web/20200808212440/https://criticanacional.com.br/2020/04/15/brasil-exibe-55-de-cura-de-pessoas-infectadas-pelo-virus-chines/</a>
Defesa da economia	“Covid no Brasil: os números que realmente assustam”. Assinada em editorial como Crítica Nacional, em 29 abr. 2020. Afirma que o verdadeiro caos enfrentado pela população mundial é a crise econômica causada pelo isolamento, e não as mortes da sindemia.	<a href="https://web.archive.org/web/20200501143439/https://criticanacional.com.br/2020/04/29/covid-no-brasil-os-numeros-que-realmente-assustam/">https://web.archive.org/web/20200501143439/https://criticanacional.com.br/2020/04/29/covid-no-brasil-os-numeros-que-realmente-assustam/</a>
Crítica as medidas de contenção do vírus	“Quem quer salvar vidas e preservar empregos e quem são os abutres sociais que apostam no caos e na desesperança”. Assinada por Paulo Eneas em 07 de ago. 2020, corrobora as ideias defendidas pelo grupo do ex-presidente Jair Bolsonaro, cuja preocupação era a sustentação da economia.	<a href="https://web.archive.org/web/20200408070532/https://criticanacional.com.br/2020/04/07/quem-quer-salvar-vidas-e-preservar-empregos-e-quem-sao-os-abutres-sociais-que-apostam-no-caos-e-na-desesperanca/">https://web.archive.org/web/20200408070532/https://criticanacional.com.br/2020/04/07/quem-quer-salvar-vidas-e-preservar-empregos-e-quem-sao-os-abutres-sociais-que-apostam-no-caos-e-na-desesperanca/</a>
Vacina causadora de doenças	"Vacina oral da OMS causa surto de poliomielite na África", publicada por Angelica Ca em 06 set.2020, sugere que a vacinação é responsável pela doença, ignorando que a baixa cobertura vacinal pode gerar fenômenos como mutação dos vírus.	<a href="https://web.archive.org/web/20201126070148/https://criticanacional.com.br/2020/09/06/vacina-oral-da-oms-causa-surto-de-poliomielite-na-africa/">https://web.archive.org/web/20201126070148/https://criticanacional.com.br/2020/09/06/vacina-oral-da-oms-causa-surto-de-poliomielite-na-africa/</a>
Questionamentos à vacinação	"Dúvidas genuinamente científicas sobre vacinas contra Covid", publicada por Alessandro Loiola, em 24 jan. 2021, simula linguagem técnica e questionamentos pseudocientíficos para desacreditar a vacina.	<a href="https://web.archive.org/web/20210124164437/https://criticanacional.com.br/2021/01/24/duvidas-genuinamente-cientificas-sobre-vacinas-contracovid">https://web.archive.org/web/20210124164437/https://criticanacional.com.br/2021/01/24/duvidas-genuinamente-cientificas-sobre-vacinas-contracovid</a>
Acusações de “autoritarismo sanitário”	"Vacinação Compulsória & Ameaça de Novos Lockdowns e Quarentenas: A Segunda Onda do Autoritarismo Sanitário", publicada por Paulo Eneas em 02 nov. 2020, associa a vacinação obrigatória a medidas autoritárias.	<a href="https://web.archive.org/web/20201126080106/https://criticanacional.com.br/2020/11/02/vacinacao-compulsoria-ameaca-de-novos-lockdowns-e-quarentenas-a-segunda-onda-do-autoritarismo-sanitario/">https://web.archive.org/web/20201126080106/https://criticanacional.com.br/2020/11/02/vacinacao-compulsoria-ameaca-de-novos-lockdowns-e-quarentenas-a-segunda-onda-do-autoritarismo-sanitario/</a>
Contra obrigatoriedade da vacinação	“Vacina chinesa já foi aprovada e será imposta aos brasileiros ainda este ano: o resto é encenação”, publicada por Paulo Eneas, em 30 out. 2020, afirma que a vacina foi imposta mesmo sem aprovação da Anvisa.	<a href="https://web.archive.org/web/20201126073010/https://criticanacional.com.br/2020/10/30/vacina-chinesa-ja-foi-aprovada-e-sera-imposta-aos-brasileiros-ainda-este-ano-o-resto-e-encenacao/">https://web.archive.org/web/20201126073010/https://criticanacional.com.br/2020/10/30/vacina-chinesa-ja-foi-aprovada-e-sera-imposta-aos-brasileiros-ainda-este-ano-o-resto-e-encenacao/</a>

Periculosidade da vacinação	“Estudo da Universidade de Tel Aviv: Pessoas vacinadas têm oito vezes mais chances de contrair variante do coronavírus”, publicada em 13 de abril de 2021, por Angelica Ca e Paulo Eneas, afirma que pessoas vacinadas estariam mais suscetíveis à variante sul-africana da Covid-19, sugerindo que as vacinas seriam ineficazes ou até prejudiciais diante de novas cepas.	<a href="https://web.archive.org/web/20210509131354/https://criticanacional.com.br/2021/04/13/estudo-da-universidade-de-tel-aviv-pessoas-vacinadas-tem-oito-vezes-mais-chances-de-contrair-variante-do-coronavirus/">https://web.archive.org/web/20210509131354/https://criticanacional.com.br/2021/04/13/estudo-da-universidade-de-tel-aviv-pessoas-vacinadas-tem-oito-vezes-mais-chances-de-contrair-variante-do-coronavirus/</a>
Efeitos Colaterais da vacinação	"Riscos potenciais desconhecidos associados às vacinas contra Covid", publicada pelo médico Alessandro Loiola, em 19 abr. 2021, argumenta que as vacinas contra a Covid-19 são experimentais, podem gerar efeitos colaterais graves como anticorpos intensificadores da doença e trombozes.	<a href="https://web.archive.org/web/20210509123512/https://criticanacional.com.br/2021/04/19/riscos-potenciais-desconhecidos-associados-as-vacinas-contr-covid/">https://web.archive.org/web/20210509123512/https://criticanacional.com.br/2021/04/19/riscos-potenciais-desconhecidos-associados-as-vacinas-contr-covid/</a>
Vacinação como agravante à pandemia	"Pandemia da Covid: Um total de 354 pessoas foram internados após tomarem primeira dose da vacina em São Paulo", publicada em 08 jul. 2021, por Angelica Ca e Paulo Eneas, insinua que a vacina contra a Covid-19 poderia estar relacionada a internações de vacinados e que dados estariam sendo ocultados.	<a href="https://web.archive.org/web/20210710133429/https://criticanacional.com.br/2021/07/08/pandemia-da-covid-um-total-de-354-pessoas-foram-internados-apos-tomarem-primeira-dose-da-vacina-em-sao-paulo/">https://web.archive.org/web/20210710133429/https://criticanacional.com.br/2021/07/08/pandemia-da-covid-um-total-de-354-pessoas-foram-internados-apos-tomarem-primeira-dose-da-vacina-em-sao-paulo/</a>

Fonte: A autora.

Não é a primeira vez que o médico Alessandro Loiola é mencionado neste trabalho. No capítulo anterior, discutiu-se um trecho de uma reportagem publicada na “Stylo Urbano” no qual Loiola garantia a ineficácia da vacina e afirmava que o isolamento sanitário era capaz de matar mais do que o Sars-Cov-2. Na reportagem da “Crítica Nacional”, assinada por Loiola, afirma ter “dúvidas genuinamente científicas sobre vacinas contra Covid-19”:

Existem alguns questionamentos de base científica que podem e devem ser feitos a respeito das vacinas que estão sendo usadas para combater o coronavírus. Listamos abaixo alguns destes questionamentos.

1) Vacinas de vetor viral, DNA ou RNAm, aplicadas em mulheres em idade fértil, podem resultar futuramente na gestação de bebês que terão uma maior incidência de transtornos no desenvolvimento motor e cognitivo durante a tenra infância?

2) Vacinas de vetor viral, DNA ou RNAm, aplicadas em indivíduos de meia idade, podem resultar futuramente em uma maior incidência de transtornos autoimunes ou anticorpos intensificadores de outras doenças?

3) Vacinas de vetor viral, DNA ou RNAm, aplicadas em indivíduos de qualquer idade, podem resultar futuramente em transtornos genéticos devido a mecanismos de feedback ligados à concentração citoplasmática de proteínas produzidas “anormalmente”?

4) Vacinas de vetor viral, DNA ou RNAm, aplicadas em adolescentes do sexo masculino, podem resultar futuramente em alterações hormonais no início da idade adulta, com comprometimento da capacidade reprodutora?

5) Vacinas de vetor viral, DNA ou RNAm, aplicadas em idosos, podem resultar futuramente em um aumento de eventos cardiovasculares e doenças neurodegenerativas?

6) Sem responder **claramente** estas e outras questões críticas, deveríamos assumir que estas vacinas **não** possuem critérios de **segurança** adequadamente aferidos, e sua aplicação em massa deveria ser realizada **com extrema prudência e cautela** e **nunca** compulsoriamente **ou** com ameaça de restrições de direitos civis (Loiola, 2021, grifo meu).

Na reportagem, percebe-se o médico Alessandro Loiola, autointitulado “Dr.” sendo encarado como uma autoridade científica e formulando hipóteses especulativas como se fossem questões científicas legítimas. Aproveita-se de sua “superioridade médica” para elaborar pareceres e julgamentos, contudo, sem apresentar dados, estudos ou referências confiáveis que sustentem essas possibilidades. A estratégia de formular questionamentos com aparência técnica e especulativa visa gerar desconforto e desconfiança ao público leigo. As dúvidas levantadas não têm fundamento científico sólido, contrariam o consenso, o que demonstra a intencionalidade de esvaziar questões já estabelecidas no meio médico.

Como é possível observar a partir da análise das matérias, Paulo Eneas, o principal formulador das reportagens, busca associar o vírus à China ao defender a tese de criação em laboratório, com objetivo de impulsionar a economia chinesa e lucrar com venda de equipamentos médicos e vacinas. Na mesma forma, possui um posicionamento abertamente contra a vacinação, por considerar uma medida autoritária e perigosa, sendo os medicamentos de uso *off label* apontados como a solução para a crise econômica, evidenciando a verdadeira inquietação do grupo ao qual faz parte.

### 3.3.3 Stylo Urbano

O “Stylo Urbano” foi criado e registrado em nome de Renato Cunha Oliveira, em 2014, em estilo *blog*, com assuntos dedicados principalmente à moda. Naquele período, possuía a seguinte definição:

Olá a todos e bem-vindos ao Stylo Urbano. O blog foi lançado em 2014 como uma fonte de cultura visual on-line, e tem como objetivo celebrar a criatividade em todas as suas manifestações modernas. Procuro valorizar a relevância global, e não somente as tendências passageiras destacando o que é mais criativo e interessante em arte, moda, design, arquitetura, inovação, tecnologia e curiosidades. A cada semana você encontrará de posts do que há

de mais novo, ousado, intrigante e divertido produzido no mundo e poderá também conferir essas novidades se cadastrando nas páginas do Stylo Urbano no Facebook, Twitter, Pinterest, Instagram e por email.

Renato Cunha, um libriano curioso e inquieto formado em artes plásticas que começou a trabalhar como designer de interiores e logo depois resolveu ser estilista. Acabou indo parar no mundo fashion da moda em São Paulo, prestando assessoria de estilo para diversas marcas por 14 anos. Esse sou eu, apaixonado pela beleza, criatividade e inovação e por isso criei o Stylo Urbano para levar a vocês leitores o que de mais novo e interessante está acontecendo no mundo. Style + Estilo = Stylo (Stylo Urbano, “Sobre o Blog”<sup>39</sup>).

Como descrito, o *blog* se apresentava inicialmente como voltado exclusivamente a temáticas de variedades, sem vinculação política clara ou sugerida. A análise de conteúdo mostrou que, até meados de 2020, o *blog* de Renato Cunha Oliveira abordava assuntos voltados a moda circular, tecnologias, alimentação saudável, ambientalismo, impactos ambientais da indústria têxtil chinesa e até críticas ao estilo de vida dos estadunidenses (como desperdício de alimentos). A partir de 2020, entretanto, há uma virada metodológica em seu conteúdo. As alterações se referem principalmente às temáticas e abordagens do site, que abandona a autodenominação de "*blog*" para se firmar como "*site*".

Dentro da formulação atual, não existe autodescrição em aba “quem somos”, mas uma espécie de nota de rodapé disponível em qualquer página acessada, que descreve: “O Stylo Urbano é um site focado em moda, sustentabilidade, tecnologia, arquitetura, design, artes visuais e criatividade criado em 2014 com o intuito de mostrar ao público as últimas novidades do que existe de mais original e inspirador no mundo”. O conteúdo, todavia, passou a ser totalmente voltado para política de direita extrema e reacionário, mesmo mantendo abas como: Arte, Moda, Design, Arquitetura, Tecnologia, Inovação, Sustentabilidade e Curiosidades. Todas as reportagens são assinadas por Renato Cunha.

Ao cruzar dados de registro do domínio no site Whois<sup>40</sup> com informações disponibilizadas no Jusbrasil<sup>41</sup>, constatou-se que Renato Cunha é, na verdade, Renato de Oliveira Cunha. Nos registros online, Cunha se apresenta como estilista com mais de 20 anos de experiência. Também foi localizado um perfil homônimo no site Escavador, no qual o nome aparece vinculado a uma suposta graduação em Artes Plásticas pela Universidade Federal do Espírito Santo (2000), entretanto, essa informação não pôde ser confirmada. A Comissão

<sup>39</sup>Recuperado pela pesquisadora em <https://web.archive.org/www.stylourbano.com.br/sobre-o-blog/> (link original inativo).

<sup>40</sup>Whois é um site em que é possível consultar informações sobre domínios registrados no Brasil, incluindo o proprietário, contatos técnicos e de administração.

<sup>41</sup>O Jusbrasil é uma plataforma jurídica nacional que reúne e organiza documentos jurídicos públicos de forma online.

Parlamentar de Inquérito não menciona o site nem seu responsável, o que impede determinar se Renato Cunha é apenas um simpatizante distante do bolsonarismo que compartilha suas pautas ou se atua como um aliado estratégico no Núcleo de Produção e Disseminação das Fake News, apontado pela CPI da Pandemia (Senado Federal, 2021).

O Quadro 3 apresenta algumas matérias selecionadas no site.

**Quadro 3:** Matérias publicadas no portal “Stylo Urbano”

Stylo Urbano (site ativo)		
Tema	Matéria	Fonte
Testes falsos	“22 cientistas renomados concluem que os testes PCR produzem 97% de falsos positivos para Covid”, publicada em 23 de dezembro de 2020, acusa os números da pandemia de serem insuflados por falsos testes.	<a href="https://www.stylourbano.com.br/22-cientistas-renomados-concluem-que-os-testes-pcr-produzem-97-de-falsos-positivos-para-covid/">https://www.stylourbano.com.br/22-cientistas-renomados-concluem-que-os-testes-pcr-produzem-97-de-falsos-positivos-para-covid/</a>
Componentes tóxicos em máscaras faciais	“Cientistas encontraram produtos químicos tóxicos em máscaras faciais descartáveis”, 10 de abril de 2021, afirma a existência de formaldeído em máscaras, o que causaria intoxicação.	<a href="https://www.stylourbano.com.br/cientistas-encontraram-produtos-quimicos-toxicos-em-mascaras-faciais-descartaveis/">https://www.stylourbano.com.br/cientistas-encontraram-produtos-quimicos-toxicos-em-mascaras-faciais-descartaveis/</a>
Acusações de “ditadura sanitária”	“A pandemia do coronavírus instaurou uma ditadura sanitária”, publicada em 20 de março de 2021, as medidas de contenção do vírus são acusadas de ações autoritárias.	<a href="https://www.stylourbano.com.br/a-pandemia-do-coronavirus-instaurou-uma-ditadura-sanitaria/">https://www.stylourbano.com.br/a-pandemia-do-coronavirus-instaurou-uma-ditadura-sanitaria/</a>
Teoria da conspiração sobre origem do vírus	“Virologista chinesa afirma: O Covid-19 foi criado num laboratório em Wuhan”, publicado em 16 de setembro de 2020, o texto conspira sobre o surgimento do vírus, que teria sido criado em laboratório como uma arma biológica para enfraquecer a economia de países e enriquecer grandes empresários da <i>big pharma</i> .	<a href="https://www.stylourbano.com.br/virologista-chinesa-afirma-o-covid-19-foi-criado-num-laboratorio-em-wuhan/">https://www.stylourbano.com.br/virologista-chinesa-afirma-o-covid-19-foi-criado-num-laboratorio-em-wuhan/</a>
Sol como cura para Covid	“Cientistas confirmam que os raios solares destroem o Covid 8 vezes mais rápido do que se acreditava”, publicado em 8 de abril de 2021, afirma que o coronavírus é tão fraco que seria facilmente destruído pelo sol.	<a href="https://www.stylourbano.com.br/cientistas-confirmam-que-os-raios-solares-destroem-o-covid-8-vezes-mais-rapido-do-que-se-acreditava/">https://www.stylourbano.com.br/cientistas-confirmam-que-os-raios-solares-destroem-o-covid-8-vezes-mais-rapido-do-que-se-acreditava/</a>
Números de mortes inflacionados	“Novo estudo afirma que o CDC inflou em 1.600% o número de mortes por Coronavírus”, publicada em 11 de fevereiro de 2021, nega o alto número de mortes relacionadas à Covid.	<a href="https://www.stylourbano.com.br/novo-estudo-afirma-que-o-cdc-inflou-em-1-600-o-numero-de-mortes-por-coronavirus/">https://www.stylourbano.com.br/novo-estudo-afirma-que-o-cdc-inflou-em-1-600-o-numero-de-mortes-por-coronavirus/</a>

Negação da gravidade	“Nova pesquisa: você provavelmente tem que estar MUITO, MUITO doente para morrer de Covid-19”, publicada em 28 de junho de 2020, questiona a gravidade da doença.	<a href="https://www.stylourbano.com.br/nova-pesquisa-voce-provavelmente-tem-que-estar-muito-doente-para-morrer-de-covid-19/">https://www.stylourbano.com.br/nova-pesquisa-voce-provavelmente-tem-que-estar-muito-doente-para-morrer-de-covid-19/</a>
5G e Covid	"Estudo considera a tecnologia 5G um fator significativo em taxas mais altas de casos e mortes de COVID", publicado em 21 de fevereiro de 2022, relaciona mortalidade e intensidade dos sintomas com 5G.	<a href="https://www.stylourbano.com.br/estudo-considera-a-tecnologia-5g-um-fator-significativo-em-taxas-mais-altas-de-casos-e-mortes-de-covid/">https://www.stylourbano.com.br/estudo-considera-a-tecnologia-5g-um-fator-significativo-em-taxas-mais-altas-de-casos-e-mortes-de-covid/</a>
Assintomáticos e transmissão	"Estudo com quase dez milhões de chineses não encontra propagação assintomática de Covid", publicada em 21 de dezembro de 2020, questiona a transmissão do vírus em pessoas assintomáticas.	<a href="https://www.stylourbano.com.br/estudo-com-quase-dez-milhoes-de-chineses-nao-encontra-propagacao-assintomatica-de-covid/">https://www.stylourbano.com.br/estudo-com-quase-dez-milhoes-de-chineses-nao-encontra-propagacao-assintomatica-de-covid/</a>
Tratamento Precoce	“Itália libera tratamento precoce para Covid com hidroxiclороquina”, publicado em 12 de dezembro de 2020, defende o "tratamento precoce".	<a href="https://www.stylourbano.com.br/italia-libera-tratamento-precoce-para-covid-com-hidroxiclороquina/">https://www.stylourbano.com.br/italia-libera-tratamento-precoce-para-covid-com-hidroxiclороquina/</a>
Componentes tóxicos nas vacinas	“Cientistas alemães encontraram componentes tóxicos nas vacinas ‘seguras’ da AstraZeneca, Pfizer e Moderna”, publicada em 24 de agosto de 2022, afirma a existência de metais como titânio, gadolínio, alumínio e enxofre nas vacinas.	<a href="https://www.stylourbano.com.br/cientistas-alemaes-encontraram-componentes-toxicos-nas-vacinas-seguras-da-astrazeneca-pfizer-e-moderna/">https://www.stylourbano.com.br/cientistas-alemaes-encontraram-componentes-toxicos-nas-vacinas-seguras-da-astrazeneca-pfizer-e-moderna/</a>
Acusações de efeitos colaterais graves às vacinas	“As vacinas do COVID estão por trás do aumento global de casos de câncer turbo, parada cardíaca súbita e outras doenças”, publicada em 7 de julho de 2025, utiliza nomes de peso, como FDA, para relacionar doenças às vacinas.	<a href="https://www.stylourbano.com.br/as-vacinas-do-covid-estao-por-tras-do-aumento-global-de-casos-de-cancer-turbo-parada-cardiaca-subita-e-outras-doencas/">https://www.stylourbano.com.br/as-vacinas-do-covid-estao-por-tras-do-aumento-global-de-casos-de-cancer-turbo-parada-cardiaca-subita-e-outras-doencas/</a>
Crítica à vacina vinda da China	“A vacina chinesa de João Doria: Um perigoso ‘negócio da China’”, publicado em 20 de junho de 2020, acusa a China de lucrar com vacinas após criar o vírus.	<a href="https://www.stylourbano.com.br/a-vacina-chinesa-de-joao-doria-um-perigoso-negocio-da-china/">https://www.stylourbano.com.br/a-vacina-chinesa-de-joao-doria-um-perigoso-negocio-da-china/</a>
Relaciona aumento de casos com vacinação	“Após vacinação em massa, aumenta os casos de COVID-19 em vários países”, publicada em 21 de março de 2021, em que acusa as "vacinas experimentais" de espalhar a doença.	<a href="https://www.stylourbano.com.br/apos-vacinacao-em-massa-aumenta-os-casos-de-covid-19-em-varios-paises/">https://www.stylourbano.com.br/apos-vacinacao-em-massa-aumenta-os-casos-de-covid-19-em-varios-paises/</a>

Crítica ao custo das vacinas	"Cada dose da vacina chinesa custa mais que o triplo que a vacina de Oxford", publicada em 9 de dezembro de 2020, aponta os interesses financeiros da China com a criação da Coronavac.	<a href="https://www.stylourbano.com.br/cada-dose-da-vacina-chinesa-custa-mais-que-o-triplo-que-a-vacina-de-oxford/">https://www.stylourbano.com.br/cada-dose-da-vacina-chinesa-custa-mais-que-o-triplo-que-a-vacina-de-oxford/</a>
"Médicos" como especialistas	"Dr. Alessandro Loiola fala sobre o equívoco do lockdown e vacinação obrigatória", publicada em 4 de dezembro de 2020, traz o depoimento de um médico negacionista que ficou conhecido durante a quarentena.	<a href="https://www.stylourbano.com.br/dr-alessandro-loiola-fala-sobre-o-equivoco-do-lockdown-e-vacinacao-obrigatoria/">https://www.stylourbano.com.br/dr-alessandro-loiola-fala-sobre-o-equivoco-do-lockdown-e-vacinacao-obrigatoria/</a>
Relação entre transtornos mentais e vacinação	"As novas evidências sobre os transtornos mentais dos vacinados e sobre o seu sangue modificado", publicado em 18 de janeiro de 2025, acusa as vacinas de alterar o sangue e causar transtornos mentais.	<a href="https://www.stylourbano.com.br/as-novas-evidencias-sobre-os-transtornos-mentais-dos-vacinados-e-sobre-o-seu-sangue-modificado/">https://www.stylourbano.com.br/as-novas-evidencias-sobre-os-transtornos-mentais-dos-vacinados-e-sobre-o-seu-sangue-modificado/</a>
Relação entre mortes e vacinação	"União Europeia informa 1,5 milhão de lesões causadas por vacinas do Covid e 15.472 mortes", publicado em 21 de agosto de 2021, acusa vacina de causar mortes.	<a href="https://www.stylourbano.com.br/uniao-europeia-informa-15-milhao-de-lesoes-causadas-por-vacinas-do-covid-e-15-472-mortes/">https://www.stylourbano.com.br/uniao-europeia-informa-15-milhao-de-lesoes-causadas-por-vacinas-do-covid-e-15-472-mortes/</a>
Relação entre vacinação e doenças do coração	"Um estudo com 1,7 milhão de crianças descobriu que miocardite e pericardite foram encontradas somente em crianças vacinadas", publicada em 9 de outubro de 2024, relaciona doenças cardíacas à vacinação.	<a href="https://www.stylourbano.com.br/um-estudo-com-17-milhao-de-criancas-descobriu-que-miocardite-e-pericardite-foram-encontradas-somente-em-criancas-vacinadas/">https://www.stylourbano.com.br/um-estudo-com-17-milhao-de-criancas-descobriu-que-miocardite-e-pericardite-foram-encontradas-somente-em-criancas-vacinadas/</a>
Relação entre vacinação e suicídio	Crescem os números de distúrbios neurológicos e suicídios inexplicáveis entre pessoas vacinadas, publicada em 8 de abril de 2025, relaciona vacinação com aumento de casos de suicídio.	<a href="https://www.stylourbano.com.br/crescem-os-numeros-de-disturbios-neurolgicos-e-suicidios-inexplicaveis-entre-pessoas-vacinadas/">https://www.stylourbano.com.br/crescem-os-numeros-de-disturbios-neurolgicos-e-suicidios-inexplicaveis-entre-pessoas-vacinadas/</a>

Fonte: A autora.

Ao analisar as reportagens publicadas, é possível verificar que o portal explora o tom conspiratório ao extremo, com teorias estapafúrdias que envolvem grafeno, produtos tóxicos em máscaras, raios solares como cura para Covid-19, números de mortes inflacionadas e defesa de uso de medicamentos do "tratamento precoce". Na narrativa criada por meio das reportagens, o Sars-Cov-2 seria um vírus criado em laboratório pela China para enfraquecer as economias mundiais, enquanto o próprio país lucra com a venda e exportação de vacinas e equipamentos médicos. Paralelamente, afirmam que a doença causada pelo vírus é muito fraca, que um simples banho de sol preveniria o desenvolvimento da forma grave.

Sobre às vacinas, afirmam se tratar de um método experimental, que agravaria o número de mortes por inocular um vírus em corpos saudáveis; que sua formulação seria altamente tóxica, o que levaria a problemas hormonais, oncológicos, transtornos mentais, doenças cardíacas e suicídio. A única solução possível seria a reabertura do comércio e o tratamento com medicamentos de uso *off label*. Assim, o posicionamento do periódico converge e acompanha as falas do ex-presidente Jair Bolsonaro como um suporte narrativo e político para suas declarações.

### 3.3.4 ContraFatos

Dos cinco sites investigados, o único não declarado e sem informações sobre origem e autoria é o “ContraFatos”. Escrito com essa mesma grafia, com a palavra unida, parece sugerir contrapontos, mas se mostra exatamente o que a expressão sugere: “contra os fatos”. Não há identificação de autoria na aba “quem somos” e as matérias não são assinadas por nenhum jornalista, o que salienta a intencionalidade de anonimato. O texto de autodefinição exclama:

Quem somos: Contra Fatos pode ser pouco sugestivo, mas não deixa de ser curioso. Ser ContraFatos não é ser contra os Fatos! Entendemos que para todo fato existe uma opinião, uma análise, um recorte... Ser contra, nesse caso, é ser a favor do debate, do contraditório e da dúvida.

Queremos questionar o “óbvio”, o “isento”, o “aceitável”, o “sistema”, e tudo que parece não poder ser questionado. Contra fatos que não são verdadeiros. Contra fatos manipulados. Contra Fatos esquecidos. Contra Fatos omitidos.

Ser ContraFatos não é ser a favor de FakeNews! Ser ContraFatos não é ser a favor das mentiras; ser ContraFatos é respeitar o contraditório e o debate: contra a tirania das ciências e do politicamente correto, contra o senso comum raso que permeia a grande mídia.

Acreditamos que o fato deve ser debatido, pois um fato não é uma verdade incontestável.

Queremos mostrar o outro lado dos Fatos. O lado que a maior parte da mídia esconde ou finge não existir.

Por isso somos ContraFatos! (ContraFatos, aba “Quem somos”<sup>42</sup>).

Como sugerido no texto, a página foi criada com a intenção de “questionar”, disputar narrativas científicas, contradizer fatos e afirmações já estabelecidas. Essa é uma estratégia

---

<sup>42</sup>Por não conter informações fundamentais para a devida referência, como autoria e data de publicação, optou-se por disponibilizar a fonte em nota de rodapé. Disponível em: <https://www.contrafatos.com.br/sobre-nos/>.

conhecida para gerar dúvida e estabelecer debates onde não existe o contraditório. O livro *Merchants of doubt* (Oreskes; Conway, 2011), citado no primeiro capítulo desta tese, demonstra o método como uma estratégia negacionista e revisionista. Uma característica dessa "tática" é justamente fazer crer que um debate legítimo consideraria aspectos ignorados, mesmo que o consenso científico afirme o contrário e mesmo que para isso tenham que utilizar argumentos sem fundamento na realidade.

A utilização de expressões como "politicamente correto" demonstra uma semelhança argumentativa com o olavismo, mesmo que não haja uma declaração explícita em defesa do astrônomo. Outros elementos discursivos de seu vocabulário estão ali desenhados: "questionar o sistema", "manipulação de fatos" pela "mídia", "tirania científica", "razoabilidade do sendo comum". Elementos que buscam desconstruir o conhecimento técnico, pintando-os como "ideológico", "autoritário", "esquerdista", enquanto opiniões e conspirações são legitimadas. A característica de direita marginalizada também está presente no texto, em frases como "lado que a maior parte da mídia esconde ou finge não existir", que corrobora a defesa de Derosa e Carvalho por meio da utilização de "A Espiral do Silêncio", em que a direita estaria sendo marginalizada e apagada pelas "grandes mídias".

Diante da intencionalidade de anonimato da página, fez-se necessário buscar o registro do domínio "contrafatos.com.br". Constatou-se que o endereço está registrado no Brasil em nome de Marcus Vinicius Coltro. Ao cruzar informações profissionais, registros públicos e processos judiciais, observou-se que o nome de Coltro está associado a um indivíduo de 64 anos, com histórico de 12 processos judiciais registrados principalmente no Estado de São Paulo (11 casos) e 1 no Rio de Janeiro. Nesses registros, há uma ação criminal por injúria racial, movida pelo Ministério Público do Estado de São Paulo, em 2023, e outros dois processos de execução fiscal movidos pelo Ibama no Tribunal Regional Federal da 3ª Região, relacionados a infrações ambientais.

Contudo, não é possível afirmar se os registros judiciais dizem respeito à mesma pessoa ou se corresponde a homônimos, uma vez que o CPF não está visível e sempre existe a possibilidade de uso de pseudônimos. A dificuldade em rastrear o site, comprovar sua autoria e relacionar um nome ao fato aqui investigado evidencia a complexidade de identificar os criadores e disseminadores de desinformações nos espaços online.

O site apresenta um discurso explicitamente antivacina, anticiências e conspiracionista, frequentemente replicando conteúdos distorcidos sobre medicamentos ineficazes, efeitos colaterais exagerados de imunizantes, além de matérias sensacionalistas envolvendo figuras como Bill Gates e a Organização Mundial da Saúde. Tais características se alinham com a

produção textual da “Stylo Urbano”, na qual desinformação é estratégia discursiva, negacionismo científico é entendido como argumentação, ideologia é uma acusação direcionada à esquerda e conspiracionismo compõe uma arma retórica.

O Quadro 4 apresenta a seleção de algumas notícias que ilustram esse perfil discursivo.

**Quadro 4:** Matérias publicadas no portal “ContraFatos”

<b>ContraFatos (Site ativo)</b>		
<b>Tema</b>	<b>Matéria</b>	<b>Fonte</b>
Relação entre vacinação e casos graves	"Várias freiras morrem após tomar a primeira dose da vacina contra COVID", publicada pela ContraFatos em 25 de fevereiro de 2021, afirma que dezenas de freiras testaram positivo para Covid-19 logo após serem vacinadas.	<a href="https://www.contrafatos.com.br/varias-freiras-morrem-apos-tomar-a-primeira-dose-da-vacina-contracovid/">https://www.contrafatos.com.br/varias-freiras-morrem-apos-tomar-a-primeira-dose-da-vacina-contracovid/</a>
Relaciona vacinação com mortes por Covid-19	"Risco de morte pode triplicar em mulheres jovens vacinadas com AstraZeneca", publicada pela ContraFatos em 30 de março de 2023, afirma que um estudo do Escritório de Estatísticas Nacionais do Reino Unido identificou um risco 3,5 vezes maior de morte cardíaca em mulheres jovens vacinadas com a AstraZeneca.	<a href="https://www.contrafatos.com.br/risco-de-morte-pode-triplicar-em-mulheres-jovens-vacinadas-com-astrazeneca/">https://www.contrafatos.com.br/risco-de-morte-pode-triplicar-em-mulheres-jovens-vacinadas-com-astrazeneca/</a>
Defesa da Ivermectina	"Ivermectina tem efeito antiviral contra Ômicron, diz estudo", publicada pela ContraFatos em 31 de janeiro de 2022, defende o uso de ivermectina para o tratamento da Covid-19.	<a href="https://www.contrafatos.com.br/ivermectina-tem-efeito-antiviral-contramicron-diz-estudo/">https://www.contrafatos.com.br/ivermectina-tem-efeito-antiviral-contramicron-diz-estudo/</a>
Defesa da hidroxicloroquina	"Fábrica de hidroxicloroquina misteriosamente explode em chamas", publicada pela ContraFatos em 26 de dezembro de 2020, insinua que uma fábrica de medicamentos teria sofrido uma explosão para impedir que as pessoas utilizassem um remédio "barato e eficaz", a hidroxicloroquina.	<a href="https://www.contrafatos.com.br/fabrica-de-hidroxicloroquina-misteriosamente-explode-em-chamas/">https://www.contrafatos.com.br/fabrica-de-hidroxicloroquina-misteriosamente-explode-em-chamas/</a>
Crítica ao uso de máscaras	"Estudo: As máscaras infantis aumentam o dióxido de carbono em 6 vezes em relação aos níveis aceitáveis", publicada pela ContraFatos em 3 de julho de 2021, afirma que o uso de máscaras faciais por crianças elevaria drasticamente os níveis de dióxido de carbono inalado, provocando riscos à saúde.	<a href="https://www.contrafatos.com.br/estudo-as-mascaras-infantis-aumentam-o-dioxido-de-carbono-em-6-vezes-em-relacao-aos-niveis-aceitaveis/">https://www.contrafatos.com.br/estudo-as-mascaras-infantis-aumentam-o-dioxido-de-carbono-em-6-vezes-em-relacao-aos-niveis-aceitaveis/</a>

Vacinação como espalhadora de vírus	"Estudo: a vacina DTP de Bill Gates matou dez vezes mais crianças africanas do que a própria doença", publicada pela ContraFatos em 6 de janeiro de 2021, afirma que a vacina DTP financiada por Bill Gates teria causado uma taxa de mortalidade infantil dez vezes maior do que a da própria doença.	<a href="https://www.contrafatos.com.br/estudo-a-vacina-dtp-de-bill-gates-matou-dez-vezes-mais-criancas-africanas-do-que-a-propria-doenca/">https://www.contrafatos.com.br/estudo-a-vacina-dtp-de-bill-gates-matou-dez-vezes-mais-criancas-africanas-do-que-a-propria-doenca/</a>
“Tratamento precoce”	"Estudo revisado por pares com hidroxiquina revela 84% menos hospitalizações entre pacientes ambulatoriais tratados precocemente", publicada pela ContraFatos em 1 de fevereiro de 2021, defende que a hidroxiquina usada precocemente curaria a Covid-19.	<a href="https://www.contrafatos.com.br/estudo-revisado-por-pares-com-hidroxiquina-revela-84-menos-hospitalizacoes-entre-pacientes-ambulatoriais-tratados-precocemente/">https://www.contrafatos.com.br/estudo-revisado-por-pares-com-hidroxiquina-revela-84-menos-hospitalizacoes-entre-pacientes-ambulatoriais-tratados-precocemente/</a>
Números inflados da Covid-19	“Epidemiologista afirma que casos de gripe estão sendo contados como COVID-19”, publicada pela ContraFatos em 5 de janeiro de 2021, afirma que diagnósticos de gripe estariam sendo contabilizados como casos de Covid-19.	<a href="https://www.contrafatos.com.br/epidemiologista-afirma-que-casos-de-gripe-estao-sendo-contados-como-covid-19/">https://www.contrafatos.com.br/epidemiologista-afirma-que-casos-de-gripe-estao-sendo-contados-como-covid-19/</a>
Anuncia falsamente o fim da pandemia	“Diretor da OMS na Europa afirma que o fim da pandemia está à vista, aparentemente sem necessidade de vacinação”, publicada pela ContraFatos em 25 de fevereiro de 2021, afirma que a pandemia terminaria sem necessidade de vacina	<a href="https://www.contrafatos.com.br/diretor-da-oms-na-europa-o-fim-da-pandemia-esta-a-vista-aparentemente-sem-necessidade-de-vacinacao/">https://www.contrafatos.com.br/diretor-da-oms-na-europa-o-fim-da-pandemia-esta-a-vista-aparentemente-sem-necessidade-de-vacinacao/</a>
Relaciona vacinação a mortes	“Denunciante de lar de idosos: idosos estão morrendo como moscas após as vacinas contra a COVID”, publicada pela ContraFatos em 27 de janeiro de 2021, afirma que dezenas de idosos faleceram após a vacinação.	<a href="https://www.contrafatos.com.br/denunciante-de-lar-de-idosos-idosos-estao-morrendo-como-moscas-apos-as-vacinas-contr-a-covid/">https://www.contrafatos.com.br/denunciante-de-lar-de-idosos-idosos-estao-morrendo-como-moscas-apos-as-vacinas-contr-a-covid/</a>
Vitamina D como solução	“A vitamina D poderia ter evitado 90% das mortes por coronavírus”, publicada pela ContraFatos em 20 de junho de 2021, afirma que a suplementação de vitamina D teria sido responsável por evitar até 90% das mortes por Covid-19.	<a href="https://www.contrafatos.com.br/a-vitamina-d-poderia-ter-evitado-90-das-mortes-por-coronavirus/">https://www.contrafatos.com.br/a-vitamina-d-poderia-ter-evitado-90-das-mortes-por-coronavirus/</a>
Relação Bill Gates e Covid-19	"Bill Gates prevê que a vacinação contra a Covid-19 produzirá 700.000 vítimas", publicado em 31 de janeiro de 2021, afirma que a vacinação produziria 700 mil mortes, em declaração de Gates.	<a href="https://www.contrafatos.com.br/bill-gates-preve-que-a-vacinacao-contr-a-covid-19-produzira-700-000-vitimas/">https://www.contrafatos.com.br/bill-gates-preve-que-a-vacinacao-contr-a-covid-19-produzira-700-000-vitimas/</a>

Vírus criado em laboratório	"Militares chineses testaram a vacina Contra Covid-19 em dezembro de 2019", publicada pela ContraFatos em 01 de fevereiro de 2021, afirma que a China já se preparava para a Pandemia formulando vacinas, o que evidenciaria a manipulação do vírus em laboratório.	<a href="https://www.contrafatos.com.br/militares-chineses-testaram-a-vacina-contracovid-19-em-dezembro-de-2019/">https://www.contrafatos.com.br/militares-chineses-testaram-a-vacina-contracovid-19-em-dezembro-de-2019/</a>
Relação entre mortos e vacina	"7 mortos e TODOS os residentes infectados em asilo espanhol após vacinação de MRNA da Pfizer", publicado pela ContraFatos em 02 de fevereiro de 2021, associa dezenas de mortes de idosos a vacinação.	<a href="https://www.contrafatos.com.br/7-mortos-e-todos-os-residentes-infectados-em-asilo-espanhol-apos-vacinacao-de-mrna-da-pfizer/">https://www.contrafatos.com.br/7-mortos-e-todos-os-residentes-infectados-em-asilo-espanhol-apos-vacinacao-de-mrna-da-pfizer/</a>
Surgimento de novos vírus	Bill Gates quer que você tema a próxima “crise” – pior do que a Covid-19, publicada pela ContraFatos em 01 de fevereiro de 2021, aponta a preocupação com novas pandemias como uma evidência de que vírus estariam sendo criados em laboratório.	<a href="https://www.contrafatos.com.br/bill-gates-quer-que-voce-tema-a-proxima-crise-pior-do-que-a-covid-19/">https://www.contrafatos.com.br/bill-gates-quer-que-voce-tema-a-proxima-crise-pior-do-que-a-covid-19/</a>

Fonte: A autora.

Nos textos publicados no “ContraFatos”, a vacinação é relacionada ao agravamento da doença, sendo mostrada como causadora, capaz de enfraquecer o sistema imunológico a ponto de torná-lo susceptível ao desenvolvimento da versão grave da enfermidade. Outra narrativa recorrente atribui à própria vacina a responsabilidade pelo espalhamento do Sars-Cov-2. Ao mesmo tempo, difunde acusações de que os números de morte seriam inflacionados artificialmente, enquanto a vitamina D, sozinha, preveniria a doença. Ou seja, a retórica sustenta, por um lado, que a vacinação agravaria a pandemia e, por outro, que os números são inventados. Embora contraditório, a coerência lógica não é habilidade que pareça preocupar os autores dessas narrativas.

### 3.3.5 Mídia sem Máscara

O “Mídia sem Máscara” (MSM) é um projeto criado por Olavo de Carvalho em agosto de 2002.

Quem somos

Desde agosto de 2002, o MÍDIA SEM MÁSCARA é um website destinado a publicar as idéias e notícias que são sistematicamente escondidas, desprezadas

ou distorcidas em virtude do viés esquerdista da grande mídia brasileira. Embora sem recursos para promover uma fiscalização ampla, MÍDIA SEM MÁSCARA colhe amostras, que por si só, bastam para dar uma idéia da magnitude e gravidade da manipulação esquerdista do noticiário na mídia nacional.

O fenômeno do controle esquerdista já vem durando tanto tempo, são tantos os fatos que foram sonogados do público ao longo de mais de vinte anos, que torna-se tão importante restaurar o passado quanto denunciar o presente. Estamos tão preocupados com os jornais velhos quanto com os jornais do dia. Afinal, a acumulação do que os jornais velhos disseram forma o fundo de crenças que constitui a base de julgamento das notícias do dia. Não adianta corrigir esta ou aquela notícia em particular, se os critérios consolidados por uma longa repetição de mentiras já embotaram a sensibilidade do público.

Mas os exemplos são em quantidade ilimitada. Desde a década de 80 os brasileiros estão privados de informações, por exemplo, sobre tortura e mortes de prisioneiros em Cuba, sobre as contínuas fugas de funcionários importantes do regime cubano, sobre o envolvimento pessoal de Fidel Castro no tráfico de drogas etc. Estão privados de informações sobre os contínuos preparativos da China para uma guerra nuclear, sobre o apoio da Rússia e da China aos movimentos terroristas, sobre as novas e mais temíveis funções da KGB etc. Estão privados de informações até mesmo sobre a direita norte-americana, cujos atos e palavras só nos chegam na sua versão monstruosamente distorcida fabricada pelos Clintons et cetera. Estão privados de informações sobre praticamente tudo o que os historiadores descobriram, ao longo de mais de uma década, em pesquisas nos arquivos de Moscou.

A simples enumeração desses temas ausentes na nossa imprensa já basta para provar: na grande mídia brasileira não existe jornalismo nenhum. Existe apenas manipulação a serviço da esquerda.

Essa manipulação é geral e não está limitada aos militantes ou colaboradores de um partido. A corrente que nos domina hoje é constituída da totalidade da oposição esquerdista dos anos 70, que se diversificou em agremiações distintas para poder mais facilmente dominar o conjunto sem dar uma impressão demasiado flagrante de controle monolítico. Mas o controle monolítico existe. A uniformidade da censura seletiva nos vários jornais e canais de TV é evidente demais para que alguém possa negá-la com honestidade. Mais notável ainda é a unanimidade das reações da imprensa diante de qualquer ameaça comum ao esquerdismo dominante. Como a última campanha eleitoral para presidência demonstrou, as várias facções da esquerda estão separadas apenas por picuinhas, mas cada vez mais unidas no propósito de caluniar, criminalizar e excluir do processo político qualquer coisa que seja ou pareça direitista.

O movimento comunista sempre teve, dentro de suas fileiras, uma divisão entre esquerda e direita. Isso faz parte até do vocabulário historicamente consagrado com que os líderes do Partido rotulavam as dissidências internas: “desvio pequeno-burguês de esquerda”, “revisonismo de direita”, etc. A esquerda brasileira se prevalece da total ignorância popular sobre a história do movimento comunista para nos impingir, a título de “direita”, a sua própria ala direita, isto é, o tucanato. Tudo o que esteja portanto à direita do tucanato já não é uma direita legítima – é uma facção marginal, criminosa, que deve ser reprimida, calada e excluída da vida pública... em nome do pluralismo e da democracia.

Toda a mídia nacional é instrumento dócil a serviço dessa manobra. O pior é que, ao mesmo tempo, os jornais que a isso se prestam são ainda rotulados de “conservadores” pela própria esquerda, que assim se serve gostosamente de instrumentos “acima de qualquer suspeita”.

Em muitos outros países há também um controle esquerdista da mídia. Mas em parte alguma ele é completo e abrangente como no Brasil. Em toda parte há jornais, revistas, estações de rádio e TV, teses acadêmicas e sobretudo livros, muitos livros que denunciam o estado de coisas, lutam para mudá-lo e com frequência o conseguem. A derrota da CNN, que baixou para menos da metade da audiência da conservadora FoxNews graças às denúncias do jornalista Brent Bozell, é um exemplo de como é possível cortar ao menos alguns braços do Leviatã.

No Brasil, os poucos que tentam enfrentar essa situação são vítimas do ódio, da covardia e da mesquinhez dos expedientes a que homens poderosos têm recorrido para os calar. A má vontade surda e cega – quando não a ironia e a chacota – que os indiferentes e alienados opõem aos seus esforços, são indescritíveis.

O que torna as coisas ainda mais difíceis é que nos últimos anos o estímulo geral à expressão de crenças esquerdistas encorajou todos os analfabetos do país a dar opiniões. Cada um deles, armado do sentimento de certeza que lhe infunde o fato de estar do lado da maioria falante, recorre com a maior semcerimônia ao *argumentum ad ignorantiam* (“isso nunca chegou ao meu conhecimento, portanto isso não existe”) e é reforçado nesse vício pela totalidade da mídia que lhe sonega, precisamente, os conhecimentos que ele não deseja ter.

Será preciso mais do que esse hábito generalizado para explicar o descenso abissal das capacidades intelectuais no país, justamente na década em que as verbas de “educação” foram centuplicadas, a indústria livreira progrediu formidavelmente, o ensino universitário cresceu como nunca e já não há mais de dois ou três por cento de crianças fora da escola primária? Não, os brasileiros não estão emburrecendo por falta de livros, jornais ou escolas. Estão emburrecendo porque em vez de educação e informação receberam propaganda esquerdista e se acostumaram a identificá-la com a cultura e a inteligência.

Contra tudo isso, quê podemos fazer? *MÍDIA SEM MÁSCARA* é composto de colaboradores que trabalham de graça, por generosidade, patriotismo e senso do dever. Os assuntos abordados em *MÍDIA SEM MÁSCARA* versam desde política e economia até cultura geral e religião. Aqui você encontrará resenhas de livros, traduções de notícias e artigos inéditos no Brasil, análises econômicas e reproduções de alguns trechos da mídia nacional que passam despercebidos aos olhos do grande público.

Pouco nos importa a desproporção de forças. Quando os grandes se acovardam, os pequenos têm de dar o exemplo.

Fundador e editor chefe: Olavo de Carvalho

Olavo de Carvalho é filósofo, escritor e jornalista. É autor de vários livros, incluindo *O Jardim das Aflições*, *O Imbecil Coletivo*, *O Futuro do Pensamento Brasileiro*, entre outros.

Além de ser fundador e editor-chefe do *MídiaSemMáscara*, possui o website [www.olavodecarvalho.org](http://www.olavodecarvalho.org) e ministra seus cursos no Seminário de Filosofia – [www.seminariodefisofia.org](http://www.seminariodefisofia.org).

Editor-Executivo: Edson Camargo

Agradecimentos: Victor Fidel, Ricardo Martins e Roxane de Carvalho.

Essa, todavia, não é a autodefinição original correspondente à data de criação, 2022. A pesquisa de Patschiki (2012) aponta que o “Mídia sem Máscara” era caracterizado como um projeto pessoal e particular, no qual Olavo de Carvalho e sua família seriam responsáveis pela

escrita, enquanto um conjunto de "amigos" contribuiria com colunas, de maneira espontânea e não remunerada. A pesquisa do registro do site mostra, entretanto, que o domínio "midiasemmascara.org", que estava registrado no nome de Carvalho, foi substituído, em 2019, por "midiasemmascara.net", no qual todos os dados de registro e identificação foram ocultados. Isso indica uma alteração na administração do site, que deixou de ser responsabilidade exclusiva da família de Carvalho. Ainda assim, as características embrionárias do blog foram mantidas.

Após essa reconfiguração, a nova definição do site passa a explorar o mito da imparcialidade da imprensa, segundo o qual a mídia brasileira não cumpriria esse princípio e, ao contrário, adotaria um viés esquerdista. Essa investida contra os grandes veículos de comunicação está presente desde os primeiros momentos no MSM. Para que uma nova narrativa se estabeleça, é preciso primeiro desconstruir o que já está consolidado, ou seja, quebrar a confiança popular nas fontes tradicionais de informação. Só então se abre espaço para um novo transmissor de ideias e criador de "verdades".

Na sequência, surge o elemento central do conspiracionismo olavista: o anticomunismo. Na narrativa defendida e difundida por Carvalho, os esquerdistas são cegos por não reconhecer o autoritarismo intrínseco do princípio comunista. Esse movimento estaria imbricado não apenas em rádios, jornais e TVs, mas nas universidades, nos livros, nas teses, em uma hegemonia intelectual de esquerda. Na lógica olavista, todos os países que de alguma forma flertaram com o comunismo são inimigos, seja Cuba, China, Rússia e, mais recentemente, Venezuela. Até mesmo PSDB, partido declaradamente de centro-direita e opositor clássico do PT, é considerado uma versão moderada, em uma espécie de "ala de direita" dentro da própria esquerda, sendo o pluralismo e a democracia provas dessa deturpação. Essa crítica à direita moderada, aliás, é um indicativo fundamental para entender a defesa do autoritarismo por parte de Carvalho.

A análise de Patschiki (2012) entende o MSM como um agrupamento partidário composto a partir de uma demanda mundial dos representantes das superestruturas neoliberais. Na retórica olavista, manipulada por essa elite intelectual esquerdista, a população, mesmo lendo livros e jornais e cursando universidades, permanece "ignorante" e "burra" por estar exposta apenas à propaganda ideológica. Com isso, o MSM, composto por "colaboradores que trabalham de graça, por generosidade, patriotismo e senso do dever", empenha-se em uma espécie de cruzada moral e política, estruturada em um maniqueísmo radical em que eles, os bons, assumem o heroico papel de tirar a venda dos olhos da população, cega pelos esquerdistas.

No Quadro 5, o posicionamento do MSM durante a pandemia fica explícito:

**Quadro 5:** Matérias publicadas no portal “Mídia sem Máscara”

<b>Mídia sem Máscara (site ativo)</b>		
<b>Tema</b>	<b>Matérias</b>	<b>Fontes (links):</b>
Culpabilização da China e condenação do STF	"STF serviçal da esquerda: dessa vez, pela imposição da vacina chinesa", escrita por Percival Puggina em 30 out. 2020.	<a href="https://midiasemmascara.net/stf-servical-da-esquerda-dessa-vez-pela-imposicao-da-vacina-chinesa/">https://midiasemmascara.net/stf-servical-da-esquerda-dessa-vez-pela-imposicao-da-vacina-chinesa/</a>
Vacina experimental	“Covid-19: Mortes por vacinas, crianças como cobaias, censura e mais armações da Pfizer”, assinada por Patrícia Castro, em 17 nov. 2021, afirma que, por ainda estar em fase de testes, a vacina Pfizer causou dezenas de mortes de crianças.	<a href="https://midiasemmascara.net/mortes-vax-criancas-pfizer/">https://midiasemmascara.net/mortes-vax-criancas-pfizer/</a>
Defesa da economia	“Covid-19: A psicose delirante de massa substituindo a razão por ilusões insanas”, escrita por Patrícia Castro em 25 jan. 2022, tece críticas gerais a medidas de contenção do vírus e defende a economia.	<a href="https://midiasemmascara.net/psicose-delirante-massa/">https://midiasemmascara.net/psicose-delirante-massa/</a>
“Tratamento precoce”	"Covid-19: Terror midiático e boicote à prevenção eleva número de mortes e internações" publicado por Cristian Derosa, em 27 de janeiro de 2021, em que critica a cobertura da imprensa tradicional e defende o “tratamento precoce”.	<a href="https://midiasemmascara.net/covid-19-terror-midiatico-e-boicote-a-prevencao-eleva-numero-de-mortes-e-internacoes/">https://midiasemmascara.net/covid-19-terror-midiatico-e-boicote-a-prevencao-eleva-numero-de-mortes-e-internacoes/</a>
Defesa da “tratamento precoce”	“COVID-19: estudo da USP comprova eficácia da hidroxicloroquina e da azitromicina”, escrita por Filipe Rafaeli, atualizada em 16 de fevereiro de 2021, defende o uso de medicamentos do chamado “tratamento precoce”	<a href="https://midiasemmascara.net/covid-19-estudo-da-usp-comprova-eficacia-da-hidroxicloroquina-e-da-azitromicina/">https://midiasemmascara.net/covid-19-estudo-da-usp-comprova-eficacia-da-hidroxicloroquina-e-da-azitromicina/</a>
Crítica ao uso de máscaras	"Covid-19, vacinas e máscaras: ser idiota agora é a regra", publicada por Patrícia Castro em 26 jan. 2021, em que ridiculariza as pessoas que aderem às medidas de contenção da pandemia, como o uso de máscaras faciais.	<a href="https://midiasemmascara.net/covid-19-vacinas-e-mascaras-ser-idiota-agora-e-a-regra/">https://midiasemmascara.net/covid-19-vacinas-e-mascaras-ser-idiota-agora-e-a-regra/</a>
Isolamento social	“Covid-19: Isolamento social aumenta número de mortes, conclui estudo da UFPE”, editorial publicado em 20 de março de 2021 em que condenam o isolamento social por supostamente ter agravado os eventos da pandemia.	<a href="https://midiasemmascara.net/covid-19-isolamento-social-aumenta-numero-de-mortes-conclui-estudo-da-ufpe/">https://midiasemmascara.net/covid-19-isolamento-social-aumenta-numero-de-mortes-conclui-estudo-da-ufpe/</a>
Defesa da economia	“Fraudemia no Brasil: arbitrariedades, alienação e o fim da classe média”, assinada por Patrícia Castro, em 9 de abril de 2021, em que tece uma crítica geral às medidas de isolamento, aos órgãos de saúde e aos efeitos econômicos da paralisação.	<a href="https://midiasemmascara.net/frdm-br/">https://midiasemmascara.net/frdm-br/</a>
Crítica às medidas de contenção e à imprensa tradicional	"Bolsonaro, Covid-19 e as trapaças da mídia militante", escrita por Percival Puggina, em 29 de janeiro de 2021, novamente, tece críticas gerais aos meios de comunicação e defende o ex-presidente Jair Bolsonaro.	<a href="https://midiasemmascara.net/bolsonaro-covid-19-e-o-jogo-midiatico/">https://midiasemmascara.net/bolsonaro-covid-19-e-o-jogo-midiatico/</a>

Vacinação e mortes	"Covid-19: Mortes por vacina são ignoradas e mais dinheiro público será gasto com o experimento", publicada por Patrícia Castro em 28 de abril de 2022, associa a vacinação "experimental" a mortes.	<a href="https://midiasemmascara.net/mortes-vax-karenn-isabela/">https://midiasemmascara.net/mortes-vax-karenn-isabela/</a>
Questiona a obrigatoriedade da vacina	"Covid-19 e Direito: Pais não são obrigados a vacinar seus filhos", publicada por Patrícia Castro em 27 de janeiro de 2022, questiona a obrigatoriedade da vacina, pois seria experimental.	<a href="https://midiasemmascara.net/pais-nao-obrigados-vax-filhos/">https://midiasemmascara.net/pais-nao-obrigados-vax-filhos/</a>
Crianças como cobaias da vacinação	"Covid-19: Mortes por vacinas, crianças como cobaias, censura e mais armações da Pfizer", publicada por Patrícia Castro em 17 de novembro de 2021, sugere que a vacinação estaria utilizando pessoas como cobaias e matando um grande número de pessoas.	<a href="https://midiasemmascara.net/mortes-vax-criancas-pfizer/">https://midiasemmascara.net/mortes-vax-criancas-pfizer/</a>
Relação entre vacina e danos graves à saúde	"Covid 19 e vacinas: nanopartículas de mRNA encontradas em cérebro, coração e outros órgãos" texto de Cristian Derosa, já publicado em "Estudos Nacionais" e republicado em 13 de junho de 2021 no MSM, aponta as vacinas de mRNA como tóxicas e que trariam resultados como infertilidade e danos graves ao sistema cardiovascular e neurológico.	<a href="https://midiasemmascara.net/covid-19-nanoparticulas-mrna-encontradas/">https://midiasemmascara.net/covid-19-nanoparticulas-mrna-encontradas/</a>
Vacinação como experimento	"Covid-19, vacinas e globalismo: O experimento em massa aplicado em Botucatu, SP", texto de Diógenes Freire, publicado em 26 de maio de 2021, acusa a vacinação de experimento científico.	<a href="https://midiasemmascara.net/covid-19-vacinas-botucatu/">https://midiasemmascara.net/covid-19-vacinas-botucatu/</a>

Fonte: A autora.

Na análise de textos publicados no "Mídia sem Máscara", foram identificados diferentes elementos recorrentes na performance discursiva da nova direita. Está ali o ataque à imprensa, o uso da linguagem inflamada e combativa, a performance disruptiva, a criação de neologismos para deslegitimar pautas ligadas à esquerda, as críticas ao ambiente acadêmico, a desqualificação de intelectuais da esquerda, os inimigos morais, a vitimização de seu grupo político, os insultos, a "guerra cultural", o conspiracionismo, todos elementos característicos de sua performance digital.

Essa configuração é intensificada ao longo da pandemia de Covid-19, quando o site passa a defender as medidas adotadas pelo então presidente Jair Bolsonaro em sua gestão. Nesse contexto, defende-se o "tratamento precoce" como única solução para a doença, enquanto a vacinação é desqualificada. A desinformação constitui uma estratégia para promover o medo e desacreditar as ciências. Isso, claro, sem abandonar a cartilha conspiracionista que compõe seu discurso.

### 3.4 CONSIDERAÇÕES SOBRE AS ATUAÇÕES DOS SITES

A análise dos textos evidencia a ação dos sites defensores do ex-presidente Jair Bolsonaro, em uma lógica discursiva articulada aos princípios neoliberais e neoconservadores. Se, por um lado, a família é afirmada como núcleo moral e político fundamental, de outro, expõem esse mesmo núcleo à fragmentação, ao minimizar a gravidade da pandemia em nome da defesa irrestrita da liberdade econômica. Essa contradição revela a hipocrisia e o uso estratégico da desinformação como instrumento de convencimento, para sustentar um projeto político no qual o mercado e seus interesses são privilegiados, mesmo que para isso brasileiros fiquem mais suscetíveis a um vírus mortal.

No centro desse discurso construído e difundido pelos sites, o indivíduo é indiretamente responsabilizado pela própria doença. Nessa lógica, adoece apenas quem rejeita o uso dos medicamentos que denominaram "tratamento precoce", quem adere ao distanciamento social em modelo horizontal, quem utiliza máscaras que "enfraquecem" o pulmão ou quem se submete às "vacinas experimentais", alegadamente carregadas de substâncias tóxicas capazes de causar câncer, doenças cardíacas e outras tantas enumeradas nos artigos. A responsabilidade é invertida quando a construção discursiva aponta as medidas sanitárias necessárias para evitar a propagação do vírus como perigosas, e o indivíduo que adere a essas as recomendações como um sujeito enganado.

Paradoxalmente, esses mesmos textos negam tanto a existência quanto a gravidade da doença, referindo-se a ela como "fraudemia", ao mesmo tempo em que responsabilizam a vacinação pelo agravamento do contágio. Ao contradizer a complexidade da sindemia e ocultar a seriedade da Covid-19, isenta-se o Estado de suas responsabilidades em adotar políticas públicas para prevenção, tratamento e suporte aos principais afetados no âmbito sindêmico: as populações vulneráveis.

A inversão discursiva é aplicada também ao campo científico, em que a comunidade de pesquisadores é acusada de seguir interesses mercadológicos, submetidos à lógica da "Big Pharma". Enquanto pesquisas que de fato demonstram viés de informação, de seleção ou financiamento, além de conflitos de interesses, são divulgadas e defendidas como boa ciência, novamente, em uma retórica de inversão de lógicas. Um exemplo é a matéria da "Crítica Nacional" que acusa a Fiocruz de elaborar uma pesquisa fraudulenta sobre a hidroxicloroquina. Além de inverter os fatos, desvia a atenção do leitor para a responsabilização do Governo

Federal diante da falta de cilindros de oxigênio em Manaus (AM). Para eles, o erro foi a não adesão aos medicamentos, e não ausência de leitos, equipamentos e gestão.

Somando esses discursos com a declarada preocupação econômica, fica evidente que a preocupação central desses grupos não era com a saúde da população, mas com os interesses dos grupos econômicos do qual fazem parte. Ao expor a população ao risco de morte, expõe-se a racionalidade neoliberal em que a preocupação, acima de tudo, é com a economia. Percebe-se, assim, que, ao defender a lógica neoliberal e repudiar a noção de coletividade, os lucros das empresas e a manutenção do mercado são colocados acima de qualquer manutenção da vida. Mesmo que levantem a bandeira da “defesa da família”, criam narrativas que agravam a situação pandêmica, levando à destruturação de milhares de famílias que perderam pessoas queridas.

## CONCLUSÃO

Quando a “quarentena” foi imposta no início do período sindêmico, em março de 2020, ouviram-se muitas frases esperançosas apontando a experiência como redentora, da qual as pessoas sairiam melhores e renovadas. A vivência coletiva, em que o conjunto da população estaria experienciando uma situação semelhante e adotando medidas restritivas por considerar a saúde do outro, encorajava um sentimento de cooperação. Para não contaminar familiares, era preciso evitar a circulação do vírus, o que significava ficar em casa e tomar cuidados mínimos, que incluíam lavar as mãos, evitar espaços de aglomeração e utilizar álcool em gel e máscaras. O mundo, assustado, recebia notícias e vídeos da Itália, onde um filme de ficção científica parecia estar sendo gravado, com caminhões nas ruas, hospitais improvisados e número assustador de contaminados.

Confinados e amedrontados, a sensação vivenciada era de espera para enfrentar o caos, que parecia tomar outros países e demorava a chegar ao Brasil. Da primeira morte, em março de 2020, ao registro assustador de mais de mil mortes por dia, na última semana de maio, foram dois meses de isolamento. Nesse período, um auxílio emergencial de R\$ 600 por mês já havia sido discutido e aprovado por senadores e deputados federais. Para empresários, investidores e representantes dos interesses do mercado, dois meses era tempo suficiente para causar prejuízos financeiros. Era necessário, portanto, encontrar uma solução rápida e descomplicada para preservar a economia. Essa preocupação transparece nas fontes analisadas, como na reportagem "Países do G20 não recomendam quarentena, confirmando posição de Bolsonaro", de Cristian Derosa, publicada em 26 de março de 2020.

Para esse grupo, as publicações de Gautret *et al.* (2020), em que a hidroxicloroquina é considerada possibilidade de cura, e de Caly *et al.* (2020), que apontam também a ivermectina como tratamento para a Covid-19, alinharam-se perfeitamente com essa necessidade. A reação de Donald Trump e Jair Bolsonaro foi imediata. Suas declarações em defesa do uso desses medicamentos repercutiram em sites alinhados à nova direita, como na reportagem de Paulo Eneas para “Crítica Nacional”, publicada em 16 de abril de 2020, em que defende o uso de cloroquina como política de Estado no enfrentamento à sindemia. Outro subterfúgio era negar a gravidade do vírus, que causaria apenas uma “gripezinha”, como afirmou o próprio ex-presidente do Brasil (BBC, 2020). O texto de Renato Cunha: “Nova pesquisa: você provavelmente tem que estar MUITO, MUITO doente para morrer de Covid-19”, publicado em 28 de julho de 2020, evidencia essa negação da gravidade da doença.

Nas páginas analisadas e alinhadas ao bolsonarismo ficou evidente o posicionamento em favor do ex-presidente, com a tentativa de suavizar a seriedade dos efeitos do Sars-CoV-2 e de estabelecer a imagem de uma doença curável, para a qual medicamentos já existentes seriam capazes de curar todos os sintomas e possíveis agravantes. Para sustentar essa argumentação, valia divulgar falsas pesquisas apontando o uso milagroso da ivermectina (ContraFatos, 2020); apontar a epidemia como fraude; associar o *lockdown* a pautas de esquerda (Felix, 2020); acusar os exames PCR de positivar falsamente, o que comprovaria a inexistência de gravidade (Cunha, 2020); e apontar a China como criadora do vírus para lucrar com venda de vacinas e insumos médicos (Eneas, 2020).

Para comprovar a tese do “tratamento precoce”, pacientes foram tratados como cobaias ao serem submetidos a um experimento médico sem aviso ou consentimento, no caso Prevent Senior. Na tentativa de comprovar a eficácia de medicamentos em uso *off label*, cometeu-se uma série de irregularidades e arbitrariedades direcionadas não apenas aos pacientes, mas a médicos e enfermeiros, que, enquanto funcionários contratados, alegaram ter sido obrigados a manipular a Classificação Internacional de Doenças (CID) e prescrever remédios aos quais eram contrários. Nesses depoimentos, há, inclusive, relatos de desligamento de aparelhos em unidades de tratamento intensivo para liberar leitos e controlar os gastos. O episódio evidencia o interesse financeiro dos empresários responsáveis pela rede de saúde, onde rendimentos foram colocados acima da preocupação com a saúde das pessoas atendidas pelo plano.

Na medida em que a ambição financeira e empresarial fica evidente e a produção de desinformação é utilizada como arma estratégica de convencimento e manipulação, a análise sindêmica se torna ainda mais significativa. Isso, pois, observar a Covid-19 sob ótica de sindemia faz compreender como os acontecimentos estão profundamente interligados às estruturas sociais, suas relações e aos interesses econômicos de classes dominantes e excludentes.

A proposta de análise sindêmica, cunhada pelo antropólogo Merrill Singer, alerta para interpretação dos fenômenos globais de saúde, considerando a interrelação entre ambiente, estrutura social e aspectos de saúde ao surgimento de novas doenças. Considerar apenas condições de saúde, chamadas midiaticamente de “comorbidades”, é negar a existência de ambientes facilitadores de transmissão e ignorar os efeitos causados pela estrutura social à saúde dos indivíduos. A naturalização das desigualdades sociais, promovida no neoliberalismo, compreende uma visão social convertida em ideias de individualismo e meritocracia, na qual aspectos de saúde como desnutrição e subnutrição, insegurança alimentar, obesidade, saúde

mental, doenças crônicas e doenças transmissíveis são avaliadas isoladamente, como se não houvesse condições e ambientes facilitadores para seu desenvolvimento.

Nessa perspectiva, a Covid-19 está relacionada com agravos de saúde, como dengue, arboviroses, tuberculoses, malária, diabetes e hipertensão, capazes de potencializar efeitos negativos tanto das doenças originárias quanto da própria Covid-19. Essas questões de saúde são diretamente afetadas pelo ambiente físico e social dos indivíduos, pois populações vulnerabilizadas e grupos minoritários são potencialmente prejudicados por doenças preexistentes. Pensar a ótica sindêmica é defender uma medicina integral, que reconheça a existência de povos marginalizados e do racismo estrutural. É questionar o modelo econômico excludente e adoecedor, no qual o posicionamento na pirâmide social evidencia os privilégios e os interesses de determinados grupos sociais.

Interpretar a Covid-19 como sindemia é também reconhecer a atuação de agrupamentos políticos, defensores de um modelo econômico neoliberal imbricado a um ecossistema de negação. Diante da necessidade de defender seus interesses financeiros, são capazes de negar acontecimentos históricos; rejeitar alterações climáticas; contestar os impactos ambientais decorrentes da monocultura e de latifúndios; ignorar as críticas à produção e descarte de plástico; limitar a diversidade genética de espécies silvestres da fauna e flora; e ignorar sumariamente os alertas de ambientalistas sobre as consequências desse modelo exploratório. Não se trata de ignorância ou ingenuidade, mas de um posicionamento de negação racional, articulado a partir de manipulação de dados científicos com intuito de criar narrativas alternativas para desacreditar pesquisas já consolidadas e defender seus próprios ganhos.

Nesse cenário já excessivamente perigoso, o antivacinação agrava ainda mais os efeitos sindêmicos. Sob influência de narrativas de negação da gravidade da doença, de popularização dos medicamentos *off label* e de resistência à vacinação, em abril de 2021 o Brasil ultrapassou a marca de 4 mil mortes por dia, superando em quatro meses o número de mortes ocorridas no ano anterior (Agência Brasil, 2021). Hoje, o país está posicionado como o segundo com maior número de mortes totais causadas pelo Sars-CoV-2, sendo mais de 700 mil mortes, atrás apenas dos Estados Unidos (OMS, 2023-2024). No país que já foi referência mundial em campanhas de imunização, cerca de 38,6% de pessoas não completaram o esquema vacinal com as 2ª e 3ª doses, o que pode indicar a influência de discursos antivacinação nas tomadas de decisões (Brasil, 2024).

Esta pesquisa demonstrou que o antivacinação tem raízes históricas. Durante o período imperial e primeiros anos da república, as maiores dificuldades estavam no método de preservação da qualidade da linfa vacínica, na insatisfação diante da prática estatal autoritária,

na exclusão de pessoas empobrecidas do espaço social e na influência de religiões bantu, iorubá e católica nas crenças relacionadas às doenças e curas. Esse contexto despertou sensações de medo e desconfiança, propiciando a disseminação de discursos de resistência à vacinação que culminaram na Revolta da Vacina, de 1904.

Nos movimentos de hesitação vacinal da contemporaneidade, diferentes fatores interagem e influenciam escolhas pessoais. Um deles é o crescimento de práticas pseudocientíficas como quiropraxia, naturopatia e homeopatia, que misturam elementos holísticos, crenças associadas à medicina natural e associação de doenças à prática vacínica. Outro fator determinante é a influência do movimento *Antivax*, originário dos Estados Unidos, que relaciona interesses de indústrias farmacêuticas, efeitos colaterais do processo imunológico e aponta componentes da vacina como responsáveis pelo desenvolvimento de doenças autoimunes e autismo.

Há, portanto, uma mudança na fundamentação antivacínica. Se, historicamente, questionava-se a origem das doenças e a eficácia das vacinas, o movimento atual considera os riscos do método, os eventos adversos da imunização e até mesmo supostos interesses financeiros sobre a venda de imunizantes e de remédios para estabilizar doenças decorrentes do processo. A religião está presente também, principalmente no que confere ao pentecostalismo e neopentecostalismo, sob discursos de cura pela fé e de doenças atribuídas a fatores religiosos.

Esses elementos discursivos são instrumentalizados pelos sites analisados. Tais grupos, valem-se de discursos de negação e narrativas antivacínicas preexistentes para articular uma rede de desinformação cujo objetivo é proteger seus interesses econômicos e políticos. Mesmo que soe como erros de interpretação ou falta de conhecimento, a negação sistemática configura um instrumento político elaborado para convencer e influenciar o comportamento de seus leitores. Com isso, mostrou-se que esses sites funcionam como articuladores e disparadores de desinformação, sendo a origem do ecossistema desinformativo formulado pelo bolsonarismo.

## REFERÊNCIAS

ABL (Academia Brasileira de Letras). **Infodemia**. [S, l], [s/d]. Disponível em: <https://www.academia.org.br/nossa-lingua/nova-palavra/infodemia>. Acesso em: 14 abr. 2024.

ABREU, Gabrielle. O que motivou o abate de visons na Holanda e Dinamarca? **Jornal da USP**, São Paulo, 19 nov. 2020. Disponível em: <https://jornal.usp.br/ciencias/o-que-motivou-o-abate-de-visons-na-holanda-e-dinamarca/>. Acesso em: 6 nov. 2020.

ACOSTA, A. L. *et al.* Interfaces à transmissão e *spillover* do coronavírus entre florestas e cidades. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 34, n. 99, p. 191-207, 2020.

AGÊNCIA BRASIL. Covid-19: **Brasil bate recorde com 4.249 mortes registradas em 24 horas**. 08 abr 2021. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2021-04/covid-19-brasil-bate-recorde-com-4249-mortes-registradas-em-24-horas>. Acesso em: 8 jun. 2025.

AGÊNCIA SENADO. Após ação civil pública contra Prevent Senior, vítimas cobram ação penal. **Senado Federal**, Brasília, 20 fev. 2024. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2024/02/20/apos-acao-civil-publica-contraprevent-senior-vitimas-cobram-acao-penal>. Acesso em: 24 nov. 2024.

AHMED, Nafeez. Koch-Funded PR Agency Aided Great Barrington Declaration Sponsor. **Byline Times**, Londres, 13 out. 2020b. Seção Fact & Reportage. Disponível em: <https://bylinetimes.com/2020/10/13/koch-funded-pr-agency-aided-great-barrington-declaration-sponsor/>. Acesso em: 8 mar. 2025.

ALPIZAR-SALAZAR, M. R. *et al.* Chronic degenerative diseases before and after the Covid-19 pandemic in Mexico. **Journal of Clinical Epidemiology and Global Health**, v. 28, 2020, p. 3.

ALVES CEPÊDA, Vera. A Nova Direita no Brasil: contexto e matrizes conceituais. **Mediações - Revista de Ciências Sociais**, Londrina, v. 23, n. 2, p. 40–74, 2018. DOI: 10.5433/2176-6665.2018v23n2p40. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/34801>. Acesso em: 18 jun. 2025

ANDERSEN, K. G. *et al.*. A origem proximal do Sars-CoV-2. **Nature Medicine**, v. 26, p. 450-452, 17 mar. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1038/s41591-020-0820-9>. Acesso em: 2 jan. 2024.

ANICETO, D. L. F. P. Anvisa e o uso off-label de medicamentos: as relações entre evidência e regulação. 2019. 74 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Farmacologia Clínica) - Faculdade de Medicina, **Universidade Federal do Ceará**, Fortaleza, 2019.

ANUÁRIO BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA 2023. São Paulo: **Fórum Brasileiro de Segurança Pública**, ano 17, 2023. ISSN 1983-7364.

ANVISA (Agência Nacional de Vigilância Sanitária). Resolução de Diretoria Colegiada - RDC N° 475. **Ministério da Saúde**. 10 mar. 2021. Disponível em: [https://anvisa.gov.br/legis/legislacao/legislacao.php?acao=detalharAto&tipo=RDC&numeroAto=00000475&seqAto=000&valorAno=2021&orgao=RDC/DC/ANVISA/MS&nomeTitulo=codigos&cod\\_modulo=310&cod\\_menu=9882](https://anvisa.gov.br/legis/legislacao/legislacao.php?acao=detalharAto&tipo=RDC&numeroAto=00000475&seqAto=000&valorAno=2021&orgao=RDC/DC/ANVISA/MS&nomeTitulo=codigos&cod_modulo=310&cod_menu=9882). Acesso em 2 abr. 2023.

ANVISA (Agência Nacional de Vigilância Sanitária). Vacina contra Covid-19: dos testes iniciais ao registro. **Ministério da Saúde**. 5 out. 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/anvisa/pt-br/assuntos/noticias-anvisa/2020/vacina-contracovid-19-dos-testes-iniciais-ao-registro>. Acesso em: 2 abr. 2023.

ARAÚJO, Edna M. *et al.* Morbimortalidade pela Covid-19 segundo raça/cor/etnia: a experiência do Brasil e dos Estados Unidos. Rio de Janeiro: **Saúde em Debate**, v. 44, n. Especial 4, p. 191-205, dez. 2020. DOI: 10.1590/0103-11042020E412.

ASM (American Society for Microbiology). Covid-19 Research Registry. **Basic Virology**. Washington DC. Disponível em: <https://asm.org/COVID/COVID-19-Research-Registry/Basic-Virology#!>. Acesso em: 9 nov. 2024.

AVAAZ; SBIm (Sociedade Brasileira de Imunizações). **As Fake News estão nos deixando doentes?** Como a desinformação antivacinas pode estar reduzindo as taxas de cobertura vacinal no Brasil. [S. l.], nov. 2019. Disponível em: <<https://sbim.org.br/images/files/po-avaaz-relatorio-antivacina.pdf>>. Acesso em: 29 abr. 2024.

BAKSHI, Nandini SEJVAR, James J. Influenza Vaccines and Guillain-Barré Syndrome In: CHATTERJEE, Archana. **Vaccinophobia and Vaccine Controversies of the 21st Century**. New York, NY: Springer, 2013.

BARIFOUSE, Rafael. Por que o H1N1 não parou economias como a pandemia de coronavírus? **BBC News Brasil**, São Paulo, 30 mar. 2020. Seção Internacional. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-52078906>. Acesso em: 19 fev. 2025.

BARONE, M. *et al.* The impact of Covid-19 on people with diabetes in Brazil. **Diabetes Research and Clinical Practice**, v. 166, 108304, 2020.

BARROS FILHO, Clovis de. **Ética na comunicação**. São Paulo: Summus, 2003.

BAUMAN, Zygmunt; LYON, David. **Vigilância líquida**. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

BBC News. 2 momentos em que Bolsonaro chamou Covid-19 de 'gripezinha', o que agora nega. **BBC News Brasil**, 27 nov. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-55107536>. Acesso em 08 jun 2025.

BBC News. A misteriosa pneumonia que preocupa a China. **BBC News Brasil**, São Paulo, 6 jan. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-51013748>. Acesso em: 8 jan. 2025.

BÉDARIDA, François. Tempo presente e presença da história. In: FERREIRA, Marieta de Moraes, AMADO, Janaína (orgs.) **Usos e abusos da história oral**. 5. ed. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2002. p. 219-229.

BEHNKE, Emilly. “Vacina tem comprovação científica?”, diz Bolsonaro ao defender cloroquina. **Poder 360**. 9 jun. 2021. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/governo/em-culto-bolsonaro-defende-tratamento-precoce-e-volta-a-questionar-vacinas/>. Acesso em: 10 jan. 2024.

BENCHIMOL, Jaime Larry (coord.). **Febre amarela: a doença e a vacina, uma história inacabada**. Rio de Janeiro: Bio-Manguinhos; Editora Fiocruz, 2001.

BENTO, Maria Aparecida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BERTONI, Estevão. 7 pontos-chaves para entender o caso Prevent Senior. **Nexo Jornal**. 22 set. 2021. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2021/09/22/7-pontos-chaves-para-entender-o-caso-da-prevent-senior>. Acesso em: 7 mar. 2024

BIERNATH, André. Covid: quanto tempo dura imunidade após infecção. **BBC News Brasil**, Londres, 11 jul. 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-62098817>. Acesso em: 7 mar. 2025.

BISPO JÚNIOR J. P.; SANTOS D. B. Covid-19 como sindemia: modelo teórico e fundamentos para a abordagem abrangente em saúde. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 37, e00119021, 2021.

BOBBIO, Norberto. **Liberalismo e democracia**. Tradução de Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: Edipro, 2017.

BOWDEN, Ebony. Chinese virologist in hiding after accusing Beijing of coronavirus cover-up. **New York Post**, Nova York, 10 jul. 2020. Disponível em: <https://nypost.com/2020/07/10/chinese-virologist-flees-after-accusing-beijing-of-Covid-19-cover-up/>. Acesso em: 3 mai. 2024.

BOWLEG, L. We're not all in this together: on Covid-19, intersectionality, and structural inequality. **American Journal of Public Health**, v. 110, p. 917, 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Articulação Interfederativa. **Temático Saúde da População Negra**. Brasília: Ministério da Saúde, 2016. 82 p. il. (Painel de Indicadores do SUS; v. 7, n. 10).

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa e ao Controle Social. **Óbitos por suicídio entre adolescentes e jovens negros: 2012 a 2016**. Brasília: Ministério da Saúde, 2018. Realização: Universidade de Brasília; Observatório de Saúde de Populações em Vulnerabilidade.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde e Ambiente. **Guia de vigilância integrada da Covid-19, influenza e outros vírus respiratórios de importância em saúde pública** [recurso eletrônico]. Brasília: Ministério da Saúde, 2024. Disponível em: [http://bvsm.sau.gov.br/bvs/publicacoes/guia\\_vigilancia\\_integrada\\_Covid19\\_Influenza.pdf](http://bvsm.sau.gov.br/bvs/publicacoes/guia_vigilancia_integrada_Covid19_Influenza.pdf). Acesso em: 19 fev. 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Segurança das vacinas: Eventos Supostamente Atribuíveis à Vacinação ou Imunização (ESAVI)**. [S. l.: s. n.], [s. d.]. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/vacinacao/esavi>. Acesso em: 22 maio 2024.

BRASIL. Secretaria da Comunicação Social. **Mais de 88% dos brasileiros com cinco anos ou mais tomaram ao menos duas doses de vacina contra Covid-19 até o início de 2023**. 24 maio 2024. Disponível em: <<http://www.gov.br/secom/pt-br/assuntos/noticias/2024/05/mais-de-88-dos-brasileiros-com-cinco-anos-ou-mais-tomaram-ao-menos-duas-doses-de-vacina-contr-covid-19-ate-o-inicio-de-2023>> Acesso em: 30 jan. 2025.

BROUILLETTE, M; RENNER, R. Por que informações falsas sobre a origem da Covid-19 continuam viralizando nas redes sociais. **National Geographic**, 20 set. 2020. Seção Ciência. Disponível em: <https://www.nationalgeographicbrasil.com/ciencia/2020/09/fake-news-noticias-falsas-origem-da-Covid-19-china-coronavirus-redes-sociais>. Acesso em: 30 jan. 2024.

BROWN, A.L. *et al.* Vaccine confidence and hesitancy in Brazil. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 34, n. 9, e00011618, set. 2018. DOI: 10.1590/0102-311X00011618. PMID: 30281705.

BROWN, Wendy. **Nas ruínas do neoliberalismo**. São Paulo: Editora Filosófica Politeia, 2019, 256 p.

BROWN, Wendy. O Frankenstein do neoliberalismo: liberdade autoritária nas “democracias” do século XXI. In: ALBINO, C.; OLIVEIRA, J.; MELO, M. (org.). **Neoliberalismo, neoconservadorismo e crise em tempos sombrios**. Edição eletrônica. Recife: Editora Seriguêla, 2021.

BURKE, Edmund. **Reflexões sobre a Revolução na França**. Tradução de Mario G. Schirmer. São Paulo: Editora Unesp, 2017.

BUTANTAN. **Maioria dos municípios brasileiros não atingiu a meta de cobertura para vacinas do calendário infantil em 2023**. 23 fev. 2024. Disponível em: <<https://butantan.gov.br/noticias/maioria-dos-municipios-brasileiros-nao-atingiu-a-meta-de-cobertura-para-vacinas-do-calendario-infantil-em-2023>> Acesso em 30 jan. 2025.

CA, Angélica. Virologista que fugiu da China afirma que regime chinês mente sobre origem do vírus de Wuhan. **Crítica Nacional**: 16 out. 2020. Disponível em: <https://criticanacional.com.br/2020/09/16/virologista-que-fugiu-da-china-afirma-que-regime-chines-mente-sobre-origem-do-virus-de-wuhan/>. Acesso em: 27 mar. 2024.

CALDEIRA NETO, O. Frente nacionalista, neofascismo e novas “direitas” no Brasil. **Faces de Clio**, [S. l.], v. 2, n. 4, p. 20-36, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/facesdeclio/article/view/26614>. Acesso em: 15 jun. 2025.

CALIL, Gilberto. Olavo de Carvalho e a ascensão da extrema-direita. **Argumentum**, Vitória, v. 13, n. 2, p. 64–81, maio/ago. 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/argumentum/article/view/34166>. Acesso em: 13 jun. 2025.

CALY, Leon *et al.* The FDA-approved drug ivermectin inhibits the replication of Sars-CoV-2 in vitro. **Antiviral Research**, v. 178, p. 104787, jun. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.antiviral.2020.104787>. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7129059/>. Acesso em: 1 ago. 2025.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. Número de deputados pretos e pardos aumenta 8,94%, mas é menor que o esperado. **Agência Câmara de Notícias**. 3 out. 2022. Disponível em:

<<https://www.camara.leg.br/noticias/911743-numero-de-deputados-pretos-e-pardos-aumenta-894-mas-e-menor-que-o-esperado/>> Acesso em: 25 de mar 2024.

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO. Comissão Parlamentar de Inquérito para analisar e investigar todas as ações da empresa Prevent Senior realizadas no âmbito do Município de São Paulo com a finalidade de enfrentar a Covid-19 (**Processo nº 0042-2021**). **Relatório final**, São Paulo, 4 abr. 2022. Disponível em: <https://www.saopaulo.sp.leg.br/wp-content/uploads/2022/04/Relatorio-Final-Parte-II-04abr22.pdf>. Acesso em: 6 out 2023.

CAMARGO JR. K R. Lá vamos nós outra vez: a reemergência do ativismo antivacina na Internet. **Caderno de Saúde Pública**, v. 36, supl. 2, 2020.

CANAL MIGALHAS. Governo lança campanha "**O Brasil não pode parar**". 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hQQZE7LQIGk>. Acesso em: 1 abr. 2025.

CARNEIRO, M. F. H. *et al.* Thimerosal induces apoptotic and fibrotic changes to kidney epithelial cells in vitro. **Environmental Toxicology**, v. 30, n. 12, p. 1423-1433, 2015.

CARRO, Rodrigo. Digital News Report 2024: Brasil. **Oxford: Instituto Reuters para Estudos de Jornalismo**, 17 jun. 2024. Disponível em: <https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/es/digital-news-report/2024/brasil>. Acesso em: 15 abr. 2024.

CARVALHO, Rone. As doenças que podem aumentar no Brasil com as mudanças climáticas. **BBC News Brasil**, São José do Rio Preto, 11 dez. 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cjrj177ddxo>. Acesso em: 27 mar. 2024

CASTELLS, Manuel. **Ruptura: a crise da democracia liberal**. Rio de Janeiro: Zahar, 1 ed., 2018, 152 p.

CASTRO, Patrícia. Covid-19, vacinas e máscaras: ser idiota agora é a regra. **Mídia sem Máscara**. 26 jan. 2021. Disponível em: <https://midiasemmascara.net/Covid-19-vacinas-e-mascaras-ser-idiota-agora-e-a-regra/>. Acesso em: 27 fev. 2024.

CASTRO, Patrícia. Liberdade sufocada: o grito dos inconformados e o silêncio dos covardes. **Mídia sem Máscara**. 3 dez. 2020. Disponível em: <https://midiasemmascara.net/liberdade-sufocada-o-grito-dos-inconformados-e-o-silencio-dos-covardes/>. Acesso em: 1 fev. 2024.

CESARINO, Letícia. Identidade e representação no bolsonarismo: corpo digital do rei, bivalência conservadorismo-neoliberalismo e pessoa. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v.

62, n. 3, p. 530–557, set./dez. 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.11606/2179-0892.ra.2019.157036>. Acesso em: 4 ago. 2023.

CESARINO, Letícia. **O mundo do avesso**: verdade e política na era digital. São Paulo: Ubu Editora, 2022. 304 p.

CHACCOUR, Carlos *et al.* The effect of early treatment with ivermectin on viral load, symptoms and humoral response in patients with non-severe Covid-19: a pilot, randomized, double-blind, placebo-controlled clinical trial. **EClinicalMedicine**, v. X, p. 100720, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.eclinm.2020.100720>. Acesso em: 1 ago. 2023.

CHAGAS, Viktor. Meu malvado favorito: os memes bolsonaristas de WhatsApp e os acontecimentos políticos no Brasil. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 34, n. 72, p. 169-196, jan./abr. 2021.

CHAKRABARTY, Dipesh. O clima da história: quatro teses. In: **Sopro**, n. 91, Florianópolis. 2013. p. 4-22.

CHAKRABORTY, Barnini; DIAZ, Alex. EXCLUSIVE: Chinese virologist accuses Beijing of cover-up: 'I know how they treat whistleblowers'. **Fox News**, 10 jul. 2020. Seção World. Disponível em: <https://www.foxnews.com/world/chinese-virologist-coronavirus-cover-up-flee-hong-kong-whistleblower>. Acesso em: 3 mai. 2024.

CHALHOUB, Sidney. **Cidade Febril**: cortiços e epidemias na Corte Imperial. São Paulo: Companhia das Letras, 1 ed., 1996, 272 p.

CHALOUB, Jorge. Uma obra entre o reacionarismo e o conservadorismo: o pensamento de Olavo de Carvalho. **Dois pontos: Revista de filosofia**, Curitiba; São Carlos, v. 19, n. 2, p. 78-96, jul. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.5380/dp.v19i2.87162>. Acesso em: 13 jun. 2025.

CHALOUB, J. *et al.* Direitas no Brasil contemporâneo. **Teoria e Cultura**, Juiz de Fora, v. 13, n. 2, p. 9-21, dez. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.34019/2318-101X.2018.v13.13988>. Acesso em: 13 jan. 2025.

CHAUÍ, Marilena. Discurso Competente. In: **Cultura e Democracia**: o discurso competente e outras falas. São Paulo: Cortez Editora, p. 3-13, 1989.

CHAUMONT, C. *et al.* The Sars-CoV-2 crisis and its impact on neglected tropical diseases: threat or opportunity? **PLoS Neglected Tropical Diseases**, v. 14, e0008680, 2020.

CHAUMONT, Hugo; LANNUZEL, Annie. Les manifestations neurologiques des arboviroses. **Pratique Neurologique**, v. 14, n. 6, p. 380–386, 2020.

CONSELHO FEDERAL DE FARMÁCIA (CFF). Estudo que promoveu a cloroquina contra a Covid-19 é ‘despublicado’: falhas na metodologia e preocupações com a revisão e aprovação ética do estudo motivam a retratação de pesquisa que envolvia o tratamento da Covid-19. **Conselho Federal de Farmácia**, 19 dez. 2024. Disponível em: <https://site.cff.org.br/noticia/Noticias-gerais/19/12/2024/estudo-que-promoveu-a-cloroquina-contra-a-Covid-19-e-despublicado->. Acesso em: 1 ago. 2023.

CONTRAFATOS. Bill Gates prevê que a vacinação contra a Covid-19 produzirá 700.000 vítimas. **ContraFatos**, 31 jan. 2021. Disponível em: <https://www.contrafatos.com.br/bill-gates-preve-que-a-vacinacao-contra-a-covid-19-produzira-700-000-vitimas/>. Acesso em: 4 ago. 2025.

CONTRAFATOS. 46 residentes em uma casa de repouso espanhola morrem um mês após receber a vacina contra Covid-19. **ContraFatos**, 16 fev. 2021. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20210216005546/https://www.contrafatos.com.br/46-residentes-em-uma-casa-de-reposo-espanhola-morrem-um-mes-apos-receber-a-vacina-contra-Covid-19/>. Acesso em 27 fev. 2024.

CONTRAFATOS. Especialistas médicos revelam estudo sobre a eficácia milagrosa da ivermectina. **ContraFatos**, 17 dez. 2020. Disponível em: <https://www.contrafatos.com.br/especialistas-medicos-revelam-estudo-sobre-a-eficacia-milagrosa-da-ivermectina/>. Acesso em: 27 fev. 2024.

CONTRAFATOS. Estudo: a vacina DTP de Bill Gates matou dez vezes mais crianças africanas do que a própria doença. **ContraFatos**, 6 jan. 2021. Disponível em: <https://www.contrafatos.com.br/estudo-a-vacina-dtp-de-bill-gates-matou-dez-vezes-mais-criancas-africanas-do-que-a-propria-doenca/>. Acesso em: 3 ago. 2025.

CORMAN, V. M. *et al.* Highly diversified coronaviruses in neotropical bats. **Journal of General Virology**, v. 94, n. 9, p. 1984-1994, set. 2013.

COSTA, Alexandre. Prefácio. In: NOELLE-NEUMANN, Elisabeth. A Espiral do Silêncio. Opinião pública: nosso tecido social. Tradução, apresentação e notas de Cristian Derosa. Florianópolis: **Estudos Nacionais**, p. 6-7, 2017.

CRÍTICA NACIONAL. Quem somos. 2020. Página recuperada pela pesquisadora em: <https://web.archive.org/web/20200417064836/https://criticanacional.com.br/quem-somos/>. Acesso em: 10 nov. 2023.

CRUZ, J. *et al.* Risk of a syndemic between Covid-19 and dengue fever in southern Mexico. **Gaceta Médica de México**, v. 156, p. 460-464, 2020.

CUNHA, Renato. Milhares de cientistas denunciam fraude da pandemia de Covid-19 e riscos do isolamento. **Stylo Urbano**, 9 out. 2020. Disponível em: <https://www.stylourbano.com.br/milhares-de-cientistas-denunciam-fraude-da-pandemia-de-Covid-19-e-riscos-do-isolamento/>. Acesso em: 5 mar. 2025.

CUNHA, Renato. Dr. Alessandro Loiola fala sobre o equívoco do lockdown e vacinação obrigatória. **Stylo Urbano**, 4 dez. 2020. Disponível em: <<https://www.stylourbano.com.br/dr-alessandro-loiola-fala-sobre-o-equivoco-do-lockdown-e-vacinacao-obrigatoria/>> Acesso em: 10 nov. 2023.

CUNHA, Renato. Itália libera tratamento precoce para Covid com hidroxicloroquina. **Stylo Urbano**, 12 dez. 2020. Disponível: <https://www.stylourbano.com.br/italia-libera-tratamento-precoce-para-Covid-com-hidroxicloroquina/>. Acesso aqui: 27 fev. 2025.

CUNHA, Renato. Cientistas encontraram produtos químicos tóxicos em máscaras faciais descartáveis. **Stylo Urbano**, 10 abr. 2021. Disponível em: <https://www.stylourbano.com.br/cientistas-encontraram-produtos-quimicos-toxicos-em-mascaras-faciais-descartaveis/>. Acesso em: 24 fev. 2025.

CUNHA, Renato. A teoria do grafeno em vacinas está sendo confirmada por mais universidades e cientistas. **Stylo Urbano**, 21 jul. 2021. Disponível em: <<https://www.stylourbano.com.br/a-teoria-do-grafeno-em-vacinas-esta-sendo-confirmada-por-mais-universidades-e-cientistas/>> Acesso em: 10 nov. 2023.

CUNHA, Renato. Entidades malignas de vacinas e espíritos presos à Terra: A batalha espiritual pela humanidade. **Stylo Urbano**, 22 mar. 2025. Disponível em: <<https://www.stylourbano.com.br/entidades-malignas-de-vacinas-e-espiritos-presos-a-terra-a-batalha-espiritual-pela-humanidade/>> Acesso em: 30 abr. 2025.

DANTAS, Carolina. Taxa de letalidade do Sars-Cov-2 é maior que a da gripe, mas é a menor da família coronavírus; veja comparativos. **G1**, 14 mar. 2020. Seção Bem-Estar. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/03/14/taxa-de-letalidade-do-Sars-cov-2-e-maior-que-a-da-gripe-mas-e-a-menor-da-familia-coronavirus-veja-comparativos.ghtml>. Acesso em: 4 mar. 2024.

DAVEY, Melissa. Huge study supporting ivermectin as Covid treatment withdrawn over ethical concerns. **The Guardian**, 15 jul. 2021. Disponível em: <https://www.theguardian.com/science/2021/jul/16/huge-study-supporting-ivermectin-as-Covid-treatment-withdrawn-over-ethical-concerns>. Acesso em: 23 jan. 2025.

DAVIS, R. L. *et al.* Measles-mumps-rubella and other measles-containing vaccines do not increase the risk for inflammatory bowel disease: a case control study. **Archives of Pediatrics & Adolescent Medicine**, [S.l.], v. 155, p. 354-359, 2001.

DE CAMARGO, M. R. *et al.* Pesticide dichorvos induces early solid Ehrlich tumoral development associated with a non-protective pro-inflammatory response. **Environmental Science and Pollution Research**, v. 25, p. 7681-7687, 2018. DOI: 10.1007/s11356-017-1104-x. Disponível em: DOI: 10.1007/s11356-017-1104-x. Acesso em: 12 mar. 2024.

DE STEFANO, F. *et al.* Increasing exposure to antibody-stimulating proteins and polysaccharides in vaccines is not associated with risk of autism. **Journal of Pediatrics**, [S.l.], v. 163, p. 561-567, 2013.

DE STEFANO, F.; WEINTRAUB, E. S. Hepatitis B vaccination and risk of multiple sclerosis. **Pharmacoepidemiology and Drug Safety**, Chichester, v. 16, p. 705-708, 2007.

DELASALAS, H. C.; Hopp, R. J. Autoimmunity, Allergies and Asthma: A Relationship to Vaccines? In: CHATTERJEE, Archana. **Vaccinophobia and Vaccine Controversies of the 21st Century**. New York, NY: Springer, 2013.

DEROSA, Cristian M. O discurso das mudanças climáticas no Diário Catarinense. 2013. 173 f. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) – **Universidade Federal de Santa Catarina**, Florianópolis, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/123134>. Acesso em: 27 maio 2025.

DEROSA (a), Cristian. Cristofobia: ateísmo militante matou 12 milhões de cristãos na URSS. **Estudos Nacionais**, 15 jan. 2020. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20200118063633/https://www.estudosnacionais.com/20702/cristofobia-ateismo-militante-matou-12-milhoes-de-cristaos-na-urss/>. Acesso em: 16 jul. 2025.

DEROSA (b), Cristian. Homenagem a Marielle Franco em Florianópolis revolta catarinenses nas redes sociais. **Estudos Nacionais**, 25 nov. 2020. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20201125130941/https://www.estudosnacionais.com/30019/homenagem-a-marielle-franco-em-florianopolis-revolta-catarinenses-nas-redes-sociai>. Acesso em: 16 jul. 2025.

DEROSA (a), Cristian. O lobby e a ideologia que tenta impedir o homeschooling de avançar no Congresso. **Estudos Nacionais**, 12 fev. 2022. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20220929170342/https://www.estudosnacionais.com/35903/o-lobby-e-a-ideologia-que-tenta-impedir-o-homeschooling-de-avancar-no-congresso/>. Acesso em: 16 jul. 2025.

DEROSA (b), Cristian. Como identificar um nazista? Os símbolos, gestos e palavras proibidos pela lei estão longe de identificar os verdadeiros nazistas. **Estudos Nacionais**, 12 fev. 2022. Disponível em:

<https://web.archive.org/web/20220531210043/https://www.estudosnacionais.com/35394/com-o-identificar-um-nazista/>. Acesso em: 16 jul. 2025.

DEROSA, Cristian. **A transformação social**. São Paulo: Estudos Nacionais, 2016.

DEROSA, Cristian. Apresentação. In: NOELLE-NEUMANN, Elisabeth. **A Espiral do Silêncio**. Opinião pública: nosso tecido social. Tradução, apresentação e notas de Cristian Derosa. Florianópolis: Estudos Nacionais, 2017. p. 6-7.

DEROSA, Cristian. **Fake News**: fingindo fazer jornalismo. São Paulo: Estudos Nacionais, 2019.

DEROSA, Marlon (Org.). **Precisamos falar sobre**: mitos e verdades. São Paulo: Estudos Nacionais, 2018.

DEROSA, Marlon. Jornais incentivam aborto com pesquisa encomendada por clínicas de aborto e fundações. **Estudos Nacionais**, 16 jan. 2020. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20200118063633/https://www.estudosnacionais.com/20774/jornais-incentivam-aborto-com-pesquisa-encomendada-por-clinicas-de-aborto-e-fundacoes/>. Acesso em: 16 jul. 2025.

DEROSA, Marlon; GARCIA, Lenise. **Abortos forçados**: como a legalização do aborto tira das mulheres seus direitos reprodutivos. São Paulo: Estudos Nacionais, 2019.

DOSSE, François. História do tempo presente e historiografia. **Revista Tempo e Argumento**, vol. 4, núm. 1, jan./jun., Florianópolis: 2012, pp. 5-23.

DPEPR. Quais são os limites da Liberdade de Expressão? **Defensoria Pública do Estado do Paraná**. 23 mar. 2023. Disponível em: <https://www.defensoriapublica.pr.def.br/Noticia/Quais-sao-os-limites-da-Liberdade-de-Expressao>. Acesso em: 10 jan. 2025.

ECO, Umberto. **Interpretação e superinterpretação**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

EDITORIA MSM. Covid-19 e os globalistas: médica cura 350 pessoas com hidroxiclороquina e é censurada nas redes sociais. **Mídia sem Máscara**. 5 ago. 2020. Disponível em:

<https://midiasemmascara.net/Covid-19-e-os-globalistas-medica-cura-350-pessoas-com-hidroxicloroquina-e-e-censurada-nas-redes-sociais/#comments>. Acesso em: 8 fev. 2024.

EFE. Trump diz que vírus foi criado em laboratório na China e a ameaça com tarifas. 1 maio 2020. **Portal UOL**. Seção Economia. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/efe/2020/05/01/trump-diz-que-virus-foi-criado-em-laboratorio-na-china-e-a-ameaca-com-tarifas.htm>. Acesso em: 25 maio 2024.

EMPOLI, Giuliano da. **Os engenheiros do caos**. Tradução Arnaldo Bloch. 1 ed., São Paulo: Vestígio, 2021.

ENEAS, Paulo. Quem quer salvar vidas e preservar empregos e quem são os abutres sociais que apostam no caos e na desesperança. **Crítica Nacional**, 7 abr. 2020. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20200408070532/https://criticanacional.com.br/2020/04/07/quem-quer-salvar-vidas-e-preservar-empregos-e-quem-sao-os-abutres-sociais-que-apostam-no-caos-e-na-desesperanca/>. Acesso em: 24 fev. 2024.

ERMAN, George. Da varíola à Covid-19, a história dos movimentos antivacina pelo mundo. **BBC Brasil**, 15 jan. 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-59867755>. Acesso em: 30 ago 2023.

EROKHIN, V.; GAO, T. Impacts of Covid-19 on trade and economic aspects of food security: evidence from 45 developing countries. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, v. 17, 2020, p. 5775. DOI: 10.3390/ijerph17165775.

ESPER, Rodrigo *et al.* Empirical treatment with hydroxychloroquine and azithromycin for suspected cases of Covid-19 followed-up by telemedicine. **Prevent Senior Institute**: São Paulo, 15 abr. 2020. Disponível em: <https://static.poder360.com.br/2020/04/2020.04.15-journal-manuscript-final.pdf>. Acesso em: 28 jan. 2024.

ESTRELA, F. M. *et al.* Pandemia da Covid-19: Refletindo as vulnerabilidades à luz do gênero, raça e classe. **Ciência & Saúde Coletiva**, maio 2020. Disponível em: <http://cienciaesaudecoletiva.com.br/artigos/pandemia-da-covid-19-refletindo-as-vulnerabilidades-a-luz-do-genero-raca-e-classe/17581>. Acesso em: 25 jan. 2024.

ESTUDOS NACIONAIS. Ativismo judicial. São Paulo: **Estudos Nacionais**, edição especial, 2018.

ESTUDOS NACIONAIS. Esquerda em dólares. São Paulo: **Estudos Nacionais**, edição especial, 2018.

ESTUDOS NACIONAIS. Fake News. São Paulo: **Estudos Nacionais**, edição especial, 2018.

ESTUDOS NACIONAIS. Gênero e pedofilia. São Paulo: **Estudos Nacionais**, edição especial, 2017.

ESTUDOS NACIONAIS. Quem somos. Página indisponível em: <https://www.estudosnacionais.com/>. Arquivado em: 19 abr. 2021 pela pesquisadora.

FAENELLO, Daniele. "Não é só por 20 centavos": movimento passe livre e as jornadas de junho de 2013 nas páginas da Veja e Folha de S. Paulo. Dissertação de Mestrado, **Universidade Estadual de Maringá**, Maringá, 2018.

FARRINGTON, C. P. *et al.* **MMR and autism: further evidence against a causal association.** *Vaccine*, [S.l.], v. 19, p. 3632–3635, 2001.

FDA. Thimerosal and Vaccines. jan. 2018. Safety & Availability (Biologics). Disponível em: <https://www.fda.gov/vaccines-blood-biologics/safety-availability-biologics/thimerosal-and-vaccines>. Acesso em: 29 jan. 2023.

FELIX, Paula. “Fraudemia”, esquerdistas, lockdown e vacinas – informações e reflexões rápidas. **Mídia sem Máscara**: 9 ago. 2020. Disponível em: <https://midiasemmascara.net/fraudemia-esquerdistas-lockdown-e-vacinas-informacoes-e-reflexoes-rapidas/>. Acesso em: 10 nov. 2023.

FERNANDES, Florestan. **Democracia e desenvolvimento**: A transformação da Periferia e o Capitalismo Monopolista da Era Atual. São Paulo: Hucitec, 1994.

FERNANDES, Florestan. **A revolução burguesa no Brasil**: ensaios de interpretação sociológica. São Paulo: Globo, 5 ed., 2006.

FERNANDES, Maíra. Brasil chegou a mais de 900 mil presos durante a Covid-19. **Conjur**, 8 jun. 2022, 14h54. Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2022-jun-08/escritos-mulher-sistema-prisional-durante-covid/>. Acesso em: 12 jul. 2024.

FERNANDES, T. M. D. Vacina antivariólica: seu primeiro século no Brasil (da vacina jenneriana à animal). **História, Ciências, Saúde - Manguinhos**, VI: 29-51, mar.-jun. 1999.

FERNANDES, T. M. D. Imunização antivariólica no século XIX no Brasil: inoculação, variolização, vacina e revacinação. **História, Ciências, Saúde - Manguinhos**, vol. 10 (suplemento 2): 461-74, 2003.

FERNANDES, T. M. D. *et al.* Variola e vacina no Brasil no século XX: institucionalização da educação sanitária. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p. 479-489, fev. 2011.

FERNÁNDEZ-GARCÍA, S. *et al.* Effectiveness and safety of Covid-19 vaccines on maternal and perinatal outcomes: a systematic review and meta-analysis. **BMJ Global Health**, v. 9, n. 4, e014247, 2024. DOI: 10.1136/bmjgh-2023-014247.

FERRARI, Isaura W. *et al.* "Tratamento precoce", antivacinação e negacionismo: quem são os Médicos pela Vida no contexto da pandemia de Covid-19 no Brasil? **Ciência & Saúde Coletiva**, [S.l.], v. 27, n. 11, p. 3921-3931, nov. 2022. Disponível em: DOI: [10.1590/1413-812320222711.09282022](https://doi.org/10.1590/1413-812320222711.09282022). Acesso em: 9 mar. 2024.

FERREIRA, Igor. Segurança alimentar nos domicílios brasileiros volta a crescer em 2023. **Agência IBGE Notícias**, 25 abr. 2024. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/39838-seguranca-alimentar-nos-domicilios-brasileiros-volta-a-crescer-em-2023>. Acesso em: 10 jul. 2024.

FERREIRA, Marieta de M. História do tempo presente: desafios. **Cultura Vozes**, Petrópolis, v. 94, n. 3, p. 111-124, maio/jun., 2000.

FEUER, A. *et al.* Steve Bannon is charged with fraud in we build the wall campaign. **New York Times**. 8 out. 2021. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2020/08/20/nyregion/steve-bannon-arrested-indicted.html>. Acesso em: 11 jul. 2024.

FLOSS, M. *et al.* Linha do tempo do “tratamento precoce” para Covid-19 no Brasil: desinformação e comunicação do Ministério da Saúde. **Interface (Botucatu)**, v. 27, p. e210693, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/interface.210693>. Acesso em: 10 fev. 2025.

FOLHA DE SÃO PAULO. Relembre o que Bolsonaro já disse sobre a pandemia, de gripezinha e país de maricas a frescura e mimimi. São Paulo e Brasília, 5 mar. 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/03/relembre-o-que-bolsonaro-ja-disse-sobre-a-pandemia-de-gripezinha-e-pais-de-maricas-a-frescura-e-mimimi.shtml>. Acesso em: 3 abr. 2024.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

FRIEDMAN, Milton. **Capitalismo e liberdade**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 2004.

GALTUNG, Johan. Violence, Peace and Peace Research. **Journal of Peace Research**, v. 6, n. 3, p. 167–191, 1969. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/002234336900600301>. Acesso em: 15 dez. 2024.

GAO, G. *et al.*. Surveillance of Sars-CoV-2 in the environment and animal samples of the Huanan Seafood Market. 25 fev. 2022. *PREPRINT* (Version 1). DOI: 10.21203/rs.3.rs-1370392/v1. Disponível em: <https://doi.org/10.21203/rs.3.rs-1370392/v1>. Acesso em: 9 jan. 2025.

GAUSMAN, Jessica; LANGER, Ana. Sex and Gender Disparities in the Covid-19 Pandemic. **Journal of Women's Health**, v. 29, n. 4, p. 465–466, 2020. Disponível em: <https://www.liebertpub.com/doi/10.1089/jwh.2020.8472>. Acesso em: 4 nov. 2024.

GAZETA DO POVO. Campanha do governo que vai contra recomendação da Saúde vai custar R\$ 4,8 milhões. **Gazeta do Povo**, 27 mar. 2020. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/republica/breves/campanha-o-brasil-nao-pode-parar-contra-oms/>. Acesso em: 2 mar. 2024.

GAZÊTA, Arlene A. B. Uma Contribuição à História do Combate à Varíola no Brasil: do Controle à Erradicação. 2006. 232 f. Tese de Doutorado em História das Ciências e da Saúde, **Fundação Oswaldo Cruz**, Casa de Oswaldo Cruz, Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde, Rio de Janeiro.

GONZAGA, Julio. Disney revela o primeiro personagem principal gay no desenho animado “Out”. **Estudos Nacionais**, 25 maio 2020. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20200603074820/https://www.estudosnacionais.com/24735/disney-revela-o-primeiro-personagem-principal-gay-no-desenho-animado-out/>. Acesso em: 16 jul. 2025.

GONZAGA, Julio. Para conter as “mudanças climáticas”, Alemanha prepara o fechamento de usinas de carvão em todo o país. **Estudos Nacionais**, 16 jan. 2021. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20200118063633/https://www.estudosnacionais.com/20761/para-conter-as-mudancas-climaticas-alemanha-prepara-o-fechamento-de-usinas-de-carvao-em-todo-o-pais/>. Acesso em: 16 jul. 2025.

GONZALES, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: **Revista Ciências Sociais Hoje**, Anpocs, p. 223-244, 1984.

GORDON, Michael R; Warren, STROBEL. Lab leak most likely origin of Covid-19 pandemic, Energy Department now says. **The Wall Street Journal**, Washington DC, 26 fev. 2023. Disponível em: <https://www.wsj.com/articles/Covid-origin-china-lab-leak-807b7b0a>. Acesso em: 13 jan. 2025.

GOVINDA, Leandro G. M. "Fraudemia" desmascarada: Acorde, estamos em guerra! **Mídia sem Máscara**, 24 out. 2020. Disponível em: <https://midiasemmascara.net/fraudemia-desmascarada-acorde-estamos-em-guerra/>. Acesso em: 5 mar. 2025.

GRASSO, Mariana. Homem com doses completas de vacina é o 1º caso de sarampo do ano em SP. **CNN: São Paulo**. 19 abr. 2025. Disponível em: [https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/sudeste/sp/homem-com-doses-completas-de-vacina-e-o-1o-caso-de-sarampo-do-ano-em-sp/#:~:text=A%20Secretaria%20Municipal%20da%20Sa%C3%BAde,quinta%2Dfeira%20\(17\)](https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/sudeste/sp/homem-com-doses-completas-de-vacina-e-o-1o-caso-de-sarampo-do-ano-em-sp/#:~:text=A%20Secretaria%20Municipal%20da%20Sa%C3%BAde,quinta%2Dfeira%20(17).). Acesso em: 20 abr. 2025.

GUNDERSEN, C. *et al.* Food Insecurity during Covid-19. **Applied Economic Perspectives and Policy**, 2020. DOI: 10.1002/aepp.13100.

HAN, Byung-Chul. **Infocracia**: digitalização e a crise da democracia. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022.

HARISH, V. The syndemics of emergency: how Covid-19 demands a holistic view of public health promotion and preparedness. **American Journal of Public Health**, v. 111, p. 353-354, 2021.

HAYEK, Friedrich A. **O caminho da servidão**. São Paulo: Abril Cultural, 1987.

HAYWARD, G. et al. Ivermectin for Covid-19 in adults in the community (PRINCIPLE): an open, randomised, controlled, adaptive platform trial of short- and longer-term outcomes. **Journal of Infection**, v. 88, n. 4, p. e19-e21, abr. 2024. DOI: 10.1016/j.jinf.2024.02.003. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0195670124000598>. Acesso em: 3 ago. 2024.

HORTON, Richard. Covid-19 is not a pandemic. **The Lancet**. v. 396., 26 set 2020. Disponível em: [https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736\(20\)32000-6/fulltext](https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736(20)32000-6/fulltext). Acesso em: 2 abr. 2021.

IBGE. Censo 2022: rede de esgoto alcança 62,5% da população, mas desigualdades regionais e por cor e raça persistem. **Agência IBGE**. 23 fev. 2024. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de->

[noticias/noticias/39237-censo-2022-rede-de-esgoto-alcanca-62-5-da-populacao-mas-desigualdades-regionais-e-por-cor-e-raca-persistem](#). Acesso em: 9 nov. 2024.

IBGE. Segurança alimentar nos domicílios brasileiros volta a crescer em 2023. Agência de **Agência IBGE**, Rio de Janeiro, 25 abr. 2024. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/39838-seguranca-alimentar-nos-domicilios-brasileiros-volta-a-crescer-em-2023>. Acesso em: 3 ago. 2025.

INSTITUTO BUTANTAN. CoronaVac é usada em 45 países: entenda a distribuição da vacina que representa 25% de todos os imunizantes contra Covid-19. **Portal do Butantan**, 6 dez. 2021. Disponível em: <https://butantan.gov.br/noticias/coronavac-e-usada-em-45-paises-entenda-a-distribuicao-da-vacina-que-representa-25-de-todos-os-imunizantes-contr-Covid-19#:~:text=A%20China%20tomou%20a%20dianteira,de%20tr%C3%AAs%20a%2017%20anos>. Acesso em: 5 mar. 2025.

Instituto Estudos Nacionais. **Quem somos**. Disponível em: <https://www.estudosnacionais.com/quem-somos/> Acesso em 14 jun. 2025.

ISLAM, N. *et al.* Social inequality and the syndemic of chronic disease and Covid-19: county-level analysis in the USA. **Journal of Epidemiology and Community Health**, v. 75, p. 496-500, 2021.

JACOBSEN, Rowan. Inside the risky bat-virus engineering that links America to Wuhan. **MIT Technology Review**. 29 jun. 2021. Disponível em: <https://www.technologyreview.com/2021/06/29/1027290/gain-of-function-risky-bat-virus-engineering-links-america-to-wuhan/>. Acesso em: 4 ago. 2024

JOHNSON, Deborah G.; DIAKOPOULOS, Nicholas. Computing ethics: what to do about deepfakes. **Communications of the ACM**, v. 64, n. 3, p. 33-35, 2021. Disponível em: <https://dl.acm.org/doi/10.1145/3442271>. Acesso em: 28 abr. 2025.

JOHNSON, Ted. Just which outlets are Trump's 'enemy'? By his definition, there are many. **Variety**, 29 out. 2018. Disponível em: <https://variety.com/2018/politics/news/trumps-fake-news-media-enemy-of-the-people-1203012794/>. Acesso em: 3 ago. 2025.

KIRKBRIDE, J. B. *et al.* The social determinants of mental health and disorder: evidence, prevention and recommendations. **World Psychiatry**, v. 23, n. 1, p. 58-90, fev. 2024. DOI: 10.1002/wps.21160. PMID: 38214615; PMCID: PMC10786006.

KULLDORFF, M. *et al.* **Declaração De Great Barrington**. Out. 2020. Disponível em: <https://gbdeclaration.org/declaracao-de-great-barrington/>. Acesso em: 5 mar. 2025.

LACERDA, Caroline D.; CHAIMOVICH, Hernan. O que é imunidade de rebanho e quais as implicações? **Jornal da USP**, São Paulo, 6 ago. 2020. Disponível em: <https://jornal.usp.br/artigos/o-que-e-imunidade-de-rebanho-e-quais-as-implicacoes/>. Acesso em: 14 fev. 2024.

LATOURE, Bruno. **Onde aterrar?** Como se orientar politicamente no Antropoceno. Tradução de Marcela Vieira. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

LATOURE, Bruno. Para distinguir amigos e inimigos no tempo do Antropoceno. **Revista de Antropologia**, São Paulo: USP, v. 57, n. 1, 2014.

LELLIS, Leonardo. ‘Não me sinto intimidado’, diz empresário citado em inquérito no Supremo. **Veja**, São Paulo, 9 set. 2021. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/maquiavel/nao-me-sinto-intimidado-diz-empresario-citado-em-inquerito-no-supremo/>. Acesso em: 29 jul. 2025.

LEMOS, Carolyne S. Teologia da prosperidade e sua expansão pelo mundo. **Revista Eletrônica Espaço Teológico**, v. 11, n. 20, p. 80-96, jul./dez. 2017. ISSN 2177-952X.

LEVI, Guido C. **Recusa de vacinas:** causas e consequências. São Paulo: Segmento Farma, 2013.

LEWANDOWSKY, Stephan. Liberty and the pursuit of science denial. **Current Opinion in Behavioral Sciences**, v. 42, p. 65-69, dez. 2021. DOI: 10.1016/j.cobeha.2021.02.024. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.cobeha.2021.02.024>. Acesso em: 8 mar. 2025.

LOIOLA, Alessandro. Dúvidas genuinamente científicas sobre vacinas contra covid. **Crítica Nacional**. 24 jan 2021. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20210124164437/https://criticanacional.com.br/2021/01/24/duvidas-genuinamente-cientificas-sobre-vacinas-contracovid/>. Acesso em: 5 ago. 2023.

LOOMBA, S. *et al.* Measuring the impact of Covid-19 vaccine misinformation on vaccination intent in the UK and USA. **Nature Human Behaviour**, v. 5, p. 337–348, 2021. DOI: 10.1038/s41562-021-01056-1.

LOPES, Luciano R. Animais e a pandemia de Covid-19. Qual o envolvimento deles? São Paulo: **Escola Paulista de Medicina**, 21 set. 2022. Disponível em: <https://sp.unifesp.br/epm/noticias/animais-e-a-pandemia-de-Covid-19-qual-o-envolvimento-deles>. Acesso em: 2 mar. 2024.

LUND, C. *et al.* Poverty and common mental disorders in low and middle income countries: A systematic review. **Social Science & Medicine**, v. 71, n. 3, p. 517-528, 2010. DOI: 10.1016/j.socscimed.2010.04.027.

MACDONALD, N. E.; SAGE Working Group on Vaccine Hesitancy. Vaccine hesitancy: definition, scope and determinants. **Vaccine**, v. 33, n. 34, p. 4161-4164, 14 ago. 2015. DOI: 10.1016/j.vaccine.2015.04.036.

MARKOV, P. V. *et al.* The evolution of Sars-CoV-2. **Nature Reviews Microbiology**, 5 abr. 2023. v. 21, p. 361–379, 2023. DOI: 10.1038/s41579-023-00878-2. DOI: <https://doi.org/10.1038/s41579-023-00878-2>. Acesso em: 3 mar. 2024.

MARTINO, Luís M. S. **Teoria da comunicação**: ideias, conceitos e métodos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

MATHUR, Neha. What is Gain-of-Function Research? **News Medical Life Sciences**. 4 set. 2022. Disponível em: <https://www.news-medical.net/health/What-is-Gain-of-Function-Research.aspx#4>. Acesso em: 4 ago. 2024.

MELLO, Patrícia C. **A máquina do ódio**: Notas de uma repórter sobre fake news e violência digital. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

MENDEHALL, E. Syndemic Suffering: Social Distress, Depression, and Diabetes among Mexican Immigrant Women. **Routledge**, p. 146, 2012.

MENDEHALL, E. *et al.* Stress, diabetes, and infection: syndemic suffering at an urban Kenyan hospital. **Social Science & Medicine**, v. 146, p. 11-20, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.socscimed.2015.10.015>.

MENDEHALL, E. *et al.* Non-communicable disease syndemics: poverty, depression, and diabetes among low-income populations. **The Lancet**, v. 389, p. 951-963, 2017.

MÍDIA SEM MÁSCARA. Covid-19 e os globalistas: médica cura 350 pessoas com hidroxiclороquina e é censurada nas redes sociais. Editoria MSM. Última atualização em 5 ago. 2020. Disponível em: <https://midiasemmascara.net/Covid-19-e-os-globalistas-medica-cura-350-pessoas-com-hidroxiclороquina-e-e-censurada-nas-redes-sociais/>. Acesso em: 4 ago. 2023.

MODESTO, J. G. *et al.* Esgotamento profissional em tempos de pandemia e suas repercussões para o trabalhador. **Pegada: A Revista da Geografia do Trabalho**, v. 21, n. 2,

p. 376-391, 2020. Disponível em:  
<https://revista.fct.unesp.br/index.php/pegada/article/view/7727>. Acesso em: 28 abr. 2025.

MOREFIEL, Scott. O Covidstão deve ser varrido do mapa. **Mídia sem Máscara**: 21 jun. 2021. Disponível em: <https://midiasemmascara.net/Covidstao/>. Acesso em: 27 mar. 2024.

MORELLE, Rebecca. Vírus gigante de 30 mil anos 'volta à vida'. **BBC News**. 4 mar. 2014. Disponível em: [https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/03/140304\\_virus\\_bg](https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/03/140304_virus_bg). Acesso em: 5 nov. 2021.

NAGGIE, Susanna *et al.* Effect of ivermectin vs placebo on time to sustained recovery in outpatients with mild to moderate Covid-19: a randomized clinical trial. **JAMA**, v. 328, n. 16, p. 1595–1603, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1001/jama.2022.18590>.

NEMETZ, Luiz C. Disrupção digital e a velha mídia esquerdista: um fim anunciado. **Jornal da Cidade Online**, 11 set. 2021. Disponível em:  
<https://www.jornaldacidadeonline.com.br/noticias/32771/disrupcao-digital-e-a-velha-midia-esquerdista-um-fim-anunciado>. Acesso em: 4 jun. 2024.

NETTO, Leila E. **O conservadorismo clássico**: elementos de caracterização e crítica. São Paulo: Cortez, 2011.

NOBRE, R. *et al.* Hesitação e recusa vacinal em países com sistemas universais de saúde: uma revisão integrativa sobre seus efeitos. **Saúde em Debate**, Rio de Janeiro, v. 46, n. especial 1, p. 303-321, mar. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-11042022E121>. Acesso em: 28 abr. 2025.

**O CASO Prevent Senior**. Direção de Álvaro Pereira Júnior. Roteiro: Gabriel Mitani. [S. l.]: Globoplay, 2021. Colorido. Disponível em:  
<https://globoplay.globo.com/v/10131649/programa/>. Acesso em: 1 ago. 2023.

O GLOBO. Guru da cloroquina, Didier Raoult, tem registro da medicina cassado; veja quem é: ele não poderá mais exercer medicina a partir de 1º de fevereiro de 2025. **O Globo**: Rio de Janeiro, 2024. Com agências internacionais. Disponível em:  
<https://oglobo.globo.com/saude/noticia/2024/10/04/guru-da-cloroquina-didier-raoult-tem-registro-da-medicina-cassado-e-cientistas-comemoram-veja-quem-e.ghtml>. Acesso em: 1 ago. 2023.

OFFIT, Paul. The Cutter Incident - How America's First Polio Vaccine Led to the Growing Vaccine Crisis. **Yale University Press**: USA, 2005.

OLEWE, Dickens. Stella Immanuel: DNA alienígena, bruxas e cloroquina, o que pensa médica elogiada por Trump após vídeo viral. **BBC News**. 30 jul. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-53594182>. Acesso em: 8 fev. 2024.

OLIVE, Kaelaine. As causas da imunidade natural ao vírus da Covid-19 ainda são desconhecidas. **Jornal da USP**, Ribeirão Preto, 29 abr. 2024. Disponível em: <https://jornal.usp.br/campus-ribeirao-preto/as-causas-da-imunidade-natural-ao-virus-da-Covid-19-ainda-sao-desconhecidas/>. Acesso em: 7 mar. 2025.

OLIVEIRA, F.; PAOLI, M. C. (orgs.). **Os sentidos da democracia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

OLIVEIRA, Francisco de. **Crítica à razão dualista: o ornitorrinco**. 3. reimp. São Paulo: Boitempo, 2011. (Versão eletrônica).

OLIVEIRA, R. G. de *et al.* Desigualdades raciais e a morte como horizonte: considerações sobre a Covid-19 e o racismo estrutural. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 36, n. 9, set. 2020. DOI: 10.1590/0102-311X00150120.

ONG, C. W. M. *et al.* Epidemic and pandemic viral infections: impact on tuberculosis and the lung. **European Respiratory Journal**, v. 56, 2020. DOI: 10.1183/13993003.01727-2020.

OPAS (a). OMS afirma que Covid-19 é agora caracterizada como pandemia. Organização Mundial da Saúde. 11 mar. 2020. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/news/11-3-2020-who-characterizes-Covid-19-pandemic>. Acesso em: 24 jan. 2024.

OPAS (b). OMS declara emergência de saúde pública de importância internacional por surto de novo coronavírus. Organização Mundial da Saúde. 20 jan. 2020. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/news/30-1-2020-who-declares-public-health-emergency-novel-coronavirus>. Acesso em: 17 jan. 2024.

OPAS. Histórico da pandemia de Covid-19. Organização Mundial da Saúde. [S/d]. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/Covid19/historico-da-pandemia-Covid-19>. Acesso em: 6 dez. 2023.

ORESQUES, Naomi; CONWAY, Erik. *Merchants of Doubt: How a Handful of Scientists Obscured the Truth on Issues from Tobacco Smoke to Global Warming*. **Bloomsbury Press**. 1 ed., 25 maio 2010. ISBN: 1596916109.

ORESQUES, Naomi; CONWAY, Erik M. **Merchants of doubt**: how a handful of scientists obscured the truth on issues from tobacco smoke to global warming. New York: Bloomsbury Press, 2011, p. 368.

OSWALD, T. K. *et al.* Interventions targeting social determinants of mental disorders and the Sustainable Development Goals: A systematic review of reviews. **European Psychiatry**, v. 67, supl. 1, p. S283-S283, 2024. DOI: 10.1192/j.eurpsy.2024.591.

Oxfam. Carbon Billionaires: The investment emissions of the world's richest people. **Oxfam**. 07 nov. 2022. Disponível em: <<https://policy-practice.oxfam.org/resources/carbon-billionaires-the-investment-emissions-of-the-worlds-richest-people-621446/#:~:text=Overview,a%20million%20times%20the%20%5B%E2%80%A6%5D>> Acesso em: 03 jan. 2024.

PÁDUA, José Augusto. As bases teóricas da história ambiental. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 24, n. 68, p. 81-101, 2010. Dossiê "Teorias socioambientais". DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-40142010000100009>.

PAHUD, B. A.; Harrison C. J. Known Vaccine-Associated Adverse Events. In: CHATTERJEE, Archana. **Vaccinophobia and Vaccine Controversies of the 21st Century**. New York, NY: Springer, 2013.

PAOLI, S. *et al.* Assessing vaccine hesitancy among healthcare workers: a cross-sectional study at an Italian paediatric hospital and the development of a healthcare worker's vaccination compliance index. **European Journal of Public Health**, [S. l.], 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/eurpub/ckz185.678>. Acesso em: 15 maio 2025.

PARAGUASSU, Lisandra. Aplicativo do Ministério da Saúde recomenda medicamentos sem eficácia comprovada para tratar Covid. **Reuters**: 20 jan. 2021. Disponível em: <https://www.reuters.com/article/world/americas/aplicativo-do-ministrio-da-sade-recomenda-medicamentos-sem-eficcia-comprovada-idUSKBN29P29X/>. Acesso em: 15 mar. 2023.

PATSCHIKI, Lucas. Os leitores da nossa burguesia: o Mídia sem Máscara em atuação partidária (2002-2011). 2012. 419 f. Dissertação (Mestrado em História) - **Universidade Estadual do Oeste do Paraná**, Marechal Cândido Rondon, 2012.

PEKAR *et al.* The molecular epidemiology of multiple zoonotic origins of Sars-CoV-2. **Science**, V. 377. 26 jul. 2022. p. 960-966. DOI: 10.1126/science.abp8337. Disponível em: <https://www.science.org/doi/10.1126/science.abp8337>. Acesso em: 4 mar. 2024.

PÉREZ-ESCAMILLA, R. *et al.* Covid-19 and maternal and child food and nutrition insecurity: a complex syndemic. **Matern Child Nutr.**, Oxford, v. 16, n. 3, p. e13036, jul. 2020. DOI: 10.1111/mcn.13036.

PIANI, Pedro P. F. Sindemia, ciência e produção de conhecimentos: apontamentos para uma análise a partir da pandemia da Covid-19. In: MALINVERNI, C. *et al.* (orgs.). **Desinformação e Covid-19: desafios contemporâneos na comunicação e saúde.** São Paulo: Instituto de Saúde, 2023.

PONTE, Carlos F. O Brasil no microscópio. In: PONTE, Carlos Fidélis e Falleiros, Ialê (orgs.). **Na corda bamba de sombrinha: a saúde no fio da história.** Rio de Janeiro: Fiocruz/COC; Fiocruz/EPSJV, 2010.

POQUIVIQUI, Elidiane. Estudo aponta que na Amazônia o desmatamento cai, mas queimadas aumentam. **Universidade Federal da Paraíba**, 20 out. 2023. Disponível em: <https://www.ufpb.br/ufpb/contents/noticias/estudo-aponta-que-na-amazonia-o-desmatamento-cai-mas-queimadas-aumentam>. Acesso em: 6 dez. 2023.

PROJETO COMPROVA. Jovem que faz sátira sobre militantes de esquerda não é filha da deputada Maria do Rosário. **Estadão**. 9 maio 2022. Disponível em: [https://www.estadao.com.br/estadao-verifica/jovem-que-faz-satira-sobre-militantes-de-esquerda-nao-e-filha-da-deputada-maria-do-rosario/?srsltid=AfmBOor8RsMwSFNKos2yd\\_w9VCSB669xXz46STjA4kQg7qXhTmux1gTr](https://www.estadao.com.br/estadao-verifica/jovem-que-faz-satira-sobre-militantes-de-esquerda-nao-e-filha-da-deputada-maria-do-rosario/?srsltid=AfmBOor8RsMwSFNKos2yd_w9VCSB669xXz46STjA4kQg7qXhTmux1gTr). Acesso em: 21 ago. 2024.

QUAMMEN, David. **Contágio: Infecções de origem animal e a evolução das pandemias.** 1 ed. São Paulo: Companhia das letras, 2020. 544 p.

RABELLO, A.; OLIVEIRA, D. Impactos Ambientais antrópicos e o surgimento de pandemias. **Unifesspa: Painel Reflexão em tempos de crise.** 26 maio 2020. Disponível em: <https://acoesCovid19.unifesspa.edu.br/2-uncategorised/102-impactos-ambientais-antr%C3%B3picos-e-o-surgimento-de-pandemias.html>. Acesso em: 6 nov. 2021.

RAIFMAN, M. A.; RAIFMAN, J. R. Disparities in the population at risk of severe illness from Covid-19 by race/ethnicity and income. **American Journal of Preventive Medicine**, v. 59, 2020, p. 137-139. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.amepre.2020.04.003>.

REUTERS. Steve Bannon, ex-estrategista de Trump, se declara culpado de esquema de fraude para financiamento de muro na fronteira. **G1**, 11 fev. 2025. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2025/02/11/steve-bannon-ex-aliado-de-trump-e-condenado-a-3-anos-de-liberdade-condicional-em-caso-de-financiamento-de-muro-na-fronteira.ghtml>. Acesso em: 18 mar. 2025.

ROCHA, João C. de C. **Guerra cultural e retórica do ódio**: crônicas de um Brasil pós-político. Goiânia: Editora e Livraria Caminhos, 2021.

ROCHA, L. L. *et al.* Percepção dos residentes de favelas brasileiras sobre o ambiente alimentar: um estudo qualitativo. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 40, n. 3, p. e00128423, 2024. DOI: 10.1590/0102-311XPT128423.

ROCHA, M. E. *et al.* Impacto de determinantes sociais na saúde mental: uma análise de saúde coletiva. **Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences**, [S. l.], v. 5, n. 5, p. 5233–5252, 2023. DOI: 10.36557/2674-8169.2023v5n5p5233-5252. Disponível em: <https://bjih.emnuvens.com.br/bjih/article/view/1082>. Acesso em: 3 abr. 2025.

ROCHA, R. *et al.* Effect of socioeconomic inequalities and vulnerabilities on health-system preparedness and response to Covid-19 in Brazil: a comprehensive analysis. **The Lancet Global Health**, v. 9, p. E782-92, 2021.

RODRIGUES, Lidiane S. Uma revolução conservadora dos intelectuais (Brasil/2002–2016). **Política & Sociedade**, Florianópolis, v. 17, n. 39, p. 277–312, maio/ago. 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5007/2175-7984.2017v17n39p277>. Acesso em: 26 fev. 2025.

RODRIGUES, Lidiane S. As razões (do sucesso) de Olavo de Carvalho (1983–2016). **Estudos de Sociologia**, Araraquara, v. 30, n. esp. 1, p. 261–289, jan./jun. 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.52780/res.v30iesp1.19744>. Acesso em: 13 jun. 2025.

ROMERO, D. E. *et al.* Idosos no contexto da pandemia da Covid-19 no Brasil: efeitos nas condições de saúde, renda e trabalho. **Cadernos de Saúde Pública**, [S. l.], v. 37, n. 3, 2021. DOI: 10.1590/0102-311X00216620.

ROTHKOPF, David J. When the Buzz Bites Back. **Washington Post**: Washington. 11 maio 2003. Disponível em: <<https://www.washingtonpost.com/archive/opinions/2003/05/11/when-the-buzz-bites-back/bc8cd84f-cab6-4648-bf58-0277261af6cd/>>. Acesso em: 14 abr. 2024.

RUIZ-ARAVENA, M. *et al.* Ecology, evolution and spillover of coronaviruses from bats. **Nature Reviews Microbiology**, 19 nov. 2021. v. 20, p. 299–314, 2022. DOI: 10.1038/s41579-021-00652-2. DOI: <https://doi.org/10.1038/s41579-021-00652-2>. Acesso em: 5 mar. 2024.

SAFATLE, V. *et al.* (orgs.). **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. São Paulo: Autêntica, 2020.

SANTOS, F. B; SILVA, Sergio L. B. da. Gênero, raça e classe no Brasil: os efeitos do racismo estrutural e institucional na vida da população negra durante a pandemia da Covid-19. **Revista Direito e Práxis**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 3, p. 1181-1207, jul. 2022. DOI: 10.1590/2179-8966/2022/68967.

SANTOS, M. P. A. dos *et al.* População negra e Covid-19: reflexões sobre racismo e saúde. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 34, n. 99, p. 155-170, maio-ago. 2020. DOI: 10.1590/s0103-40142020009900010.

SATO, APS. Qual a importância da hesitação vacinal na queda das coberturas vacinais no Brasil? **Revista de Saúde Pública**. p. 52-96, 2018.

SCHILLING, William H. K. *et al.* Evaluation of hydroxychloroquine or chloroquine for the prevention of Covid-19 (COPCOV): a double-blind, randomised, placebo-controlled trial. **PLoS Medicine**, v. 21, n. 9, e1004428, set. 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1371/journal.pmed.1004428>. Acesso em: 1 ago. 2024.

SENADO FEDERAL. Comissão Parlamentar de Inquérito da Pandemia (instituída pelos requerimentos nº 1.371 e 1.372, de 2021). **Relatório final**. Brasília, 2021. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/607974>. Acesso em: 20 dez. 2023.

SETTE, Alessandro; CROTTY, Shane. Immunological memory to Sars-CoV-2 infection and Covid-19 vaccines. **Immunological Reviews**, v. 310, p. 155-163, 22 jun. 2022. DOI: 10.1111/imr.13089. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/imr.13089>. Acesso em: 7 mar. 2025.

SETZER, Valdemar W. O que é Antroposofia. 1998. Disponível em: <https://www.ime.usp.br/~vwsetzer/antrop/o-que-eh-antroposofia-meu-site.html>. Acesso em: 6 jun. 2025.

SHALDERS, André. 'Tratamento precoce': governo Bolsonaro gasta quase R\$ 90 milhões em remédios ineficazes, mas ainda não pagou Butantan por vacinas. **BBC News Brasil**: 21 jan. 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-55747043>. Acesso em: 17 fev. 2024.

SILA, T. *et al.* Suspected cat-to-human transmission of Sars-CoV-2. Thailand, July–September 2021. **Emerging Infectious Diseases**, v. 28, n. 7, p. 1485–1488, jul. 2022. DOI: 10.3201/eid2807.212605. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC9239874/>. Acesso em: 3 mar. 2024.

SILVA, Carla L. S. da. *Veja: o indispensável partido neoliberal (1989–2002)*. 2005. 658 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de História, **Universidade Federal Fluminense**, Niterói, 2005.

SILVA, Gabriela M. *et al.* Desafios da imunização contra Covid-19 na saúde pública: das fake news à hesitação vacinal. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 28, n. 3, 6 mar. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232023283.09862022>. Acesso em: 28 abr. 2025.

SILVA, Ivan H. de M. “Liberal na economia e conservador nos costumes”: uma totalidade dialética. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 36, n. 107, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/3610702/2021>. Acesso em: 13 jun. 2025.

SILVÉRIO, Bruna S. *et al.* Coronavirus cryptic landscape and draft genome of a novel CoV clade related to MERS from bats circulating in northeastern Brazil. **Journal of Medical Virology**, 18 jan. 2025. DOI: 10.1002/jmv.70173. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/jmv.70173>. Acesso em: 18 mar. 2025.

SINGER, M. A dose of drugs, a touch of violence, a case of AIDS: conceptualizing the SAVA syndemic. **Free Inq Creat Sociol**. 24: 99-110, 1996.

SINGER, M. A dose of drugs, a touch of violence, a case of AIDS, part 2: further conceptualizing the SAVA syndemic. **Social Science & Medicine**, v. 63, n. 2, p. 39-53, 2006.

SINGER, M. *et al.* Syndemics and the biosocial conception of health. **The Lancet**, v. 389, p. 941-950, 4 mar. 2017. Disponível em: <http://www.thelancet.com>. Acesso em: 15 nov. 2024.

SINGER, M.; RYLKO-BAUER, Barbara. The Syndemics and Structural Violence of the Covid Pandemic: Anthropological Insights on a Crisis. **Open Anthropological Research**, Berlin, v. 1, p. 7-32, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1515/opan-2020-0100>. Acesso em: 24 jun. 2024.

SOARES, G. *et al.* Avaliação da contaminação por mercúrio em atum enlatado e suas implicações. **Revista Brasileira de Processos Químicos**. Campinas: SP, v.1 n.1, p.1-58, jul./dez. 2020.

SÖNMEZ, S. *et al.* Understanding the effects of Covid-19 on the health and safety of immigrant hospitality workers in the United States. **Tourism Management Perspectives**, v. 35, p. 100717, jul. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.tmp.2020.100717>. Acesso em: 4 nov. 2024.

STENGERS, Isabelle. **Uma outra ciência é possível**: Manifesto por uma desaceleração das ciências. 1 ed. São Paulo: Bazar do tempo, set. 2023.

STONE, Peter. Steve Bannon hawks disinformation to support Trump as legal troubles mount. **The Guardian**, Washington DC. fev. 2024. Disponível em: <https://www.theguardian.com/us-news/2024/feb/09/steve-bannon-criminal-charges-disinformation-maga>. Acesso em: 11 jul. 2024.

TANRIOVER, Mine D. *et al.* Efficacy and safety of an inactivated whole-virion Sars-CoV-2 vaccine (CoronaVac): interim results of a double-blind, randomised, placebo-controlled, phase 3 trial in Turkey. **The Lancet**, v. 398, n. 10296, p. 213-222, jul. 2021. DOI: 10.1016/S0140-6736(21)01429-X. Disponível em: [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(21\)01429-X](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(21)01429-X). Acesso em: 5 mar. 2025.

TASCHNER, Gisela. **Folhas ao vento**: Análise de um conglomerado jornalístico no Brasil. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TEIXEIRA, C. M. do E. *et al.* Análise comparativa das pandemias Covid-19 e H1N1 / Comparative analysis of Covid-19 and H1N1 pandemics. **Brazilian Journal of Health Review**, 3(2), 3591–3595. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.34119/bjhrv3n2-188>. Acesso em: 4 mar. 2024.

TEIXEIRA, L. A.; ALMEIDA, M. de: Os primórdios da vacina antivariólica em São Paulo: uma história pouco conhecida. **História, Ciências, Saúde - Manguinhos**, vol. 10 (suplemento): 475-98, 2003.

TEJADA, S. *et al.* Neuraminidase inhibitors are effective and safe in reducing influenza complications: meta-analysis of randomized controlled trials. **European Journal of Internal Medicine**, v. 86, p. 54-65, 2021. DOI: 10.1016/j.ejim.2020.12.010. Disponível em: [10.1016/j.ejim.2020.12.010](https://doi.org/10.1016/j.ejim.2020.12.010). Acesso em: 5 nov. 2024.

TESINI, Brenda L. Coronavírus e síndromes respiratórias agudas (MERS and Sars). New York: University of Rochester School of Medicine and Dentistry. **Manual MSD**. Abr. 2022. Disponível em: [https://rblh.fiocruz.br/sites/rblh.fiocruz.br/files/usuario/80/coronavirus\\_e\\_sindromes\\_respiratorias\\_agudas\\_Covid-19\\_mers\\_e\\_Sars\\_-\\_infeccoes\\_-\\_manual\\_msd\\_versao\\_saude\\_para\\_a\\_familia.pdf](https://rblh.fiocruz.br/sites/rblh.fiocruz.br/files/usuario/80/coronavirus_e_sindromes_respiratorias_agudas_Covid-19_mers_e_Sars_-_infeccoes_-_manual_msd_versao_saude_para_a_familia.pdf). Acesso em: 8 jul. 2024.

THOMPSON, W. W. *et al.* Early thimerosal exposure and neuropsychological outcomes at 7 to 10 years. **The New England Journal of Medicine**, v. 357, n. 13, p. 1281–1292, 27 set. 2007.

TORRES, Livia. Pesquisa aponta que WhatsApp é a principal fonte de informação de 79% dos entrevistados. **Dataseado**: 12 dez 2019. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/radio/1/noticia/2019/12/12/pesquisa-aponta-que-whatsapp-e-a-principal-fonte-de-informacao-de-79-dos-entrevistados>. Acesso em: 2 abr. 2023.

TORRES, Ton. O fenômeno dos memes. **Revista Ciência e Cultura**. [Versão online] ISSN 2317-6660, Vol.68 N.3. São Paulo jul/set. 2016.

TRT GLOBAL. Coronavírus última situação (Covid-19). Disponível em: <http://trt.net.tr/portuguese/Covid19>. Acesso em: 2 fev. 2025.

TYRRELL, D. A.; BYNOE, M. L. Cultivation of viruses from a high proportion of patients with colds. **Lancet**, Londres, v. 1, n. 7428, p. 76-77, 8 jan. 1966. DOI: 10.1016/s0140-6736(66)92364-6. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/4158999/> Acesso em: 2 mar. 2024.

UCHÔA-DE-OLIVEIRA, Flávia M. Saúde do trabalhador e o aprofundamento da uberização do trabalho em tempos de pandemia. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, v. 45, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2317-6369000012520>. Acesso em: 28 abr. 2025.

UNO, Y. *et al.* The combined measles mumps and rubella vaccines and the total numbers of vaccines are not associated with development of autism spectrum disorder: the first case-control study in Asia. **Vaccine**, [S.l.], v. 30, p. 4292-4298, 2012.

USCINSKI, J. *et al.* The importance of epistemology for the study of misinformation. **Current Opinion in Psychology**, v. 57, 2024, p. 101789. ISSN 2352-250X. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.copsyc.2024.101789>. Acesso em: 28 abr. 2025.

WAKEFIELD, A. J. *et al.* Ileal-lymphoid-nodular hyperplasia, non-specific colitis, and pervasive developmental disorder in children. **The Lancet**, London, v. 351, n. 9103, p. 637-641, 28 feb. 1998.

WALLACE, Rob. **Pandemia e agronegócio**: doenças infecciosas, capitalismo e ciência. Tradução de Allan Rodrigo de Campos Silva. 1 ed. Elefante & Igra Kniga. São Paulo, 2020. 480 p.

WARDLE, Claire. **Entender a desordem informacional**. EUA: First Draft. jan 2020.

WENDLING, Mike. Como o termo 'fake news' virou arma nos dois lados da batalha política mundial. **BBC News Brasil**, 24 jan. 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-42779796>. Acesso em: 3 ago. 2024

WHO (World Health Organization). Zoonoses. Second report of the Joint WHO/FAO Expert Committee. **Technical Report Series** 169, Roma: FAO, 1959. p. 6. Disponível em: <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/zoonoses>. Acesso em: 2 maio 2023.

WHO (World Health Organization); Scientific Advisory Group for the Origins of Novel Pathogens (SAGO). **Preliminary report**. Geneva: World Health Organization, 9 jun. 2022. Disponível em: [https://cdn.who.int/media/docs/default-source/scientific-advisory-group-on-the-origins-of-novel-pathogens/sago-report-09062022.pdf?sfvrsn=42b55bbc\\_1&download=true](https://cdn.who.int/media/docs/default-source/scientific-advisory-group-on-the-origins-of-novel-pathogens/sago-report-09062022.pdf?sfvrsn=42b55bbc_1&download=true). Acesso em: 02 fev. 2023.

WHO (World Health Organization). Coronavirus disease (Covid-19) Epidemiological Updates and Monthly Operational Updates. **Featured meeting report**. Special edition 174, 24 dez. 2024. Disponível em: <https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019/situation-reports#>. Acesso em: 8 jan. 2025.

WHO (World Health Organization); Scientific Advisory Group for the Origins of Novel Pathogens (SAGO). Statement on newly released Sars-CoV-2 metagenomics data from China CDC on GISAIID. **World Health Organization**, 18 mar. 2023. Disponível em: <https://www.who.int/news/item/18-03-2023-sago-statement-on-newly-released-Sars-cov-2-metagenomics-data-from-china-cdc-on-gisaid>. Acesso em: 3 maio 2024.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (OMS). **WHO Coronavirus (COVID-19) dashboard** [S.l.], 2023-2024. Disponível em: <https://data.who.int/dashboards/covid19/deaths>. Acesso em: 5 ago. 2025.

WOROBAY, M. *et al.* The Huanan Seafood Wholesale Market in Wuhan was the early epicenter of the Covid-19 pandemic. **Science**, v. 377, p. 951-959, 2022. DOI: 10.1126/science.abp8715. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/35881010/>. Acesso em: 4 jun. 2024.

WU, F. *et al.* A new coronavirus associated with human respiratory disease in China. **Nature**, v. 579, p. 265–269, fev. 2020. DOI: 10.1038/s41586-020-2008-3. Disponível em: <https://doi.org/10.1038/s41586-020-2008-3>. Acesso em: 3 fev. 2024.

WU, Z.; MCGOOGAN, J. M. Characteristics of and important lessons from the coronavirus disease 2019 (Covid-19) outbreak in China: summary of a report of 72 314 cases from the Chinese Center for Disease Control and Prevention. **JAMA**, v. 323, n. 13, p. 1239–1242, 2020. DOI: 10.1001/jama.2020.2648. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/32091533/> Acesso em: 2 maio 2023.

YAN, L. M. *et al.* **Unusual Features of the Sars-CoV-2 Genome Suggesting Sophisticated Laboratory Modification Rather Than Natural Evolution and Delineation of Its Probable Synthetic Route.** Zenodo, 2020. <https://doi.org/10.5281/zenodo.4028830> Acesso em: 14 mar. 2023.

ZAWAWI, A. *et al.* The impact of Covid-19 pandemic on malaria elimination. **Parasite Epidemiology and Control**, v. 11, e00187, 2020. ISSN 2405-6731.

ZHOU, P. *et al.* A pneumonia outbreak associated with a new coronavirus of probable bat origin. **Nature**, v. 579, n. 7798, p. 270–273, mar. 2020. DOI: 10.1038/s41586-020-2012-7. Epub 3 fev. 2020. Erratum in: **Nature**, v. 588, n. 7836, p. E6, dez. 2020. DOI: 10.1038/s41586-020-2951-z. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/s41586-020-2012-7>. Acesso em: 4 mar. 2023.

## FONTES DOCUMENTAIS

### CAPÍTULO 1

CA, Angélica. Virologista que fugiu da China afirma que regime chinês mente sobre origem do vírus de Wuhan. **Crítica Nacional**. 16 out. 2020. Disponível em: <https://criticanacional.com.br/2020/09/16/virologista-que-fugiu-da-china-afirma-que-regime-chines-mente-sobre-origem-do-virus-de-wuhan/>. Acesso em: 27 mar. 2024.

CASTRO, Patrícia. Covid-19, vacinas e máscaras: ser idiota agora é a regra. **Mídia sem Máscara**. 26 jan. 2021. Disponível em: [https://midiasemmascara.net/covid-19-vacinas-e-mascaras-ser-idiota-agora-e-a-regra/?fbclid=IwAR00i0IUgw9EpsnHNcrxAyc\\_dnEXWGp-5tVBXV2EI5DqGxQ1nyLcIXHLIdE](https://midiasemmascara.net/covid-19-vacinas-e-mascaras-ser-idiota-agora-e-a-regra/?fbclid=IwAR00i0IUgw9EpsnHNcrxAyc_dnEXWGp-5tVBXV2EI5DqGxQ1nyLcIXHLIdE). Acesso em: 27 fev. 2024.

CASTRO, Patrícia. Liberdade sufocada: o grito dos inconformados e o silêncio dos covardes. **Mídia sem Máscara**. 3 dez. 2020. Disponível em: <https://midiasemmascara.net/liberdade-sufocada-o-grito-dos-inconformados-e-o-silencio-dos-covardes/>. Acesso em: 1 fev. 2024.

CONTRAFATOS. 46 residentes em uma casa de repouso espanhola morrem um mês após receber a vacina contra COVID-19. **ContraFatos**. 16 fev. 2021. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20210216005546/https://www.contrafatos.com.br/46-residentes-em-uma-casa-de-reposo-espanhola-morrem-um-mes-apos-receber-a-vacina-contra-covid-19/>. Acesso em 27 fev. 2024.

CONTRAFATOS. Especialistas médicos revelam estudo sobre a eficácia milagrosa da ivermectina. **ContraFatos**. 17 dez. 2020. Disponível em: <https://www.contrafatos.com.br/especialistas-medicos-revelam-estudo-sobre-a-eficacia-milagrosa-da-ivermectina/>. Acesso em: 27 fev. 2024.

CUNHA, Renato. Cientistas encontraram produtos químicos tóxicos em máscaras faciais descartáveis. **StyloUrbano**, 10 abr. 2021. Disponível em: <https://www.stylourbano.com.br/cientistas-encontraram-produtos-quimicos-toxicos-em-mascaras-faciais-descartaveis/>. Acesso em: 24 fev. 2025.

CUNHA, Renato. Itália libera tratamento precoce para Covid com hidroxiquina. **StyloUrbano**. 12 dez. 2020. Disponível: <https://www.stylourbano.com.br/italia-libera-tratamento-precoce-para-covid-com-hidroxiquina/>. Acesso aqui: 27 fev. 2025.

CUNHA, Renato. Milhares de cientistas denunciam fraude da pandemia de Covid-19 e riscos do isolamento. **StiloUrbano**, 9 out. 2020. Disponível em:

<https://www.stylourbano.com.br/milhares-de-cientistas-denunciam-fraude-da-pandemia-de-covid-19-e-riscos-do-isolamento/>. Acesso em: 5 mar. 2025.

ENEAS, Paulo. Quem quer salvar vidas e preservar empregos e quem são os abutres sociais que apostam no caos e na desesperança. **Crítica Nacional**, 7 abr. 2020. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20200408070532/https://criticanacional.com.br/2020/04/07/quem-quer-salvar-vidas-e-preservar-empregos-e-quem-sao-os-abutres-sociais-que-apostam-no-caos-e-na-desesperanca/> Acesso em: 24 fev. 2024.

GOVINDA, Leandro G. M. "Fraudemia" desmascarada: Acorde, estamos em guerra! **Mídia sem Máscara**, 24 out. 2020. Disponível em: <https://midiasemmascara.net/fraudemia-desmascarada-acorde-estamos-em-guerra/>. Acesso em: 5 mar. 2025.

KULLDORFF, Martin; GUPTA, Sunetra; BHATTACHARYA, Jay. Declaração De Great Barrington. Out. 2020. Disponível em: <https://gbdeclaration.org/declaracao-de-great-barrington/>. Acesso em: 5 mar. 2025.

MÍDIA SEM MÁSCARA. **Covid-19 e os globalistas: médica cura 350 pessoas com hidroxiclороquina e é censurada nas redes sociais**. Editoria MSM. Última atualização em 5 ago. 2020. Disponível em: <https://midiasemmascara.net/covid-19-e-os-globalistas-medica-cura-350-pessoas-com-hidroxiclороquina-e-e-censurada-nas-redes-sociais/>. Acesso em: 04 ago. 2023.

MOREFIEL, Scott. O Covidstão deve ser varrido do mapa. **Mídia sem Máscara**: 21 jun. 2021. Disponível em: <https://midiasemmascara.net/covidstao/>. Acesso em: 27 mar. 2024.

YAN, L.-M., Kang, S., & Hu, S. (2020). **Unusual Features of the SARS-CoV-2 Genome Suggesting Sophisticated Laboratory Modification Rather Than Natural Evolution and Delineation of Its Probable Synthetic Route**. Zenodo. <https://doi.org/10.5281/zenodo.4028830> Acesso em: 14 mar. 2023.

## CAPÍTULO 2

CANAL MIGALHAS. Governo lança campanha "**O Brasil não pode parar**". 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hQQZE7LQIGk>. Acesso em: 1 abr. 2025.

CONTRAFATOS -b. Bill Gates prevê que a vacinação contra a Covid-19 produzirá 700.000 vítimas. 31 jan. 2021. Disponível em: <https://www.contrafatos.com.br/bill-gates-preve-que-a-vacinacao-contr-a-covid-19-produzira-700-000-vitimas/>. Acesso em: 4 ago. 2025.

CONTRAFATOS. Estudo: a vacina DTP de Bill Gates matou dez vezes mais crianças africanas do que a própria doença. **ContraFatos**, 6 jan. 2021. Disponível em: <https://www.contrafatos.com.br/estudo-a-vacina-dtp-de-bill-gates-matou-dez-vezes-mais-criancas-africanas-do-que-a-propria-doenca/>. Acesso em: 3 ago. 2025.

CUNHA, Renato. A teoria do grafeno em vacinas está sendo confirmada por mais universidades e cientistas. **Stylourbano**: 21 jul. 2021. Disponível em: <https://www.stylourbano.com.br/a-teoria-do-grafeno-em-vacinas-esta-sendo-confirmada-por-mais-universidades-e-cientistas/> Acesso em: 10 nov. 2023.

CUNHA, Renato. Dr. Alessandro Loiola fala sobre o equívoco do lockdown e vacinação obrigatória. **Stylourbano**: 4 dez. 2020. Disponível em: <https://www.stylourbano.com.br/dr-alessandro-loiola-fala-sobre-o-equivoco-do-lockdown-e-vacinacao-obrigatoria/>. Acesso em: 10 nov. 2023.

CUNHA, Renato. Entidades malignas de vacinas e espíritos presos à Terra: A batalha espiritual pela humanidade. **Stylourbano**. 22 mar. 2025. Disponível em: <https://www.stylourbano.com.br/entidades-malignas-de-vacinas-e-espirtos-presos-a-terra-a-batalha-espiritual-pela-humanidade/> Acesso em: 30 abr. 2025.

FELIX, Paula. “Fraudemia”, esquerdistas, lockdown e vacinas – informações e reflexões rápidas. **Mídia sem Máscara**: 9 ago. 2020. Disponível em: <https://midiasemmascara.net/fraudemia-esquerdistas-lockdown-e-vacinas-informacoes-e-reflexoes-rapidas/> . Acesso em: 10 nov. 2023.

### CAPÍTULO 3

#### CONTRAFATOS

CONTRAFATOS. 7 Mortos e todos os residentes infectados em asilo espanhol após vacinação de mRNA da Pfizer. 02 fev. 2021. Disponível em: <https://www.contrafatos.com.br/7-mortos-e-todos-os-residentes-infectados-em-asilo-espanhol-apos-vacinacao-de-mrna-da-pfizer/>. Acesso em: 05 ago. 2025.

CONTRAFATOS. A vitamina D poderia ter evitado 90% das mortes por coronavírus. 20 jun. 2021. Disponível em: <https://www.contrafatos.com.br/a-vitamina-d-poderia-ter-evitado-90-das-mortes-por-coronavirus/>. Acesso em: 05 ago. 2025.

CONTRAFATOS. Bill Gates prevê que a vacinação contra a Covid-19 produzirá 700.000 vítimas. 31 jan. 2021. Disponível em: <https://www.contrafatos.com.br/bill-gates-preve-que-a-vacinacao-contr-a-covid-19-produzira-700-000-vitimas/>. Acesso em: 05 ago. 2025.

CONTRAFATOS. Bill Gates quer que você tema a próxima “crise” – pior do que a Covid-19. 01 fev. 2021. Disponível em: <https://www.contrafatos.com.br/bill-gates-quer-que-voce-tema-a-proxima-cri-se-pior-do-que-a-covid-19/>. Acesso em: 05 ago. 2025.

CONTRAFATOS. Denunciante de lar de idosos: idosos estão morrendo como moscas após as vacinas contra a COVID. 27 jan. 2021. Disponível em: <https://www.contrafatos.com.br/denunciante-de-lar-de-idosos-idosos-estao-morrendo-como-moscas-apos-as-vacinas-contra-a-covid/>. Acesso em: 05 ago. 2025.

CONTRAFATOS. Diretor da OMS na Europa afirma que o fim da pandemia está à vista, aparentemente sem necessidade de vacinação. 25 fev. 2021. Disponível em: <https://www.contrafatos.com.br/diretor-da-oms-na-europa-o-fim-da-pandemia-esta-a-vista-aparentemente-sem-necessidade-de-vacinacao/>. Acesso em: 05 ago. 2025.

CONTRAFATOS. Epidemiologista afirma que casos de gripe estão sendo contados como COVID-19. 05 jan. 2021. Disponível em: <https://www.contrafatos.com.br/epidemiologista-afirma-que-casos-de-gripe-estao-sendo-contados-como-covid-19/>. Acesso em: 05 ago. 2025.

CONTRAFATOS. Estudo revisado por pares com hidroxiquina revela 84% menos hospitalizações entre pacientes ambulatoriais tratados precocemente. 01 fev. 2021. Disponível em: <https://www.contrafatos.com.br/estudo-revisado-por-pares-com-hidroxiquina-revela-84-menos-hospitalizacoes-entre-pacientes-ambulatoriais-tratados-precocemente/>. Acesso em: 05 ago. 2025.

CONTRAFATOS. Estudo: a vacina DTP de Bill Gates matou dez vezes mais crianças africanas do que a própria doença. 06 jan. 2021. Disponível em: <https://www.contrafatos.com.br/estudo-a-vacina-dtp-de-bill-gates-matou-dez-vezes-mais-criancas-africanas-do-que-a-propria-doenca/>. Acesso em: 05 ago. 2025.

CONTRAFATOS. Estudo: As máscaras infantis aumentam o dióxido de carbono em 6 vezes em relação aos níveis aceitáveis. 03 jul. 2021. Disponível em: <https://www.contrafatos.com.br/estudo-as-mascaras-infantis-aumentam-o-dioxido-de-carbono-em-6-vezes-em-relacao-aos-niveis-aceitaveis/>. Acesso em: 05 ago. 2025.

CONTRAFATOS. Fábrica de hidroxiquina misteriosamente explode em chamas. 26 dez. 2020. Disponível em: <https://www.contrafatos.com.br/fabrica-de-hidroxiquina-misteriosamente-explode-em-chamas/>. Acesso em: 05 ago. 2025.

CONTRAFATOS. Ivermectina tem efeito antiviral contra Ômicron, diz estudo. 31 jan. 2022. Disponível em: <https://www.contrafatos.com.br/ivermectina-tem-efeito-antiviral-contra-omicron-diz-estudo/>. Acesso em: 05 ago. 2025.

CONTRAFATOS. Militares chineses testaram a vacina Contra Covid-19 em dezembro de 2019. 01 fev. 2021. Disponível em: <https://www.contrafatos.com.br/militares-chineses-testaram-a-vacina-contracovid-19-em-dezembro-de-2019/>. Acesso em: 05 ago. 2025.

CONTRAFATOS. Risco de morte pode triplicar em mulheres jovens vacinadas com AstraZeneca. 30 mar. 2023. Disponível em: <https://www.contrafatos.com.br/risco-de-morte-pode-triplicar-em-mulheres-jovens-vacinadas-com-astrazeneca/>. Acesso em: 05 ago. 2025.

CONTRAFATOS. Várias freiras morrem após tomar a primeira dose da vacina contra COVID. 25 fev. 2021. Disponível em: <https://www.contrafatos.com.br/varias-freiras-morrem-apos-tomar-a-primeira-dose-da-vacina-contracovid/>. Acesso em: 05 ago. 2025.

## MÍDIA SEM MÁSCARA

CASTRO, Patrícia Covid-19: Mortes por vacinas, crianças como cobaias, censura e mais armações da Pfizer. **Mídia sem Máscara**. 17 nov 2021. Disponível em: <https://midiasemmascara.net/mortes-vax-criancas-pfizer/>. Acesso em 04 fev 2024.

CASTRO, Patrícia. Covid-19 e Direito: Pais não são obrigados a vacinar seus filhos. **Mídia sem Máscara**. 27 jan 2022. Disponível em: <https://midiasemmascara.net/pais-nao-obrigados-vax-filhos/>. Acesso em 04 fev 2024.

CASTRO, Patrícia. Covid-19, vacinas e máscaras: ser idiota agora é a regra. 26 jan 2021. **Mídia sem Máscara**. Disponível em: <https://midiasemmascara.net/covid-19-vacinas-e-mascaras-ser-idiota-agora-e-a-regra/>. Acesso em 04 fev 2024.

CASTRO, Patrícia. Covid-19: A Psicose Delirante de Massa substituindo a razão por ilusões insanas. **Mídia sem Máscara**. 25 jan. 2022. Disponível em: <https://midiasemmascara.net/psicose-delirante-massa/>. Acesso em 04 fev 2024.

CASTRO, Patrícia. Covid-19: Mortes por vacina são ignoradas e mais dinheiro público será gasto com o experimento. **Mídia sem Máscara**. 28 abr 2022. Disponível em: <https://midiasemmascara.net/mortes-vax-karenn-isabela/>. Acesso em 04 fev 2024.

CASTRO, Patrícia. Covid-19: Mortes por vacinas, crianças como cobaias, censura e mais armações da Pfizer. **Mídia sem Máscara**. 17 nov 2021. Disponível em: <https://midiasemmascara.net/mortes-vax-criancas-pfizer/>. Acesso em 04 fev 2024.

CASTRO, Patrícia. Fraudemia no Brasil: arbitrariedades, alienação e o fim da classe média. **Mídia sem Máscara**. 9 abr 2021. Disponível em: <https://midiasemmascara.net/frdm-br/>. Acesso em 04 fev 2024.

DEROSA Cristian. Covid-19: Terror midiático e boicote à prevenção eleva número de mortes e internações. **Mídia sem Máscara**. 27 jan 2021. Disponível em: <https://midiasemmascara.net/covid-19-terror-midiatico-e-boicote-a-prevencao-eleva-numero-de-mortes-e-internacoes/>. Acesso em 04 fev 2024.

DEROSA, Cristian. Covid 19 e vacinas: nanopartículas de mRNA encontradas em cérebro, coração e outros órgãos. **Mídia sem Máscara**. 13 jun 2021. Disponível em: <https://midiasemmascara.net/covid-19-nanoparticulas-mrna-encontradas/>. Acesso em 04 fev 2024.

FREIRE, Diógenes. Covid-19, vacinas e globalismo: O experimento em massa aplicado em Botucatu, SP. **Mídia sem Máscara**. 26 maio 2021. Disponível em: <https://midiasemmascara.net/covid-19-vacinas-botucatu/>. Acesso em 04 fev 2024.

MÍDIA SEM MÁSCARA. Covid-19: Isolamento social aumenta número de mortes, conclui estudo da UFPE. **Mídia sem Máscara**. 20 mar 2021. Disponível em: <https://midiasemmascara.net/covid-19-isolamento-social-aumenta-numero-de-mortes-conclui-estudo-da-ufpe/>. Acesso em 04 fev 2024.

PUGGINA, Percival. Bolsonaro, Covid-19 e as trapaças da mídia militante. **Mídia sem Máscara**. 29 jan 2021. Disponível em: <https://midiasemmascara.net/bolsonaro-covid-19-e-o-jogo-midiatico/>. Acesso em 04 fev 2024.

PUGGINA, Percival. STF serviçal da esquerda: dessa vez, pela imposição da vacina chinesa. **Mídia sem Máscara**. 30 out. 2020. Disponível em: <https://midiasemmascara.net/stf-servical-da-esquerda-dessa-vez-pela-imposicao-da-vacina-chinesa/>. Acesso em 04 fev 2024.

RAFAELI, Filipe. COVID-19: estudo da USP comprova eficácia da hidroxicloroquina e da azitromicina. **Mídia sem Máscara**. 16 fev 2021 Disponível em: <https://midiasemmascara.net/covid-19-estudo-da-usp-comprova-eficacia-da-hidroxicloroquina-e-da-azitromicina/>. Acesso em 04 fev 2024.

## STYLO URBANO

CUNHA, Renato. União Europeia informa 1,5 milhão de lesões causadas por vacinas do Covid e 15.472 mortes. **Stylo Urbano**. 21 ago 2021. Disponível em: <https://www.stylourbano.com.br/uniao-europeia-informa-15-milhao-de-lesoes-causadas-por-vacinas-do-covid-e-15-472-mortes/>. Acesso em 02 mar 2024.

CUNHA, Renato. 22 cientistas renomados concluem que os testes PCR produzem 97% de falsos positivos para Covid. **Stylo Urbano**. 23 dez 2020. Disponível em: <https://www.stylourbano.com.br/22-cientistas-renomados-concluem-que-os-testes-pcr-produzem-97-de-falsos-positivos-para-covid/>. Acesso em 02 mar 2024.

CUNHA, Renato. A pandemia do coronavírus instaurou uma ditadura sanitária. **Stylo Urbano**. 20 mar 2021. Disponível em: <https://www.stylourbano.com.br/a-pandemia-do-coronavirus-instaurou-uma-ditadura-sanitaria/>. Acesso em 02 mar 2024.

CUNHA, Renato. Após vacinação em massa, aumenta os casos de COVID-19 em vários países. **Stylo Urbano**. 21 mar 2021. Disponível em: <https://www.stylourbano.com.br/apos-vacinacao-em-massa-aumenta-os-casos-de-covid-19-em-varios-paises/>. Acesso em 02 mar 2024.

CUNHA, Renato. As novas evidências sobre os transtornos mentais dos vacinados e sobre o seu sangue modificado. **Stylo Urbano**. 18 jan 2025. Disponível em: <https://www.stylourbano.com.br/as-novas-evidencias-sobre-os-transtornos-mentais-dos-vacinados-e-sobre-o-seu-sangue-modificado/>. Acesso em 02 mar 2025.

CUNHA, Renato. As vacinas do COVID estão por trás do aumento global de casos de câncer turbo, parada cardíaca súbita e outras doenças. **Stylo Urbano**. 7 jul 2025. Disponível em: <https://www.stylourbano.com.br/as-vacinas-do-covid-estao-por-tras-do-aumento-global-de-casos-de-cancer-turbo-parada-cardiaca-subita-e-outras-doencas/>. Acesso em 09 jul 2025.

CUNHA, Renato. Cientistas alemães encontraram componentes tóxicos nas vacinas ‘seguras’ da AstraZeneca, Pfizer e Moderna. **Stylo Urbano**. 24 ago 2022. Disponível em: <https://www.stylourbano.com.br/cientistas-alemaes-encontraram-componentes-toxicos-nas-vacinas-seguras-da-astrazeneca-pfizer-e-moderna/>. Acesso em 02 mar 2024.

CUNHA, Renato. Cientistas confirmam que os raios solares destroem o COVID 8 vezes mais rápido do que se acreditava. **Stylo Urbano**. 8 abr 2021. Disponível em: <https://www.stylourbano.com.br/cientistas-confirmam-que-os-raios-solares-destroem-o-covid-8-vezes-mais-rapido-do-que-se-acreditava/>. Acesso em 02 mar 2024.

CUNHA, Renato. Crescem os números de distúrbios neurológicos e suicídios inexplicáveis entre pessoas vacinadas. **Stylo Urbano**. 8 abr 2025. Disponível em: <https://www.stylourbano.com.br/crescem-os-numeros-de-disturbios-neurologicos-e-suicidios-inexplicaveis-entre-pessoas-vacinadas/>. Acesso em 12 abr 2025.

CUNHA, Renato. Dr. Alessandro Loiola fala sobre o equívoco do lockdown e vacinação obrigatória. **Stylo Urbano**. 4 dez 2020. Disponível em: <https://www.stylourbano.com.br/dr-alessandro-loiola-fala-sobre-o-equivoco-do-lockdown-e-vacinacao-obrigatoria/>. Acesso em 02 mar 2024.

CUNHA, Renato. Estudo com quase dez milhões de chineses não encontra propagação assintomática de Covid. **Stylo Urbano**. 21 dez 2020. Disponível em: <https://www.stylourbano.com.br/estudo-com-quase-dez-milhoes-de-chineses-nao-encontra-propagacao-assintomatica-de-covid/>. Acesso em 02 mar 2024.

CUNHA, Renato. Estudo considera a tecnologia 5G um fator significativo em taxas mais altas de casos e mortes de COVID. **Stylo Urbano**. 21 fev 2022. Disponível em: <https://www.stylourbano.com.br/estudo-considera-a-tecnologia-5g-um-fator-significativo-em-taxas-mais-altas-de-casos-e-mortes-de-covid/>. Acesso em 02 mar 2024.

CUNHA, Renato. Nova pesquisa: você provavelmente tem que estar MUITO, MUITO doente para morrer de Covid-19. **Stylo Urbano**. 28 jul 2020. Disponível em: <https://www.stylourbano.com.br/nova-pesquisa-voce-provavelmente-tem-que-estar-muito-muito-doente-para-morrer-de-covid-19/>. Acesso em 02 mar 2024.

CUNHA, Renato. Novo estudo afirma que o CDC inflou em 1.600% o número de mortes por Coronavírus. **Stylo Urbano**. 11 fev 2021. Disponível em:

<https://www.stylourbano.com.br/novo-estudo-afirma-que-o-cdc-inflou-em-1-600-o-numero-de-mortes-por-coronavirus/>. Acesso em 02 mar 2024.

CUNHA, Renato. Um estudo com 1,7 milhão de crianças descobriu que miocardite e pericardite foram encontradas somente em crianças vacinadas. **Stylo Urbano**. 9 out 2024. Disponível em: <https://www.stylourbano.com.br/um-estudo-com-17-milhao-de-criancas-descobriu-que-miocardite-e-pericardite-foram-encontradas-somente-em-criancas-vacinadas/>. Acesso em 02 mar 2025.

CUNHA, Renato. A vacina chinesa de João Doria: Um perigoso ‘negócio da China’. **Stylo Urbano**. 20 jun 2020. Disponível em: <https://www.stylourbano.com.br/a-vacina-chinesa-de-joao-doria-um-perigoso-negocio-da-china/>. Acesso em 02 mar 2024.

CUNHA, Renato. Cada dose da vacina chinesa custa mais que o triplo que a vacina de Oxford. **Stylo Urbano**. 9 dez 2020. Disponível em: <https://www.stylourbano.com.br/cada-dose-da-vacina-chinesa-custa-mais-que-o-triplo-que-a-vacina-de-oxford/>. Acesso em 02 mar 2024.

CUNHA, Renato. Cientistas encontraram produtos químicos tóxicos em máscaras faciais descartáveis. **Stylo Urbano**. 10 abr 2021. Disponível em: <https://www.stylourbano.com.br/cientistas-encontraram-produtos-quimicos-toxicos-em-mascaras-faciais-descartaveis/>. Acesso em 02 mar 2024.

CUNHA, Renato. Itália libera tratamento precoce para Covid com hidroxiclороquina”. **Stylo Urbano**. 12 dez 2020. Disponível em: <https://www.stylourbano.com.br/italia-libera-tratamento-precoce-para-covid-com-hidroxiclороquina/>. Acesso em 02 mar 2024.

CUNHA, Renato. Virologista chinesa afirma: O Covid-19 foi criado num laboratório em Wuhan. **Stylo Urbano**. 16 set 2020. Disponível em: <https://www.stylourbano.com.br/virologista-chinesa-afirma-o-covid-19-foi-criado-num-laboratorio-em-wuhan/>. Acesso em 02 mar 2024.

## CRÍTICA NACIONAL

CA, Angélica. Epidemiologista adverte sobre as consequências do isolamento horizontal. **Crítica Nacional**. 14 abr 2020. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20200417061716/https://criticanacional.com.br/2020/04/14/epide>

[miologista-adverte-sobre-as-consequencias-do-isolamento-horizontal/](#). Acesso em: 05 ago 2023.

CA, Angélica. Vacina oral da OMS causa surto de poliomielite na África. **Crítica Nacional**. 06 set 2020. Disponível em:

<https://web.archive.org/web/20201126070148/https://criticanacional.com.br/2020/09/06/vacina-oral-da-oms-causa-surto-de-poliomielite-na-africa/>. Acesso em: 05 ago 2023.

CA, Angélica. Virologista que fugiu da China afirma que regime chinês mente sobre origem do vírus de Wuhan”. **Crítica Nacional**. 16 set 2020. Disponível em:

<https://web.archive.org/web/20200924024435/https://criticanacional.com.br/2020/09/16/virologista-que-fugiu-da-china-afirma-que-regime-chines-mente-sobre-origem-do-virus-de-wuhan/>. Acesso em: 05 ago 2023.

CA, Angélica; ENÉAS, Paulo Estudo da Universidade de Tel Aviv: Pessoas Vacinadas Tem Oito Vezes Mais Chances de Contrair Variante do Coronavírus. **Crítica Nacional**. 13 abr 2021. Disponível em:

<https://web.archive.org/web/20210509131354/https://criticanacional.com.br/2021/04/13/estudo-da-universidade-de-tel-aviv-pessoas-vacinadas-tem-oito-vezes-mais-chances-de-contrair-variante-do-coronavirus/>. Acesso em: 05 ago 2023.

CA, Angélica; ENÉAS, Paulo. Pandemia da Covid: Um Total de 354 Pessoas Foram Internados Após Tomarem Primeira Dose da Vacina em São Paulo. **Crítica Nacional**. 08 jul 2021. Disponível em:

<https://web.archive.org/web/20210710133429/https://criticanacional.com.br/2021/07/08/pandemia-da-covid-um-total-de-354-pessoas-foram-internados-apos-tomarem-primeira-dose-da-vacina-em-sao-paulo/>. Acesso em: 05 ago 2023.

**CRÍTICA NACIONAL**. Brasil exibe 55% de cura de pessoas infectadas pelo vírus chinês. Editorial. 15 abr 2020. Disponível em:

<https://web.archive.org/web/20200808212440/https://criticanacional.com.br/2020/04/15/brasil-exibe-55-de-cura-de-pessoas-infectadas-pelo-virus-chines/>. Acesso em: 05 ago 2023.

**CRÍTICA NACIONAL**. Covid no Brasil: os números que realmente assustam”. Editorial. 29 abr 2020. Disponível em:

<https://web.archive.org/web/20200501143439/https://criticanacional.com.br/2020/04/29/covid-no-brasil-os-numeros-que-realmente-assustam/>. Acesso em: 05 ago 2023.

ENÉAS, Paulo. Manaus: Fiocruz conduz estudo de suspeita criminosa para desacreditar a cloroquina”. **Crítica Nacional**. 15 abr 2020. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20200417062730/https://criticanacional.com.br/2020/04/15/manaus-fiocruz-conduz-estudo-de-suspeita-criminosa-para-desacreditar-a-cloroquina/>. Acesso em: 05 ago 2023.

ENÉAS, Paulo. Mortalidade x letalidade do vírus chinês: grande imprensa mente para a população”. **Crítica Nacional**. 06 abr. 2020. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20200408071741/https://criticanacional.com.br/2020/04/06/mortalidade-x-letalidade-do-virus-chines-grande-imprensa-mente-para-a-populacao/>. Acesso em: 05 ago 2023.

ENÉAS, Paulo. O vírus chinês e a falta de equipamentos de proteção hospitalar: exemplo de estratégia desastrosa. **Crítica Nacional**. 01 abr 2020. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20200424050754/https://criticanacional.com.br/2020/04/01/o-virus-chines-e-a-falta-de-equipamentos-de-protecao-hospitalar-exemplo-de-estrategia-desastrosa/>. Acesso em: 05 ago 2023.

ENÉAS, Paulo. Quem quer salvar vidas e preservar empregos e quem são os abutres sociais que apostam no caos e na desesperança”. **Crítica Nacional**. 07 de ago 2020. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20200408070532/https://criticanacional.com.br/2020/04/07/quem-quer-salvar-vidas-e-preservar-empregos-e-quem-sao-os-abutres-sociais-que-apostam-no-caos-e-na-desesperanca/>. Acesso em: 05 ago 2023.

ENÉAS, Paulo. Riscos Potenciais Desconhecidos Associados Às Vacinas Contra Covid. **Crítica Nacional**. 19 abr 2021. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20210509123512/https://criticanacional.com.br/2021/04/19/riscos-potenciais-desconhecidos-associados-as-vacinas-contracovid/>. Acesso em: 05 ago 2023.

ENÉAS, Paulo. Tratamento precoce com cloroquina e quarentena vertical: as políticas de Estado necessárias para enfrentar a epidemia”. **Crítica Nacional**. 16 abr 2020. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20200417062352/https://criticanacional.com.br/2020/04/16/tratamento-precoce-com-cloroquina-e-quarentena-vertical-as-politicas-de-estado-necessarias-para-enfrentar-a-epidemia/>. Acesso em: 05 ago 2023.

ENÉAS, Paulo. Vacina Chinesa Já Foi Aprovada E Será Imposta Aos Brasileiros Ainda Este Ano: O Resto É Encenação. **Crítica Nacional**. 30 out 2020. Disponível em:

<https://web.archive.org/web/20201126073010/https://criticanacional.com.br/2020/10/30/vacina-chinesa-ja-foi-aprovada-e-sera-imposta-aos-brasileiros-ainda-este-ano-o-resto-e-encenacao/>. Acesso em: 05 ago 2023.

ENÉAS, Paulo. Vacinação Compulsória & Ameaça de Novos Lockdowns e Quarentenas: A Segunda Onda do Autoritarismo Sanitário. **Crítica Nacional**. 02 nov 2020. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20201126080106/https://criticanacional.com.br/2020/11/02/vacinao-compulsoria-ameaca-de-novos-lockdowns-e-quarentenas-a-segunda-onda-do-autoritarismo-sanitario> . Acesso em: 05 ago 2023.

LOIOLA, Alessandro. Dúvidas Genuinamente Científicas Sobre Vacinas Contra Covid. **Crítica Nacional**. 24 jan 2021. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20210124164437/https://criticanacional.com.br/2021/01/24/duvidas-genuinamente-cientificas-sobre-vacinas-contra-covid/>. Acesso em: 05 ago 2023.

## ESTUDOS NACIONAIS

CASTRO, Patrícia. A quarta dose vem aí para quem sobreviveu às três primeiras. **Estudos Nacionais**. 18 de março de 2022. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20220531210042/https://www.estudosnacionais.com/35569/a-quarta-dose-vem-ai-para-quem-sobreviveu-as-tres-primeiras/> . Acesso em 25 mai 2024.

COSTA jr. Hélio. Jornalistas ignoram dados científicos sobre ivermectina, afirmam infectologistas. **Estudos Nacionais**. 10 mar 2021. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20221015040552/https://www.estudosnacionais.com/31215/jornalistas-ignoram-dados-cientificos-sobre-ivermectina-afirmam-infectologistas/> . Acesso em 25 mai 2024.

DEROSA, Cristian. A esterilização do mundo e o fim das opiniões não científicas". **Estudos Nacionais**. 04 jan. 2021. Disponível em: <https://www.estudosnacionais.com/30321/a-esterilizacao-do-mundo-e-o-fim-das-opinioes-nao-cientificas/> . Acesso em 25 mai 2024.

DEROSA, Cristian. Caso sugere relação entre vacinas mRNA e câncer no sangue. **Estudos Nacionais**. 20 dez 2021. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20220123001350/https://www.estudosnacionais.com/35086/caso-sugere-relacao-entre-vacinas-mrna-e-cancer-no-sangue/> . Acesso em 25 mai 2024.

DEROSA, Cristian. Menos Grave, variante delta sepultou vacinas e tornou passaportes inúteis, dizem infectologistas. **Estudos Nacionais**. 24 ago 2021. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20221126170048/https://www.estudosnacionais.com/34333/menos-grave-variante-delta-sepultou-vacinas-e-tornou-passaportes-inuteis-dizem-infectologistas/> . Acesso em 25 mai 2024.

DEROSA, Cristian. Países do G20 não recomendam quarentena, confirmando posição de Bolsonaro. **Estudos Nacionais**. 26 mar 2020. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20221008021444/http://www.estudosnacionais.com/22772/paises-do-g20-nao-recomendam-quarentena-confirmando-posicao-de-bolsonaro/> . Acesso em 25 mai 2024.

FREIRE, Diógenes. "Após 'lockdown total', casos de Covid-19 dispararam em municípios de Pernambuco. **Estudos Nacionais**. 15 abr 2021. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20220126110241/https://www.estudosnacionais.com/32142/apos-lockdown-total-casos-de-covid-19-dispararam-em-municipios-de-pernambuco/> . Acesso em 25 mai 2024.

FREIRE, Diógenes. Faltam evidências sobre efetividade de máscaras, diz CDC europeu. **Estudos Nacionais**. 25 fev 2021. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20210302051300/https://www.estudosnacionais.com/30843/faltam-evidencias-sobre-efetividade-de-mascaras-diz-cdc-europeu/> . Acesso em 25 mai 2024.

NERY, Rodrigues. O passaporte sanitário é ferramenta e estratégia de controle das massas. **Estudos Nacionais**. 28 set. 2021. Disponível em: <https://www.estudosnacionais.com/34559/o-passaporte-sanitario-e-ferramenta-e-estrategia-de-controle-das-massas/> . Acesso em 25 mai 2024.